

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Joara Maria de Campos Menezes

O léxico toponímico nos domínios de  
Dona Joaquina de Pompéu

Belo Horizonte  
2009

Joara Maria de Campos Menezes

## O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos (POSLIN) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Linha B

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2009

**Dissertação aprovada em ..... /..... / 2009 pela Banca Examinadora constituída pelos  
Professores Doutores:**

---

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG  
Orientadora**

---

**Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick – USP**

---

**Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen – UFMG**

*Aos meus pais, Estevão e Virgínia, em quem  
sempre encontro apoio, carinho e compreensão.*

*À Dona Joaquina, antepassada à qual devo  
algumas páginas da minha vida e deste trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que esteve presente em todos os momentos, não me deixando desistir ou desanimar diante de pequenos e grandes contratempos.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela paciência, orientação dedicada e incentivo desde a Graduação até a execução deste trabalho. Professora e orientadora que confiou em mim e acreditou que seria capaz de concretizar esta pesquisa.

Aos informantes que me receberam em suas casas e me trataram como velhos conhecidos, permitindo que registrasse parte de suas memórias mais queridas.

Aos meus pais, meu irmão e ao Alexandre, por entenderem a importância deste projeto e apoiarem minha decisão de concretizá-lo.

Aos colegas e professores da Faculdade de Letras, pela amizade e parceria desprendidas durante todos os anos da Graduação e Pós-Graduação.

A todos aqueles que colaboraram com a execução deste trabalho acadêmico, alimentando-o com informações preciosas sobre o presente e o passado histórico dos municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios.

*O nome de lugar exerce o papel de  
uma verdadeira crônica.*

(DICK, 1990b, p.22)

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva o estudo de topônimos da região dos municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios, antiga área de domínio de Dona Joaquina do Pompéu – fazendeira do Alto São Francisco reconhecida como grande colaboradora no desenvolvimento da pecuária em Minas Gerais, nos séculos XVIII e XIX. Com essa proposta, contribuimos para dar uma maior visibilidade à leitura sociocultural da região, uma vez que o estudo lingüístico dos nomes de lugares possibilita a recuperação de parte da história e da cultura local de uma comunidade. Como referencial teórico-metodológico, adotamos modelos toponímicos de Dauzat (1926), Dick (1990a) e Dick (1990b), conceitos de ambiente e cultura segundo Diégues Junior (1960), Sapir (1969) e Lyons (1981). Sob a luz da sociolingüística, segundo modelo laboviano, partimos do presente para o passado e voltamos ao presente, valendo-nos de entrevistas orais, documentos antigos e cartas geográficas de períodos antigos e atuais; com isso, pudemos observar casos de variação, mudança e retenção lingüísticos. A análise dos dados refletiu o ambiente histórico-cultural dessa região agrícola das minas setecentistas, ocupada, principalmente por paulistas, após o episódio conhecido como emboabas. A predominância dos elementos de natureza física, com destaque para os nomes de plantas (fitotopônimos), bem mostra o vínculo denominativo natureza-homem no espaço estudado.

**Palavras-chave:** Toponímia, ambiente, cultura, Lingüística, Minas Gerais.

## **ABSTRACT**

This research has as main objective to study the toponyms of the region concerning the cities of Pitangui, Pompéu and Papagaios, an old area under the control of Dona Joaquina de Pompéu, who was an important farmer from the Alto do São Francisco region and was also known as a great colaborator in the development of animal husbandry in Minas Gerais state in the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries. We contribute, with this proposition, to give a greater visibility to a sociocultural analysis of the region, once the linguistic study of the place names opens to the possibility of recovering a part of the local history and culture from a community. As the theoretical and methodological reference, we adopted the toponymic models of Dauzat (1926), Dick (1990a) and Dick (1990b), and the environment and culture concepts of Diégues Junior (1960), Sapir (1969) and Lyons (1981). Beneath the labovian sociolinguistic model, we started from the present to the past and came back through oral interviews, old documents and geographic letters from old and contemporaneous times. Using these documents, we were able to observe cases of linguistic variability, change and retention. The analysis of the data reflected the historical and cultural environment of the agricultural region of the 17th-century Minas, which was mainly occupied by paulistas, right after the episode known as the *Emboabas*. The predominance of the physical nature elements, with a special highlight for the names of plants (or fitotponyms), shows the name-calling attachment between the man and the nature.

**Keys words:** Toponym, environment, culture, Linguistics, Minas Gerais.

## **ABREVIATURAS**

A – Antroponímia

ADJ – Adjetivo

ADJ<sub>pl</sub> – Adjetivo plural

ADJ<sub>sing</sub> – Adjetivo singular

ALMG – Assembléia Legislativa de Minas Gerais

A.P.M. – Arquivo Público Mineiro

A<sub>pl</sub> – Artigo plural

A<sub>sing</sub> – Artigo singular

Cf. – Confira

F.J.B.P. – Família Joaquina Bernarda do Pompéu

Fól. – Fólio(s)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

L. – Linha

N – Nome Simples

NC – Nome Composto

NC<sub>f</sub> – Nome Composto feminino

NC<sub>m</sub> – Nome Composto masculino

n/e – não encontrado

N<sub>f</sub> – Nome feminino

N<sub>m</sub> – Nome masculino

P. – Página

Prep – Preposição

Pron – Pronome

Qv – Qualificativo

S – Substantivo

S<sub>pl</sub> – Substantivo plural

S<sub>sing</sub> – Substantivo singular

T – Toponímia

∩ – Intersecção

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Apresentação dos referentes geográficos.....	188
TABELA 02 – Quadro comparativo de topônimos.....	195

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Identificação percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais.....	177
GRÁFICO 02 – Identificação numérica dos topônimos em relação a sua taxionomia.....	178
GRÁFICO 03 – Identificação percentual dos topônimos em relação a sua taxionomia. ....	178
GRÁFICO 04 – Identificação numérica dos topônimos em relação à origem.....	182
GRÁFICO 05 – Identificação percentual dos topônimos em relação à origem.....	182
GRÁFICO 06 – Identificação dos topônimos em relação ao gênero.....	184
GRÁFICO 07 – Natureza dos referentes geográficos.....	188
GRÁFICO 08 – Origem dos referentes geográficos.....	189
GRÁFICO 09 – Gênero dos referentes geográficos.....	190
GRÁFICO 10 – Identificação numérica dos topônimos em relação à sua variação, manutenção e mudança.....	195
GRÁFICO 11 – Identificação percentual dos topônimos relação à sua variação, manutenção e mudança.....	196
GRÁFICO 12 – Identificação percentual dos tipos de variações.....	197
GRÁFICO 13 – Identificação percentual dos tipos de mudanças.....	198

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Onomástica.....	24
-----------------------------	----

## LISTA DE FOTOS

FOTO 01 – Assinatura de Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco.....	14
FOTO 02 – Buritis. Papagaios/ MG.....	17
FOTO 03 – Ribeirão de Areias. Pompéu/ MG.....	37
FOTO 04 – Recibo de Joaquina para Manoel Cordeiro referente à compra de escravo.....	57
FOTO 05 – Requerimento de porte de arma de fogo.....	58

FOTO 06 – Casa do Papagaio. Papagaios/ MG .....	60
FOTO 07 – Balaieiro. Papagaios/MG .....	64
FOTO 08 – Sô Bem/ Fazenda Marruás. Pompéu/ MG.....	70
FOTO 09 – Fazenda Pedro Nolasco. Pitangui/MG .....	82
FOTO 10 – Buritizinho. Pompéu/MG .....	99
FOTO 11 – Fazenda Marruás. Pompéu/MG .....	120
FOTO 12 – Rio do Peixe. Pitangui/MG .....	137
FOTO 13 – Fazenda Pindaíbas. Pompéu/MG .....	138
FOTO 14 – Fazenda Retiro. Pitangui/MG .....	153
FOTO 15 – Boi Tafariú/ Fazenda Salgado. Pompéu/ MG .....	175
FOTO 16 – Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Pitangui/MG.....	199
FOTO 17 – Placa localizada no Cemitério de Pompéu Velho/MG.....	203

#### LISTA DE MAPAS

MAPA 01 – Mesorregiões do Estado de Minas Gerais.....	29
MAPA 02 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras .....	39
MAPA 03 – Regiões onde se desenrolaram os episódios principais da Guerra dos Emboabas .....	41
MAPA 04 – Regiões Administrativas de Minas Gerais.....	44
MAPA 05 – Bacias hidrográficas de Minas Gerais.....	45
MAPA 06 – Vegetação Natural. Minas Gerais .....	47
MAPA 07 – Recorte da região do Pompéu Velho – Município de Pompéu.....	54
MAPA 08 – Município de Papagaios .....	59
MAPA 09 – Recorte região da Fazenda do Junco – município de Papagaios.....	61
MAPA 10 – Pitangui (1), Pompéu (2), Papagaios (3).....	65
MAPA 11 – Regiões Culturais do Brasil .....	66
MAPA 12 – Domínios de Dona Joaquina de Pompéu em Minas Gerais.....	83
MAPA 13 – Recorte da região dos domínios de Dona Joaquina de Pompéu .....	84

## SUMÁRIO

Introdução.....	15
Capítulo 1 – Língua, Nomeação e Cultura.....	18
1.1 A estruturação do universo lexical.....	18
1.2 Onomástica.....	19
1.2.1 A ciência toponímica.....	21
1.2.1.3 Os estudos toponímicos no Brasil.....	26
1.2.1.3.1. O Projeto ATEMIG.....	28
1.3 Léxico e sociedade.....	30
1.3.1 Nomeação e ambiente.....	34
Capítulo 2 – Contextualização histórico-geográfica.....	38
2.1. Bandeiras e Povoamento de Minas Gerais.....	38
2.1.1 A Guerra dos Emboabas.....	40
2.2 O caminho do boi.....	43
2.3 Pitangui, Pompéu e Papagaios.....	45
2.3.1 Pitangui.....	47
2.3.1.1 Influência do ouro em Pitangui.....	47
2.3.1.2 A ocupação territorial em Pitangui.....	49
2.3.1.3 Sobre as primeiras famílias povoadoras da região de Pitangui.....	51
2.3.2 Pompéu.....	52
2.3.2.1 Núcleo Agrário.....	53
2.3.2.2 A família de dona Joaquina de Pompéu.....	55
2.3.2.3 Sinhá Braba.....	56
2.3.3 Papagaios.....	59
2.3.3.1 A origem do nome Papagaios.....	60
2.3.3.2 Dona Joaquina e o arraial do Papagaio.....	61
2.4 Considerações.....	62
Capítulo 3 – Procedimentos Metodológicos.....	65
3.1 A comunidade pesquisada.....	66
3.2 Objetivos e hipóteses.....	67
3.3 Metodologia.....	68
3.3.1 Pesquisa de campo.....	68
3.3.1.1. A coleta de dados.....	69
3.3.1.2. A escolha dos informantes.....	69
3.3.2 As transcrições.....	71
3.3.3 Fichas Lexicográficas.....	74
3.3.3.1. As Taxionomias Toponímicas.....	78
3.3.3.1.1 Taxionomias de natureza física.....	79
3.3.3.1.2 Taxionomias de natureza antropológica.....	80
Capítulo 4 – Apresentação e Análise dos Dados.....	83
4.1 Nomes Geográficos.....	85
4.2 Referentes Geográficos.....	166
4.2.1 Físicos.....	166
4.2.2 Antropológicos.....	173

Capítulo 5 – Análise quantitativa e discussão dos resultados .....	176
5.1. Nomes geográficos.....	176
5.1.1. Quanto à taxionomia .....	176
5.1.1.1. Quanto à natureza dos topônimos.....	176
5.1.1.2. Quanto às taxionomias registradas na região .....	177
5.1.1.2.1. Toponímia física.....	177
5.1.1.2.1.1. A importância do gado na toponímia local.....	179
5.1.1.2.2. Toponímia antropocultural .....	180
5.1.1.2.2.1. A antropotoponímia.....	180
5.1.2. Quanto à origem dos nomes.....	181
5.1.2.1. Sobre os nomes africanos e indígenas .....	182
5.1.3 Quanto à forma e gênero.....	183
5.1.3.1. Quanto aos processos de formação dos topônimos .....	185
5.1.3.1.1. Derivação.....	185
5.1.3.1.1.1. O sufixo <i>-inho</i> .....	185
5.1.3.1.1.2. O sufixo <i>-ão</i> .....	186
5.1.3.1.2. Composição .....	186
5.1.3.1.3. Hibridismo .....	187
5.2. Referentes geográficos .....	188
5.2.1. Natureza .....	188
5.2.2. Origem .....	189
5.2.3. Forma e Gênero.....	189
5.2.3.1. A forma diminutiva .....	190
5.3. Variação e mudança toponímica .....	190
5.3.1. Sobre a variação dos nomes geográficos .....	196
5.3.2 Sobre a mudança dos nomes geográficos .....	197
Capítulo 6 – Considerações finais .....	200
Referências .....	204
Anexos *	211

---

\* Os textos que constituem os *corpora* deste trabalho encontram-se no CD-Rom em anexo.

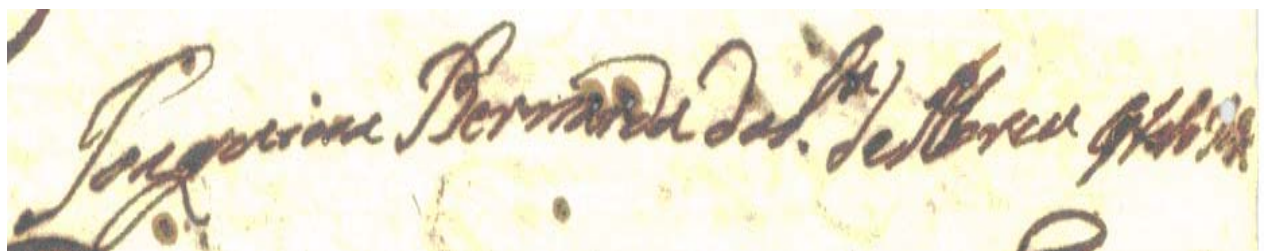
A close-up photograph of a handwritten signature in dark ink on aged, yellowish paper. The signature is written in a cursive script and reads "Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco". The ink is slightly faded and there are some small dark spots on the paper.

FOTO 01 – Assinatura de Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco  
(*Joaquina de Pompéu.*)

Fonte: Recorte de documento (Cf. anexo III, p.77)

# Introdução

O objetivo desta dissertação é descrever o léxico toponímico da região onde outrora vivera Dona Joaquina de Pompéu, matriarca mineira, figura respeitada do século XVIII, possuidora de grandes terras, numerosos escravos e, conseqüentemente, detentora de muito poder.

Como descendente dessa figura quase lendária, vivendo na mesma região, conhecendo seus morros, rios, povoados e suas fazendas, propus-me a realizar esta pesquisa toponímica, acreditando na concepção norteadora de Dick (1990b, p.22) quando diz que “o nome de lugar exerce o papel de uma verdadeira crônica”. De fato, os topônimos, como signos culturais, conservam as tradições e os costumes de uma região, constituindo, portanto, uma boa ferramenta para a realização de um estudo sociolinguístico.

O *corpus* que oferece a base empírica ao presente estudo é constituído de 21 entrevistas orais, realizadas em áreas rurais de três municípios mineiros, a saber: Papagaios, Pitangui, Pompéu, e integra-se ao *banco de dados* do Projeto ATEMIG, com sede na Faculdade de Letras da UFMG.

Encontra-se esta pesquisa dividida em seis capítulos.

O Capítulo 1, denominado **Língua, Nomeação e Cultura**, apresenta-se em três seções. Na primeira, apresentamos a importância do estudo do léxico para a compreensão da sociedade. Destacando os estudos toponímicos realizados no Brasil contemporâneo, em especial os Atlas Toponímicos, iniciamos a segunda seção definindo a onomástica e seu campo conceitual, além de apontar as contribuições dadas por vários estudiosos da área a esse tema. Na terceira seção, tratamos da relação léxico e sociedade, enfatizando, ainda, a importância do ambiente como motivação para a nomeação de um lugar.

O Capítulo 2 – **Contextualização Histórico-Geográfica** – insere nossa pesquisa em seu contexto cultural. Aborda a questão do povoamento, a Guerra dos Emboabas, a questão do ouro e do gado na região do cerrado mineiro. Mais detalhadamente, detemo-nos em dados sobre cada um dos três municípios mineiros que compõem nossa zona de estudo, objetivando,

assim, conhecer influências e processos de povoamento pelos quais passaram. Destacamos, ainda, nesse capítulo, a figura de Dona Joaquina e sua influência na região do Alto São Francisco.

No Capítulo 3, **Procedimentos Metodológicos**, voltamos à comunidade estudada, apresentamos os objetivos e as hipóteses de nossa pesquisa. Em seguida, é explicitada a pesquisa de campo executada para o levantamento dos dados. Detalhamos os critérios adotados para a transcrição das entrevistas e descrevemos, minuciosamente, a ficha toponímica a ser utilizada para a análise dos dados.

O quarto capítulo – **Apresentação e Análise dos Dados** – cuida de apresentar, classificar e contextualizar todos os dados toponímicos, subdivididos em duas seções – nomes geográficos e referentes geográficos –, coletados em entrevistas orais, depositados e analisados em fichas lexicográfico-toponímicas baseadas em modelo de Dick (1990a) e adaptadas por Seabra (2004).

**Análise Quantitativa e Discussão dos Resultados** constitui o quinto capítulo de nossa pesquisa – quando propomos quantificar e discutir resultados da análise realizada no capítulo anterior. Nessa etapa de nosso trabalho, dividimos o capítulo em três seções, intituladas: nomes geográficos; referentes geográficos; variação, manutenção e mudança toponímica.

Por último, no capítulo 6, em **Considerações Finais**, são retomados os principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores e os resultados obtidos a partir da análise desenvolvida.



FOTO 02 – Buritis. Papagaios/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

# Capítulo 1 – Língua, Nomeação e Cultura

## 1.1 A ESTRUTURAÇÃO DO UNIVERSO LEXICAL

A linguagem está diretamente ligada à sociedade, numa relação permanente e inquestionável, tendo como pilar central a palavra. De acordo com Biderman (1998, p.81-82), já “o homem primitivo acreditava que o nome não é arbitrário, mas que existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa, ou seja, o referente”.

Para algumas religiões, a palavra de Deus tem força criadora e, na Índia, relatos antigos afirmavam que ela é imperecível. Independentemente de crenças religiosas, o fato é que é por meio da palavra que a realidade pode ser nomeada e categorizada. Biderman (1998, p.88) afirma que “a atividade de nomear é específica da espécie humana” e que “a nomeação resulta do processo de classificação dos objetos”. Os homens teriam, ao longo do tempo, desenvolvido a capacidade de associar palavras a conceitos. O léxico de uma língua constitui, pois, uma forma de registrar o conhecimento do universo, uma vez que, ao dar nome aos referentes, o homem classifica-os simultaneamente.

Corroborando a afirmação acima, Oliveira e Isquierdo (2001) mostram que o léxico é o nível da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e armazena o saber lingüístico de uma comunidade, já que é o repositório de onde o homem vê e apreende o mundo que o cerca. Assim sendo, o estudo do léxico possibilita compreender os conceitos, os eventos da vida cotidiana e a cultura de uma sociedade.

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade [...]. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade. (OLIVEIRA E ISQUERDO, 2001, p.9)

“O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura”, afirma Biderman (1981, p.134), obtido através da experiência humana pela interação, seja com o ambiente físico, seja com o meio cultural.

O léxico reproduz, pois, o patrimônio sociocultural de um povo, já que testemunha a vida, a história e a cultura de uma comunidade em diferentes fases de sua história. “É uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que o regem” (OLIVEIRA, 1999, p.2). Língua e cultura formam, pois, um todo indissociável que não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos.

Apesar da importância de estudar o léxico para compreender a estruturação de uma sociedade, a Lingüística moderna deixou de lado, por muito tempo, o estudo da palavra. Contemporaneamente, essa área tem despertado um interesse maior em lingüistas e a *Lexicologia* vem se firmando como *ciência da palavra*.

Os estudos de lexicologia começam a ganhar estatuto de maioria a partir dos anos 50, marcados por obras como a de George Matoré (*La méthode en Lexicologie*), pelo congresso de 1957, realizado em Estrasburgo (*Lexicologie et lexicographie françaises et romanes*, 1960) e o início da publicação dos *Cahiers de lexicologie*, dirigidos por B. Quemada.

Para Matoré (1953), a *palavra* analisa e objetiva o pensamento individual, assumindo um valor coletivo. O *léxico* é, portanto, modelo e modelador de cultura. É nele que se pode buscar a visão de mundo de uma época e é nele que se encontram as palavras-testemunho que constituem o cerne do campo nocional, caracterizando o modo de pensar, de agir e de ser de uma sociedade.

Classificada por Matoré (1953) como uma disciplina sociológica que inclui a *Semântica* no âmbito da *Lingüística Histórica*, a *Lexicologia* pode ser definida como a área da ciência lingüística que trata do estudo científico do léxico, ciência essa que tem como objeto de estudo as palavras no seu relacionamento com os diferentes subsistemas da língua (VILELA, 1994, p.10).

## 1.2 ONOMÁSTICA

Parte integrante do léxico ou, mais propriamente, da *Lexicologia*, caracteriza-se a *Onomástica* – termo que se origina do grego antigo *ὀνομαστική*, *ato de nomear, dar nome* – como a

ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo: a *Antroponímia* e a *Toponímia*. A Antroponímia tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais – sejam prenomes ou apelidos de família, e tem grande relevância para a história política, cultural, das instituições e das mentalidades –, enquanto a Toponímia estuda a motivação dos nomes de lugares, sua origem e evolução, além dos nomes de cidades e localidades.

Nascida na metade do século XIX, a Onomástica possui fortes ligações com a História e a Geografia. Apresenta-se, por isso, como um campo rico para investigações, uma vez que o levantamento e a análise dos antropônimos e/ou dos topônimos constituem um resgate sócio-histórico, podendo refletir fatos e ocorrências de diferentes momentos da vida cultural de uma sociedade.

Para Lyons (1981, p.274), “cada sociedade tem a sua própria cultura e diferentes subgrupos dentro de uma sociedade podem ter sua própria subcultura distintiva”. Entende-se cultura como o conjunto de conhecimentos adquiridos socialmente, ou seja, “o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade” (LYONS, 1981, p.274).

Segundo Dick (1990a), os instrumentos onomásticos, de um modo geral e dentre eles, de um modo particular, a Toponímia, são meios importantes de investigação lingüística e cultural:

Exercendo na toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada.[...] Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica (DICK, 1990a, p.21).

É o que reconhece, também, a Lingüística Histórica:

O outro caminho a ser explorado, a saber, a análise lingüística de nomes de lugares, tem a indubitável vantagem para o pré-historiador (da linguagem) de o referente estar localizado (com precisão) no espaço geográfico e, em casos afortunados, os (mesmos) lugares serem mencionados em fontes escritas anteriores. Nomes de lugares que incluem nomes de povoados e de traços geográficos, tais como montanhas e rios, tendem, como fósseis, a sobreviver mesmo a uma total substituição da língua. Seu potencial para formar uma ligação entre a Arqueologia e

a Lingüística é, conseqüentemente, considerável<sup>1</sup> (BYNON, 1995, p.263). (Tradução nossa)

Contemporaneamente, no Brasil, muitos trabalhos científicos têm sido desenvolvidos pondo em tela fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à Toponímia.

### 1.2.1 A CIÊNCIA TOPONÍMICA

Caracteriza-se a *Toponímia* como a ciência que se ocupa do estudo da origem e da significação dos nomes próprios de lugares, denominados topônimos – *topos* (lugar) e *onoma* (nome) –, abrangendo os de natureza física (características do próprio acidente) e os de natureza antropológica (a cosmovisão do grupo humano).

A respeito de sua conceituação, vários teóricos têm procurado dar contribuições: Rostaing (1961, p.7)<sup>2</sup> a conceitua como uma ciência cuja finalidade é “investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também de estudar suas transformações” (tradução nossa). Salazar-Quijada (1985, p.18)<sup>3</sup> concebe a Toponímia como “o ramo da Onomástica que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e permitem que um nome de um lugar se origine e subsista” (tradução nossa). Dick (1990a, p.35-36), por sua vez, define a Toponímia como “um imenso complexo língu-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”.

Como podemos observar, as definições apresentadas pelos três pesquisadores se complementam, à medida que apontam que o estudo científico de topônimos possibilita o conhecimento do significado e da motivação do nome de lugar.

---

<sup>1</sup> Bynon (1995, p.263) “The one further avenue to be explored, namely the linguistic analysis of place-names, has the undoubted advantage to the prehistorian that the referent is squarely located in geographic space and that, in fortunate cases, places are mentioned in early written sources. Place-names, which include the names of settlements and of geographical features such as mountains and rivers, tend like fossils to survive even total language replacement. Their potential for forming a link between archaeology and linguistics is therefore considerable.”

<sup>2</sup> “rechercher la signification et l’origine des noms de lieux et aussi d’étudier leurs transformations”.

<sup>3</sup> “aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en tiempo, de los aspectos: geo-históricos, sócio-econômicos y antropolinguísticos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista”.

A Toponímia integra, portanto, a ciência lingüística que tem como objetivo investigar o léxico toponímico de uma região, considerando-o como expressão lingüístico-social que reflete aspectos culturais de um determinado grupo social existente ou preexistente em áreas geográficas específicas. Propõe uma volta ao passado, na medida em que resgata a atitude do homem no ato de nomeação do meio ao qual pertence, conforme aponta Dick (1990b, p.35): “De tal modo esses aspectos se corporificam nos topônimos que se pode mesmo, muitas vezes, estabelecer a correlação entre o ‘nome’ dos acidentes e o ‘ambiente’ em que ele se acha inscrito”.

Ao se estudar a toponímia de uma determinada região, pode-se perceber a inter-relação homem-ambiente-língua-cultura proposta por Sapir (1969, p.44). Mesmo não se referindo diretamente à toponímia, seus ensinamentos aplicam-se a essa ciência, pois os nomes de lugares evidenciam características físicas e sociais de uma região, conduzindo o pesquisador à confirmação da influência do ambiente e da cultura na língua.

É por isso que se pode afirmar que a Toponímia não pode ser considerada uma disciplina completa e acabada, pois possui caráter dinâmico e vai sendo ampliada ao mesmo tempo em que se nomeiam novos espaços. É uma disciplina que não pode ser desvinculada de outras ciências, pois delas recebe suporte epistemológico, “ao mesmo tempo em que lhes fornece subsídios preciosos para suas configurações teóricas” (DICK, 1990b).

Como disciplina lingüística, a Toponímia vale-se, sobretudo, dos ensinamentos da Lexicologia, da Semântica, da Etnolingüística, da Dialectologia, da Antropologia para efetuar a análise dos nomes de lugares, já que sua proposta não se limita à pesquisa etimológica, mas procura, também, a procedência da significação dos nomes de lugares, considerando aspectos extralingüísticos como: aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antropolingüísticos que os originaram, ou seja, o signo toponímico, quase sempre, tem relação com a história e a cultura da região onde se encontra inserido, como nos mostra Dick (1990a, p.23):

Verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências, registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de

um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal.<sup>4</sup>

Deve, também, o lingüista ficar atento a aspectos importantes na análise dos fatos, não apagando, desse modo, toda a *carga* cultural do nome. Certas particularidades merecem ser observadas, como:

a história das transformações dos nomes de lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas, visando, algumas vezes, assegurar a proteção dos santos ou de Deus.<sup>5</sup>

Pois, conforme postula Dauzat (1926, p.7), “a toponímia, conjugada com a história, indica ou precisa os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo lingüístico deixou seus traços.”<sup>6</sup>

#### **1.2.1.2. O SIGNO TOPONÍMICO**

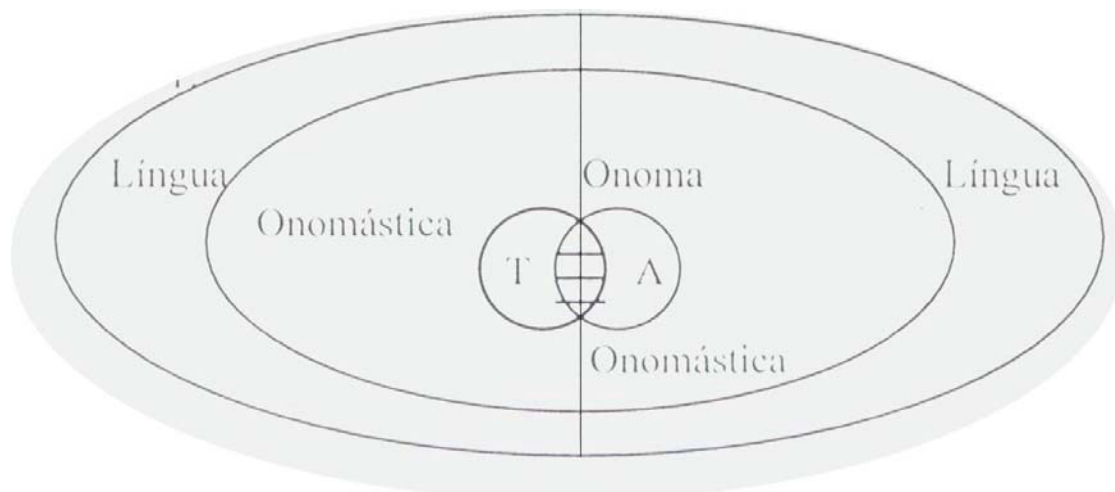
Um topônimo não nasce topônimo. Ele transmigra do universo lexical para o onomástico. Para Dick (1999), quando o vocábulo deixa o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo, seguindo direções opostas e complementares, conforme pode se ver representado na figura a seguir:

---

<sup>4</sup> Dick (1990a, p.23)

<sup>5</sup> Idem (1996, p.19)

<sup>6</sup> Dauzat (1926, p.7) “La toponymie, conjugée avec l’histoire, indique ou précise les mouvements anciens des peuples, les migrations, les aires de colonisation, les régions où tel ou tel groupe lingustique a laissé ses traces.”



$T \cap A$

T= Toponímia

A= Antroponímia

$T \cap A$ = Intersecção

FIGURA 01 – Onomástica  
 Fonte: DICK *apud* SEABRA, 2004, p.38.

De acordo com Dick (1999, p.103), na *Onomástica* o nomeador, o nomeado e o receptor se unem a uma representação externa: “o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorporam a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo)”. Nesta “transmigração”, o termo se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico: passa do plano onomasiológico da língua (da designação) para o plano semasiológico (da significação). Nesse processo, o *nome* se cristaliza, tornando-se possível sua transmissão às gerações seguintes. Quando transmigra, pois, do léxico da língua para a função onomástica, o topônimo – nome próprio de lugar – reveste-se de sua função de nominalização, recebe uma identidade e passa, como um signo lingüístico, a guardar uma significação precisa de aspectos físicos ou antropoculturais de uma área geográfica e/ou de seus habitantes. O estudo toponomástico servirá, então, como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou na totalidade, da vida de um povo.

O sintagma toponímico (ou topônimo) apresenta-se em formas e funções variadas. Estruturalmente, de acordo com Dick (1990b, p.10), o topônimo compreende dois elementos: o termo (elemento) genérico e o termo (elemento) específico. O primeiro corresponde ao

nome do próprio acidente geográfico que será denominado; o segundo corresponde ao elemento que identifica, singulariza o acidente. Por exemplo, no sintagma *Capão do Mato*: *Capão* é o termo genérico e *Mato*, o específico.

O aspecto funcional do sintagma toponímico, por sua vez, constitui sua principal característica. Em Dick (1990a, p.367), são apresentados os princípios teóricos de análise toponímica e uma discussão sobre dois planos de investigação – o diacrônico e o sincrônico – considerando que a investigação no âmbito do segundo plano permite “o exame das séries motivadoras, que conduziram à elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físico e antropocultural”.

Conforme Dick (1990b, p.10), o “termo” e a “entidade geográfica” formam uma verdadeira simbiose, pois,

ao designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores.

Como podemos ver, a Toponímia possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico (nome próprio de lugar), que é o signo lingüístico na função de indicador ou identificador de um espaço (acidente) geográfico. Nessa função, segundo Dick (1980, p.290), o topônimo representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica (ou transparência) de seu significado”.

Desse modo, no ato de nomeação, mecanismo influenciado externamente ou subjetivamente, transparecem, nos topônimos, pistas semânticas das mais diferentes procedências, tornando perceptível um estreito vínculo entre o objeto denominado e seu denominador. Mas essa transparência, ou seja, a busca da motivação no signo toponímico não é tão simples e nem sempre é possível de ser observada, já que conforme postula Isquierdo (1997, p.33),

[...] a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralingüísticos como as

características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural.

Consciente de tal fato, ou seja, sabendo tratar-se de uma área que envolve a “rede social”, Seabra (2004, p.40) sugere que a investigação toponímica deve estar “articulada a bases culturais, especialmente à Antropologia Lingüística ou Etnolingüística”, “já que os nomes de lugares não encontram expressão fora dela”.

### **1.2.1.3 OS ESTUDOS TOPONÍMICOS NO BRASIL**

Desde seu início, os estudos toponímicos têm tido bases teóricas que se fundamentam na coleta e interpretação de dados e em uma metodologia de trabalho que possibilita um estudo sistemático dos nomes de lugares como signos toponímicos. Os primeiros estudos ocorreram na França em 1878, de autoria de August Longnon, na École Pratique des Hautes-Études e no Colégio da França; mas com a morte desse estudioso, a pesquisa sobre nomes de lugares só é retomada em 1922, por Albert Dauzat.

Como estudo metódico e regular, com formação de grupos de pesquisa, os estudos toponímicos no Brasil contam com mais de meio século e iniciaram-se tendo como base as diretrizes traçadas por esse pesquisador – Albert Dauzat (1926) – para a Toponímia Francesa, metodologia esta que, segundo Seabra (2004, p.39), “se encontra entre as mais produtivas nesta área de pesquisa lingüística”:

Uma teoria altamente especializada que se relaciona com a dialectologia constitui o “estudo dos topônimos”, de sua etimologia e de sua história. Este estudo deve combinar necessariamente os conhecimentos lingüísticos e os extralingüísticos. Entre os toponimistas mais célebres, citamos Albert Dauzat na França, Auguste Vincent na Bélgica, Jöran Sahlgren e Eilert Ekwall na Suécia.<sup>7</sup> (Tradução Seabra, 2004, p.39)

Os estudos de Dauzat preconizavam:

1. estabelecimento das camadas dialetais, com reflexos na língua falada na região;
2. pesquisa das raízes formadoras dos topônimos;

---

<sup>7</sup> MALMBERG *apud* SEABRA, 2004, p.39. “Una teoría altamente especializada que se relaciona con el ámbito de la dialectología lo constituye el ‘estudio de los topónimos’, de su etimología y de su historia. Este estudio debe combinar necesariamente los conocimientos lingüísticos y los del entorno. Entre los toponimistas más célebres, citamos a Albert Dauzat en Francia, Auguste Vincent en Bélgica, Jöran Sahlgren y Eilert Ekwall en Suécia.”

3. reconstituição etimológica das formas antigas de nomeação, oriundas de substratos e adstratos lingüísticos;
4. pesquisa em documentos históricos.<sup>8</sup>

Todavia, essas etapas científicas de análise realizadas por Dauzat (1926), assim como critérios de seleção, comparação, interpretação e classificação dos fatos onomásticos só vieram a ser a meta perseguida por pesquisadores que procuravam investigar fatos toponímicos a partir de 1965, com Carlos Drumond, pesquisador brasileiro da Universidade de São Paulo (USP) que impulsionou os estudos toponímicos no Brasil ao publicar *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*.

Antes disso, merecem destaque os trabalhos de Theodoro Sampaio – pioneiro nesses estudos, com sua obra *O Tupi na Geografia Nacional* (1955), dedicada ao domínio da língua tupi no continente americano; e Levy Cardoso, com sua obra *Toponímia Brasileira* (1961), em que destaca os topônimos de origem caribe, aruaque e bororo da região Norte do país.

Calcado, pois, na vertente européia, o estudo sistematizado da toponímia no Brasil integrou-se aos estudos lingüísticos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, privilegiando, inicialmente, os nomes de origem indígena através das pesquisas de Drumond sobre o Tupi e a Toponímia Brasileira.

Como professora e pesquisadora dessa área, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick seguiu as orientações de Drumond e a teoria de Dauzat, enriquecendo a partir de uma visão física e antropocultural os estudos toponímicos por meio de seus *Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomícos*, aplicados aos nomes de lugares. Para Drumond, “nenhum outro estudo de Toponímia do Brasil reveste-se de tantas qualidades como este (‘Princípios...’), seja do ponto de vista estrutural como científico”.<sup>9</sup> Além de dar continuidade aos estudos sobre a Toponímia Indígena iniciados por Drumond, ampliando-os, Dick dedica-se, ainda, à Toponímia Brasileira pesquisando e orientando vários trabalhos acadêmicos neste campo.

No Brasil contemporâneo, muitos trabalhos científicos têm sido desenvolvidos pondo em tela fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia. Dentro de uma linha evolutiva

---

<sup>8</sup> DICK, 2000, p.231.

<sup>9</sup> DICK, 1990a, Prefácio.

dos estudos onomásticos brasileiros, a elaboração de um atlas toponímico foi pensada, já há algum tempo, por Dick, por meio da disciplina de Toponímia Geral e do Brasil (USP/FFLCH), como um meio de análise das ocorrências gerais da nomenclatura geográfica, do ponto de vista da denominação dos acidentes físicos e antrópicos.

Destacam-se os Projetos de Atlas Toponímicos em desenvolvimento em algumas universidades brasileiras: (a) Projeto ATB (Atlas Toponímico do Brasil), em desenvolvimento na USP; (b) Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), em desenvolvimento na USP; (c) Projeto ATEMT (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso), em desenvolvimento da UFMT; (d) Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), em desenvolvimento na UFMS; (e) Projeto ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná), em desenvolvimento na UEL; (g) Projeto Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado de Tocantins, em desenvolvimento na UFTO; (g) Projeto ATA OB (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira), em desenvolvimento na Universidade Federal do Acre. Soma-se às pesquisas citadas o Projeto ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), em desenvolvimento na UFMG desde fevereiro de 2005.

#### **1.2.1.3.1. O PROJETO ATEMIG**

O Projeto ATEMIG<sup>10</sup> – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – caracteriza-se, inicialmente, como um estudo dos nomes de lugares que procura ampliar e aprofundar o conhecimento da sociedade sobre a língua portuguesa falada em território mineiro. Variante do ATB<sup>11</sup> – Atlas Toponímico do Brasil, o ATEMIG abrange os estudos do homem e da sociedade por meio da linguagem e da investigação onomástica, destacando a inter-relação língua e cultura. É uma pesquisa que envolve não só aspectos lingüísticos, mas que procura relacionar o nome do lugar a fatores socioculturais, históricos e ideológicos.

Constituem objetivos básicos desse Projeto:

1. constituir um *corpus* com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas dos 856 municípios do Estado de Minas Gerais;

---

<sup>10</sup> Coordenado pela Profª. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (FALE/UFMG).

<sup>11</sup> Coordenado pela Profª. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP).

2. catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
3. classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas;
4. buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. cartografar os nomes dos acidentes físicos e humanos do Estado de Minas Gerais;
6. construir glossários toponímicos;
7. realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado.<sup>12</sup>

Para atingir as metas acima citadas, a equipe do Projeto ATEMIG vem coletando dados seguindo a divisão proposta pelo IBGE, que recorta o estado em 10 mesorregiões, conforme se pode visualizar no mapa a seguir:



MAPA 01 – Mesorregiões do Estado de Minas Gerais  
 Fonte: RIBEIRO, 1999, p.6.

Dessa coleta, em território mineiro, são selecionados “nomes de lugares” para trabalhos científicos, dentre eles, dissertações de mestrado e teses de doutorado, fundamentados em teorias léxico-toponímicas e socioculturais.

<sup>12</sup> SEABRA, 2008, p.4. ATEMIG: Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – Fase II. Projeto de Pesquisa, vinculado à Câmara de Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG.

### 1.3 LÉXICO E SOCIEDADE

Língua e cultura, língua e sociedade são relações que têm sido abordadas por diferentes correntes teóricas da Lingüística moderna, principalmente por aquelas que se dedicam ao estudo do léxico.

Desde Saussure, a língua é vista como um fato social, com características que a diferenciam das demais instituições sociais. Apesar de ter reconhecido e postulado o caráter social da linguagem, esse autor não se ocupou de sua natureza extralingüística, dedicando-se, quase exclusivamente, ao estudo do funcionamento interno do sistema lingüístico. Essa postura caracterizou a lingüística da primeira metade do século XX, que considerou a língua como um sistema homogêneo, invariável.

Objetivando valorizar o social nos estudos da linguagem, Sapir, Meillet, Coseriu, Benveniste, Labov, Milroy, dentre outros teóricos, desenvolveram vários estudos sob diferentes abordagens. Neles, percebe-se a preocupação em estudar a língua relacionando-a ao usuário e ao contexto social, tendo em vista a consideração que toda estrutura lingüística integra uma realidade sociocultural. É de Émile Benveniste (1976, p.32) a seguinte passagem: “A linguagem manifesta e transmite um universo de símbolos integrados numa estrutura específica: tradições, leis, ética e artes; e é pela língua que o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma”.

Enquanto instituição social, a língua é veículo de difusão da cultura e da ideologia, uma vez que reflete as especificidades típicas de cada momento histórico e revela o modo de pensar e as expectativas de uma comunidade em um dado espaço geográfico. Pode-se, portanto, conhecer a sociedade de uma determinada época investigando sua linguagem, pois investigar a linguagem é investigar a cultura de uma sociedade.

Sapir<sup>13</sup>, em 1921, já alertava sobre a presença de fatores de natureza sociocultural ao registrar que a língua assinala os contornos da imagem de mundo própria de uma sociedade. Sustenta, ainda, esse autor que em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. Referindo-se ao papel desempenhado

---

<sup>13</sup> “A linguagem. Introdução ao estudo da fala”. (*Language. An introduction to the study of speech*)

pela linguagem na formação da visão de mundo dos indivíduos, Sapir (1969, p.20) resume: “[...] é a linguagem que poderosamente condiciona todas as nossas elucubrações sobre os problemas e os processos sociais”.

Em seus escritos, Sapir (1969) enfatiza, sempre, que a linguagem espelha o ambiente físico e social dos falantes e que as atitudes lingüísticas assumidas por uma comunidade predis põem algumas opções de interpretação que, por sua vez, fixam o modo pelo qual os membros dessa comunidade percebem a realidade que os cerca.

Embora aponte a influência exercida pelo ambiente e seu reflexo na língua, Sapir (1969, p.44) menciona que a influência do meio físico só se reflete na língua na medida em que atuarem sobre ele fatores de natureza social. “As forças sociais, que assim transformam as influências puramente ambientais, podem, por sua vez, ser consideradas de caráter ambiental, no sentido de que cada indivíduo se acha colocado em meio de um conjunto fatores sociais, a eles reagindo portanto.”

Dentro dessa mesma linha de pensamento, Meillet (1948) afirma que a linguagem é um fato eminentemente social: “Tem-se repetido freqüentemente que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam [...]. Porque se a realidade de uma língua não é algo de substancial, ela não existe em menor grau. Esta realidade é, ao mesmo tempo, lingüística e social.”<sup>14</sup> (TN)<sup>15</sup>

Segundo esse estudioso, a sociedade tem um papel determinante na língua, atuando como força modeladora na mudança do fato lingüístico, uma vez que, segundo sua visão teórica, a linguagem está sujeita a ação de fatores que compõem a herança social, entre eles a estrutura da sociedade e a cultura.

Também Eugênio Coseriu (*apud* LARA, 1976, p.56), ao referir-se à linguagem como produção, ressalta a necessidade de entendermos a linguagem como uma atividade criadora de signos. Sobre isso, diz o autor:

---

<sup>14</sup> “On a souvent répété que les langues n’existent pas en dehors des sujets qui les parlent [...]. Car si la réalité d’une langue n’est pas <sup>quelque</sup> chose de substantiel, elle n’en existe pas moins. Cette réalité est à la fois lingüistique et social”. (MEILLET, 1948, p.16)

<sup>15</sup> Doravante será utilizada a sigla **TN** para indicar quando a citação foi por nós traduzida. Assim, **TN** equivale a “Tradução nossa”.

[...] o falar é idealmente anterior à língua e seu objeto (que é a significação) é necessariamente infinito. Neste sentido, a linguagem não se define satisfatoriamente quando se diz que é a atividade que emprega signos (já prontos): temos que defini-la como uma atividade criadora de signos. (Tradução Lara, 1976, p.56)<sup>16</sup>

Tomando como base o conceito que Humboldt introduziu na lingüística do século XIX – a distinção entre *enérgeia* (atividade criadora) e *ergon* (o produto lingüístico), Coseriu enfatiza o caráter criador que se expressa tanto na língua quanto em situações de fala, mostrando, assim, a impossibilidade de o elemento de natureza extralingüística ser descartado ao se estudar uma língua.

Contemporaneamente, a ciência lingüística não questiona mais a estreita relação entre língua, cultura e sociedade, equacionando-a em duas ciências distintas: a *Sociolingüística* e a *Etnolingüística*. A *Sociolingüística* trata das relações entre traços lingüísticos e fatores socioculturais no seio de uma comunidade, objetivando verificar até que ponto as alterações que ocorrem na língua se prendem, sistematicamente, a fatores de natureza extralingüística e à frequência com que ocorrem, a fim de se poder determinar seu grau de pertinência. Por outro lado, a *Etnolingüística* aborda problemas que se referem às relações entre a língua e a visão de mundo de uma comunidade lingüística, estudando essa língua como expressão de uma cultura, tendo por referência a situação de comunicação.

No âmbito da Sociolingüística, destacam-se as pesquisas do lingüista americano William Labov que, insistindo na relação entre língua e sociedade, propôs um modelo teórico-metodológico que pudesse sistematizar a variação natural que ocorre na língua falada. Desenvolvendo estudos lingüísticos em inúmeras comunidades de fala, Labov busca confirmar, por meio da pesquisa sistemática, que a língua é um sistema heterogêneo, em que atuam fatores de natureza lingüística e extralingüística, estando, pois, em constante mutação e condicionada ao ambiente sociocultural.

As pesquisas desenvolvidas por Labov trouxeram importantes contribuições para o estudo da diversidade lingüística ao abordá-la como fenômeno de variabilidade dentro de um sistema naturalmente dinâmico.

---

<sup>16</sup> “[...] el hablar es idealmente anterior a la lengua y su objeto (que es la significación) es necesariamente infinito. En este sentido el lenguaje no se define satisfactoriamente cuando se dice que es la actividad que emplea signos (ya hechos): hay que definirlo como una actividad creadora de signos”.

Ao tratar da incidência de elementos pertencentes à herança social nas estruturas lingüísticas, Labov assevera que, para estudarmos o componente social da linguagem, é preciso que se observe cada indivíduo, ressaltando, porém, que o aspecto individual somente poderá ser analisado no confronto da linguagem com seu contexto social. Nesse sentido, assim se manifesta: “o aspecto social da linguagem é estudado observando-se cada indivíduo, mas o aspecto individual somente observando-se a linguagem em seu contexto social” (LABOV, 1972, p.186). (TN) <sup>17</sup>

Nas décadas de 80 e 90 do século XX, Lesley Milroy (1980) e James Milroy (1992) incrementam os estudos de variação e mudança com questões relativas a “redes sociais” e com o conceito de “manutenção lingüística”. Apesar de se orientarem pela Sociolingüística laboviana, seus trabalhos complementam as teorias de Labov, uma vez que acrescentam a sua pesquisa a observação da variabilidade dos usos lingüísticos a partir do contexto em que se dá a interação entre os membros da comunidade lingüística analisada.

Para Milroy (1992), a mudança lingüística é um fenômeno social, “negociada” por falantes em encontros face a face, e a inovação na produção dos falantes não é uma mudança lingüística até ter sido consentida e adotada por várias comunidades de falantes.

Esse mesmo autor faz considerações sobre as diferenças entre as redes sociais nas sociedades urbanas e rurais no que diz respeito à questão da variação. Em seus estudos, Milroy (1992) atribui às sociedades rurais características de redes fechadas, em que os falantes têm pouco contato com outras comunidades e maior interação entre eles.

Ao integrar-se em um grupo social, o homem passa a agir e a interagir com os demais elementos de seu universo, o que lhe garante a sobrevivência física e social, possibilitando-lhe dominar o espaço que o cerca. Os diferentes elementos que compõem o ambiente físico sofrerão a ação efetiva dos indivíduos, o que determinará a integração do homem com o ambiente. É do relacionamento do mundo físico com o ambiente em que o indivíduo está inserido que começam a ser delineados os contornos que definirão o perfil sociocultural de um espaço geográfico.

---

<sup>17</sup> “The social aspect of language is studied by observing any one individual, but the individual aspect only by observing language in its social context”.

Em outras palavras, consideramos que, ao realizar um estudo lingüístico, com enfoque no léxico toponímico de uma determinada região, precisamos considerar, além dos conceitos de variação e mudança lingüística, o conceito de manutenção lingüística e a correlação desses com a cultura e a história local.

### 1.3.1 NOMEAÇÃO E AMBIENTE

As palavras, veículos indispensáveis dos conceitos, são instrumentos que possibilitam aos homens terem um conhecimento claro do universo e, conseqüentemente, nele viverem e sobre ele agirem. *Palavra* e *ambiente* teriam, dessa forma, uma estreita relação conforme bem mostra Lenneberg (*apud* BIDERMAN, 2001, p.102) quando afirma que “as palavras rotulam os processos cognitivos mediante os quais o homem interage cognitivamente com seu meio ambiente”.

Segundo Sapir (1969, p.44), o termo *ambiente* deve ser empregado quando houver referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem, e “convém compreender no termo *ambiente* tanto os fatores físicos como os sociais”. Para Sapir (1969, p.44),

por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Essa influência, segundo Sapir (1969, p.45), pode ser reconhecida no nível semântico-lexical, no nível fonético-fonológico e no nível morfossintático, porém, defende esse pesquisador, “o léxico de uma língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”, uma vez que constitui “o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade” (SAPIR, 1969, p.45).

O mesmo autor (1969, p.46) complementa essa assertiva dizendo que a influência do ambiente na língua pode ser particularmente verificada quando observamos o léxico de uma comunidade e os termos por essa utilizados. Ilustra com o exemplo das semelhanças existentes entre o léxico de uma tribo indígena costeira, os *nutka*, e seus termos precisos para

muitas espécies de animais marinhos, e o léxico específico de populações pesqueiras da Europa. O interesse em fazer uma referência mais acurada a termos ligados à pesca provém, naturalmente, da necessidade imediata dessas populações de definir com maior especificidade o ambiente físico que as cerca. A sua teoria, denominada de “relativismo lingüístico”, insiste no fato de que o indivíduo percebe a realidade de acordo com seu sistema lingüístico.

Para Sapir (1969, p.51), não só o ambiente físico, mas também o ambiente social, possivelmente, ainda, em maior grau, se vê refletido na língua:

uma grande porção, senão a maioria, dos elementos que constituem os elementos físicos se encontra universalmente distribuída no tempo e no espaço, de tal sorte que não há limites naturais para a variabilidade dos materiais léxicos na medida em que dão expressão a conceitos provenientes do mundo físico. Já uma cultura, ao contrário, se desenvolve por inúmeros caminhos e pode atingir qualquer grau de complexidade. Não é, portanto, de surpreender que os léxicos de povos muito diferentes, em caráter e grau de cultura, participem dessa larga diferença.

Conforme se pode observar, Sapir acredita e defende a idéia de que a língua sofre influências ambientais e culturais, mas não é nossa intenção comprovar e demonstrar por meio de análise exaustiva neste trabalho as teorias de Sapir (1969). Julgamos necessário apenas levá-la em consideração, como deveras importante, para o estudo aqui proposto.

Em se tratando de um estudo léxico-toponímico, Dick (1990a, p.63) acredita ser, também, primordial observar essa relação língua e ambiente, já que o homem, ao nomear um lugar, percebe esse espaço tanto em virtude de seus pensamentos quanto de suas necessidades, e cita Dolfuss:

À percepção do espaço real, campo, aldeia ou cidade, vêm somar-se ou combinar-se elementos irracionais, míticos ou religiosos. Assim as grandes montanhas constituem a morada dos deuses, desde o Olimpo para os gregos da Antiguidade, até o Annapurna para as populações do Nepal. A água está pejada de significação; há fontes e lagos sagrados, mas a idéia de coisa sagrada pode associar-se à utilização precisa de um elemento no espaço. Cada agrupamento humano possui uma percepção própria do espaço por ele ocupado e que, desta ou daquela maneira, lhe pertence [...].

Dick (1990a, p.63), ainda, complementa a afirmativa de Dolfuss dizendo: “cada ambiente é percebido de maneira peculiar pelo povo que o habita”. No caso de nossa pesquisa toponímica, acreditamos ser bastante produtivo observar essa relação língua – nomeação –

ambiente – a cultura local, já que é possível notar, nesse “ambiente”, influências de fatores físicos e sociais.

Concluimos este capítulo, citando E. Sapir (*apud* BIDERMAN, 1978, p.810) que mostrou com sua teoria a relação entre língua e sociedade. Para ele, “[...] os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou meio de expressão para sua sociedade.”

No capítulo seguinte, apresentamos a contextualização histórico-geográfica da região estudada. Focalizamos alguns fatos importantes acerca da história de Minas Gerais, bem como informações histórico-geográficas relativas à região pesquisada e aos três municípios que integram essa região.



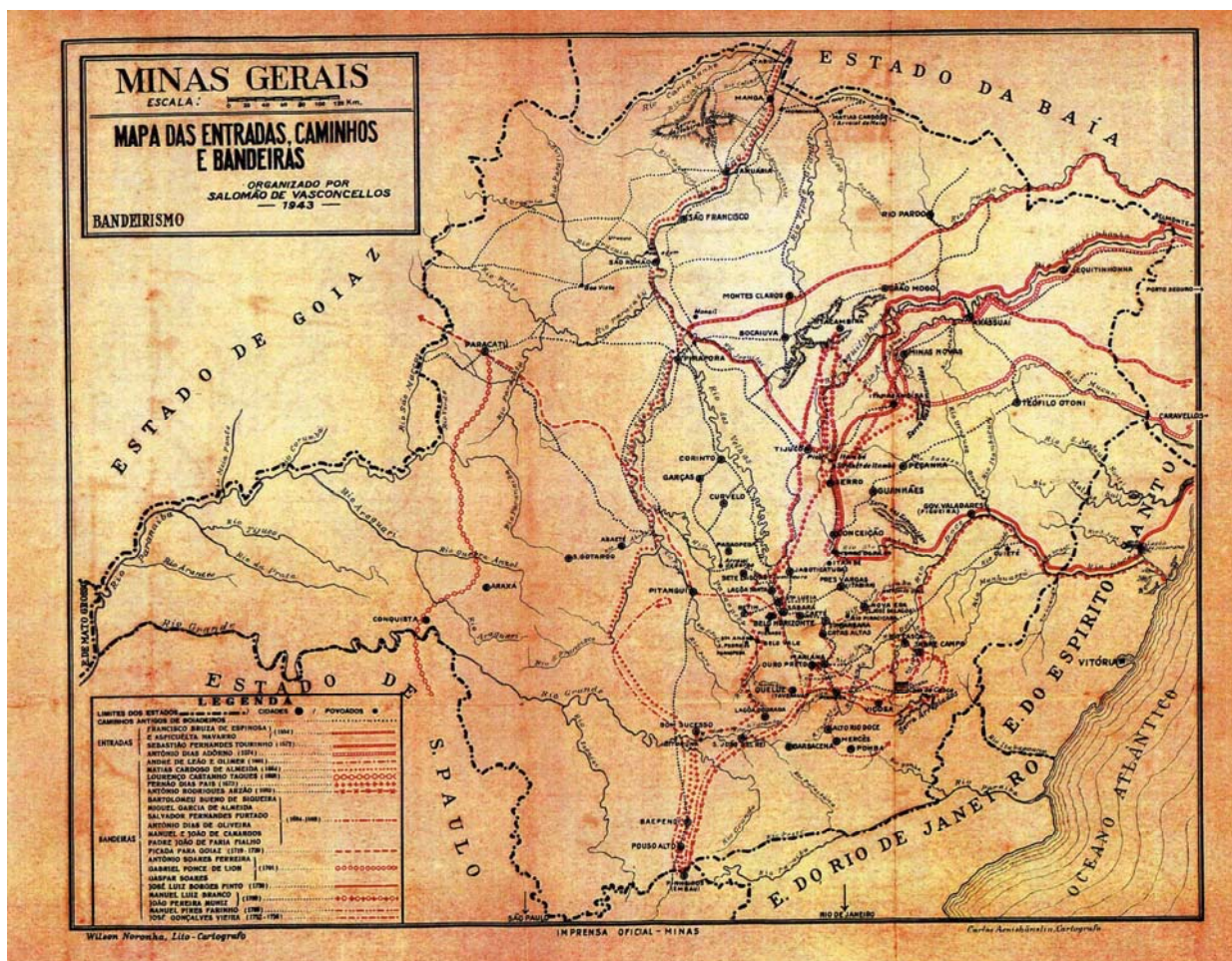
FOTO 03 – Ribeirão de Areias. Pompéu/ MG  
Fonte: Acervo pessoal.

## Capítulo 2 – Contextualização histórico-geográfica

Analisar a toponímia dos domínios de Dona Joaquina do Pompéu despertou nosso interesse pela importância que essa fazendeira teve na história da região central de Minas, no final do século XVIII e início do século XIX. A capitania de Minas Gerais encontrava-se povoada e a extração de ouro estava quase extinta quando Dona Joaquina passou a administrar as fazendas da família, tornando-se personalidade influente política e economicamente em Pitangui, Pompéu e Papagaios, além de outras localidades da região. Como a toponímia é capaz de gravar o presente para o conhecimento das gerações futuras, fomos a campo buscar resquícios de um passado histórico e lingüístico, com o objetivo de contribuir para o entendimento da influência de Dona Joaquina na motivação toponímica da região onde ela viveu. Entretanto, antes de passar à metodologia e apresentação dos dados, faremos neste capítulo um apanhado da história de Minas e dos três municípios pesquisados.

### 2.1. Bandeiras e Povoamento de Minas Gerais

Segundo Capistrano de Abreu (1930, p.89), o povoamento do território mineiro começou no século XVI, com as primeiras incursões realizadas pelos portugueses Francisco Bruza de Spinoza e Aspilcueta Navarro, que saíram da Bahia em fins de 1552, ou princípio de 1553, com destino à capitania que ficava logo ao sul. Tendo o Rio Jequitinhonha como possível guia, o grupo passou pela Serra das Almas, por Grão Mogol e Itacambira e, após alguns meses de viagem, chegou ao Rio Pará, descrito pelos índios como Rio São Francisco ou Rio das Velhas. Em um mapa que aponta a cronologia das entradas e bandeiras em Minas Gerais, Vasconcelos (1944) também considera a entrada de Bruza e Navarro como a primeira que pisou o solo mineiro:



MAPA 02 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras  
 Fonte: VASCONCELOS, 1944, p.345.

Cabe ressaltar que, antes de os portugueses explorarem o território brasileiro, índios de diversas tribos já habitavam tanto o litoral quanto o interior do país. Barreiros (1984, p.29) afirma que todo o território de Minas Gerais era habitado por inúmeras tribos indígenas e o grupo predominante pertencia à nação jê. Mas foram os índios tupis que, aprisionados pelos bandeirantes, deram grande contribuição à nomeação dos lugares e à cultura brasileira.

Vianna (1987, p.75) explica que antes mesmo da descoberta do ouro, já havia uma tradição histórica das entradas sertanistas que caçavam índios:

da caça ao selvagem passar à caça ao ouro é facilíma transição. Opera-se apenas, nesse novo aspecto da belicosidade vicentista, uma modificação necessária: o clã sertanista já não é mais a borda puramente guerreira: ao lado do mameluco, figura agora o escravo: o bacamarte do sertanista caminha a par do alvião do trabalhador.

Segundo esse autor (1987, p.78) as bandeiras podem ser divididas em três períodos distintos: o período da caça ao índio, que compreende o intervalo entre os anos de 1562 e 1696; o período do ciclo do ouro, que vai da metade do século XVII até o início do século XIX; e o período do grande ciclo do ouro, que começa no final do século XVII e se prolonga até o final do século XVIII. Nesse último ciclo, complementa Vianna, as duas expansões colonizadoras, a que vem do norte, de caráter pastoril, e a meridional, que sobe de São Paulo para explorar ouro, se encontram no vale do São Francisco.

Uma das bandeiras mais importantes para a ocupação humana no território mineiro foi a de Fernão Dias Pais (1674), que saiu de São Paulo, e ao encontrar ouro deu início às primeiras correntes de povoamento. Zemella (1990, p.45-46) explica que havia pelo menos três dessas correntes: a dos paulistas, naturais de Taubaté, Piratininga, Santos e outras vilas; a dos nordestinos que abandonaram a velha região da cana-de-açúcar e dos engenhos em busca das lavras; e a dos portugueses e outros estrangeiros que deixaram seus países com o objetivo de enriquecerem no Novo Mundo.

Ainda segundo Zemella, no início da extração do ouro as autoridades se preocupavam em abrir novas vias de comunicação com as Gerais facilitando a chegada às minas. Era preciso melhorar a passagem nos rios, plantar roças, e abrir novas estalagens tanto nas vilas quanto nos caminhos para aumentar a produção do ouro e, com isso, arrecadar mais quintos para o rei.

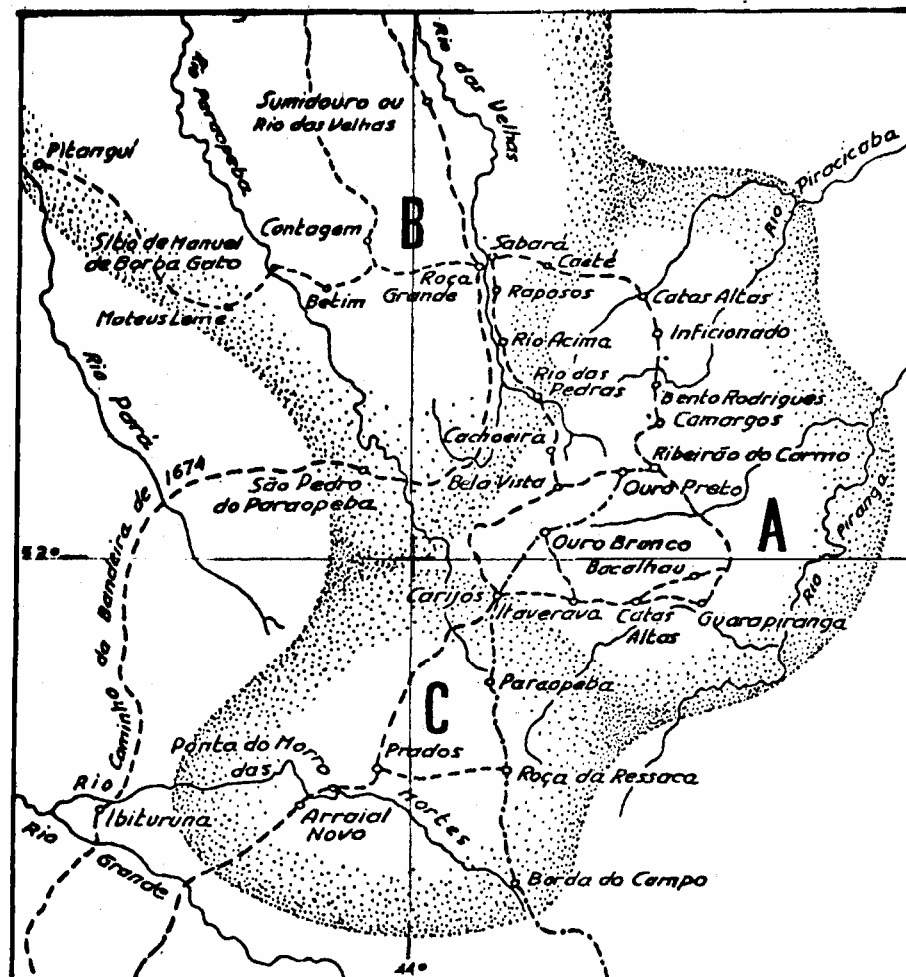
### **2.1.1 A GUERRA DOS EMBOABAS**

No auge da mineração, um importante conflito civil ocorreu na província de Minas Gerais. Entre 1707 e 1709, os paulistas instalados principalmente em Caeté e Sabará e estrangeiros vindos de Portugal e de estados do nordeste brasileiro lutaram pelo direito de exploração do ouro, que, até 1705, era monopólio dos bandeirantes paulistas. Manuel de Borba Gato, líder dos paulistas, e Manuel Nunes Viana, líder dos estrangeiros, montaram verdadeiros exércitos e pegaram em armas para defender suas lavras.

A todos os forasteiros, não paulistas, deu-se o nome de “emboabas”, fato que nomeou o conflito na história de Minas Gerais. Albino (2000) afirma que o termo, de origem indígena, refere-se à peculiaridade das vestimentas dos portugueses ou forasteiros do norte do país que

usavam polainas e ficavam parecidos com aves “calçadas”. Barreiros (1984, p.52) explica que há várias interpretações exaustivas e contraditórias para o termo “emboaba” e que a única afirmação concreta é que ele fazia referência a todos os adversários dos paulistas.

Ainda segundo Albino, na guerra havia duas facções com características distintas: a primeira era a dos paulistas com seus traços “clânicos”; e a segunda a dos emboabas que tinham interesse econômico “aventureiro”. Barreiros (1984, p.58) apresenta um mapa que delimita os locais onde ocorreram os principais eventos da revolta.



MAPA 03 – Regiões onde se desenvolveram os episódios principais da Guerra dos Emboabas  
 Fonte: BARREIROS, 1984, p.58.

A região “A” teve como centro os arraiais de Ouro Preto e Ribeirão do Carmo e é chamada Região das Minas Gerais; em “B”, Região do Rio das Velhas, o centro era Sabará e Caeté; na região “C”, do Rio das Mortes, Ponta do Morro e Arraial Novo eram os destaques. Albino

(2000, p.25) afirma que a luta começou em Caeté, de onde partiram os emboabas, e que, no prosseguimento dos atritos, os forasteiros que moravam em Sabará e Rio das Velhas dirigiram-se a Caeté e aclamaram o português Nunes Viana como o seu “governador das minas”, título que normalmente pertencia ao rei.

Batidos em Caeté ou procedentes do Rio das Velhas, Raposos e Roça Grande, os paulistas concentram-se em Sabará. Travada a luta, novamente saem vitoriosos os emboabas e dominam o vale, o que significa dizer o “país do ouro” do Sabará-Bussu. Continua a marcha para outros “países do ouro”, na direção de Ouro Preto. A principal batalha iria travar-se em Cachoeira do Campo. Saindo vencedores mais uma vez, os emboabas decidem “sagrar” o seu chefe de acordo com os mais requintados detalhes culturais europeus referentes às origens legítimas do poder. [...] Este governo durou nove meses, e derrotou o próprio governador da capitania, vindo do Rio de Janeiro e posto a correr de volta ao atingir Congonhas do Campo<sup>18</sup>.

Segundo Albino, os povoados além de Ouro Preto (na direção de Mariana, antiga região do Ribeirão do Carmo) e Guarapiranga não reconheceram o governo de Nunes Viana, o que ocasionou a primeira derrota dos emboabas e conseqüente retorno a Ouro Preto, via Catas Altas e Ouro Branco. Os forasteiros não desistiram e novas batalhas foram travadas até o massacre que ocorreu no Arraial Novo, em 1708. Barreiros (1984, p.138) afirma que os emboabas descumpriram o acordo de trocar a rendição dos paulistas por suas vidas e fuzilaram os rivais. Nunes Viana permaneceu no governo até 1709, quando se recolheu em suas fazendas do São Francisco.

A Guerra dos Emboabas fez com que as Províncias de São Paulo e das Minas Gerais deixassem de fazer parte da Capitania do Rio de Janeiro, o que foi uma de suas conseqüências mais importantes, como relata Saint-Hilaire (2000, p.46):

Sentiu-se enfim que um só homem não podia administrar tão vastas regiões e, por decreto de 9 de novembro de 1709, São Paulo e a região das Minas tornaram-se conjuntamente uma capitania independente. Onze anos mais tarde, o governo julgou, em seguida a algumas revoltas, que nova divisão era necessária, e, desde essa época a região das Minas, erigida em capitania, teve sempre governo separado.

---

<sup>18</sup> VASCONCELOS *apud* ALBINO, 2000, p.25.

Também a partir de 1709, os governantes passaram a dificultar a vinda de portugueses para as minas porque as Gerais estavam sendo ocupadas, e Portugal e outras capitanias brasileiras começavam a ser despovoadas. Para isso, foram feitas leis que tinham o objetivo de impedir o crescimento da população mineira, entretanto, Augusto de Lima Jr. (*apud* ZEMELLA, 1990, p.52) estima que, em menos de um século, cerca de 800.000 reinóis vieram para o Brasil por causa do ouro. Em consequência disso, os arraiais mineiros cresceram rapidamente e atingiram a categoria de vila, como é o caso de Ouro Preto, Mariana e Sabará, em 1711; São João Del Rei, em 1713; Caeté, em 1714; e Pitangui, em 1715.

## **2.2 O caminho do boi**

Paralelamente às entradas exploradoras, ocorreu a penetração do gado, cuja criação se alastrou da região litorânea para o sertão por meio da comunicação aberta pelo Rio São Francisco. Martins, Iglesias e Mazzoni (1992, p.123) explicam como funcionava parte do tumultuado comércio de gado com a Bahia.

Mais uma vez, como acontecera com a mineração, as autoridades portuguesas criaram embaraços, regulamentos, proibições e pesados impostos. Ora proibiam o comércio com a Bahia, ora exigiam taxas abusivas para a entrada do gado, ora se submetiam à força das coisas e liberavam imensas sesmarias para as fazendas de gado.

A expressão “força das coisas” apresentada pelos autores é interpretada como a fome vivenciada no período da exploração do ouro. Zemella (1990, p.174-175) afirma que a localização da zona aurífera, longe dos centros produtores de artigos alimentícios, fez com que o problema da fome fosse bastante grave nos primeiros anos da história das minas.

O fornecimento de carnes era de importância vital, pois ela constituía a base da alimentação. A necessidade de carne bovina fez com que de São Paulo, de Curitiba, da Bahia e de Pernambuco partissem boiadas sobre boiadas, para suprir os habitantes das Gerais. [...] o mercado fornecedor de bovinos, por excelência, era o do sertão da Bahia e de Pernambuco, zona de grande produção e que já servira de retaguarda abastecedora de carne da região dos engenhos do litoral nordestino.

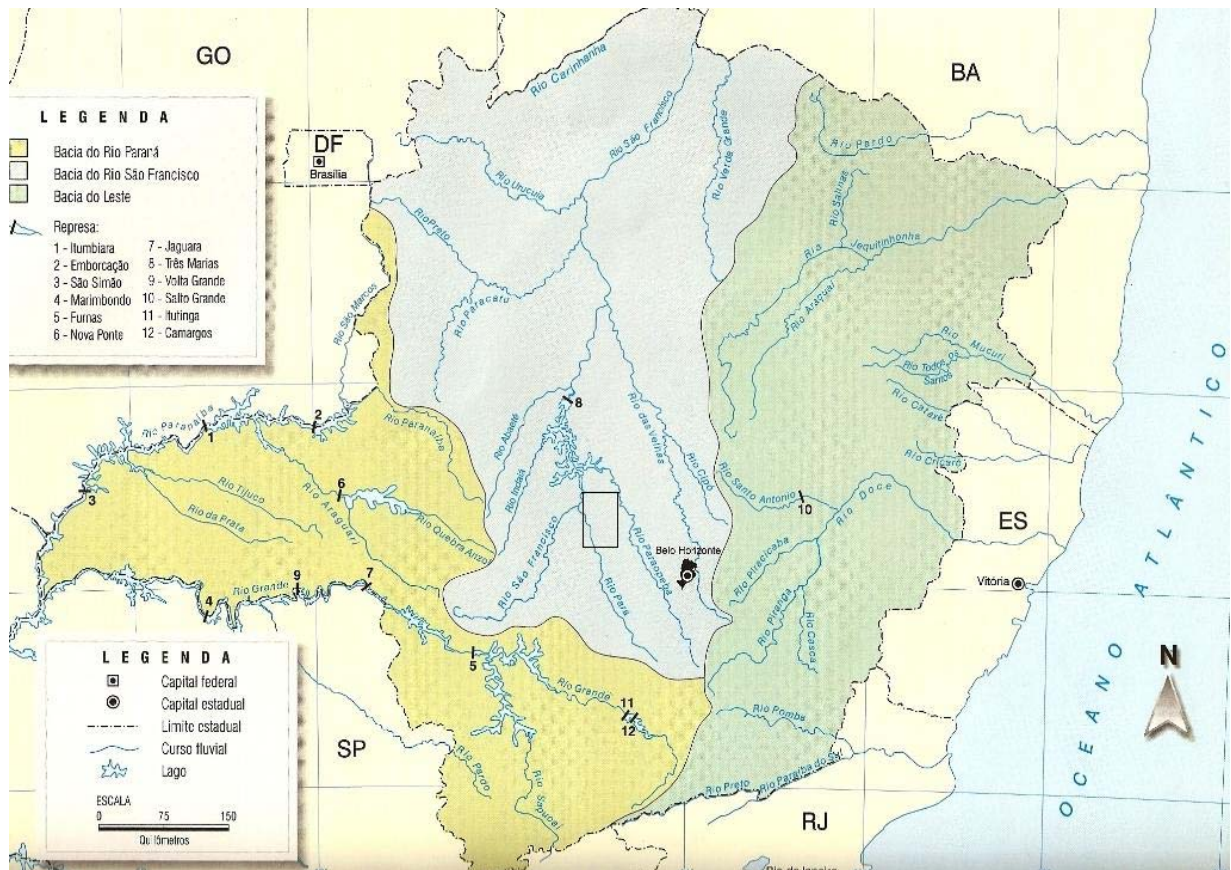
Diégues Junior (1960) destaca o papel de Garcia d’Avila, responsável pela importação do gado de Cabo Verde. Segundo o autor, a criação surgiu na região nordeste do Brasil e se espalhou para outras direções a partir do Rio São Francisco; quando os paulistas subiram em direção ao norte de Minas e sul da Bahia, já encontraram essas regiões ocupadas pelas



### 2.3 Pitangui, Pompéu e Papagaios

Os municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios, localizados na região do Alto São Francisco, fazem parte dos domínios de Dona Joaquina e dividem características hidrográficas e de vegetação que possibilitam a realização de atividades ligadas à agricultura e à pecuária.

Como foi afirmado na seção 2.2, o Rio São Francisco foi considerado centro de referência para sertanistas e criadores de gado desde o início do povoamento de Minas Gerais. Segundo Diogo de Vasconcelos (1999, p.13), é um dos maiores rios da América e o primeiro que se inscreveu no inventário da civilização brasileira. A região estudada neste trabalho pertence à sua bacia, como pode ser visto no seguinte mapa:



MAPA 05 – Bacias hidrográficas de Minas Gerais<sup>20</sup> (destaque nosso)  
Fonte: RIBEIRO, 1999, p.14.

As características de uma região encontram-se refletidas na motivação toponímica e são extremamente relevantes no estudo dos nomes dos lugares. A hidrografia, assim como a

<sup>20</sup> Cf. RIBEIRO, J. P.C. Atlas Geográfico Minas Gerais e Belo Horizonte.

vegetação e o relevo, diz muito sobre as condições físicas naturais que possibilitaram o desenvolvimento de uma dada atividade econômica e não de outra.

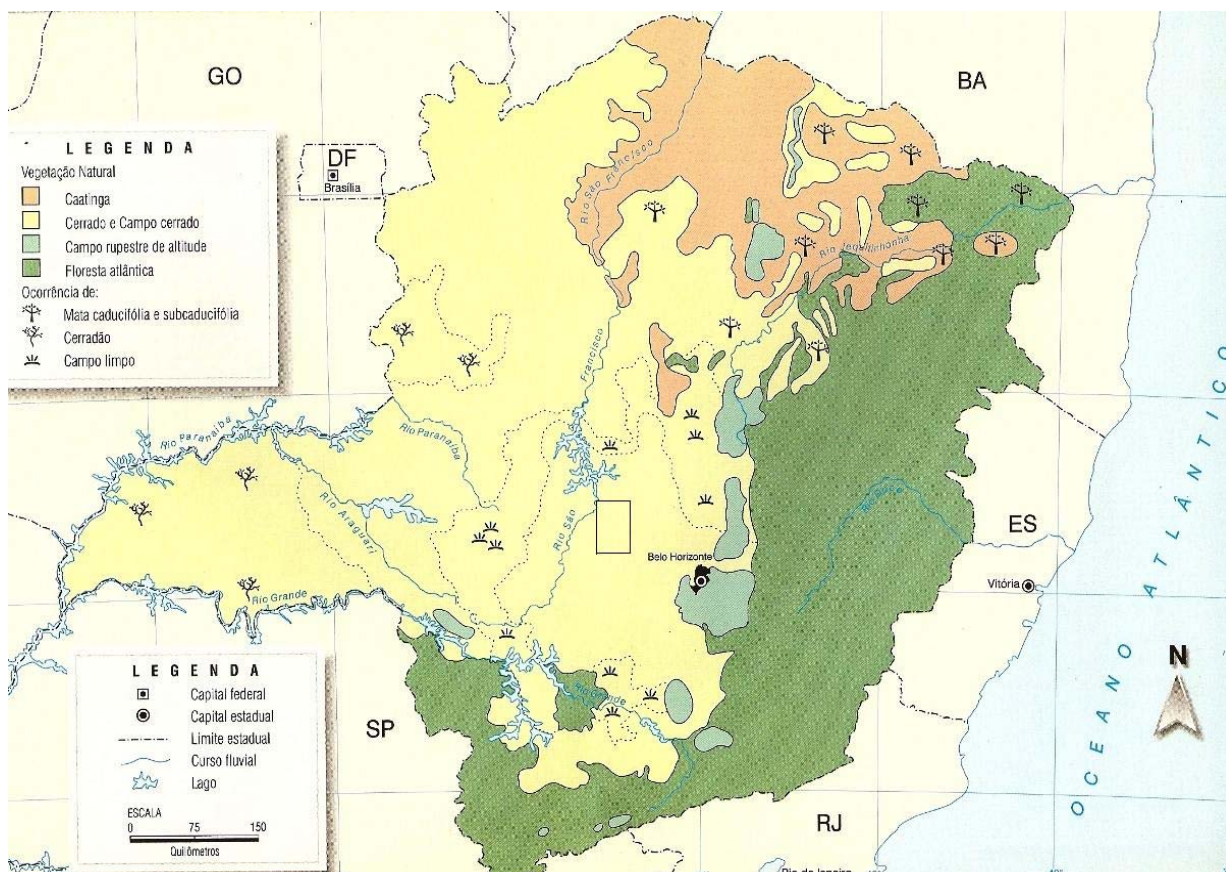
Em Minas Gerais, a vegetação mais rasteira do cerrado, propícia para as pastagens naturais, é encontrada principalmente na região Central e no Triângulo Mineiro, enquanto a vegetação seca da caatinga está presente no Norte de Minas; já a Mata Atlântica é característica do Leste e do Sul do Estado. No Alto São Francisco, onde predomina a vegetação típica do cerrado, as condições do terreno foram providenciais para o desenvolvimento da pecuária. O fato de ser uma região plana e com solo calcário possibilitou a construção de vários currais e a existência de áreas específicas para o gado retirar sal do solo.

O cerrado típico da região da Bacia do São Francisco é descrito pelo IBGE<sup>21</sup> como uma formação com dois estratos distintos: um formado por árvores que alcançam, em média, 4 a 5 metros de altura e alguns arbustos; e outro, composto por subarbustos e gramíneas. Essa espécie vegetal – o cerrado –, associada às áreas de solo calcário e à abundância das águas, incentivou o desenvolvimento de uma das atividades mais destacadas na região: a agropecuária.

Pitangui, Pompéu e Papagaios devem parte de sua história à mistura do cerrado repleto de buritis e da abundância das águas dos rios São Francisco, Pará e Paraopeba. No mapa que apresentamos, a seguir, visualizamos essa região em estudo inserida no cerrado mineiro.

---

<sup>21</sup> IBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – volume IX.



MAPA 06 – Vegetação Natural. Minas Gerais<sup>22</sup> (destaque nosso)  
 Fonte: RIBEIRO, 1999, p.15.

### 2.3.1 PITANGUI

Às margens do Rio Pará, a 103 quilômetros de Belo Horizonte, está o município de Pitangui, descrito por Barbosa (1995, p.256) como uma das primeiras vilas do ouro de Minas Gerais. Quanto à data de sua origem, o 1º Censo Cultural do Estado (1995, p.283) informa que Pitangui surgiu no século XVII, quando uma bandeira, chefiada por Bartolomeu Bueno da Siqueira, chegou à região em busca de riquezas minerais. Esse Censo também informa que o nome “Pitangui” significa “rio das pitangas” ou “rio das crianças”, e foi dado primitivamente ao Rio Pará, onde, em suas margens, os paulistas teriam encontrado um aldeamento de índios com muitas crianças.

#### 2.3.1.1 INFLUÊNCIA DO OURO EM PITANGUI

Casal (1976, p.176-177) caracteriza Pitangui como uma vila pertencente à Comarca de Sabará, onde havia plantações, criação de gado e uma mina de ouro:

<sup>22</sup> Cf. RIBEIRO, J. P.C. Atlas Geográfico Minas Gerais e Belo Horizonte.

Pitangui, vila medíocre sobre a margem direita do Rio Pará, 3 milhas abaixo da confluência do de São João, abastada de peixe, carne, e de todas as produções da agricultura do país; erecta em 1715, ornada com duas ermidas e uma matriz dedicada a N. Senhora do Pilar. Tem Juiz de Fora e um escrivão das guias do ouro. [...] Seus habitantes e os de seu extenso termo criam grande quantidade de gado vacum e também cavalos, porcos e ovelhas: fazem grandes plantações de algodoeiros e canas-de-açúcar: a aguardente, que delas se extrai, passa pela melhor de toda a provincia. “Uma afluyente mina de ouro ocasionou numerosos pleitos, e mortes entre seus primeiros povoadores, que foram mineiros paulistas, entre os quais figurava um Domingos Rodrigues do Prado, que tinha por devoção mandar assassinar ainda aqueles, que não o ofendiam”.

Ainda sobre a constituição da vila da Piedade de Pitangui, Barbosa (1995, p.256) afirma que os primeiros paulistas que construíram o arraial, “gente atrevida, valente, destemida, possuindo aquela bravura que caracterizava os homens que desbravaram nosso sertão”, deram ao lugar uma característica diferente: eles se isolaram em Pitangui e não permitiram que os reinóis invadissem suas minas.

O grande temor dos paulistas que povoaram Pitangui era que acontecesse em suas minas o mesmo que em Caeté e Sabará, onde os *emboabas* se mostraram mais fortes e dominaram a extração das lavras. Os paulistas tinham poder sobre a região, mas não conseguiam evitar que o ouro fosse contrabandeado para outras capitanias do país. É importante destacar o fato de Pitangui estar na rota da Picada de Goiás (cf. Mapa 01), que, segundo Diogo de Vasconcelos (1999, p.139), teve o objetivo de servir como caminho oficial de Minas a Goiás. O autor explica que a multidão indo e vindo de um local ao outro abriu diversos trilhos e veredas que serviam aos extraviadores de ouro:

Compreendendo, pois, Gomes Freire, com sua clarividência, que o melhor meio de resolver o assunto seria abrir uma estrada normal para o novo distrito com todas as comunidades possíveis e segurança, além que fosse mais breve, pela qual os viajantes honestos, preferissem transitar, acertou de tomar esta medida econômica sobre as vexatórias, que nada ou pouco valiam. Fez-se então, por concorrentes empresários, a picada de Goiás. Como, pois, só os contrabandistas procuravam caminhos piores, mais facilmente se conseguia apanhá-los.

O povoado, e depois a vila de Piedade de Pitangui, nasceu da descoberta do ouro que trouxe muitas riquezas e conflitos à região, como já foi dito por Aires de Casal. As repetidas viagens dos mineradores a Sabará e as remessas de ouro que eles levavam para trocar por artigos ou gêneros de necessidade chamaram a atenção de outros exploradores que caminhavam longas distâncias com o objetivo de se enriquecer.

Pitangui possuía muitas riquezas, mas sofria a consequência delas<sup>23</sup>: o ouro era trocado por pequenas quantidades de mantimentos, o que levava a constantes revoltas, até que em 1715, após mais um aumento dos impostos, a população pegou em armas e o conflito terminou com o enforcamento do líder dos revoltosos em praça pública. A partir desse momento, houve um processo de pacificação finalizado em 1718.

### **2.3.1.2 A OCUPAÇÃO TERRITORIAL EM PITANGUI**

O ouro foi, sem dúvida, o principal motivo para que os paulistas ocupassem as terras que hoje pertencem a Pitangui e a municípios vizinhos que antes faziam parte de seu território. No entanto, esta não pode ser considerada a única razão: dados do IBGE destacam que foram os “bravos” paulistas Domingos Rodrigues do Prado, Bartolomeu do Prado, seu filho, e os irmãos José e Bernardo de Campos Bicudo, além de outros desbravadores, aqueles que saíram do Sabarabussu com destino a Pitangui no ano de 1709, os pioneiros na região. A data coincide com o fim da Guerra dos Emboabas, quando estes mesmos paulistas foram derrotados pelos reinóis, significando, portanto, que Pitangui foi uma alternativa para aqueles que já não tinham mais como explorar ouro em Caeté, Sabará, Ribeirão do Carmo e Ouro Preto.

Além do ouro, os moradores da região viram na pecuária e agricultura, principalmente na criação de gado, uma forma de manter a alimentação da população e de garantir mais uma fonte de renda. O desenvolvimento dessas atividades acabou gerando outra consequência: a criação de fazendas espalhadas pelo sertão.

Martins, Iglesias e Mazzoni (1992, p.123) afirmam que, desde o início, o sertão foi tudo: “esconderijo de escravos fugidos e proteção para os perseguidos pela Justiça Real, rota de transporte para o gado que vinha da Bahia e caminho predileto dos contrabandistas de ouro e diamantes”. Conforme Barbosa (1995, p.257), Pitangui foi, por muito tempo, “a metrópole de onde partiam os desbravadores do sertão, e onde se abasteciam do essencial os primeiros moradores desse mesmo sertão”. A vila de Pitangui estava geograficamente inserida numa área de transição entre a região mineradora e o sertão.

---

<sup>23</sup> IBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – volume XXVI

Albino (2000, p.18-19) ao explicar a ocupação mineira afirma que havia dois grupos distintos de povoadores: os mineiros e os geralistas. Para o autor, o fato de, inicialmente, a província ser visitada somente por paulistas em busca de índios fez com que a região fosse caracterizada como vazia de população. A comparação entre as vilas do ouro e as fazendas de gado mostra que essas últimas sofreram com o isolamento apontado por Albino. Enquanto os moradores das vilas podiam freqüentar escolas e ouvir composições musicais nas igrejas e teatros, a vida do sertão só oferecia solidão e os recursos naturais que estavam à disposição, além das constantes lutas com tribos indígenas e quilombolas pela posse do território.

Os documentos que ficaram do século XVIII comprovam a crescente importância da criação de gado para a economia de Minas, assim como descrevem a epopéia dos fazendeiros de então, disputando espaços no sertão com as mais diversas tribos indígenas e com os quilombolas – escravos fugidos que muitas vezes chegaram a organizar verdadeiros exércitos.<sup>24</sup>

A luta pela posse de terras, pela propriedade, não é estranha a nenhuma região brasileira. Diégues Junior (1960, p.69) afirma que, dentre os valores culturais que o lusitano trouxe para a nova terra, “o regime de propriedade foi dos que primeiro se aplicaram no Brasil”. Ainda conforme o autor, da união da propriedade da terra e da família surge a fazenda como núcleo não apenas econômico, mas também social e demográfico – foco de relações étnicas e de cultura.

Segundo Martins, Iglesias e Mazzoni (1992), nos sertões do São Francisco, travaram-se batalhas até o final do século XVIII, não apenas entre fazendeiros e índios ou negros, mas também entre os pioneiros e os que chegaram depois e tentaram se apossar de terras e pastagens, ou seja, aconteceu no sertão o mesmo que nas vilas do ouro entre paulistas e emboabas.

O extenso território de Pitangui teve espaço para as duas situações. Barbosa (1995, p.257) relata que “à medida que novas explorações se faziam e que novos povoados iam surgindo em torno da vila, mais crescia em extensão o município de Pitangui”. Na primeira metade do século XIX, o município abrangia vários arraiais, dentre eles Tiros, Morada Nova, Abadia, Buriti da Estrada, Maravilhas, Pequi e São Gonçalo do Pará.

---

<sup>24</sup> MARTINS, IGLESIAS E MAZZONI, 1992, p.132.

### 2.3.1.3 SOBRE AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS POVOADORAS DA REGIÃO DE PITANGUI

Apenas em 1718, três anos depois de a povoação ser elevada à categoria de vila, com o nome de Nossa Senhora da Piedade, é que chegaram ao local os primeiros juizes ordinários, no caso, Antônio Rodrigues Velho e Bento Paes da Silva.

Antônio Rodrigues Velho fazia parte de uma família de nobres bandeirantes paulistas, descobrindo-se-lhe, pelos apelidos, o parentesco com o celebrado desbravador de sertões Garcia Rodrigues Velho de quem era, talvez, irmão. Antônio Rodrigues Velho é uma das tradições que o povo de Pitangui guarda com mais carinho, e, dos primitivos troncos das gerações pitanguienses é, talvez, o único homem que todo pitanguiense, sem distinção, conhece e pronuncia sempre com um misto de respeito e temor: O VELHO DA TAIPA, o mais vetusto tronco da terra Pitanguiense<sup>25</sup>.

Xavier (*apud* RIBEIRO E GUIMARÃES, 1956, p.37) também escreve sobre Antônio Rodrigues Velho e a descendência desse paulista que foi juiz em Pitangui.

Com o casamento de Margarida de Campos, filha do magistrado paulista José de Campos Bicudo, com Antônio Rodrigues Velho, em Itu, em 1705, ligaram-se estas duas famílias que aparecem em várias páginas da história bandeirante mineira e paulista e são o ponto de partida de muitas proles pitanguienses.

De acordo com Xavier, em Pitangui, encontravam-se as famílias Bicudo, Garcia Velho e Campos que, mais tarde, se uniram aos Capanemas, aos Xavier-Rabelos, aos Dias Maciéis, aos Álvares da Silva, aos Cordeiros Valadares, aos Abreus e Silva, aos Lopes Cançados, aos Lobatos, aos Mourões, aos Vieiras Machados, e outros. Do casamento de Margarida Campos e Antônio Rodrigues Velho, por exemplo, nasceu Ana Margarida de Campos, mãe de Inácio de Oliveira Campos, que se tornou capitão e casou-se com uma Abreu Castelo Branco, descendente de portugueses, que morava em Mariana.

O capitão Inácio de Oliveira Campos e Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, após o casamento, optaram por morar em Pitangui e, posteriormente, na fazenda do Pompéu. Dona Joaquina era filha de Jorge de Abreu Castelo Branco, que, além de formado em ciências jurídicas e sociais, tinha também o curso canônico até as primeiras ordens, em Coimbra.

---

<sup>25</sup> Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. XXIII, 1929, p.333.

Enviuvando-se em 28-3-62, após formar numerosa prole, quando exercia funções de advogado, em Mariana, o Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco deliberou concluir o curso canônico, que havia interrompido em Coimbra, e, ordenando-se padre, foi vigário em Pitangui e morreu vigário de Santa Rita Durão, cheio de vida proba e relevantes exemplos de fé cristã e ardor pela família<sup>26</sup>.

Xavier ainda explica que a família Campos, que entrou na composição do ramo pitanguiense e pompeano, vem de Felipe Vanderbur, embaixador belga na Corte de Espanha, onde se casou com Antônia del Campo. O filho do casal, Felipe Campos Vanderburg veio para o Brasil e casou-se em São Paulo, em 1643, com Margarida Bicudo.

Dentre todos os nomes citados até este momento, destacam-se, na história de Pitangui, o de Antônio Rodrigues Velho, também chamado de Velho da Taipa, cujas histórias viraram lendas, e o de Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, que ficou conhecida como Dona Joaquina do Pompéu.

### **2.3.2 POMPÉU**

O nome Pompéu surgiu denominando um sítio e depois uma fazenda que estava localizada no município de Pitangui e pertencia à família do capitão Inácio de Oliveira Campos. No entanto, o povoado que mais tarde se transformou no município de Pompéu não era denominado assim, sendo chamado de *Buriti da Estrada* em homenagem ao pouso dos tropeiros, que vinham do norte para Pitangui e descansavam debaixo dos buritis.

Segundo Barbosa (1995, p.263), em geral, é mencionado Antônio Pompeu Taques, como o fundador do sítio do Pompéu. O autor considera que isso é possível, no entanto afirma:

Esse paulista, depois de perambular pelos currais da Bahia, onde se casou e, em seguida, ficou viúvo, regressou a São Paulo. Mas, pouco depois, veio fixar-se no distrito de Antônio Pereira, onde obteve sesmaria em 1711 (Rev. A.P.M.,X, 966). Transferiu-se, em seguida, para Pitangui, onde se casou, segunda vez, com Escolástica Pais, filha de José Rodrigues Betim.

Franco (1953) acrescenta que Antônio Pompeu Taques foi um sertanista que andou com alguns de seus irmãos nos denominados currais da Bahia, no Rio de São Francisco, onde se casou com Maria das Neves, viúva do sertanista Coronel João Peixoto Viegas. Segundo o autor, após ficar viúvo, Pompeu Taques vendeu suas fazendas e regressou a São Paulo, se

---

<sup>26</sup> XAVIER *apud* RIBEIRO, 1956, p.37.

dirigindo depois para as Minas Gerais, no Distrito de Antônio Pereira, onde obteve uma sesmaria em 17 de junho de 1711. Só depois foi morar em Pitangui, onde se casou com Escolástica Pais, filha de José Rodrigues Betim.

Barbosa acrescenta ainda que o morador do sítio do Pompéu, de que se tem notícia concreta, foi o capitão-major Francisco de Barros Braga, nome que consta em uma sesmaria concedida a João Gonçalves Fraga em 1747, quando o sítio do capitão-major foi a leilão em Pitangui.

Às margens do Rio São Francisco e a 170 quilômetros de Belo Horizonte, Pompéu foi desmembrado de Pitangui em 17 de dezembro de 1938, tendo como distrito Silva Campos<sup>27</sup>.

### **2.3.2.1 NÚCLEO AGRÁRIO**

Desde a época de Dona Joaquina, as principais atividades desenvolvidas no município de Pompéu são a agricultura e a pecuária. Segundo dados atuais do IBGE, cerca de 30% do PIB – Produto Interno Bruto – do Município é referente à agropecuária, e resultados preliminares do Censo Agropecuário 2006 mostram que há, pelos menos, 516 fazendas criadoras de gado leiteiro em Pompéu.

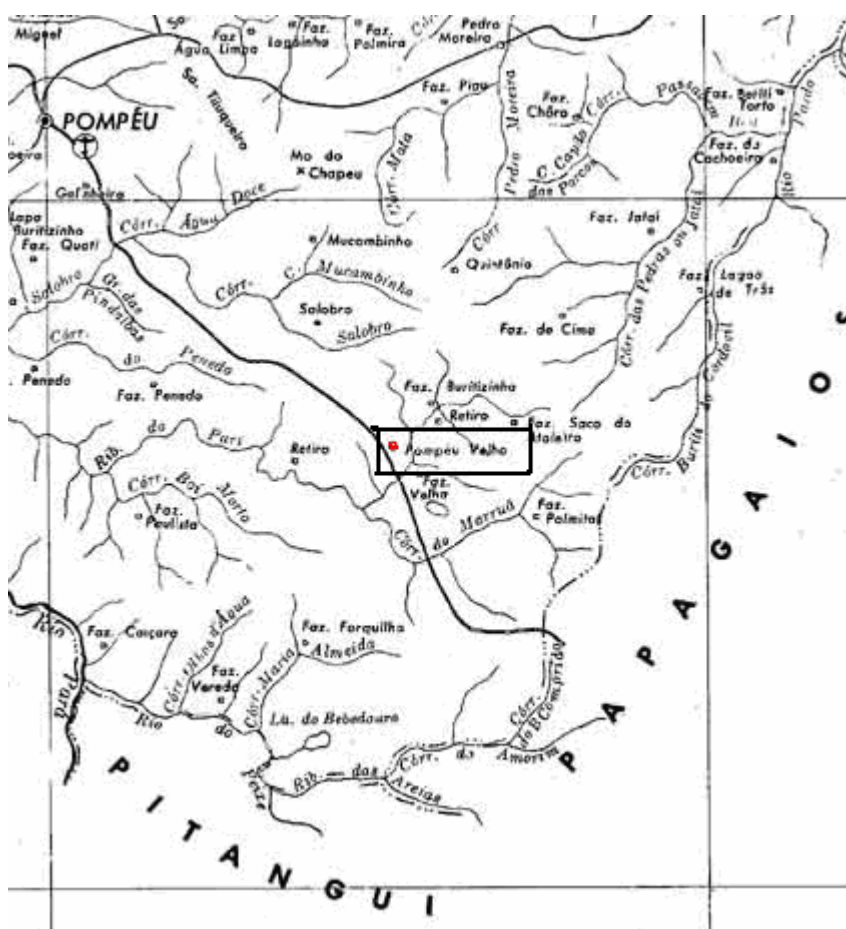
Além de bois para corte e vacas para produção de leite, os proprietários das fazendas também criam suínos, eqüinos, caprinos e aves (principalmente galinhas). Ainda conforme o Censo, 142.167 hectares do município são ocupados por estabelecimentos agropecuários, sendo essa área dividida entre as pastagens naturais, lavouras permanentes (banana e maracujá) e temporárias (cana-de-açúcar, feijão, milho, mandioca e tomate), matas e florestas.

As fazendas foram e são importantes núcleos sociais, econômicos e de povoamento, não apenas em Pompéu e Pitangui, como em todo o Brasil. Para Diégues Junior (1960, p.72), há diversos tipos de fazenda e todas elas caracterizam a formação brasileira, sendo representativas das regiões culturais de que se tornaram a expressão, além de englobarem riquezas naturais a serem exploradas e os valores da área em que estão inseridas.

---

<sup>27</sup> BARBOSA, 1995, p.263.

No século XVIII e parte do século XIX, a fazenda do Pompéu era formada por uma grande extensão de terras praticamente despovoada, igualando-se a tantas outras, já que era comum naquela época que a propriedade fosse constituída de uma sede, onde estava a “casa grande” ou “sobrado”, e alguns retiros<sup>28</sup>. Com o passar dos anos e após vários inventários, essa grande propriedade foi dividida em várias menores. Campos (2003, p.161-164) cita algumas dessas novas fazendas, todas originadas a partir do Pompéu Velho, nome atual do local onde estava edificado o sobrado da sede da propriedade de Dona Joaquina. Dentre elas, é possível destacar *Salobro, Retiro, Marruás, Palmital, Forquilha, Paulista e Vereda*.



MAPA 07 – Recorte da região do Pompéu Velho – Município de Pompéu<sup>29</sup>  
 Fonte: IBGE, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, IX volume.

<sup>28</sup> Local um tanto retirado da sede da fazenda pastoril, onde se solta o gado para engorda (FERREIRA, 2004).

<sup>29</sup> Cf. IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* – volume IX.

### 2.3.2.2 A FAMÍLIA DE DONA JOAQUINA DE POMPÉU

Dona Joaquina nasceu em Mariana, casou-se em Pitangui e morou grande parte de sua vida na fazenda do Pompéu, tornando-se uma importante fazendeira da região do Alto São Francisco. A respeito dessa matriarca, Barbosa (1986, p.79) afirma que

D. Joaquina do Pompéu pode ser apresentada como o exemplo típico da mulher mineira, que participava dos acontecimentos do país, acompanhava com interesse os fatos históricos, como a chegada da Família Real ao Rio, a Guerra da Independência na Bahia, e daí, sua cooperação, em ambos os episódios.

Na época em que o Brasil Colônia levantou a bandeira da Independência, os proprietários da fazenda do Pompéu colocaram-se ao lado do Príncipe Regente e ofereceram toda a sua fortuna a Dom Pedro I para a guerra de libertação do Brasil. Segundo Xavier (*apud* RIBEIRO E GUIMARÃES, 1956, p.40) Dona Joaquina “ofereceu os escravos e os filhos para combater; ofereceu o gado para alimentar as tropas da Independência; ofereceu as terras, para serem vendidas ou utilizadas pelo Exército de libertação; ofereceu os próprios serviços à casa sacrossanta”. Das ofertas feitas, Dom Pedro I aceitou apenas o gado para abastecimento das tropas.

E a contribuição de Pompéu foi valiosa. Do remoto sertão de Pitangui, o gado era conduzido até à Corte, a pé, por numerosos e leais escravos, onde era abatido e fornecido, gratuitamente, aos quartéis e regimentos da Coroa. [...] Tudo isso repercutia e dava ensejo ao crescimento da fama de Dona Joaquina. Daí o cerco político em torno do Pompéu<sup>30</sup>.

Ainda sobre a história de Dona Joaquina, Xavier (*apud* RIBEIRO E GUIMARÃES, 1956, p.41) afirma que quando ela morreu, em 1824, aos 72 anos de idade, além da fazenda do Pompéu, pertencente ao antigo arraial Buriti da Estrada, deixou terras em Pitangui, Paracatu, Abaeté e Dores do Indaiá, as fazendas do Junco, Rio Pardo, Taquara, Ponte e Barreiro, o antigo arraial de Abadia de Pitangui, atual cidade de Martinho Campos, e os antigos arraiais de Maravilhas e Papagaios.

Os herdeiros dividiram não só as fazendas como também o gado e os escravos. Xavier avalia que, na época da morte de Dona Joaquina, sua família possuía cerca de 18.000 cabeças de

---

<sup>30</sup> XAVIER *apud* RIBEIRO, 1956, p.40.

gado, mil eqüinos, algumas centenas de escravos, muita prataria, ouro em barra, móveis coloniais e títulos de dívidas de fazendeiros vizinhos. O autor também explica que, entre os numerosos descendentes de Dona Joaquina e do Capitão Inácio, estão as famílias dos ex-governadores Benedito Valadares e Olegário Maciel.

### **2.3.2.3 SINHÁ BRABA**

O que foi afirmado neste trabalho sobre Dona Joaquina não chamaria atenção, e nem mesmo seria relevante se fosse creditado a um homem. A administração das fazendas e a participação na política e nas decisões econômicas de uma vila ou província eram tarefas quase exclusivamente masculinas nessa época. Algumas circunstâncias fizeram com que Dona Joaquina tivesse que assumir os negócios do marido, e para que fosse respeitada diante dos outros fazendeiros suas atitudes foram sempre muito firmes, o que a levou a ser chamada em sua época de “Sinhá Braba”.

Esse apelido é comentado por Agripa de Vasconcelos (1999) na apresentação de seu romance dedicado a Dona Joaquina, intitulado “Sinhá Braba”. Segundo o autor, não parece haver, “em toda a história do Brasil”, outro exemplo de uma matriarca rural que possuísse tantas terras e tantos rebanhos, e cujo apelido demonstrasse temor e, ao mesmo tempo, respeito daqueles que conviveram com ela.

Essa matriarca se viu responsável por todos os negócios da família quando seu marido, o Capitão Inácio de Oliveira Campos, ficou doente e, principalmente, após sua morte, em 1804. Barbosa (1995) afirma que o marido de Dona Joaquina era um homem empreendedor que dirigiu diversas expedições à região de Patrocínio e que, em Serra Negra, destruiu um quilombo, aprisionando dezenas de escravos, sendo um dos responsáveis pela ampliação do termo de Pitangui.

Com a doença do Capitão, Dona Joaquina passou a tratar pessoalmente de todos os negócios, incluindo compra e venda de escravos e terras. Tudo que era referente à Fazenda do Pompéu passava pelas mãos da fazendeira; os recibos, tanto de dívida quanto de crédito, eram feitos por ela, ou em nome dela, como pode ser verificado neste documento, datado de setembro de

1798, em que Dona Joaquina reconhece que pagará ao senhor Manoel Cordeiro a quantia referente à compra de um escravo.

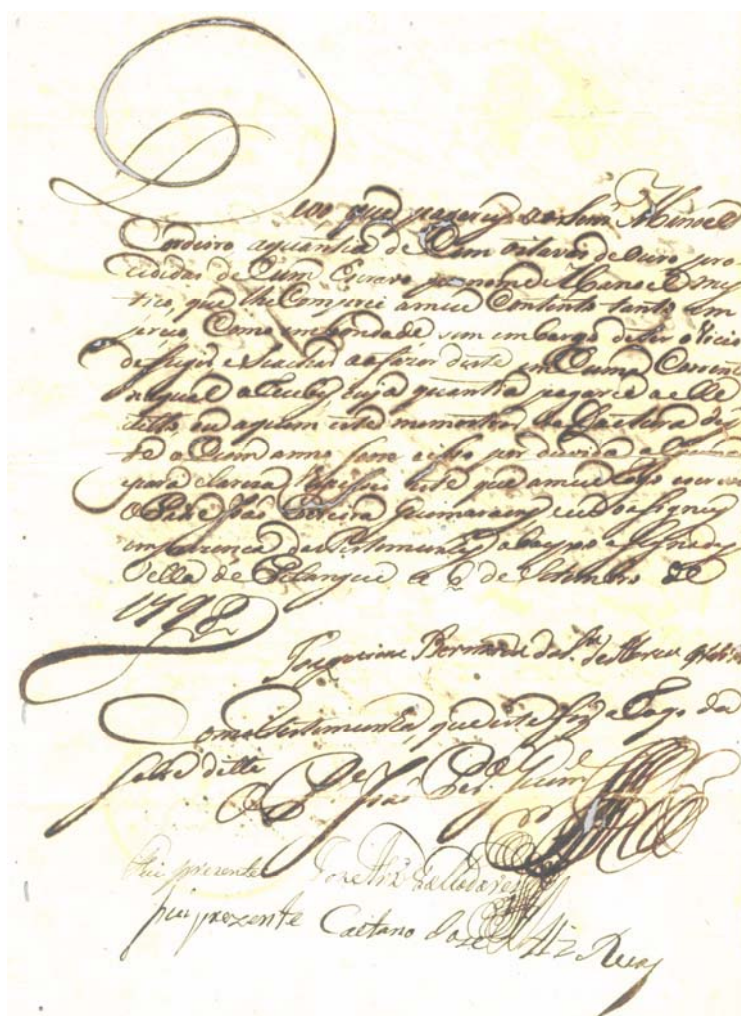


FOTO 04 – Recibo de Joaquina para Manoel Cordeiro referente à compra de escravo  
Fonte: A.P.M., F.J.B.P. (cx.1, doc.21)

Documento que é assinado pela própria Dona Joaquina, como pode ser verificado no seguinte trecho transcrito:

Devo, que pagarey aoSnr Manoel Cordeiro, aquantia decem oitavas de ouro procedidas dehum escravo por nome Manoel Mestiço, que lhe comprei a meu contento tanto em preço, como embondade [...]. Villa de Pitagui a 6 de setembro de 1798. Joaquina Bernarda daSª deAbreu Castelo Br<sup>a31</sup>.

Dona Joaquina chamava muita atenção para si. Com o objetivo de se proteger de possíveis inimigos, em 1799, pediu autorização para andar armada. Campos (2003, p.222) explica que

<sup>31</sup> Cf. anexo III, p.77-78. Transcrição: Arquivo Público Mineiro.

havia bandos de assaltantes que infestavam as estradas naquele tempo, além de muitos inimigos que invejavam a prosperidade da proprietária da fazenda do Pompéu.

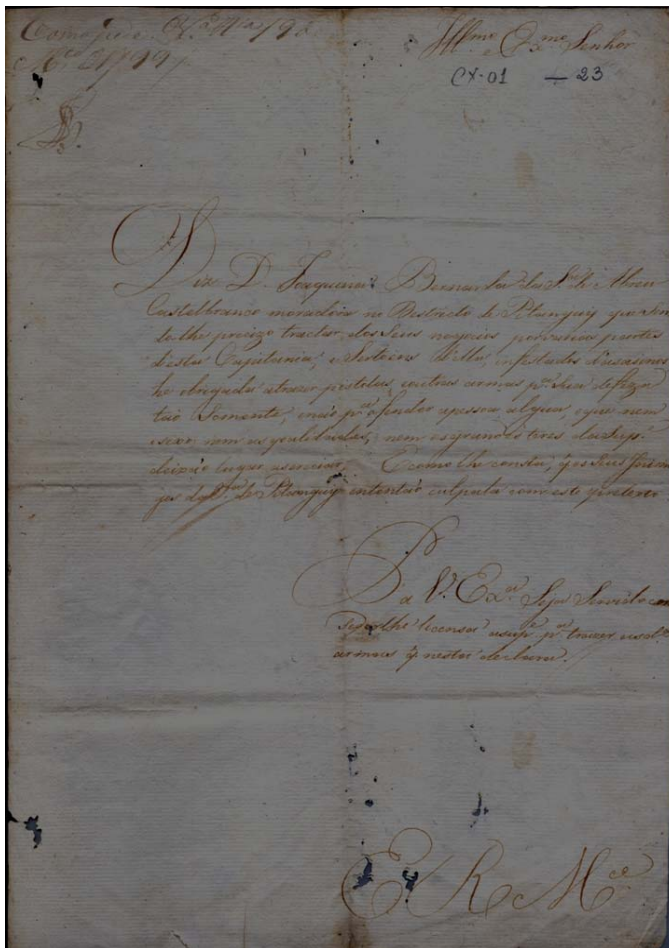


FOTO 05 – Requerimento de porte de arma de fogo  
Fonte: A.P.M., F.J.B.P. (cx.1, doc.23)

O trecho a seguir destaca que a intenção de Dona Joaquina era apenas a de se proteger:

Diz D. Joaquina Bernarda da S.<sup>a</sup> de Abreu Castelobranco moradora no Destricto de Pitainguy que Sendo-lhe preciso tractar dos Seus negocios por varias partes d'esta Capitania, e Sertoëns d'ella, infestados d'asasinios, he obrigada' atrazer pistolas, eoutras armas p.<sup>a</sup> Sua defeza taõ Somente, enaõ p.<sup>a</sup> ofender apessoa algua [...]<sup>32</sup>.

Ainda sobre a importância dessa matriarca, Xavier (*apud* CAMPOS, 2003, p.190) afirma que o Barão de Eschwege, cientista alemão autor da obra *Pluto Brasiliensis*, esteve hospedado por algumas semanas em sua fazenda quando esteve no vale do São Francisco, deixando uma descrição minuciosa de sua viagem e dos lugares que visitou.

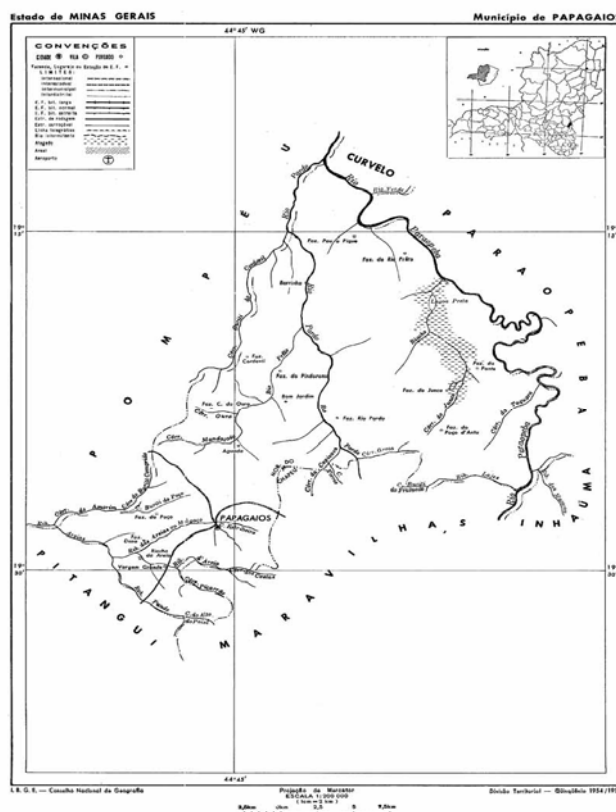
<sup>32</sup> Cf. anexo II, p.75. Transcrição: José Eurialo dos Reis (mestrando FALE/UFMG).

De Pitangui, onde se acham lavras auríferas, em grande parte já abandonadas, viemos por amenos campos, ondulados, banhados aqui e acolá por pequenas lagoas, onde, ao lado do gigantesco bom constritor, milhares de aves, grandes e pequenas ostentavam a sua linda plumagem. Chegamos assim à grande fazenda do Pompéu, de uma área não inferior a 150 léguas quadradas, e habitada unicamente pela família da proprietária desse principado, a não contar como súditos deste, as 40.000 cabeças de gado vacum que animam esse Sítio deserto e anunciam aos viajantes a presença do homem, por eles muitas vezes desaperecidas durante dias e dias<sup>33</sup>.

O naturalista alemão se refere à Dona Joaquina como “generosa matrona”, relatando que sua descendência já contava com cerca de 60 netos. O viajante também agradece toda a ajuda oferecida por ela para a continuação de sua pesquisa na região, citando o auxílio de um guia para acompanhá-lo aos locais ainda desconhecidos.

### 2.3.3 PAPAGAIOS

Papagaios é um dos municípios mais recentes da Região do Alto São Francisco, tendo sido criado pela lei 1039, de 12 de dezembro de 1953. Antes de conseguir sua emancipação política, a região, que hoje pertence a Papagaios, estava anexada ao município de Maravilhas, e este, por sua vez, à Pitangui. Papagaios está localizado a aproximadamente 150 quilômetros de Belo Horizonte, fazendo limite a leste com Pompéu e ao sul com Pitangui.



MAPA 08 – Município de Papagaios  
Fonte: IBGE, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, IX volume.

<sup>33</sup> Eschwege citado por XAVIER *apud* CAMPOS, 2003, p.190.

De acordo com o *Histórico do Município de Papagaio*, preparado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, o povoado de Papagaios teve início com a independência do Brasil, época em que existiam na região duas grandes proprietárias de terras, sendo uma delas a Dona Joaquina do Pompéu e a outra a senhora Catarina Gonçalves Fraga, moradora da fazenda Morrinhos.

### **2.3.3.1 A ORIGEM DO NOME PAPAGAIOS**

O nome do município é motivo de controvérsia e polêmica, pois existem duas versões para sua origem, que aparece nos órgãos oficiais do Estado como Papagaios, mas é reconhecido pela prefeitura e pela maioria dos moradores apenas como Papagaio (no singular). Uma das versões considera que o nome tem origem no fato de que existia na região uma senhora que tinha uma hospedaria, ponto de parada de tropeiros, e nessa casa havia um papagaio muito falante. Com isso, as pessoas começaram a se referir à hospedaria como Casa do Papagaio, o que teria dado origem ao nome do local.



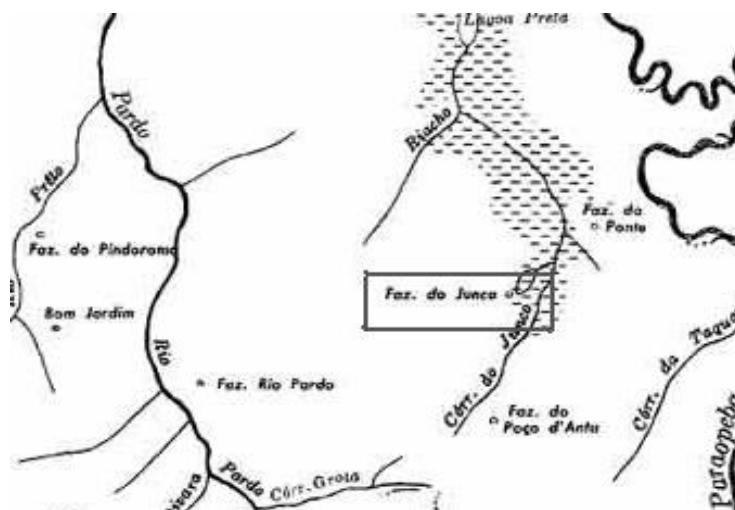
FOTO 06 – Casa do Papagaio. Papagaios/ MG  
Fonte: Acervo pessoal.

A segunda versão leva em consideração um ponto característico da vegetação da região: a grande quantidade de buritis que servia como abrigo e fonte de alimentos para as aves, dentre elas os papagaios. Segundo a Secretaria de Educação e Cultura, acredita-se que o local onde se ergueu a Vila de Papagaio era chamado de Buriti do Papagaio. O fato é que, de uma forma ou de outra, a origem do nome do município está diretamente relacionada à existência de um ou de vários papagaios.

### 2.3.3.2 DONA JOAQUINA E O ARRAIAL DO PAPAGAIO

O local em que atualmente é a sede do município de Papagaios era, no início do século XIX, um ponto de interseção dos caminhos que levavam os moradores da Fazenda do Junco, da Vila de Maravilhas e da Fazenda de Dona Joaquina a Pitangui. As fazendas possuíam terras muito férteis e funcionavam como um celeiro:

Próximo às margens do Rio Paraopeba ainda existe a Fazenda do Junco, que por volta de 1800 foi habitada por uma neta de Dona Joaquina do Pompeu. Essa fazenda, de fato, era composta pelas fazendas do Taquara e Ponte, constituindo-se em uma gleba de terras, extremamente fértil e que nessa época foi um grande celeiro. Ali se produzia arroz, feijão, milho, algodão e açúcar além da criação de gado suíno e bovino, sendo que toda a mão-de-obra utilizada nessas atividades era escrava. O excedente dessa produção era comercializado em Pitangui<sup>34</sup>.



MAPA 09 – Recorte região da Fazenda do Junco – município de Papagaios  
Fonte: IBGE, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, IX volume.

Campos (2003, p.198) explica que o Arraial do Papagaio formou-se em terras da Fazenda Morrinhos, originada após o inventário de Dona Joaquina do Pompéu, portanto, em terras que foram da fazendeira.

No entanto, o documento mais antigo de que se tem notícia sobre o sítio dos Morrinhos é uma sesmaria concedida, em 1747, ao tenente-coronel João Gonçalves Fraga. Barbosa (1995, p.263) afirma que o antigo proprietário, capitão-major Francisco de Barros Braga, levou cinco sítios “à praça” em Pitangui, os vendendo por 12.000 cruzados. Além de Pompéu e

<sup>34</sup> *Histórico do Município de Papagaio*, [s.d.], p.6.

Morrinhos, também foram arrematados os sítios do Bom Jardim, Passagens de Monserrate e o da Porteira.

Assim como Pompéu, o povoado se desenvolveu após o surgimento de uma fazenda, o que prova que na época da ocupação da região, a principal fonte de renda era a atividade agropastoril com a comercialização dos excedentes com a metrópole mais próxima, ou seja, Pitangui. Atualmente, a exploração da ardósia é a atividade econômica mais rentável do município, que ainda tem na agricultura e pecuária importantes fontes de renda e da cultura local.

## **2.4 Considerações**

Neste capítulo, foram focalizados aspectos históricos da região que foi domínio de Dona Joaquina do Pompéu, necessários para embasar um estudo lingüístico de nomes de lugares. Procurou-se, primeiramente, rever o início da história da conquista do território mineiro; em seguida, foi feita uma descrição do que foi a Guerra dos Emboabas e de como os paulistas chegaram à região em estudo, mais precisamente a Pitangui.

Dados como a escassez de alimentos em fins do século XVII e início do século XVIII não foram menosprezados, pois se acredita que tais fatos inauguraram um novo “comportamento” nas Minas, dando início ao movimento agropecuário na região. Movimento este que se intensificou com o comércio de gado com a Bahia, unindo as minas ao sertão mineiro.

As famílias povoadoras de Pitangui não foram esquecidas, incluindo-se a família de Inácio de Oliveira Campos, marido de Dona Joaquina – que se tornou uma grande matriarca da região e proprietária da Fazenda do Pompéu, de onde parte nosso trabalho de campo.

Destacamos alguns fatos da história de Dona Joaquina e dos municípios de Pompéu e Papagaios, onde ela exerceu a influência política e econômica enquanto esteve à frente da administração de propriedades da família encontradas em Pitangui, nos povoados Buriti da Estrada, atual município de Pompéu e, Arraial do Papagaio, atual município de Papagaios.

Como metodologia da pesquisa sociolingüística, detalharemos, no próximo capítulo, os métodos e procedimentos adotados para o trabalho léxico-toponímico aqui proposto, ou seja, na coleta dos nossos dados, nas escolhas dos informantes e na realização das transcrições.

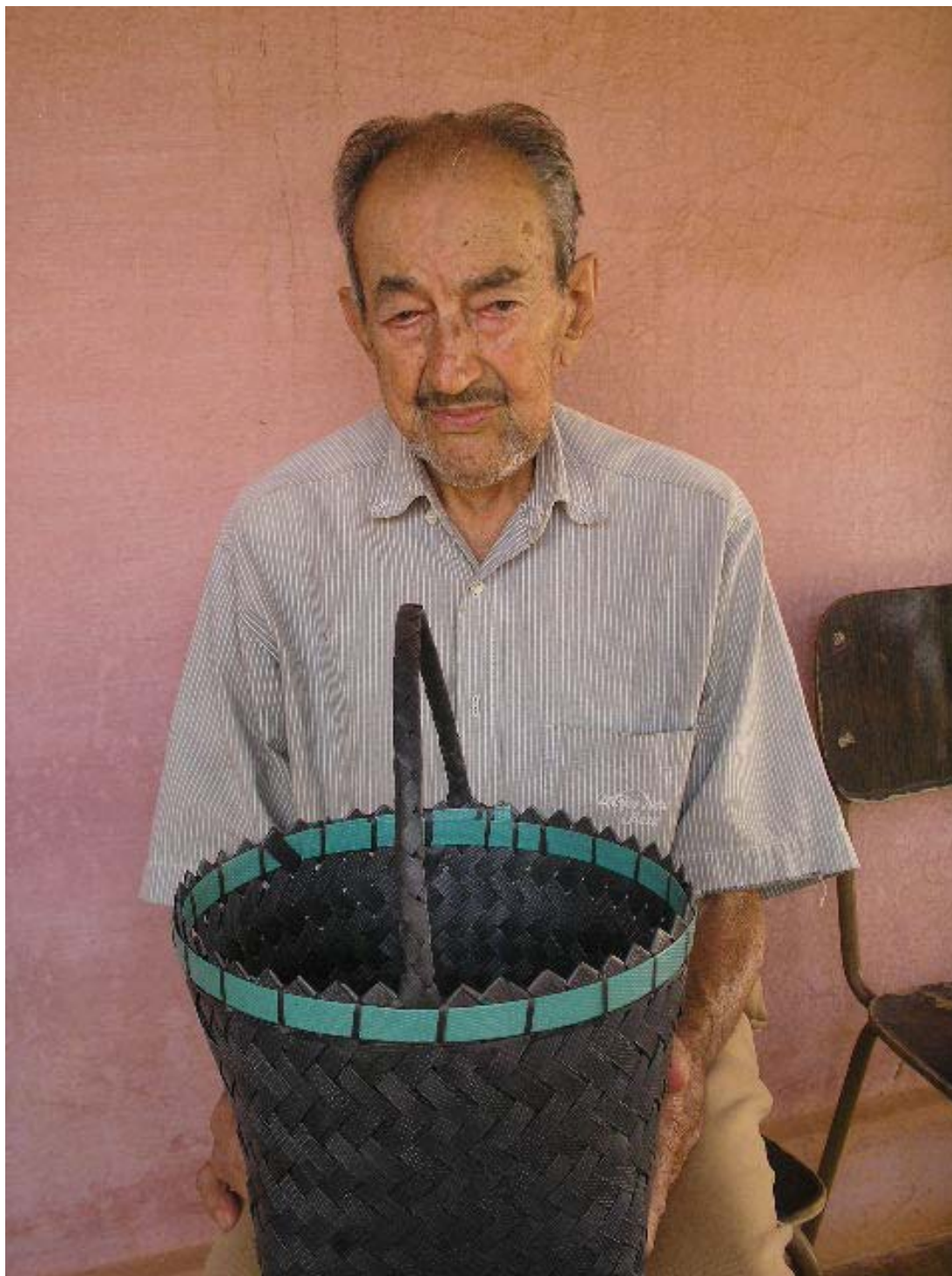


FOTO 07 – Balaieiro. Papagaios/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

## Capítulo 3 – Procedimentos Metodológicos

Desenvolver um estudo léxico-toponímico de uma determinada região significa voltar a atenção para os topônimos usados nessa região sem, contudo, desconsiderar a organização sociocultural das comunidades que a compõem, bem como a maneira como foram constituídas.

Assim, antes de explicitar os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, apresentamos uma breve descrição acerca do nosso interesse pela toponímia dessa parte do território mineiro, inserida nos municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios, destacados no mapa abaixo:



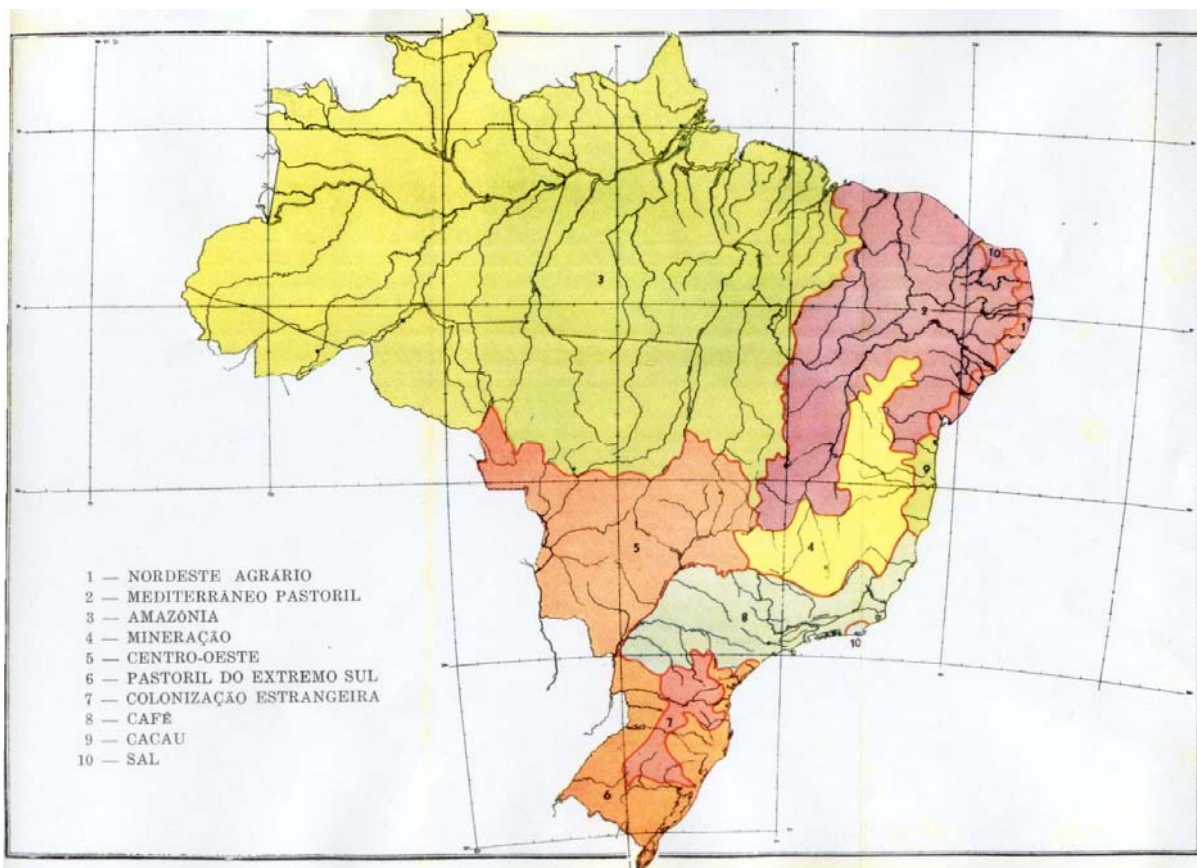
MAPA 10 – Pitangui (1), Pompéu (2), Papagaios (3)

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:MinasGerais\\_MesoMicroMunicip.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:MinasGerais_MesoMicroMunicip.svg). Acesso 20 dez. 2008.

Em seguida, apresentamos os objetivos e as hipóteses que nortearam a presente pesquisa, bem como os critérios adotados para a constituição do *corpus*, a transcrição e o tratamento dos dados.

### 3.1 A comunidade pesquisada

Estudar a toponímia do território administrado pela *figura lendária* de Dona Joaquina de Pompéu despertou nosso interesse por estar essa área inserida no centro de mineração de Minas Gerais – fins do século XVII e começo do XVIII – e, também, por integrar o espaço territorial mineiro da pecuária, conforme aponta o mapa apresentado por Diégues Júnior.



MAPA 11 – Regiões Culturais do Brasil  
Fonte: DIÉGUES JR., 1960, contracapa.

*Dona Joaquina de Pompéu* é descrita por Ribeiro (1956) como uma personalidade ímpar da região do Alto São Francisco. Grande matriarca do período setecentista mineiro, mulher de grande influência na região, *Dona Joaquina* tem sua história relacionada, sobretudo, a vastos domínios territoriais do mundo rural dessa época; no entanto, nenhum trabalho acadêmico relacionando sua história à língua e à cultura local foi, ainda, desenvolvido. Até onde iria sua influência? O que poderíamos recuperar da história social da região por meio de um estudo toponímico realizado em seus antigos domínios? Questões como essas nos motivaram a dar início a esta pesquisa.

A respeito do mundo rural, mais especificamente de sua importância na formação da cultura brasileira, Diégues Júnior (1960) aponta a *fazenda* como um ambiente de relações étnicas e culturais, um complexo cultural de onde se irradia, com o povoamento, a própria formação do Brasil. Para esse pesquisador, a fazenda traz duas contribuições importantes: de um lado, as condições do meio geográfico, com as riquezas naturais a explorar ou capazes de serem exploradas, e, de outro, os valores culturais que caracterizam a respectiva área.

### 3.2 Objetivos e hipóteses

O objetivo principal desta pesquisa é realizar um estudo lingüístico com enfoque no léxico toponímico da região onde se concentrava os domínios da matriarca mineira Dona Joaquina de Pompéu, tendo como suporte o tripé: léxico, história e cultura. Como objetivos específicos, assumimos:

- realizar um estudo toponímico em três municípios mineiros, a saber: Pompéu, Papagaios e Pitangui, que correspondem à área onde viveu Dona Joaquina de Pompéu;
- analisar a toponímia coletada em entrevistas orais, organizando-as em fichas toponímicas utilizadas pelo Projeto ATEMIG, adaptadas do modelo de Dick (2004);
- levantar aspectos socioculturais da região estudada para posterior auxílio à análise do *corpus*;
- estudar as origens dos topônimos;
- tentar agrupar esses topônimos em campos comuns.
- contribuir, através do material coletado, para a formação de um banco de dados para futuras pesquisas lingüísticas na região;
- procurar investigar casos de variação, mudança e retenção lingüísticas;
- relacionar, quando possível, os dados toponímicos coletados à figura de Dona Joaquina;
- identificar os dados toponímicos coletados e, quando possível, confrontá-los e relacioná-los ao trabalho de Seabra (2004) sobre a Região do Carmo, uma vez que nessa região nasceu Joaquina de Pompéu.

### **3.3 Metodologia**

Conforme mostramos no capítulo 1, como arcabouço teórico, para sustentar nossa análise, procedemos a leitura de diversos textos de vários autores que tratam do léxico, mais especificamente da relação deste com o ambiente, a cultura e a sociedade. Em seguida, destacamos a importância de um trabalho toponímico e inserimos nosso estudo em uma das pesquisas que se encontram em desenvolvimento no Brasil: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB – Atlas Toponímico do Brasil.

Como se trata de um trabalho toponímico, envolvendo, portanto, a sociedade e a cultura locais, propusemo-nos, no capítulo 2, a focalizar aspectos históricos da região pesquisada, conhecimentos necessários, segundo Seabra (2004, p.101), para “embasar um estudo lingüístico de nomes de lugares”.

Coletados em entrevistas orais realizadas nas áreas assinaladas no MAPA 10, nossa pesquisa sobre o léxico toponímico se desenvolveu desta maneira:

- pesquisa de campo para realização de entrevistas objetivando coleta toponímica;
- transcrição dos relatos dos entrevistados, destacando os topônimos;
- preenchimento das fichas toponímicas, com classificações e análises, seguindo metodologia de Dick (1990a, 1990b, 2004).

#### **3.3.1 PESQUISA DE CAMPO**

Como foi apresentado no capítulo 1, tradicionalmente, os estudos toponímicos que vêm sendo desenvolvidos no Brasil utilizam dados de língua escrita. Neste trabalho, seguindo metodologia já adotada por Seabra (2004), optamos por iniciar nossa pesquisa a partir de dados orais, segundo modelo laboviano – partimos do presente, fomos ao passado em busca de formas toponímicas em documentos e mapas antigos e, depois, retornamos à contemporaneidade para análise diacrônica.

### **3.3.1.1. A COLETA DE DADOS**

A coleta de dados de língua oral foi realizada por meio de 21 gravações. Em todas as entrevistas, o tema dominante foi o nome dos lugares, embora, algumas vezes, com o objetivo de deixar o entrevistado à vontade, dialogássemos sobre famílias, costumes, “causos” relacionados à Dona Joaquina ou ao casarão em que ela morou na Fazenda do Pompéu.

Com relação aos dados escritos, fez-se uma ampla pesquisa no Arquivo Público Mineiro e também nas Bibliotecas Municipais de Pompéu e Papagaios, assim como no Instituto Histórico de Pitangui.

O *corpus* se constitui de 140 topônimos (nomes próprios de lugar), coletados na região onde Dona Joaquina morou, fazendas e lugarejos situados nos municípios de Pompéu, Pitangui e Papagaios. Integramos à nossa análise mais 12 nomes, também coletados na região, que se caracterizam por serem termos genéricos, isto é, são referentes geográficos, nomeiam o acidente geográfico de um modo geral.

As entrevistas foram gravadas na casa dos informantes utilizando-se de um gravador portátil. As conversas eram sempre informais com o objetivo de minimizar o “efeito negativo” da presença do entrevistador, como propõe Tarallo (1999, p.21).

O propósito do método de entrevista sociolingüística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. De gravador em punho, o pesquisador-sociolingüista, como afirmamos, deve coletar: 1. situações naturais de comunicação lingüística e 2. grande quantidade de material, de boa qualidade sonora.

O tempo para as gravações e o número de sessões dependeram da disponibilidade e do interesse de cada informante.

### **3.3.1.2. A ESCOLHA DOS INFORMANTES**

Como em outros trabalhos já realizados na linha da sociolingüística laboviana, desenvolvidos na UFMG e inseridos no Projeto “Pelos Trilhas de Minas: as bandeiras e as línguas nas Gerais”, dentre eles os de Mendes (2000), Amaral (2003), Seabra (2004), estabelecemos que entrevistariamos:

- a) informantes com idade igual ou superior a 70 anos;
- b) preferencialmente, pessoas da zona rural;
- c) pessoas que tivessem nascido e vivido sempre na região estudada;
- d) preferencialmente, pessoas que tivessem baixa escolaridade;
- e) homens e mulheres.



FOTO 08 – Sô Bem/ Fazenda Marruás. Pompéu/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

De nossos 24 informantes, dois concluíram o Ensino Fundamental. Os 22 restantes não chegaram a completar as quatro primeiras séries, e alguns deles sequer freqüentaram uma escola, recebendo aulas da própria mãe, de irmãs, ou de alguma professora contratada pelo pai para ensiná-los a ler, escrever e fazer contas.

Com relação à idade, cinco de nossos entrevistados contavam pouco menos de 70 anos. Todos os outros estavam acima dessa idade. Na apuração dos dados sobre os informantes, computamos:

- quanto à idade: 20,83 % têm menos de 70 anos e 25%, entre 81 e 90 anos; 45,83 % estão na faixa etária de 70 a 80 anos e 8,34%, na faixa etária acima dos 90 anos.
- quanto ao sexo: 33,33% do sexo feminino e 66,67% do sexo masculino.

- quanto ao local de realização das 21 entrevistas: 4 (19,04%) foram em Pitangui; 3 (14,29%), em Papagaios; e as outras 14 (66,67%), em Pompéu, sendo que, entre os 24 entrevistados, há 12 (50%) que são naturais de Pompéu, 4 (16,66%) que nasceram em Papagaios, 5 (20,83%) são naturais de Pitangui, e os outros 3 (12,5%), naturais de Maravilhas e Pequi – locais próximos à região em estudo.
- Quanto ao grau de escolaridade; 16,66% são analfabetos; 75% não completaram o ensino fundamental; e 8,34 % fizeram até o último ano do ensino fundamental.
- Em relação à ocupação profissional: 8,34% são agricultores aposentados; 16,66% são donas de casa; 4,17%, professores rurais aposentados; outros 4,17%, ferreiros; e 4,17%, balaieiros; 12,5% são sitiantes; e os outros 45,83%, fazendeiros.

### 3.3.2 AS TRANSCRIÇÕES

À medida que as entrevistas eram realizadas, elas eram transcritas, ou seja, os dados obtidos no registro oral eram passados para o registro escrito. Para essa tarefa, adotamos as regras de transcrição utilizadas pela equipe do Projeto *Filologia Bandeirante* e, também, pela equipe do Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais* –, seguidas por Seabra (2004) no trabalho sobre a toponímia da Região do Carmo/MG. Como o objetivo dos projetos citados não era somente a observação fonética, havendo vários outros interesses (léxico, sintaxe, morfologia, etc.), a equipe optara, na época, por uma transcrição ortográfica, porém adaptada. Procurou-se conservar, nessas transcrições, elementos importantes da língua oral, como ênfase, truncamento, repetições, vozes simultâneas, pausas, supressão de vogal ou consoante, prolongamentos, etc., estabelecendo-se, desse modo, as seguintes normas:

- ✓ a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- ✓ deve ser adequada aos fins;
- ✓ deve permitir a compreensão do significado do texto;
- ✓ deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica<sup>35</sup>;
- ✓ deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma “imagem” do texto elaborado no plano da oralidade<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> FERREIRA NETTO E RODRIGUES, 2000.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

1. Nem tudo será registrado:

levando-se em consideração o que é categórico no dialeto, o alçamento das postônicas não será marcado como:

*depende = dependi*

*sobrado = subradu*

2. Serão registrados:

a) alçamento das pretônicas:

*bucaina = bocaina*

*puntinha = pontinha*

b) redução dos ditongos [ow], [ey] e [ay] será grafada ortograficamente como pronunciada:

*capuera = capoeira*

*barrero = barreiro*

*riberão = ribeirão*

*baxo = baixo*

*mando = mandou*

c) ausência do -r:

no final dos verbos: *escondê = esconder*

no meio dos nomes: *salobo = salobro*

no meio dos vocábulos: *pá = pra; pimero = primero*

d) ausência do -m final, desnasalização:

*orige = origem*

*varge = vargem*

*virge = virgem*

e) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas:

*aemprestá = emprestar*

*alembrá = lembrar*

*avoá = voar*

f) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais será marcada com apóstrofo:

*ma' = mas*

*irmão' = irmãos*

g) paragoge:

*tamburil = tamburilo*

h) iotização grafando com i:

*veio* = *velho*

*vermeia* = *vermelha*

*trabaiava* = *trabalhava*

i) epêntese – acréscimo de vogal no interior da palavra:

*adevogado* = *advogado*

*abisoluta* = *absoluta*

j) aglutinação, com apóstrofo:

*dex'eu* = *deixa eu*

*d'eu* = *de eu*

k) pronomes *ele, ela, eles, elas, eu, daquele, daquela, daqueles, daquelas, neles, nelas* e *você* serão grafados como realizados:

*ocê* = *você*

*cê* = *você*

*ês* = *eles*

*és* = *elas*

*ê* = *ele*

*nês* = *neles*

*daquês* = *daqueles*

*daqués* = *daquelas*

l) rotatização – transformação do l em r:

*Parmital* = *Palmital*

*Arto* = *Alto*

3. Indicações de:

- hesitação, pausas longas ou raciocínio perdido: serão indicadas com o sinal de reticências [...];
- pausas curtas: serão marcadas com vírgula [,];
- sentenças declarativas ou conclusão de raciocínio: serão indicadas com o sinal de ponto final [.];
- sentenças com entonação de pergunta: serão indicadas com sinal de interrogação [?];
- inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: [( )];
- comentários: [(())];

- sobreposição de fala: [{}];
- discurso direto: [“ ”];
- ênfase: maiúsculas [Por NADA];
- truncamento: barra [Deu/ dei aula [...]];
- pausa na entrevista: tracejado contínuo [-----].

Na medida do possível, procurou-se seguir essas orientações para as transcrições das entrevistas realizadas nesta pesquisa toponímica, que se encontram no *Anexo I* deste trabalho.

### 3.3.3 FICHAS LEXICOGRÁFICAS

O modelo da ficha lexicográfica adotada nesta pesquisa para análise dos topônimos é o sugerido por Dick (1990a), submetido a pequenas adaptações por Seabra (2004). Essa ficha pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo. Elas foram organizadas com fins didáticos, sendo apresentadas no capítulo 4 em ordem alfabética. A ficha lexicográfica é composta pelos seguintes campos:

<b>TOPÔNIMO:</b>	<b>TAXIONOMIA:</b>
<b>MUNICÍPIO:</b>	
<b>ACIDENTE:</b>	
<b>ORIGEM:</b>	
<b>HISTÓRICO:</b>	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b>	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b>	
<b>CONTEXTO:</b>	

**TOPÔNIMO:** corresponde ao registro do nome do lugar coletado em entrevistas orais, comprovado ou não em cartas geográficas e documentos escritos. A modalidade falada contemporânea foi priorizada no momento de preencher a ficha.

**TAXIONOMIA:** este é o campo no qual é registrada a taxa do topônimo, isto é, o nome do lugar inscrito na ficha deverá receber uma classificação ou uma taxa como, *geomorfotopônimo* para Bucaina e *antropotopônimo* para Ana Maria. As diversas classificações às quais os topônimos serão submetidos estão em 3.3.3.1, seguindo o modelo de Dick (1990b).

**MUNICÍPIO:** indica o município ao qual a localidade a que o topônimo se refere está situada.

**ACIDENTE:** trata-se do vínculo de natureza semântica que existe entre o nome e o lugar, podendo ser físico ou humano. Ao acidente físico está relacionada a geografia da região: pasto, rio, córrego, morro. Já ao acidente humano, relacionam-se os lugares habitados pelo homem e as construções por ele realizadas como: povoados, fazendas, ranchos e pontes.

**ORIGEM:** neste item é indicada a procedência do topônimo. Procurou-se classificar cada um dos topônimos em relação à sua origem lingüística tendo como base as informações contidas no campo *Informações Enciclopédicas* e, também, em dicionários citados nas fichas. Orientando-nos por Seabra (2004, p.49-50), assim classificamos a origem dos topônimos:

- a) Portuguesa: nomes oriundos de Portugal, pertencentes à língua portuguesa, que se mantiveram no território brasileiro com a mesma significação.
- b) Africana: topônimos cuja origem remetem ao continente africano, como o topônimo *Monjolo*.
- c) Indígena: vocábulos cuja origem levam a uma interpretação que remete, por exemplo, a povos indígenas como os pré-colombianos ou o indígena tupi, *Pitangui*.
- d) Hibridismo: topônimos formados por duas ou mais línguas, como, por exemplo, a língua portuguesa e a indígena, ou a língua portuguesa e a africana. *Bananeira* é um exemplo de hibridismo – africano e português – (banana + eira).
- e) n/e (não encontrado): esta abreviatura foi usada quando não se encontrou informações suficientes para esclarecer a origem do topônimo.

**HISTÓRICO:** apresenta a evolução do topônimo, com base em documentos históricos. Encontram-se, nesse ponto da ficha, as formas extraídas de informações enciclopédicas e de

documentos escritos dos topônimos coletados com o objetivo de recuperar sua evolução histórica, como se exemplifica a seguir:

- a) a substituição total de um topônimo por outro, quando esta tiver ocorrido:

*Pompéu < Buriti da Estrada*

- b) a substituição parcial do topônimo:

*Pompéu Velho < Pompéu*

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos. Apesar de, nas fichas, serem apresentadas todas as variações dos topônimos, optou-se por descrever apenas a estrutura morfológica da forma que difere da pronúncia padrão como uma tentativa de se ser fiel à fala local. Os topônimos foram agrupados nos esquemas ou estruturas morfossintáticas abaixo:

- 1) Para nomes simples:

a) N<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub>] = Nome masculino [Substantivo singular]: *Ritiro*.

b) N<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub>] = Nome masculino [Adjetivo singular]: *Pardo*.

c) N<sub>m</sub> [ADV] = Nome masculino [Advérbio]: *Baxo*.

d) N<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub>] = Nome feminino [Substantivo singular]: *Rancharia*.

e) N<sub>f</sub> [S<sub>pl</sub>] = Nome feminino [Substantivo plural]: *Maravilhas*.

f) N<sub>f</sub> [ADJ<sub>sing</sub>] = Nome feminino [Adjetivo singular]: *Catita*.

- 2) Para nomes compostos:

2.1. Masculinos:

a) NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Porto Mesquita*.

b) NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Pompéu Velho*.

c) NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>pl</sub>] = Nome Composto masculino [Substantivo Singular + Substantivo Plural]: *Martinho Campos*.

- d) NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + Prep + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto masculino [Substantivo Singular + Preposição + Substantivo Singular]: *Cipó de Chumbo*.
- e) NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub>+ {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + {Preposição + Artigo singular} + Substantivo singular]: *Arto do Paiol*.
- f) NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular} + Substantivo singular]: *Tunico da Quita*.
- g) NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep+ A<sub>pl</sub>} + S<sub>pl</sub>] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo plural} + Substantivo plural]: *Saco das Poções*.
- h) NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *São José*.
- i) NC<sub>m</sub> [P<sub>rsing</sub> + S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto masculino [{Pronome singular + Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular} + Substantivo singular]: *Outro lado do córrego*.
- j) NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>pl</sub>] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular} + Substantivo plural]: *Buriti do Campos*
- k) NC<sub>m</sub> [Q<sub>v</sub> + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto masculino [Qualificativo<sup>37</sup> + Substantivo singular]: *Padre Serrão*.

## 2.2 Femininos:

- a) NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Ana Maria*.
- b) NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Adjetivo singular} + Substantivo singular]: *Capuera da Serra*.
- c) NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Água Doce*.
- d) NC<sub>f</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Santa Cruz*.
- e) NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular} + Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular} + Substantivo singular]: *Bera do Córrego do Pari*.

---

<sup>37</sup> Utilizo-me da nomenclatura proposta por PRADO MENDES (*apud* SEABRA, 2004, p.51), que optou pela designação *Qualificativo* (Qv) para se referir a títulos honoríficos.

No caso dos antropotopônimos – classificação dada ao “nome de lugar” constituído a partir de designativos pessoais – e dos topônimos cujo segundo termo é um designativo pessoal, acrescentou-se a classificação:

- *Prenome* para nome da pessoa.
- *Apelido de família* para sobrenome.
- *Hipocorístico* para tratamento familiar carinhoso.

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: neste campo, registram-se informações sobre o topônimo estudado. São tais informações que embasam a classificação sobre a origem, a estrutura morfológica e a taxionomia. Para esse fim, valemo-nos das seguintes obras:

- ✓ *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau;
- ✓ *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva;
- ✓ *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado;
- ✓ *Aurélio Eletrônico*, dicionário baseado na edição impressa do *Novo Dicionário Aurélio*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.
- ✓ *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, de Antônio Geraldo da Cunha;
- ✓ *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, de Yeda Pessoa de Castro;
- ✓ *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, de Rosario Farani Mansur Guérios;
- ✓ *Vocabulário tupi-guarani português*, de Francisco da Silveira Bueno;
- ✓ *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*, de Waldemar de Almeida Barbosa;
- ✓ *1º Censo cultural de Minas Gerais: guia da Região Central*, preparado pela Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.

CONTEXTO: este item foi reservado para mostrar as referências ao topônimo em contextos orais e em contextos escritos, quando encontrados.

### **3.3.3.1. AS TAXIONOMIAS TOPONÍMICAS**

As motivações toponímicas foram examinadas sob o ângulo do ambiente físico e social. Consideramos, neste trabalho, que a denominação dos lugares remete o homem a um determinado contexto antropocultural, postura baseada em Sapir (1969), que diz não acreditar na forma ambiental isolada. Para o autor, os fatores físicos abrangem aspectos geográficos, o

clima e a base econômica da vida humana – o que inclui fauna, flora e recursos minerais do solo. Já os fatores sociais estão relacionados às várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo.

Seabra (2004, p.55), em concordância com Sapir, esclarece que, embora haja dois grupos de fatores ambientais, o fator físico só se reflete na língua quando, sobre ele, atuou a força social, ou seja, “o surgimento de um símbolo lingüístico reporta-se à influência da parte social do ambiente”. Os topônimos, assim como os símbolos, possuem certo vínculo social com o objeto que representam, bastando apenas encontrar essa motivação. Seabra (2004, p.55) afirma que em um estudo toponímico tal fato é bastante evidente, uma vez que no léxico “se enxerga a cultura de um povo.”

Para classificar os nomes encontrados de acordo com seus aspectos taxionômicos, seguiu-se, na medida do possível, as taxionomias toponímicas sugeridas por Dick (1990b), que distribuiu sua classificação em 27 taxes diferentes: 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural. No entanto, neste trabalho, foram utilizadas só 20 taxes: 8 de natureza física e 12 de natureza antropocultural, uma vez que as outras 6 não se fizeram presentes nos dados coletados.

#### **3.3.3.1.1 TAXIONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA**

- Astrotopônimos – classifica-se o topônimo com essa taxa quando ele se refere aos corpos celestes em geral.
- Cardinotopônimos – topônimos relativos às posições geográficas.
- Cromotopônimos – topônimos que de alguma forma se referem à escala cromática como em *Pardo*.
- Dimensiotopônimos – classifica-se o topônimo com essa taxa quando ele se refere às características dimensionais dos acidentes geográficos: *Baxo*.
- Fitotopônimos – são topônimos relativos à flora, um fator referencial importante para várias regiões do Brasil, em especial Minas Gerais, na medida em que retrata o meio ambiente do passado: *Peroba*, *Pindaíba*.

- Geomorfotopônimos – fazem referência ao relevo e às elevações e depressões do solo, o que permite que se observem etapas sucessivas do povoamento brasileiro. São exemplos de Geomorfotopônimos: *Bucaina, Murrin*.
- Hidrotopônimos – classifica-se o topônimo com essa taxa quando ele se refere aos acidentes hidrográficos, ainda que se manifestem em ambientes diferentes: *Lagoa da Cruz, Água Doce*.
- Litotopônimos – topônimos relativos aos minerais e à constituição do solo como em *Ouro*.
- Meteorotopônimos – classifica-se o topônimo com essa taxa quando ele faz referência a fenômenos atmosféricos.
- Morfotopônimos – topônimos que refletem as formas geométricas, como em *Furquilha*.
- Zootopônimos – são topônimos relativos à fauna, representados por animais domésticos. São exemplos de Zootopônimos: *Papagaio, Mandaçaia*.

### 3.3.3.1.2 TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL

- Animotopônimos ou Nootopônimos – referem-se à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano. Por exemplo: *Bom Jardim, Catita*.
- Antropotopônimos – são os topônimos relativos aos nomes próprios individuais, prenomes, apelidos de família e alcunhas, como em *Martinho Campos, Pedro Nolasco*.
- Axiotopônimos – fazem referência aos títulos que acompanham os nomes próprios individuais, como em *Pade Serrão*.
- Corotopônimos – são topônimos relativos aos nomes de cidades, estados, países, regiões e continentes.
- Cronotopônimos – são topônimos que encerram indicadores cronológicos, como *Provisório*.
- Dirrematopônimos – são constituídos por frases ou enunciados lingüísticos, expressões cristalizadas, ou seja, sintagmas semantizados, como *Oto lado do corgo*.
- Ecotopônimos – referem-se às habitações, por exemplo: *Rancho Alegre, Casa Nova*.
- Ergotopônimos – referem-se a elementos da cultura material do homem: *Fazenda Portera*.
- Etnotopônimos – referem-se a grupos étnicos, isolados ou não, como em *Fazenda Paulista*.

- Hierotopônimos – nessa taxa, encontra-se a toponímia de origem religiosa, isto é, os nomes sagrados de diferentes crenças e religiões, além dos locais de culto e datas relativas a esses fatos. Os hierotopônimos apresentam duas divisões: a) Hagiotopônimos; e b) Mitotopônimos. Os Hagiotopônimos referem-se aos nomes de santos e santas da religião católica romana: *São José, São Francisco*. Já os Mitotopônimos são os topônimos referentes ou que recordam entidades mitológicas.
- Historiotopônimos – referem-se aos movimentos de cunho histórico-social, aos seus membros e às datas correspondentes.
- Hodotopônimos – referem-se às vias de comunicação tanto urbanas quanto rurais. São exemplos de Hodotopônimos: *Pontinha, Ponte Velha*.
- Numerotopônimos – quando fazem referência aos numerais.
- Poliotopônimos – referem-se aos aglomerados populacionais, aldeias, cidades e povoados, como em *Arraialzinho*.
- Sociotopônimos – referem-se às atividades profissionais, bem como aos locais de encontro de membros de uma comunidade: *Porto Mesquita, Contage*.
- Somatopônimos – são aqueles topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou dos animais.

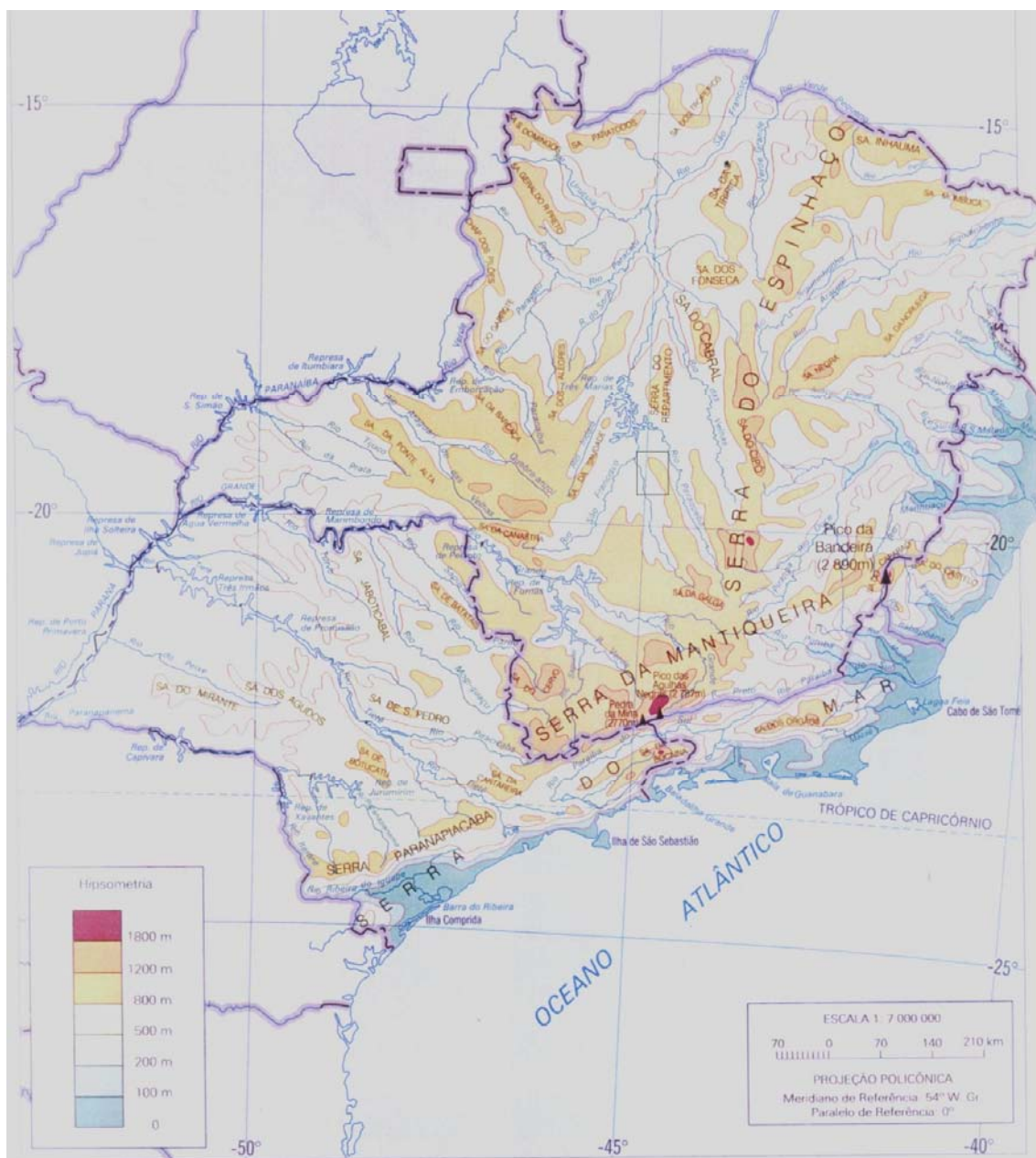
Passemos, no próximo capítulo, à apresentação, à descrição e à análise dos dados, preenchidos em fichas toponímicas modelo Dick (2004).



FOTO 09 – Fazenda Pedro Nolasco. Pitangui/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

## Capítulo 4 – Apresentação e Análise dos Dados

O mapa, apresentado a seguir, situa e destaca a região de Minas Gerais na qual se realizou a pesquisa de campo para a coleta dos dados. Pode-se observar que a região em estudo fica à esquerda da Serra do Espinhaço: mais que uma cadeia de montanhas, a serra do *Espinhaço* divide o estado de Minas separando a mata Atlântica da zona do cerrado, integrando a região em estudo à bacia do rio São Francisco (cf. cap.2, MAPA 05).



MAPA 12 – Domínios de Dona Joaquina de Pompéu em Minas Gerais (destaque nosso)  
Fonte: IBGE, 2002, p.116.

A seguir, fazemos um recorte da região analisada para que se tenha uma melhor visualização da área.



MAPA 13 – Recorte da região dos domínios de Dona Joaquina de Pompéu (destaque nosso)  
Fonte: IBGE, 2002, p.116.

Os topônimos coletados em entrevistas orais, realizadas na área descrita, constituem os *corpora* para a realização da análise que, neste capítulo, é apresentada, para fins de sistematização, em fichas, adaptadas do modelo Dick (2004). São 140 topônimos, apresentados em ordem alfabética, transcritos conforme mostram as regras já citadas em 3.3.2.

Os campos dos quais as fichas se compõem são, também, especificados no capítulo 3, em 3.3.3. Optou-se por utilizar, no campo “contexto”, parte das entrevistas e dos documentos, encontrando-se os mesmos, na íntegra, para consulta, no volume “Anexos” que acompanha este trabalho.

Além dos 140 topônimos, construímos 12 fichas toponímicas para analisar nomes que *descrevem* lugares da região. Assim sendo, na apresentação de nossos dados, apresentamos duas categorias toponímicas:

4.1. Nomes geográficos: são os nomes próprios de lugares; são específicos.

4.2. Referentes geográficos: são signos toponímicos mais abrangentes, genéricos; apresentam as seguintes características:

- a) nomeiam o acidente geográfico;
- b) são termos descritivos;
- c) podem ou não adquirir estatuto de “nome próprio”.

Passemos à apresentação e à análise dos topônimos.

#### 4.1 Nomes Geográficos

<b>1. TOPÔNIMO:</b> Água Doce	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + ADJsing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.1, p.172) registra o termo <i>água doce</i> “água dulcis”, ou então apenas “agoa”: “fluido”, “frio”, “claro”, e “transparente”. Em Morais (1823, v.1, p.68), <i>água</i> é o “corpo líquido, transparente, sem gosto, cheiro, ou sabor, de que usamos para beber, lavar. Talvez impregnado de sais e outras matérias heterogêneas como água do mar [...]”. Para Machado (1984, p.62), o topônimo <i>água</i> (do substantivo feminino água) é muito freqüente, sobretudo, em compostos: “Água Alta, Água Branca; Olhos de Água [...]”. Machado (1984, p.62) também registra o composto <i>Água Doce</i> que, segundo ele, tem origem e significação evidentes. Ferreira (2004) registra <i>água</i> como “líquido incolor, sem cheiro ou sabor, essencial à vida; congela a 0°C e entra em ebulição a 100°C”, e doce como aquilo que “tem sabor como o do mel ou o do açúcar”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“ <i>Inf.: Pá trás era tudo mato virge. Tem as Peroba’ que é de João Manuel, Lagoinha, Água Doce.</i> ” (Entrevista 7, p.27, L. 194-195).	
➤ <b>Documento escrito</b>	
“ <i>...Cazal toda esta defesa pois que Se pello A não foraõ tam de batida ertam.<sup>1e</sup> elles tirariam estas fazendas e escravos como pertenderam, e Logo a pareceria os erdr.<sup>os</sup> do falcido Cap.<sup>m</sup> Mor Feles que estavam a merce pois que tinham Igoal papel da Fazenda da Agua Doce e Se não a posuiram foi por ver o rrezultado daqueles [...]</i> ”. (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc. 60 – Fól. 1A – s/d). (Cf. Anexo VI, P.93).	

<b>2. TOPÔNIMO:</b> Alto do Canavial	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCm [ADJsing + {Prep + Asing } + Ssing]	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.1, p.300) registra várias acepções para o vocábulo *alto*: “rochedo muito alto”, “levantado”, “homem de alto nascimento”, “homem de alta altura”. Morais (1813, v.1, p.333) define *alto* como: “erguido, levantado. De estatura grande, de elevação grande. Ilustre [...]”. Conforme Ferreira (2004) *alto* é algo de “grande extensão vertical; elevado.” Machado (1984, p.112) afirma que o adjetivo *alto* é freqüente na composição de topônimos, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Morais (1813, v.3, p.108) define *cana* como “planta que nasce em lugares úmidos, que deita uma haste acompanhada de espadanas, ocas, com nós: a cana de açúcar é semelhante no feitio, mas cheias por dentro [...]”. Ferreira (2004) mostra que o substantivo *canavial* é estruturado da seguinte forma: “[do lat. *canna*, ‘junco’, + *avena*, ‘talo de palha de aveia’) + -al.]; e com o significado de plantação de cana-de-açúcar” ou ainda “plantação de cana de açúcar. Machado (1984, p.332) registra *Canavial* como topônimo em Portugal e no Brasil.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“...*Da Chácara, à Barra, da Barra, Buriti Furtuoso, Furtuoso ao... Furtuoso ao/ ao ...Alto do/ Alto do Canavial. Do Alto do Canavial à Grota Vermeia, da Grota Vermeia ao Morro de Pedra, do Morro de Pedra, o Corgo das/ da Lajinha, que é o corgo das criola, falava antigamente.*” (Entrevista 10, p.34, L. 62-65).

➤ **Documento escrito:** n/e

**3. TOPÔNIMO:** Amurim

**TAXIONOMIA:** Antropotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Amurim < Amorim

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing] (apelido de família)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Mansur Guérios (1973, p.54) define *Amorim* como “sobrenome português toponímico, primit. genitivo lat. *Amorini*, de *Amorius*, deriv de *amor*; cf. o sobr. it. *Amorini*. Do nome de pessoa tornou-se topônimo que, por sua vez, passou novamente a antropônimo. – ‘Trazem sua origem da Galiza’.” Machado (1984, p.127) apresenta *Amorim* como um topônimo em: “Barcelos, Feira, Figueira da Foz, Póvoa do Varzim, Santarém [...] Galiza: Lugo”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Amurim, eu nun sei mas... Amurim foi de Antônio Gonçalves Pereira, era o dono do Amorim.*” (Entrevista 10, p.36, L. 167-168)

➤ **Documento escrito**

*Amorim* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**4. TOPÔNIMO:** Ana Maria

**TAXIONOMIA:** Antropotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico/ córrego e pasto

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + Ssing] (prenome composto)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Mansur Guérios (1973, p.54) registra “Ana, hebr. Hanah, Hannah ou Khanah: graça, clemência, mercê”; e Maria “de uma língua semítica: senhora (?)”. Machado (1984, p.128) informa que *Ana* é topônimo em Lisboa, Monforte: “há vários lugares com nomes compostos em que entra Ana: Ana da Silva, Ana de Vargas, Ana Loura, etc.”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Porque era/ tinha uma/ um corgo que chamava Corgo da *Ana Maria*. E o pasto da *Ana Maria* era lá nesse tal lugar desse corgo. Até hoje tem o corgo lá da *Ana Maria*”. (Entrevista 14, p.47, L. 92-94)

➤ **Documento escrito**

*Ana Maria* (Carta de Pompéu, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**5. TOPÔNIMO:** Arto do Paiol

**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/ fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Arto do Paiol ~ Alto do Paiol

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCm [ADJ<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** *Alto* aparece em Bluteau (1712, v.1, p.300) com várias acepções: “rochedo muito alto”, “levantado”, “homem de alto nascimento”, “homem de alta altura”, “grande”, “generoso”, “nobre”. Em Morais (1813, v.1, p.108): “Alto, adj. erguido, levantado. De estatura grande, de elevação grande. Ilustre [...]” Em Ferreira (2004) *alto* é algo de “grande extensão vertical; elevado.” Machado (1984, p.112) afirma que *alto* é um topônimo freqüente: “Do s.m. alto. Há também o plural Altos, Évora, Resende, Setúbal; no Brasil: Piauí, Santo Antônio do Alto, Faro, ermida reedificada em 1754 num outeiro na freguesia da Sé; assim se chama também uma herdade na freguesia de São Pedro e uma horta na da Sé”.

*Paiol* é descrito por Bluteau (1712, v.6, p.187) como o local mais baixo de um navio, “separado e fechado, onde se guarda a pólvora em barris.” Morais (1813, v.2, p.383) afirma que paiol é um lugar no navio onde se guarda mantimentos, carga de pólvora e pimenta. Segundo Machado (1984, p.1117), *Paiol* é um “topônimo encontrado em Portugal nos seguintes lugares: “Alenquer, Castelo de Vide, Lisboa (pátio, beco, largo), Meda, Porto (rua)” e, também, encontrado na ilha da Madeira. É considerado um apelido antigo”. *Paiol* é descrito no Ferreira (2004) como “depósito de pólvora e de outros petrechos de guerra”, ou então, “qualquer compartimento destinado à guarda ou armazenamento de materiais ou gêneros de qualquer espécie”.

**CONTEXTO:**

<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“E daí acima até o arto /até o... do Costa, discia Costa, <u>Arto do Paiol</u> ao Riacho Fundo. Agora Riacho Fundo a esquerda Papagaio, à direita Pitangui.”</i> (Entrevista 10, p.34, L. 69-70).</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>“Com o município de Pitangui: Começa no Riacho Fundo, na foz do córrego que vem do <u>alto do Paiol</u>; desce pelo Riacho Fundo, até sua foz no ribeirão Dareia e por este até a foz do córrego do Amorim”.</i> (Anexo da Lei 1039 de 12/12/1953 – Quadro da Divisão Territ., Admin. Judiciária do Estado para o quinquênio 1954-1958). (Cf. Anexo VIII, p.112-113).</p>
--

<b>6. TOPÔNIMO:</b> Bananera	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (palavra de origem africana + sufixo português -eira)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Bananera &lt; Bananeira</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Morais (1813, v.1, p.257) define <i>bananeira</i> como “planta à qual é um tronco, que consta de várias sobrecapas, e folhas que o coroam grandes, e largas; produz o seu fruto em cachos, que constam de várias pencas; é o mesmo a que na Ásia chamam figo”. Machado (1984, p.211) apresenta apenas o topônimo <i>Banana</i> que, segundo o autor, é uma cidade na Foz do Rio Zaire. “De banana, nome de fruto, com origem na Guiné que os portugueses difundiram para vários idiomas [...]”. Ferreira (2004), define <i>bananeira</i> como “grande erva da família das musáceas cujas folhas, amplas, têm bainhas que se enrolam umas nas outras, formando um pseudocaulé, e cujo verdadeiro caule é um rizoma subterrâneo, que dá origem a novas bananeiras. As flores, e depois os frutos, dispõem-se em cachos; os frutos, saborosos, e de grande poder alimentício, são bagas, cujas sementes já não existem”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Num sei o motivo. Parece que tinha uma árvore lá que... chamava <u>bananera</u> né? Parece que é por isso. Eu num tenho assim muita certeza”.</i> (Entrevista 5, p.16, L. 16-17)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Bananeira</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).</p>	

<b>7. TOPÔNIMO:</b> Barra	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Segundo Bluteau (1712, v.2, p.52), <i>barra</i> “é uma entrada de porto, que por nenhuma outra parte se pode entrar, nem sair dele, senão por ela”. Para Morais (1813, v.1, p.265) <i>barra</i> é um termo náutico que significa “entrada para algum</p>	

porto por entre dois lados de terra firme. [...]”. De acordo com Machado (1984, p.220), *Barra* é topônimo em “Barcelos (Monte da Barra), Braga, Felgueiras, Figueira da Foz, Mangualde, Mira, Ovar, Resende. [...] Aparece em numerosos compostos: Barra a Barra, Barra Bonita, Barra Cheia, Barra Nova, Cabo da Barra, Barra da Estiva [...]”. Para Ferreira (2004) *barra* pode ser a “foz de um rio ou de riacho” e também o “leito tosco e sem cabeceiras”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“...Da Chácara, à Barra, da Barra, Buriti Furtuoso, Furtuoso ao... Furtuoso ao/ ao ...Alto do/ Alto do Canavial. Do Alto do Canavial à Grota Vermeia, da Grota Vermeia ao Morro de Pedra, do Morro de Pedra, o Corgo das/ da Lajinha, que é o corgo das crioula, falava antigamente.” (Entrevista 10, p.34, L. 62-65).

➤ **Documento escrito**

“...da Fazenda da Barra e o Antonico vaquero pratico da quela Fazenda por cujo motivo e tirada dez potica do Reo perdesse duas Malhadas de gado da varje...” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.60 – Fól. 8A – s/d). (Cf. Anexo VI, P.107).

**8. TOPÔNIMO: Barrero**

**TAXIONOMIA: Litotopônimo**

**MUNICÍPIO:** Pitangui

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Barrero < Barreiro

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.2, p.52), com relação a *barreiro*, informa que “assim foi chamado um lugar de Roma, em que havia muito barro” e também a “barreira de tirar barro”, mesmo significado apresentado por Moraes (1813, v.1, p.266). Machado (1984, p.221) afirma que *Barreiro* é um topônimo muito freqüente “em Portugal e na Galiza, tal como Barreiros. Do substantivo masculino barreiro, ‘lugar donde se tira barro’”. Segundo Ferreira (2004), *barreiro* pode ser a “eflorescência salino-salitrosa dos terrenos baixos do vale do rio São Francisco, ou de mata, muito procurada pelo gado e outros animais, que vão lambar a terra por causa do sal”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Tá perto da divisa com/ dexo've, engraçado eu acho que a Fazenda do Barrero dividia é com ... hoje dividia é com Martinho Campos.”. (Entrevista 9, p.32, L. 60-61)

➤ **Documento escrito**

“Remetida ao Cap.<sup>am</sup> Com.<sup>de</sup> Carlos Caetano Monteiro para que no caso de não resultar prejuizo aos Regios Intereces da factura da Ponte, que se pede, consinta nella, ficando huma das tres chaves na mão do Comand.<sup>e</sup> do Reg<sup>o</sup>, mais visinho a d.<sup>a</sup> Ponte. V.<sup>a</sup> Rica 11 de Abril de 1807. [...] como herdeiros do Cap.<sup>m</sup> Ignacio de Oliveira Campos das fazendas do Barreiro, e do Pompéo, por entre as quaes corre o riacho denuminado o Rio do Peixe que he...” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.35 – 11/04/1807). (Cf. Anexo IV, P.80).

<b>9. TOPÔNIMO:</b> Baxo	<b>TAXIONOMIA:</b> Dimensiotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/ pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Baxo &lt; Baixo</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [ADV]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.2, p.73) registra “baxo” ou baixo como o contrário de alto. Morais (1813, v.1, p.252) registra baixa e acrescenta que alguns autores ao escrever tiraram o i, ficando baxa. Para Morais (1813, p.253) baixura é o oposto de altura. Em Ferreira (2004) baixo é aquilo que “está inferior ao seu nível ordinário”. Machado (1984, 206) mostra que <i>Baixo</i> “entra na composição de muitos topônimos de Portugal e do Brasil. Indica localidade que, em relação a outra, geralmente com o mesmo nome [...], se encontra em ponto de menor altitude.”</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Ah, lá tinha Mata do Salobo, ah..., Mata do Salobo..., Varge do (Pos) Peixe, Varge do Jacaré, o oto era <u>Pasto de Baxo</u>. E isso tem vários nome de pasto.” (Entrevista 7, p.25, L. 88-89)</p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>	

<b>10. TOPÔNIMO:</b> Bêra do Córrego do Pari	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/ pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (português + indígena)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Bêra do Córrego do Pari &lt; Beira do Córrego do Pari</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + {Prep + Asing} + Ssing + {Prep + Asing} + Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.2, p.87), apresenta <i>Beira</i> como uma “província portuguesa entre o Mondego e o Douro”. Em Morais (1813, v.1, p.274) <i>beira</i> é descrita como “borda, ribanceira, do mar, do rio: margem [...]”. Segundo Machado (1984, p.232) <i>Beira</i> é um topônimo em “Três províncias de Portugal; cidade de Moçambique; localidade do Maranhão (Brasil). A noção da unidade regional que se entende genericamente por <i>Beira</i> talvez tenha aparecido em fins do século XII, após a fundação dos castelos e concelhos da Guarda, Covilhã e limítrofes.” Ferreira (2004) define <i>beira</i> como: “borda, margem, orla”.</p> <p>Bluteau (1712, v.3, p.563) registra <i>córrego</i> como “água que corre a modo de um rigueiro”. Morais (1813, v.1, p.476) define <i>córrego</i> como “regueiro d’água que sai de tanque. [...] Caminho estreito entre montes. [...] às vezes os córregos d’água são de enxurrada, e nas Minas tira-se nele ouro”. Machado (1984, p.454) apresenta a variação <i>Córrego</i> que é topônimo em Felgueiras, Guimarães, V.N. de Famalicão; na Galiza: Orense; freqüente no Brasil, onde ocorre <i>Córregos</i> em Minas Gerais e Santa Catarina. O mesmo autor registra as variações <i>corgo</i> e <i>corgos</i>.</p>	

*Pari* – termo tupi - é definido por Silveira Bueno (1998, p.265) como “pesqueiro, lugar cercado para apanha; peixe, curral”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Tem, tem Pasto do Capão. Tem Pasto da/da Bêra do Córrego do Pari. E é só.*” (Entrevista 15, p.50, L. 52)

➤ **Documento escrito:** n/e

**11. TOPÔNIMO:** Boi Pintado

**TAXIONOMIA:** Zootopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/povoado

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Em Bluteau (1712, v.2, p.171), encontramos *boi* como “animal quadrúpede, cornífero. É touro capado para engordar e servir no arado”. E em Morais (1813, v.1, p.287): “o macho da espécie *vacum* [...]”. *Boi* é para Ferreira (2004) “o touro castrado usado no trabalho de carga e na alimentação.” Machado (1984, p.262) apresenta *boi* como um topônimo, algo freqüente, do qual o autor não dispõe de elementos para afirmar que em todos os casos se trata de aplicação do substantivo masculino que designa o nome do animal. Ele também cita alguns topônimos compostos formado a partir de *boi*: *Boi Morto*, *Boi Vivo*, *Monte do Boi*.

Morais (1813, v.2, p.453) registra *pintado* apenas como particípio passado de *pintar*, verbo que significa “aplicar cores com o pincel”. Em Ferreira (2004) *pintado* é apresentado com vários significados, dentre eles: “representado por meio de pintura; cheio de pintas, mosqueado; que tem cores, colorido”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Boi Pintado e Carrapicho é junto, é pirtim um do outro.*” (Entrevista 20, p.66, L. 112)

➤ **Documento escrito**

***Boi Pintado*** (Carta de Pará de Minas, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**12. TOPÔNIMO:** Bom Jardim

**TAXIONOMIA:** Animotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/povoado

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v. 2, p.147) registra vários significados para *bom*, dentre eles aquilo que tem bondade natural, que é formoso, ou bom moralmente. Em Morais (1813, v.1, p.289), *bom* aparece como “o que é útil para a conservação física, ou restituição de alguma coisa a seu estado natural [...]. Que tem utilidade e préstimo [...]. Que é conforme a lei moral [...]”. Segundo Ferreira (2004), o adjetivo *bom*, “do latim *bonu*, significa aquilo que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função, ou, aquele que é benévolo, bondoso, benigno”.

Em Bluteau (1712, v.5, p.15) *jardim* é um pedaço de chão em que se dispõe o cultivo das flores. Conforme Morais (1813, v.2, p.187) *jardim* é “uma porção de terra cultivada, e plantada de flores”. De acordo com Ferreira (2004) *jardim* é o “terreno, em geral com alamedas, onde se cultivam plantas ornamentais, úteis, ou para estudo”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Pois é. E/e Bom Jardim, aonde nós morô dezesseis ano.” (Entrevista 20, p.66, L. 104)

➤ **Documento escrito**

**Bom Jardim** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**13. TOPÔNIMO: Brejo**

**TAXIONOMIA: Hidrotopônimo**

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico/ córrego e pasto

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Em Bluteu (1712, v.2, p.188), *brejo* aparece como “planta silvestre que tem a cor e as folha como de alecrim. Dá flores na primavera e no outono”. E brejoso como lugar muito úmido. Morais (1813, v.1, p.300), acrescenta: “terra úmida, lodosa, alagadiça, que serve para arzoaes [...]”. Em Machado (1984, p.282), *brejo* é um topônimo freqüente “tal como Brejos; na Galiza há Brejo e Breijo (Corunha)”. Em Ferreira (2004) encontra-se *brejo* com a seguinte definição: “terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, e em geral fértil em virtude dos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Pois é. Pois é. No denominar as localidade aí pegô essa parte. É uma história de Dona Joaquina. Porque, ele era denominado Pasto das Ovelha que era pra onde ela so(l)tava as ovelhas dela. E era cercado por valos feito pelos escravo e dois córrego. Pegava no Córrego da Capuera da Serra que é o de lá, subia e discia no Córrego do Brejo que é o córrego da Fazenda Cercado.” (Entrevista 2, p.10, L. 66-70)

➤ **Documento escrito**

**Brejo** (Carta de Pompéu, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

<b>14. TOPÔNIMO:</b> Brejão	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> brejão &lt; *brejal</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Em Bluteau (1712, v.2, p.188), <i>brejo</i> aparece como “planta silvestre que tem a cor e as folhas como de alecrim. Dá flores na primavera e no outono”. Não há a forma <i>brejão</i>. Morais (1813, v.1, p.300) define <i>brejo</i> como: “terra úmida, lodosa, alagadiça, que serve para arrozaes [...], mas, também, não cita <i>brejão</i>. Machado (1984, p.282) registra <i>Brejão</i> como um topônimo de Monquique. “Aument. de brejo [...]. Também se diz <i>Brijão</i>”. Ferreira (2004) não apresenta <i>brejão</i> e sim brejal, que segundo a definição é um “brejo grande”. Cunha (1982, p.123) afirma que a origem de brejo é controvertida, sendo brejal o mesmo que brejo grande.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “E tinha, a do Zezé era <i>Brejão né?</i>” (Entrevista 20, p.67, L. 167)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Brejão</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).</li> </ul>	

<b>15. TOPÔNIMO:</b> Bucaina	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/campo; humano/ fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Segundo Ferreira (2004), <i>bocaina</i> é: “depressão numa serra”; “vale ou canhada entre duas elevações do terreno”; “entrada de canal ou de rio.” Machado (1984, p.260) registra <i>Bocaina</i> como “topônimo no estado de São Paulo (vila, rio e serra). Do s.f. <i>bocaina</i> (der. de boca), depressão numa serra [...]”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Não. Aqui num tem isso não. Eu tenho uma fazenda lá, tem um nome. Agora o nome é por conta da posição. É <i>BUCAINA</i>. E de fato ela é uma <i>bucaina</i>.” (Entrevista 1, p.7, L. 193-194)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Bocaina</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).</li> </ul>	

<b>16. TOPÔNIMO:</b> Buracão	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ povoado</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.2, p.209) apresenta <i>buraco</i> como: “furo, abertura ou cavidade que fez furando. Concavidade numa árvore, parede rocha, em que os pássaros, ou qualquer animal, faz seu ninho”. Morais (1813, v.1, p.307) define o termo como: “furo, abertura, cova, concavidade [...]”. Em Machado (1984, p.294), <i>buraco</i> é apresentado como um topônimo freqüente. Segundo o autor também há Buracos: “Lisboa e Setúbal; ver ainda Aldeia dos Buracos”. Ferreira (2004) define <i>buraco</i> como: “depressão natural ou artificial da superfície externa de um corpo; cavidade”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p><i>Pesq.: Povoado igual a Pindaíba aqui, tem outros por aqui?</i></p> <p><i>Inf.: Tem Buracão.</i></p> <p><i>Pesq.: Buracão?</i></p> <p><i>Inf.: É, prá cá.</i></p> <p><i>Pesq.: Por que será que é Buracão? É dentro de um buraco?</i></p> <p><i>Inf.: Tá tudo das casa, tudo dentro do buraco, cê tem/ cê chega cá em cima olha tudo lá em baxo. Os buraco lá em baxo.”</i> (Entrevista 18, p.57-58, L. 44-50)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b></p> <p><i>Buracão</i> (Plano Rodoviário do Município de Pitangui. ESTADO DE MINAS GERAIS – MUNICÍPIO DE PITANGUI - Esc. 1:75.000; 1977)</p>	

<b>17. TOPÔNIMO:</b> Buriti Cumprido	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (indígena + português)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCm [Ssing + ADJsing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Para Silveira Bueno (1998, p.79) <i>buriti</i> é palavra de origem tupi: “de <i>mbyriti</i>, palmeira que emite líquido (<i>Mauritia Vinifera</i>). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”. Ferreira (2004) também define <i>buriti</i> como uma palmeira: “dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; coqueiro-buriti, buritizeiro, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu”.</p> <p>Bluteau (1712, v.2, p.418) afirma que utilizamos o adjetivo <i>comprido</i> quando referimos a “extensão dos corpos e de outras coisas que se podem medir”. Em Morais (1813, v.1, p.431), <i>comprido</i> é o mesmo que longo, completo, dilatado. Para Machado (1984, p.439)</p>	

*Comprido* é topônimo, que pode ser encontrado na Ponta da Ilha do Faial e, também, no Brasil onde denomina freqüentemente “povoados”, “morros”, “rios”, “lagos” e “lagoas”. Sobre o adjetivo *comprido*, Ferreira (2004) diz: “extenso no sentido longitudinal; longo”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Não. Aqui na cidade é que tem... *Buriti do Campos, Buriti num sei de que, Buriti Cumprido.*” (Entrevista 16, p.52, L. 69-70)

➤ **Documento escrito**

*Buriti Comprido* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**18. TOPÔNIMO:** Buriti do Atolero

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/ fazenda

**ORIGEM:** híbrida (indígena + português)

**HISTÓRICO:** Buriti do Atolero < Buriti do Atoleiro

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Para Silveira Bueno (1998, p.79), *buriti* tem sua origem em “*mbyriti*, palmeira que emite líquido (*Mauritia Vinifera*). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”. Ferreira (2004) também define *buriti* como uma palmeira: “dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; coqueiro-buriti, buritizeiro, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu”.

*Atoleiro* é definido por Bluteau (1712, v.1, p.637) como o “lugar cheio de lodo”. Para Morais, (1813, v.1, p.224) o substantivo *atoleiro* é o mesmo que “chão muito embebido de água que cede facilmente ao passo [...]”. Ferreira (2004) aponta como sinônimo de *atoleiro*: “atolador, atoladoiro, atoladouro, atoleado, atascadeiro, atascal, atasqueiro. V. *pântano*”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Tem ué tem o Pompéu Velho, tem o Pompéu Velho.... tem o Marruás, tem o Palmital, *Buriti do Atoleiro, Bananera, Capuera da Serra e vai saindo, Saco Barrero, Portera.*” (Entrevista 2, p.9, L. 40-41)

➤ **Documento escrito**

*Buriti do Atoleiro* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**19. TOPÔNIMO:** Buriti do Campos

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/ fazenda

**ORIGEM:** híbrida (indígena + português)

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>pl</sub>] (S + Prep + apelido de

família)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Para Silveira Bueno (1998, p.79), *buriti* vem “de *mbyriti*, palmeira que emite líquido (*Mauritia Vinifera*). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”. Ferreira (2004) também define *buriti* como uma palmeira: “dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; coqueiro-buriti, buritizeiro, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu”.

Em Machado (1984, p.329) *Campos* é um topônimo freqüente em Portugal e no Brasil. O autor relaciona o nome apenas aos terrenos planos e cultiváveis. Mansur Guérios (1973, p.75) apresenta Campos como um sobrenome português e espanhol: “os primeiros Campos espanhóis vieram da Terra de Campos [...]”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

*Não. Aqui na cidade é que tem... Buriti do Campos, Buriti num sei de que, Buriti Cumprido.*” (Entrevista 16, p.52, L. 69-70)

➤ **Documento escrito:** n/e

**20. TOPÔNIMO:** Buriti do Cordovil

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** híbrida (indígena + português)

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] (S + Prep + apelido de família)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Silveira Bueno (1998, p.79) aponta a origem de *buriti* como tupi: “de *mbyriti*, palmeira que emite líquido . (*Mauritia Vinifera*). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”. Ferreira (2004) também define *buriti* como uma palmeira: “dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; coqueiro-buriti, buritizeiro, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu”.

Machado (1984, p.449) afirma que *Cordovil* parece ser “palavra derivada de córdova. Apelido português, usado já no século XVI”. Conforme Mansur Guérios (1973, p.84), *Cordovil* é um sobrenome espanhol “derivado de Córdova; português usado já no século XVI; primitiva alcunha”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

*“É. E aqui desce agora de Cipó de Chumbo vai direto ao Capão do Parmital, cabicera do Corgo do Oro, e cabicera do Buriti do Cordovil. Buriti do Cordovil vai ao [...] do Buriti do Cordovil até o Brejão [...]”.* (Entrevista 10, p.34, linhas 57-59)

➤ **Documento escrito**

*“...por este acima até a barra do córrego do Buriti Comprido; por este acima até a sua cabeceira; desta em rumo direito ao Capão Grande; deste em rumo direito à cabeceira do Buriti do Padre Serrão; desta em rumo direito à cabeceira do Buriti do Cordovil, que nasce à esquerda da fazenda*

do córrego do Ouro; por este Buriti abaixo até o Rio Pardo; por este abaixo até o rio Paraopeba, e por este acima até a barra do córrego das Lages, onde teve princípio esta demarcação”. (Anexo da Lei 556 de 30/08/1911 – Dispõe sobre a Divisão Administrativa do Estado e contém outras disposições) (C.f Anexo VII, p.111).

**21. TOPÔNIMO:** Buriti Furtuoso

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/ fazenda

**ORIGEM:** híbrido (indígena + português)

**HISTÓRICO:** Buriti Furtuoso < Buriti do Frutuoso

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] (S + apelido de família)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Silveira Bueno (1998, p.79) aponta a origem de *buriti* como tupi: “de *mbyriti*, palmeira que emite líquido (*Mauritia Vinifera*). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”. Ferreira (2004) também define buriti como uma palmeira: “dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; coqueiro-buriti, buritizeiro, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu”.

Machado (1984, p.676) afirma que *Frutuoso* vem do latim “*fructuosu*”, aquilo que dá muitos frutos, sendo um topônimo encontrado em Valpaços e no Brasil: Alagoas, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Sergipe. Mansur Guérios (1973, p.111) registra *Frutuoso* como “cheio de frutos”, no sentido metafórico, sendo de criação religiosa e nome de um santo.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Aí vai só desceno, à direita/ esquerda Pompéu, direita Papagaio, até Paropeba. Lá Paropeba acima até o Corgo do Monjolo, do Corgo do Monjolo acima até um lugar por nome/ uma fazenda por nome de Chácara. Da Chácara, à Barra, da Barra, Buriti Furtuoso, Furtuoso ao... Furtuoso ao/ ao ...Alto do/ Alto do Canavial. Do Alto do Canavial à Grota Vermeia, da Grota Vermeia ao Morro de Pedra, do Morro de Pedra, o Corgo das/ da Lajinha, que é o corgo das criola, falava antigamente. (Entrevista 10, p.34, L 60-65)

➤ **Documento escrito**

“...na foz do ribeirão das Lages; sobe por este ribeirão até a foz do córrego do Buriti do Frutuoso; sobe por este acima até sua cabeceira; daí, pelo espigão até defrontar a cabeceira do córrego da Grota Vermelha, no Campo do Canavial; desce por este córrego até o rio Pardo; transpõe este até o divisor geral entre os rios Paraopeba e Pará[...]” (Anexo da Lei 1039 de 12/12/1953 – Quadro da Divisão Territorial, Admin. Judiciária do Estado para o quinquênio 1954-1958). (Cf Anexo VIII, p.112-113).

**C. Buriti do Frutuoso** (Município de Papagaios, Estado de MINAS GERAIS; IBGE – Conselho Nacional de Geografia; ESC. 1:200.000; quinquênio 1954/1958)

<b>22. TOPÔNIMO:</b> Buritir da Estrada	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/distrito</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (indígena + português)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Buritir da Estrada &lt; Buriti da Estrada</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.79) aponta a origem de <i>buriti</i> como tupi: “de <i>mbyriti</i>, palmeira que emite líquido (<i>Mauritia Vinifera</i>). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”. Ferreira (2004) também define buriti como uma palmeira: “dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; coqueiro-buriti, buritizeiro, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu”.</p> <p><i>Estrada</i> é para Bluteau (1712, v.3, p.329) um “caminho público, por onde todos passam, a pé, a cavalo, em coche, etc.”. Morais (1813, v. 1, p.780) registra: “caminho público, largo, oposto a azinhaga, atalho, vereda, carreira”. Ferreira (2004) define <i>estrada</i> como: “caminho, relativamente largo, destinado ao trânsito de pessoas, animais e veículos”, ou ainda, “qualquer via de transporte terrestre; caminho, vereda, via”. Machado (1984, p.598) registra <i>Estrada</i> como topônimo muito freqüente em Portugal, na Galiza e no Brasil.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Ah, porque aqui era Pompéu/ cha/ aqui antigamente chama <i>Buritir da Estrada</i>, depois passô a chamá Pompéu. Então lá ficô sendo Pompéu Vei(o) porque foi onde Dona Joaquina morô. (Por)que lá chamava Pompéu, ma’ como pusero o nome na cidade de Pompéu lá passô a chamá Pompéu Veio.” (Entrevista 3, p.11, L. 30-33)</p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>	

<b>23. TOPÔNIMO:</b> Buritizal	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (indígena+ sufixo português –al)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> N<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Para Silveira Bueno (1998, p.79), <i>buriti</i> vem “de <i>mbyriti</i>, palmeira que emite líquido (<i>Mauritia Vinifera</i>). Vars. Murity, Mirity, Mority. (T. Sampaio)”. Sobre o derivado <i>buritizal</i>, Ferreira (2004) registra: “quantidade mais ou menos considerável de buritizeiros dispostos proximamente entre si.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Pesq.: <i>Buriti é o quê? É uma palmeira?</i>  Inf.: <i>Buritizal que eu entendo é, mas esses buritis aqui que tem a palmeira do buriti é só o</i></p>	

*Atolero. Só o Buriti do Atolero. Esses'otro nome eu num sei de que que viero não.*" (Entrevista 2, p.10, L. 48-50).

➤ **Documento escrito**

**Buritzal** (Secretaria Viária de Obras Públicas. ESTADO DE MINAS GERAIS – MUNICÍPIO DE POMPÉU. ESC. 1:100.000; 1939). (Cf. Anexo XI, p.118).

**24. TOPÔNIMO:** Buritizim

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu e Papagaios

**ACIDENTE:** humano/povoado/fazenda

**ORIGEM:** híbrida (indígena+ diminutivo português -inho)

**HISTÓRICO:** Buritizim < Buritizinho

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Silveira Bueno (1998, p.79) aponta a origem de *buriti* como tupi: “de *mbyriti*, palmeira que emite líquido (*Mauritia Vinifera*). Vars. Murity, Murity, Mority. (T. Sampaio)”. Ferreira (2004) também define buriti como uma palmeira: “dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; coqueiro-buriti, buritizeiro, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Tem Corgo da Porteira, tem Corgo do Cercado, que é o que passa lá no tal Buritizim. E... qué vê, e Corgo Pari. Que es fala Corgo Pari, porque dava muito peixe, sabe?!*” (Entrevista 12, p.43, L. 69-70).

➤ **Documento escrito**

**Buritizinho** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).



FOTO 10 – Buritizinho. Pompéu/MG

Fonte: Acervo pessoal.

<b>25. TOPÔNIMO:</b> Capão da Madeira	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (indígena + portuguesa)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.92) define capão como “a ilha do mato, capão de mato é ainda hoje uma porção de árvores isolada no meio do terreno”. Machado (1984, p.341) apresenta capão como topônimo freqüente no Brasil. Segundo Ferreira (2004), <i>capão</i> é “porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato”.</p> <p>Em Bluteau (1712, v. 5, p.240) a definição encontrada para <i>madeira</i> é “táboas, pranchas, barrotes, vigas, traves, que por serem matéria para diversas obras de carpintaria, são chamadas madeira”. Morais (1813, v. 2, p.245) registra <i>madeira</i> como “todo corpo líneo, paus, e taboado para edificar; ou fazer navios”. Machado (1984, p.916) afirma que este é um topônimo freqüente e, tal como na Ilha da Madeira, é motivado pelo substantivo feminino “madeira”. Para Ferreira (2004) <i>madeira</i> é o “cerne das árvores, anatomicamente constituído pelo lenho secundário morto”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b> “Fica pertim do <u>Capão da Madeira</u>. {Divisa}.” (Entrevista 20, p.65, L.48)</li> <li>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</li> </ul>	

<b>26. TOPÔNIMO:</b> Capão da Suçarana	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (indígena + prep.port. + indígena)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Capão da Suçarana &lt; *Capão da Suçuarana &lt; Capão da Onça</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.92) define capão como “a ilha do mato, capão de mato é ainda hoje uma porção de árvores isolada no meio do terreno”. Machado (1984, p.341) apresenta capão como topônimo freqüente no Brasil. Segundo Ferreira (2004), <i>capão</i> é “porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato”.</p> <p>Ferreira (2004) define <i>suçuarana</i> como “mamífero carnívoro, felídeo (<i>Felis (Puma) concolor</i>), comum em toda a América nos tempos coloniais. A coloração é amarelo-avermelhada queimada, mais escura no dorso, amarelo-claro na parte ventral, e os filhotes nascem pintados com manchas escuras no corpo”. <i>Suçuarana</i> é, segundo Machado (1984, p.1370), topônimo comum no Brasil.</p>	

<p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p><i>Inf.: Antigamente tinha um capão lá, até antigamente se chamava <u>Capão da Onça</u>, que tinha muita onça, depois ((risos)), depois passo a Ca/ então porque lá chama <u>Capão da Suçarana</u>. Porque tinha muita onça/ uma onça/ uma onça amarela que chama suçarana. Antigamente tinha muita suçarana lá.” (Entrevista 15, p.50, L. 54-57)</i></p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>
--

<p><b>27. TOPÔNIMO:</b> Capão da Vereda</p>	<p><b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo</p>
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (indígena + portuguesa)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.92) define capão como “a ilha do mato, capão de mato é ainda hoje uma porção de árvores isolada no meio do terreno”. Machado (1984, p.341) apresenta capão como topônimo freqüente no Brasil. Segundo Ferreira (2004), <i>capão</i> é “porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato”.</p> <p>Conforme Bluteau (1712, v.8, p.438), <i>vereda</i> é um caminho estreito, aberto no meio de um campo. Morais (1813, v.2, p.844-845) também registra <i>vereda</i> como caminho estreito. Ferreira (2004) define <i>vereda</i> como “região mais abundante em água na zona da caatinga, entre as montanhas e os vales dos rios, e onde a vegetação é um misto de agreste e caatinga”. Machado (1984, p.1468) afirma que <i>Vereda</i> é um topônimo em Mértola; Ilha da Madeira; Galiza; Corunha; Lugo.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p><i>“Tinha. Tinha o pasto do Capão do... <u>Capão da Vereda</u>. Pasto, com ’é que é o otro lugar... da Fazenda da Mandaçaia.” (Entrevista 16, p.51, L. 41-42)</i></p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>	

<p><b>28. TOPÔNIMO:</b> Capão do Parmital</p>	<p><b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo</p>
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrida (indígena + português)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Capão do Parmital &lt; Capão do Palmital</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.92) define capão como “a ilha do mato, capão de mato é ainda hoje uma porção de árvores isolada no meio do terreno”. Machado (1984, p.341) apresenta capão como topônimo freqüente no Brasil. Segundo Ferreira (2004), <i>capão</i> é “porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato”.</p>	

Bluteau (1712, v.6, p.210) registra *palmital* como uma “palma pequena, mas propriamente é o olho da palmeira, e a parte interior, ou miolo do seu tronco [...]”. Em Moraes (1813, v.2, p.388) *palmital* é registrado como “palmar que dá palmitos”. Machado (1984, p.1123) registra *palmital* como topônimo no Brasil, mais precisamente em São Paulo. Ferreira (2004) assim define *palmital*: “palmeira que produz palmitos”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É do/ do, isso da manda/ do/ do alto do Pade Serrão prá cá. Do Cipó de Chumbo, que eu falo ali a divisa tá cá em cima. E desceno é o Capão do Parmital, daí prá cá era de Papagaio. Dela era o/ o / como é que chama? Pade Serrão. Pegava ali o Corgo do Pade Serrão.” (Entrevista 10, p.35, L. 109-112)

➤ **Documento escrito:** n/e

**29. TOPÔNIMO:** Capinero

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** híbrida (indígena + sufixo português *-eiro*)

**HISTÓRICO:** Capinero < Capineiro

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Silveira Bueno (1998, p.93) define *capim* como “gramínea, erva, *caapii*, a folha fina, delgada”. Em Ferreira (2004) capineiro pode ter o mesmo significado que capinzal, ou seja: “terreno coberto de capim de qualquer espécie.”

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“A fazenda dos sucessores do Gilberto, tem fazenda... Capinero.” (Entrevista 9, p.31, L. 25)

➤ **Documento escrito**

*Campineiro* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**30. TOPÔNIMO:** Capivara

**TAXIONOMIA:** Zootopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/povoado

**ORIGEM:** indígena

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Segundo Silveira Bueno (1998, p.93), *capibara* ou *capivara* é um “animal semelhante ao porco e que se alimenta de capim. De *capii*, capim, erva, urara, comedor”. Machado (1984, p.343) apresenta *Capivara* como um topônimo freqüente no Brasil. *Capivara* aparece em Ferreira (2004) como um roedor “de coloração castanho-avermelhada, com superfície ventral amarelada; mãos com quatro dedos providos de unhas espessas e pés com três dedos unidos por membranas”.

<p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “<i>Capivara eu num sei, ma’ talvez é, havia algumas capivara lá e pusero esse nome né? Capivara. Cê conhece capivara?</i>” (Entrevista 20, p.66, L. 101-102)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Capivara</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).</p>
---

<b>31. TOPÔNIMO:</b> Capuera	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/ pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> indígena</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> capuera &lt; capueira</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf[Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> De acordo com Silveira Bueno (1998, p.93), <i>capoeira</i> é a “roça abandonada, roça que foi roça”. O mesmo afirma Ferreira (2004): “terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim”. Segundo Machado (1984, p.343) <i>Capoeira</i> é um topônimo freqüente no Brasil e significa “mato renovado, menos basto, em local onde se derrubou ou queimou maga virgem.”</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “<i>numa capuera que eu fiz pasto nela, ficô com o nome de <u>Capuera</u>.</i>” (Entrevista 9, p.32, L. 48)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Capueira</i> (Carta de Pompéu, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. De Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>	

<b>32. TOPÔNIMO:</b> Capuera da Serra	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico e humano/ córrego e fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> híbrido (indígena + português)</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Capuera da Serra &lt; Capoeira da Serra</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf[Ssing + {Prep+ Asing } + Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Segundo Silveira Bueno (1998, p.93), <i>capoeira</i> é a “roça abandonada, roça que foi roça”. O mesmo afirma Ferreira (2004): “terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim”. Segundo Machado (1984, p.343) <i>Capoeira</i> é um topônimo freqüente no Brasil e significa “mato renovado, menos basto, em local onde se derrubou ou queimou maga virgem.”</p> <p>Bluteau (1712, v. 7, p.609) afirma que o nome <i>serra</i> se apropriou a certos montes, em razão dos “picos, quebradas, caminhos ásperos e escabrosos, que em certo modo os cortam em muitas partes”. Morais (1813, v. 2, p.692) define <i>serra</i> como “monte de penedia com picos e quebradas ou boqueirões.” Para Machado (1984, p.1337) <i>serra</i> tem significado evidente. Em Ferreira (2004) <i>serra</i> é uma “cadeia de montanhas com muitos picos e quebradas”, e</p>	

também, “monte”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“E era cercado por valos feito pelos escravo’ e dois córrego’. Pegava no Córrego da Capuera da Serra que é o de lá, subia e discia no Córrego do Brejo que é o córrego da Fazenda Cercado.” (Entrevista 2, p.10, L. 68-70)

➤ **Documento escrito**

*Capoeira da Serra* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**33. TOPÔNIMO:** Carrapicho

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/ povoado

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Machado (1984, p.359) apresenta *Carrapicho* como um topônimo de Torres Novas. No Brasil, segundo ele, esse topônimo ocorre em vários estados: “Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Sergipe.” Ferreira (2004) define *carrapicho* como: “designação comum a numerosíssimos subarbustos das famílias das leguminosas, compostas, gramíneas, malváceas e tiliáceas, cujos pequenos frutos, que são vagens, se dividem em articulações, com pequenos espinhos ou pêlos, os quais aderem facilmente à roupa do homem e ao pêlo dos animais”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Boi Pintado e Carrapicho é junto, é pirtim um do outro.” (Entrevista 20, p.66, L. 112)

➤ **Documento escrito**

*Carrapicho* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**34. TOPÔNIMO:** Casa Nova

**TAXIONOMIA:** Ecotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + ADJ<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.2, p.472) informa que casa é “edifício em que mora uma família com seus móveis e alfaias, amparada das injúrias do tempo”. O mesmo diz Morais (1813, v.1, p.355): “edifício onde habita gente, morada, habitação [...]”. Ferreira (2004) apresenta vários significados para o substantivo casa, dentre eles, como edifício de um ou poucos andares, destinado, geralmente, a habitação; morada, vivenda,

moradia e residência.

Para Bluteau (1712, v. 5, p.769) *novo* é “coisa feita de pouco tempo”. Morais (1813, v.2, p.350) acrescenta: “oposto a antigo, velho”. Ferreira (2004) define *nova* como o feminino do adjetivo novo, ou seja, do latim *novu* aquilo que tem pouco tempo de existência. Machado (1984, p.365) registra *Casa Nova* e afirma que este topônimo é freqüente em Portugal, Galiza e Brasil, tendo origem e significação evidentes.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Acho que é uma pessoa/ parece que lá, o antigo morador devia se chamá Cordovil. É uma coisa assim. E *Casa Nova*, o nome mesmo de lá, que seu Antônio pôs era Pindorama.” (Entrevista 20, p.67, L. 170-172)

➤ **Documento escrito:** n/e

**35. TOPÔNIMO:** Cascalhera

**TAXIONOMIA:** Litotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico/pasto

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Cascalhera < Cascalheira

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.2, p.478) registra cascalho como “lascas ou rachas que saltarão dos mármore & outras pedras, quando se lavrarão. [...] Areia grossa ou terra misturada com pedrinhas”. Já em Morais (1813, v.1, p.356) registra-se cascalheira: “lugar onde há cascalho; v.g. nos rios ou nas terras de minas [...]”. Segundo Machado (1984, p.366), *Cascalheira* é um topônimo freqüente derivado de cascalho, “este por sua vez de casca que “tomou metaforicamente a acepção de pedra miúda”. Para Ferreira (2004), *cascalheira* é o “lugar onde há muito cascalho”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É. *Pasto da Cascalhera*. Acho que é só tamém.” (Entrevista 16, p.51, L. 44)

➤ **Documento escrito:** n/e

**36. TOPÔNIMO:** Catita

**TAXIONOMIA:** Animotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios e Maravilhas

**ACIDENTE:** humano/fazenda e distrito

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Machado (1984, p.377) registra *Catita* como um topônimo no Brasil, freqüente na Baía, Ceará, Minas Gerais e Paraíba. Ferreira (2004) apresenta duas definições: “designação comum aos mamíferos marsupiais didelfídeos, dos gêneros *Monodelphis*, e *Marmosa*, animais muito delicados, de hábitos noturnos” e ainda como adjetivo “enfeitado, garrido; elegante”.

**CONTEXTO:**➤ **Oral contemporâneo**

“Tinha uai! Papagaio tudo era dela né? Ela dividia com o Ri’ do Peixe lá em cima. Ali o Amorim, Papagaio, Catita, isso tudo era dela.” (Entrevista 14, P, 48, L. 117-118)

➤ **Documento escrito**

**Catita** (Carta de Pompéu, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**37. TOPÔNIMO:** Cercado**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo**MUNICÍPIO:** Pompéu**ACIDENTE:** humano/fazenda – físico/córrego e pasto**ORIGEM:** portuguesa**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.2, p.346) apresenta *cercado* como sendo de “um muro, de um fosso.” Morais (1813, v.1, p.374) registra: “lugar cercado como coró, liça, teia, liçada de justar [...]” Machado (1984, p.391) informa que *Cercado* é um topônimo de “Alcoutim, Castro Daire, Faro, Loulé, Mourão, Portimão; no Brasil, freqüente. Do s.m cercado”. Segundo Ferreira (2004) *cercado* é um “terreno rodeado de muro, sebe, estacaria, etc.”, e “area delimitada por cerca, para prender animais”, e ainda, “lugar de pastagem abundante, limitado por tapumes naturais, onde os viajantes guardam à noite seus animais”.

**CONTEXTO:**➤ **Oral contemporâneo**

“A fazenda que era do meu sogro é Cercado. Hoje... Uma que foi de cumpade Sinésio, que me/que os meus menino, que já num era meu mais, que meus menino comprô, es tem fazenda Santa Cruz”. (entrevista 12, p.43, L. 58-60)

➤ **Documento escrito:** n/e**38. TOPÔNIMO:** Chácara**TAXIONOMIA:** Poliotopônimo**MUNICÍPIO:** Papagaios**ACIDENTE:** humano/fazenda**ORIGEM:** portuguesa**HISTÓRICO:** n/e**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Morais (1813, v.1, p.380) afirma que *chácara*, no Rio de Janeiro, é chamada de Quinta; na Bahia é o mesmo que roça; e em Pernambuco, sítio. Machado (1984, p.398) informa que *Chácara* é um topônimo freqüente no Brasil. “Do s.f. chácara”. *Chácara*, segundo Ferreira (2004), pode ser: “pequena propriedade campestre, em geral perto da cidade, com casa de habitação”; “terreno urbano de grandes dimensões, com casa de moradia, jardim, horta, pomar, etc.”; e ainda “casa de campo”, ou “terreno onde se cultivam e vendem hortaliças, legumes e/ou plantas”.

de jardim”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“...só desceno, à direita/ esquerda Pompéu, direita Papagaio, até Paropeba. Lá Paropeba acima até o Corgo do Monjolo, do Corgo do Monjolo acima até um lugar por nome/ uma fazenda por nome de Chácara. Da Chácara, à Barra, da Barra, Buriti Furtuoso, Furtuoso ao... Furtuoso ao/ ao ...Alto do/ Alto do Canavial.” (Entrevista 10, p.34, L. 60-63)

➤ **Documento escrito**

**Chácara** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**39. TOPÔNIMO:** Cipó de Chumbo

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** híbrida (indígena + portuguesa)

**HISTÓRICO:** Cipó de chumbo < Cipó chumbo

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + Prep + S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** De acordo com Bluteau (1712, v.2, p.320), *cipó* é o “nome comum, que dão os portugueses no Brasil a todas as ervas grandes dos matos, as quais sobem tão alto, como as maiores árvores, e se abraçam com elas”. Morais (1813, v.1, p.398) corrobora essa definição ao afirmar que, no Brasil, chama-se *cipó* a “toda erva rasteira, ou trepadeira, que tem umas hastesinhas longas, dobradiças que servem para atar ou para usos médicos”. Ferreira (2004) registra *cipó* como “designação comum às plantas sarmentosas ou trepadeiras que pendem das árvores e nelas se trançam; icipó”. Silveira Bueno (1998, p.106) afirma que *cipó* vem de “iça-pó, a mão do galho, liana, sarmento de plantas que faz as vezes de corda para amarrar”.

O composto *cipó de chumbo*, catalogado como *cipó chumbo* (*Cuscuta umbellata*) por Balbachas (1956, p.213) é conhecido, também, por cipó-dourado, fios-de-ouro, xirim-beira, *cuscuta*. A autora assim o descreve: “O cipó-chumbo vive sempre à custa de outras plantas, destruindo-as. Seus cales finos e volúveis trepam sobre qualquer vegetal vizinho, separam-se da raiz e fica vivendo à custa daquele de que se apoderaram”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Pesq.: E depois?”

Inf.: Cipó de Chumbo.

Pesq.: *Cipó de Chumbo, onde fica, fica perto de Pompéu Velho?*

Inf.: *Fica pertim.*” (Entrevista 16, p.51, L. 9-12)

➤ **Documento escrito**

**Cipó de Chumbo** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**40. TOPÔNIMO:** Contage**TAXIONOMIA:** Sociotopônimo**MUNICÍPIO:** Pitangui**ACIDENTE:** humano/fazenda**ORIGEM:** portuguesa**HISTÓRICO:** Contage < Contagem**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Para Ferreira (2004) *contagem* é “ato ou operação de contar”, e ainda, “o efeito de contar; apuração, apuramento; cômputo”. Segundo Machado (1984, p.444), *Contagem* é um topônimo. “No Brasil: Baía, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina. [...] Provável alusão à existência nos locais de postos e contagem de gado ou de cobrança de impostos”.

**CONTEXTO:**➤ **Oral contemporâneo**

“*Eu conheço uma história de Maria Tangará, sabe o quê que é a história que eu conheço dela? Porque ela era uma muié muito poderosa e nesse tempo/ nesse tempo num tinha coisa de/ nenhuma de poder...de poder. E ali tinha uma tal de Contage, é aonde/ é aonde que ela comprava/ aonde que eu/ po/po/pode i gravando, que eu num tenho medo de falá não. ((risos)). É aonde que ela compava o gado dos fazendero, ela compava o gado dos fazendero e mandava os capanga. No/ ela vendia, mandava os capanga entregá, entregá po Rio de Janero, São Paulo, pá essas banda, nesse tempo num tinha mais nada. E aí mandava os capanga matá o/ o chefe lá/ matá o chefe lá e vortá com o gado de novo pá trás. Ela vendia uma taia de gado a vida intera, e o gado ficava na fazenda dela. O gado ficava na fazenda dela. Isso aí é Maria Joaquina, isso aí é Maria Joaquina de Pompéu. Era sócia de Maria Tangará. Que as vez contrastava uma com a ota e fazia isso. Enchia o curral da Contage lá. Lugar de entregá o gado”.* (Entrevista 13, p.45, L. 14-24)

➤ **Documento escrito**

“...por entre as quaes corre o riixo denuminado o Rio do Peixe que he a deviza da Contagem, e –Registo do Ribeirão das Arêas nelle incurpurado, fizerão no presente anno e continuarão nos Seguintes aplanção das Suas rossas em terras da dita Fazenda do Pompéu q’ ficaõ da Outra parte do dito Rio...” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.35 – 04/11/1807); (Cf. Anexo IV, P.80).

**41. TOPÔNIMO:** Córrego Menjólo**TAXIONOMIA:** Hidrotopônimo**MUNICÍPIO:** Pitangui**ACIDENTE:** humano/ povoado**ORIGEM:** híbrida (portuguesa + africana)**HISTÓRICO:** Córrego Menjólo < Córrego Monjolo**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCm [Ssing + Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** conforme Bluteau (1712, v.2, p.563) *córrego* é “água que corre a modo de um rigueiro”. Morais (1813, v.1, p.476) define *córrego* como “regueiro d’água que sai de tanque. [...] Caminho estreito entre montes. [...] às vezes os córregos d’água são de enxurrada, e nas Minas tira-se nele ouro”. Ferreira (2004) apresenta

uma lista extensa de acepções para córrego: “regueiro ou sulco aberto pelas águas correntes”; “caminho estreito, ou atalho, entre montes ou muros”; “ribeiro de pequeno caudal, riacho”; e “na região média do São Francisco, qualquer dos afluentes desse rio”. Machado (1984, p.454) apresenta a variação *Córrego* que é topônimo em Felgueiras, Guimarães, V.N. de Famalicão; na Galiza: Orense; freqüente no Brasil, onde ocorre *Córregos* em Minas Gerais e Santa Catarina. Registra, ainda, as variações *corgo* e *corgos*.

Segundo Castro (2001, p.289), *monjolo* é uma palavra banto que significa “engenho tosco movido por água, empregado para pilar milho e descascar café”, podendo ter outras acepções como: “antigo povo banto no Brasil, da etnia onjolo, van->munjolo, indivíduo do grupo de línguas cuianama do sudoeste de Angola”; “nação-de-candomblé”; “pedra cilíndrica de cor marrom”; além de ser um topônimo.” Machado (1984, p.1015) registra *Monjolos* como topônimo no Brasil, em Minas Gerais.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Povoado. Só assim, mais distançado um do o to né? É/ é tem *Córrego Menjólo*. Depois Manuel de Souza. Aí tem muitas fazenda prá lá. (Entrevista 18, p.58, L. 56-57)

➤ **Documento escrito**

*Monjolo* (Plano Rodoviário do Município de Pitangui. ESTADO DE MINAS GERAIS – MUNICÍPIO DE PITANGUI - Esc. 1:75.000; 1977)

**42. TOPÔNIMO:** Costa

**TAXIONOMIA:** Antropotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** físico/córrego

**ORIGEM:** portuguesa (apelido de família)

**HISTÓRICO:** Costa < Costas

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme afirma Mansur Guérios (1973, p.85), *Costa* é um “sobrenome português geográfico; do lat, *Costa*, ‘costela’, mas aplicado metaforicamente na geografia”. Machado (1984, p.460) apresenta *Costa* como um topônimo freqüente em Portugal, na Galiza e no Brasil.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É. E daí acima até o arto / até o... do Costa, discia *Costa*, Arto do Paiol ao Riacho Fundo. Agora Riacho Fundo a/ a esquerda Papagaio, à direita Pitangui.” (Entrevista 10, p.34, L. 69-70)

➤ **Documento escrito**

“...na foz do ribeirão das Lages; sobe por este ribeirão até a foz do córrego do Buriti do Frutuoso; sobe por este acima até sua cabeceira; daí, pelo espigão até defrontar a cabeceira do córrego da Grotta Vermelha, no Campo do Canavial; desce por este córrego até o rio Pardo; transpõe este até o divisor geral entre os rios Paraopeba e Pará; por este divisor até o alto do Morro do Chapéu; deste ponto alcança a grotta que desce para o córrego dos *Costas*; pelo córrego dos Costas, até sua foz no ribeirão da Areia [...]” (Anexo da Lei 1039 de 12 de dezembro de 1953 – Quadro da Divisão Territorial, Admin. Judiciária do Estado para o quinquênio 1954-1958); (Cf Anexo VIII, p.112-113).

<b>43. TOPÔNIMO:</b> Curduvil	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Curduvil < Cordovil (apelido de família)	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Mansur Guérios (1973, p.84), Cordovil é um sobrenome espanhol “derivado de Córdoba; português usado já no século XVI; primitiva alcunha”. Bluteau (1712, v.2, p.548) registra Córdoba como “cidade da Espana na Andaluzia”. Machado (1984, p.449) corrobora essa afirmação, dizendo que Cordovil parece ser palavra derivada de Córdoba e também: “apelido português, usado já no século XVI”. Segundo o mesmo dicionário, Cordovil é um topônimo em Évora.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“{Zé Jota}, fazenda do Zé Jota é Fazenda do <u>Curduvil</u> né?” (Entrevista 20, p.67, L. 161)	
➤ <b>Documento escrito</b>	
<i>Cordovil</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).	

<b>44. TOPÔNIMO:</b> Divisa	<b>TAXIONOMIA:</b> Ergotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Em Bluteau (1712, v.3, p.264) <i>divisa</i> é “o sinal que o homem nobre, o soldado, o amante, ou qualquer outra pessoa traz no escudo, ou no vestido, para se fazer conhecer [...]”. <i>Divisa</i> é descrito em Moraes (1813, v.1, p.631) como um substantivo feminino: “sinal, que dá a conhecer quem o traz, o seu posto, ou dignidade”. Para Ferreira (2004) <i>divisa</i> é “sinal divisório, marco, fronteira”; “limite”; “marca a fogo usada pelos criadores.” Machado (1984, p.511) apresenta <i>Divisa</i> como topônimo em Braga e freqüente no Brasil.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Inf.: E assim por diante. Lá, a fazenda do/ do Machado, Buriti das Portera, e assim por diante. Lá segue, lá tem lá, <u>Divisa</u> né?” (Entrevista 1, p.7, L. 185-186)	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>45. TOPÔNIMO:</b> Estribera	<b>TAXIONOMIA:</b> Ergotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/córrego – humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Estribera &lt; Estribeira</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> <i>Estribeira</i> é para Bluteau (1712, v.3, p.355) “o estribo da gineta”. Morais (1813, p.785), primeiro tomo, acrescenta que é o estribo da gineta do coche. Para Ferreira (2004) <i>estribeira</i> é o “estribo de montar à gineta”; “estribo de carruagem”. Machado (1984, p.600) afirma que <i>estribeira</i> é um topônimo em “Grândola, Sintra; no Brasil: Goiás, Minas Gerais, Pernambuco.”</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “É. E aqui esse livro falava nas histórias dos crime bárbaro que acontecia na vereda dos Papagaios, tanto que eu falo com ês, as placa de carro que tive o S é certo, a que num tive num é. Que é Vereda dos Papagaios. É porque tinha dois buritizal, um vinha da <u>Estribera</u>, que é esse corgo dessa., e o oto vinha da Plantinha, e encontrava ali e formava um pântano mesmo ali.” (Entrevista 10, p, 34, L. 89-93)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Estribeira</i> (Município de Papagaios, Estado de MINAS GERAIS; IBGE – Conselho Nacional de Geografia; ESC. 1:200.000; quinquênio 1954/1958)</p>	

<b>46. TOPÔNIMO:</b> Frazão	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ povoado</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing] (apelido de família)</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Mansur Guérios (1973, p.110) define <i>Frazão</i> como: “sobrenome português geográfico. Em doc. do séc. X, apógrafo: in <i>Farazone</i>. Outra forma. <i>Farazão</i>, arc. Talvez primit. alcunha: fragueiro adestrado em marchas difíceis”. Machado (1984, p.669) registra <i>Frazão</i> como topônimo no Funchal, Poços de Ferreira, Portalegre. “No Brasil: Ceará, Mato Grosso, Pernambuco”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “...eu sô/ nasci no municipio de Pitangui, ma’ no <u>Frazão</u>.” (Entrevista 18, p.57, L. 28)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Frazão</i> (Carta de Pará de Minas, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).</p>	

<b>47. TOPÔNIMO:</b> Furado	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.4, p.237) define <i>furado</i> como: “Furado com a ponta de coisa aguda”. Segundo Morais (1813, v.2, p.69), <i>furado</i> é o particípio passado de furar. “Mal-furado: doença de feitiçaria, ou bruxaria”. Ferreira (2004) amplia com outras acepções. Para ele, <i>furado</i>, como substantivo, além de significar algo “que tem algum furo ou buraco”; ou “assunto já divulgado ou sabido”, ou ainda, “negócio que falhou, que foi por água abaixo”; “na Bahia é conhecido como período seco durante a estação chuvosa”; “em São Paulo pode ser canal natural que reúne dois rios ou corta uma grande curva ou, então, vale de curso de água que, após estar represado, logra vencer o obstáculo que o separava da costa”; ou “no Mato Grosso um trecho retilíneo de um rio” e, “em Goiás, clareira aberta na mata virgem pela ação do fogo ou dos dendroclastas”.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Pesq.: E qual é o nome das fazendas vizinhas lá?”</i>  <i>Inf.1: Lá tem Furado.”</i> (Entrevista 4, p.13, L. 15-16)</p>	
<p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Furado</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>	

<b>48. TOPÔNIMO:</b> Furquilha	<b>TAXIONOMIA:</b> Morfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Furquilha < Forquilha	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.4, p.180) define <i>forquilha</i> como “um pau de três pontas que serve para tirar a palha mais miúda do trigo”. Morais (1813, v.2, p.50): descreve esse termo como “pau com três pontas de apartar erva miúda na eira, e lança-la ao vento, para a separar do grão. Espécie de forcado para armar redes contra as aves”. Segundo Ferreira (2004), <i>forquilha</i> é um “pequeno forcado de três pontas”; uma “vara bifurcada na qual descansa o braço do andor”; “pau ou tronco bifurcado”; “cabide para dependurar qualquer coisa”. Machado (1984, p.662) apresenta o topônimo <i>Forquilha</i> (apelido, alcunha), ocorrendo, no Brasil, nos estados de Minas Gerais e Santa Catarina.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Inf.: Mas eu num sei a origem desse nome não. Aliás, eu nunca interessei muito/ muito pelas coisa do município não. Nós somo muito displicente.</i>  <i>Pesq.: Agora onde o/ o Vovô Ziquinha morava em Pompéu, como que chamava?”</i></p>	

Inf.: *Furquilha.*” (Entrevista 21, p.73, L. 165-168)

➤ **Documento escrito**

*Forquilha* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**49. TOPÔNIMO:** Grotta Escura

**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico/ pasto

**ORIGEM:** Portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + ADJsing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Para Ferreira (2004) *grotta* é a “abertura produzida pelas enchentes na ribanceira ou na margem de um rio”; “vale profundo”; “depressão de terreno úmida e sombria”. Machado (1984, p.745) apresenta *Grotta* como topônimo freqüente nos Açores; Pampilhosa; freqüente no Brasil. “Do s.f. grotta, abertura feita pelas enchentes na ribanceira ou margem de rio; vale profundo.”

*Escuro* é para Bluteau (1712, v. 3, p.236) aquilo “que tem pouca luz ou que não tem nenhuma”, Em Morais (1813, v.1, p.746), *escuro* é o “não claro”, “sem luz”. Para Ferreira (2004) *escuro* é: “falta de luz; pouco claro; sombrio, tenebroso”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Do capim. Mas tinha otros nomes, que tinha a/um pasto também que chamava *Grotta Escura.*” (Entrevista 21, p.71, L. 47-48)

➤ **Documento escrito:** n/e

**50. TOPÔNIMO:** Grotta Vermeia

**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** físico/ córrego

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Grotta Vermeia < Grotta Vermelha

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + ADJsing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Segundo Ferreira (2004) *grotta* é a “abertura produzida pelas enchentes na ribanceira ou na margem de um rio”; “vale profundo”; “depressão de terreno úmida e sombria”; Machado (1984, p.745) apresenta *Grotta* como topônimo freqüente nos Açores; Pampilhosa; freqüente no Brasil. “Do s.f. grotta, abertura feita pelas enchentes na ribanceira ou margem de rio; vale profundo.”

Para Bluteau (1712, v. 8, p.406) *vermelho* é o mesmo que “rubro”, “corado”, “ensangüentado”. Morais (18813, v.2, p.846) registra *vermelho* como a “cor do rosto corado com vergonha”. Para Ferreira (2004) *vermelho* é “da cor de sangue”; “da papoula”; “do rubi.” Em Machado (1984, p, 1469) *Vermelho* é um topônimo que nomeia vários rios no Brasil, cuja designação provém do colorido das águas ou das areais.

**CONTEXTO:**

<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Do Alto do Canavial à <u>Grota Vermelha</u>, da Grota Vermelha ao Morro de Pedra, do Morro de Pedra, o Corgo das/ da Lajinha, que é o corgo das crioula, falava antigamente.” (Entrevista 10, p 34, L. 63-65)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  “...na foz do ribeirão das Lages; sobe por este ribeirão até a foz do córrego do Buriti do Frutuoso; sobe por este acima até sua cabeceira; daí, pelo espigão até defrontar a cabeceira do córrego da <u>Grota Vermelha</u>, no Campo do Canavial; desce por este córrego até o rio Pardo; transpõe este até o divisor geral entre os rios Paraopeba e Pará; por este divisor até o alto do Morro do Chapéu; deste ponto alcança a grotta que desce para o córrego dos Costas; pelo córrego dos Costas, até sua foz no ribeirão da Areia [...]” (Anexo da Lei 1039 de 12/12/1953 – Quadro da Divisão Territorial, Admin. Judiciária do Estado para o quinquênio 1954-1958). (Cf Anexo VIII, p.112-113).</p>
---

<b>51. TOPÔNIMO:</b> Junco	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Bluteau (1712, v.4, p.224) <i>junco</i> é uma “planta aquática, que lança muito talo, a modo de canudos pontiagudos, e compostos de uma casca densa, e de uma substância dura e alva, envolta desde a raiz [...]”. Morais (1813, v.2, p.194) acrescenta que <i>junco</i> é uma “planta aquática vulgarmente conhecida. Embarcação usada nas costas da China, de que faz menção a cada passo Fernão Mendes Pinto”. Para Ferreira (2004) <i>junco</i> é “designação comum a numerosas plantas herbáceas das famílias das ciperáceas e juncáceas, lisas, delgadas e flexíveis, de folhas gramínoformes, flores inconspícuas, que habitam lugares úmidos, e das quais nem todas as espécies são nativas; escirpo”. Machado (1984, p.836) apresenta <i>Junco</i> como topônimo em Alenquer, Chamusca, Ponte de Sor, Sabrosa, Salvaterra de Magos; ribeira do Algarve; Ilha de São Miguel; na Galiza: Corunha.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “O <u>Junco</u> é a fazenda da/ de Ju Diogo. Fica/ fica prá lá da Troncha. Bem pá lá da Troncha. Fica/ fica as teis fazenda, <u>Fazenda de Junco</u>, <u>Fazenda da Ponte e Capão</u>. Tudo perto uma da ota. Distança de me/ meia légua uma da ota.” (Entrevista 20, p.69, L. 262-264)</p>	
<p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Junco</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>	

<b>52. TOPÔNIMO:</b> Lagoa da Cruz	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui	
<b>ACIDENTE:</b> humano/ fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + {Prep+ Asing} + Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.5, p.21) registra <i>lagoa</i> como “ajuntamento de águas que não têm saída; [...] espécie de lago, formado das águas vertentes, com esta diferença, que no lago nunca falta água [...]”. Morais (1813, v.1, p.200) assim define lagoa: “Grande lago d’águas vertentes”. Para Ferreira (2004), <i>lagoa</i> é um lago pouco extenso. “No Brasil é corrente chamar lagoa a qualquer lago.” E ainda, “porção de água estagnada; charco”. Em seu Dicionário Onomástico, Machado (1984, p.847) diz que <i>Lagoa</i> é um topônimo freqüente em Portugal e na Galiza.</p> <p>Bluteau (1712, v.3, p.620) relaciona o termo <i>cruz</i> ao seu significado religioso, ao “antigo patíbulo dos malfeitores” e à crucificação de Jesus Cristo. Em Morais (1813, v. 1, p.498) a <i>cruz</i> é descrita como o instrumento de castigar criminosos que tem o seguinte formato: uma haste atravessada quase no alto por outra no meio. Ferreira (2004) registra <i>cruz</i> como “antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessado no outro, em que se amarravam ou pregavam os condenados à morte”. Machado (1984, p.476) registra <i>Cruz</i> como um topônimo muito “vulgar” em Portugal, no Brasil e na Galiza. “Entre nós também o é em compostos como Santa Cruz, Almeida da Cruz, Cruz Alta [...]”.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Aqui tem a, Doutor Zé Antônio ali, é <u>Lagoa da Cruz</u> .” (Entrevista 19, p.60, L. 25)	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>53. TOPÔNIMO:</b> Lagoa do Quilombo	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> físico/pasto e córrego	
<b>ORIGEM:</b> híbrida (portuguesa + africana)	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + {Prep+ Asing}+ Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.5, p.21) registra <i>lagoa</i> como “ajuntamento de águas que não têm saída; [...] espécie de lago, formado das águas vertentes, com esta diferença, que no lago nunca falta água [...]”. Morais (1813, v.1, p.200) assim define lagoa: “Grande lago d’águas vertentes”. Para Ferreira (2004), <i>lagoa</i> é um lago pouco extenso. “No Brasil é corrente chamar lagoa a qualquer lago.” E ainda, “porção de água estagnada; charco”. Em seu Dicionário Onomástico, Machado (1984, p.847) diz que <i>Lagoa</i> é um topônimo freqüente em Portugal e na Galiza.</p> <p>Castro (2001, p.324) afirma que <i>quilombo</i> é uma palavra banto que significa: “povoação de escravos fugidos; o mais famoso foi Palmares, construído em Alagoas, no séc. XVII, sob chefia de Ganga Zumba e Zumbi”. Machado (1984, p.1227) explica que <i>Quilombo</i> tem</p>	

origem no quimbundo e é topônimo no Brasil é em Angola.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *Tinha o pasto da Lagoa do Quilombo. [...]*”

Pesq.: *Por que desse nome? Tinha um quilombo lá perto?*

Inf.; *Tinha. Tinha o pasto do Capão do... Capão da Vereda. Pasto, com'ê que é o otro lugar... da Fazenda da Mandaçaiá.*” (Entrevista 16, p.51, L. 37-42)

➤ **Documento escrito**

*Lagoa do Quilombo* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presid. da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**54. TOPÔNIMO:** Lagoinha

**TAXIONOMIA:** Hidrotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** lagoinha < lagoa

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.5, p.21) registra *lagoa* como “ajuntamento de águas que não têm saída; [...] espécie de lago, formado das águas vertentes, com esta diferença, que no lago nunca falta água [...]”. Morais (1813, v.1, p.200) assim define lagoa: “Grande lago d’águas vertentes”. Para Ferreira (2004), *lagoa* é um lago pouco extenso. “No Brasil é corrente chamar lagoa a qualquer lago.” E ainda, “porção de água estagnada; charco”. Em seu Dicionário Onomástico, Machado (1984, p.847) diz que *Lagoinha*, diminutivo de lagoa, é um topônimo frequente no Brasil e na Galiza.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Pá trás era tudo mato virge. Tem as Peroba que é de João Manuel, Lagoinha, Água Doce.*” (Entrevista 7, p.27, L.194-195)

➤ **Documento escrito**

*Lagoinha* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**55. TOPÔNIMO:** Laje

**TAXIONOMIA:** Litotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico e humano/ córrego e fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Laje < Lajes

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.5, p.20) registra *lagea*. “Alguns dizem Lage, e outros Lagem. É o modo de taboa de pedra, que de ordinário é quadrada, ou mais comprida que larga”. Morais (1813, v.2, p.200), também, registra *lâgea*: “taboa de pedra liza por cima, e plana, ou quase”. Segundo Ferreira (2004) laje é uma “pedra de superfície plana ger. quadrada ou retangular; lousa”. Em Machado (1984, p.848) *Laje* é um topônimo

“freqüente, em Portual, na Galiza e no Brasil. Do s.f. laje, var. de lájea”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Inf.: *E vem desceno, vem as Laje*’.

Pesq.: *Laje?*

Inf.: *É. Fazenda das Laje*’.” (Entrevista 7, p.24, L. 38-40)

➤ **Documento escrito**

“...por este Buriti abaixo até o Rio Pardo; por este abaixo até o rio Paraopeba, e por este acima até a barra do córrego das Lages, onde teve princípio esta demarcação.” (Anexo da Lei 556 de 30/08/1911 – Dispõe sobre a Div. Admin. do Estado e contém outras disposições) (Cf Anexo VII, p.109-111)

**56. TOPÔNIMO:** Lajinha

**TAXIONOMIA:** Litotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico e humano/córrego e fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.5, p.20) registra *lagea*. “Alguns dizem Lage, e outros Lagem. É o modo de taboa de pedra, que de ordinário é quadrada, ou mais comprida que larga”. Morais (1813, v.2, p.200), também, registra *lájea*: “taboa de pedra liza por cima, e plana, ou quase”. Segundo Ferreira (2004) *laje* é uma “pedra de superfície plana ger. quadrada ou retangular; lousa”. Em Machado (1984, p.848) *Laje* é um topônimo “freqüente, em Portugal, na Galiza e no Brasil. Do s.f. laje, var. de lájea”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Do Alto do Canavial à Grota Vermeia, da Grota Vermeia ao Morro de Pedra, do Morro de Pedra, o Corgo das/ da Lajinha, que é o corgo das crioula, falava antigamente.” (Entrevista 10, P.34, L. 63-65)

➤ **Documento escrito**

**Lajinha** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**57. TOPÔNIMO:** Macaco

**TAXIONOMIA:** Zootopônimo

**MUNICÍPIO:** Pitangui

**ACIDENTE:** físico/córrego

**ORIGEM:** africana

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**

Bluteau (1712, v.5, p.229) diz que *macaco* é palavra de Angola e do Congo, e o nome que se dá à espécie de bugios, que Jorge Margrave descreve. Para Morais (1813, v.2,

p.242) *macaco* é um bugio e também uma “máquina de erguer pesos, a qual consta de uma barra de ferro dentada, que se ergue por meio de várias rodas, carretes, e de uma manivela”. Segundo Ferreira (2004), *macaco* é um substantivo de origem africana: “designação comum a todas as espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral”. Conforme Castro (2001, p.267), *macaco* é uma palavra banto que usada como adjetivo significa “esperto, finório; feio, horrendo”. Machado (1984, p.911) registra *Macaco* como topônimo em “Alenquer (Casal do Macaco), Montemor-o-Novo (Fazenda do Macaco); ilhéu e pico da ilha de S. Tomé; ponta em Angola. Do s.m. macaco”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Tem, Corgo dos Macaco’. Nomim feio né?*” (Entrevista 19, p.61, L.67)

➤ **Documento escrito**

“*Com o município de Paraopeba: Começa na foz do rio Verde, no rio Paraopeba; sobe por este até a foz do ribeirão dos Macacos.*” (Anexo da Lei 1039 de 12 de dezembro de 1953 – Quadro da Divisão Territorial, Admin. Judiciária do Estado para o quinquênio 1954-1958); (Cf Anexo VIII, p.112-113).

**58. TOPÔNIMO:** Mandaçaia

**TAXIONOMIA:** Zootopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** físico e humano/ córrego, pasto e fazenda

**ORIGEM:** indígena

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Silveira Bueno (1998, p.206), apoiando-se em Teodoro Sampaio, registra *mandaçaia* como uma “variedade de abelhas que fazem o ninho de barro. De manda-çaia – o ninho estendido; alusão à forma do ninho da abelha deste nome, feito de barro com um orifício de entrada saliente”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Tinha. Tinha o pasto do Capão do... Capão da Vereda. Pasto, com ’é que é o otro lugar... da Fazenda da Mandaçaia.*” (Entrevista 16, p.51, L. 41-42)

➤ **Documento escrito**

*Mandaçaia* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Dir. de Geod. e Cartogr.; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**59. TOPÔNIMO:** Manuel de Souza

**TAXIONOMIA:** Antropotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pitangui

**ACIDENTE:** humano/povoado

**ORIGEM:** portuguesa)

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [Ssing + Prep + Ssing] (prenome + apelido de família)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Para Mansur Guérios (1973, p.100) *Manuel* é um

diminutivo do nome bíblico Emanuel. Machado (1984, p.939) registra *Manuel* como um apelido de origem castelhana e também como um topônimo em Portugal e no Brasil.

Segundo Guérios (1973, p.201) *Souza* é um sobrenome português. Machado (1984, p.1367) registra *Sousa* como topônimo no Brasil.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Povoado. Só assim, mais distancado um do outro né? É/ é tem *Córrego Menjólo*. Depois *Manuel de Souza*. Ai tem muitas fazenda prá lá.” (Entrevista 18, P.58, L.56-57)

➤ **Documento escrito**

*Manoel de Souza* (Plano Rodoviário do Município de Pitangui. ESTADO DE MINAS GERAIS – MUNICÍPIO DE PITANGUI - Esc. 1:75.000; 1977)

**60. TOPÔNIMO:** Maravilhas

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Maravilhas

**ACIDENTE:** humano/município

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Maravilhas < Santo Antônio das Maravilhas < São Joânico

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Spl]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Balbachas (1956, p.284) registra *maravilha* como planta ornamental cultivada em jardim. Barbosa (1995, p.194) afirma que o município de Maravilhas pertence à região do Alto São Francisco e que foi criado em 12 de dezembro de 1953, “com território desmembrado do de Pitangui.” Machado (1984, p.943) afirma que Maravilha é um topônimo em Loures, Odemira, Castro Marim; no Brasil: Alagoas. “Do s.f. maravilha. Também há Maravilhas Funchal (rua); no Brasil: Minas Gerais [...]”. O 1º Censo *Cultural* de Minas Gerais (1995, p.213) registra que o primeiro nome de Maravilhas foi São Joânico. Segundo o documento, no século XIX uma capela foi construída e o arraial adquiriu a denominação de Santo Antônio das Maravilhas, em homenagem ao padroeiro e por causa da abundância de uma flor conhecida por “bonina” ou “margarida do prado”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Eu nasci em *Maravilhas*. Mil novecentos e vinte e três.” (Entrevista 1, p.4, L. 33)

➤ **Documento escrito**

“Do *Papagaio*, de território desmembrado do distrito de Maravilhas, na povoação do mesmo nome, no município de Pitangui, com as seguintes divisas [...]” (Anexo da Lei 556 de 30 de agosto de 1911 – Dispõe sobre a Divisão Administrativa do Estado e contém outras disposições) (Cf. Anexo VII, p.109-111)

**61. TOPÔNIMO:** Marruás

**TAXIONOMIA:** Zootopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico e humano/ córrego e fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Marruás < Marruáz

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.5, p.345) define *marruáz* como um termo vulgar, que significa rústico, grosseiro, com obstinação. Para Morais (1813, v.2, p.272), *marruáz* é um adjetivo que significa: “amarrado à sua opinião; obstinado, rústico por não ceder urbanamente”. Como substantivo é o nome de uma embarcação da Ásia. Em Ferreira (2004), encontramos o termo *marruá* descrito como o “boi que não foi domesticado; boi bravo; touro; marruás”. Machado (1984, p.954) afirma que *Marruas* é um topônimo em Torres Novas. “Estará por Marruás, Marroaz, <<cabeçudo, obstinado, teimoso>>? A ser assim, mais um caso de apel. tornado top”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É tem o/ um/ um motivo. Aqui tem uma serra, e esse povo mais velho né? Contava que tinha um/ um garrote que chama marruero arapnado aí nessa serra e por aí/ por aí que pôs nome nisso aqui de Marruás. Por conta desse marruero.” (Entrevista 6, P.18, L.15-17)

➤ **Documento escrito**

*Marruás* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)



FOTO 11 – Fazenda Marruás. Pompéu/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

**62. TOPÔNIMO:** Martinho Campos ~  
Martinho Campo’

**TAXIONOMIA:** Antropotopônimo

**MUNICÍPIO:** Martinho Campos

**ACIDENTE:** humano/município

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Martinho Campos < Martinho Álvares da Silva Campos < Abadia de Pitangui < Abadia

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>pl</sub>] (prenome + apelido de família)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Barbosa (1995, p.198) explica que *Martinho Campos* é um município do Alto São Francisco. A denominação atual é uma homenagem a Martinho Álvares da Silva Campos, que nasceu na região. Martinho Campos foi deputado, senador do Império, Conselheiro de Estado, Presidente da Província do Rio de Janeiro, chefe do gabinete de 1882 e um líder oposicionista ao tempo da monarquia. Conforme explica o autor, os nomes anteriores de Martinho Campos foram: Abadia e Abadia de Pitangui.

**CONTEXTO:**

<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Tá perto da divisa com/ dexo ’vê, engraçado eu acho que a Fazenda do Barrero dividia é com ... hoje dividia é com <u>Martinho Campos</u>.” (Entrevista 9, p.32, L. 60-61)  <i>“Então, o tataravô da minha mãe foi fazê o sobrado pra ela. Chegô lá, o tataravô da minha mãe/ um dia chegô um moço aqui do Papagaio, de <u>Martinho Campo</u>, chamava Abadia naquele tempo, chegô e fa/ ali onde ta o cemitério do Pompéu Veio, que cê pode repará que tem um <u>corguinho</u> ali do lado de cá. Ele que/ num queria judiá o cavalo não e esse nêgo tava mexendo numa horta ali, o Zezim. Ela foi e chamô ele e pediu ele, ele falô com ele: ô nêgo, travessa meu cavalo prá mim aí. Ele falô assim: eu num cumpro orde mai’ não.” (Entrevista 10, p.37, L. 230-235)</i></i></p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <b>Martinho Campos</b> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>
---

<b>63. TOPÔNIMO:</b> Mata da Jacuba	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + {Prep+ Asing} + Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Bluteau (1712, v.5, p.355) e Morais (1813, v.2, p.275) <i>mata</i> é um “bosque de árvores silvestres, onde se criam feras, ou caça grossa”. Ferreira (2004) define <i>mata</i> como “terreno onde medram árvores silvestres; floresta, charneca, selva, bosque, mato”.</p> <p>Ferreira (2004) afirma que <i>jacuba</i> é encontrada com o significado de “garapa”, e também, “refresco ou pirão feito com água, farinha de mandioca, e açúcar ou mel, e por vezes temperado com cachaça”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“É a fazenda... <u>Jacuba</u>. A mai/ a mai/ Mata da Jacuba, a fazenda chama [...]. Agustinho Nunes, também tem uma fazenda lá com esse nome.” (Entrevista 19, p.61, L. 98-99)</i></p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>	

<b>64. TOPÔNIMO:</b> Mata do Salobo	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Mata do Salobo &lt; Mata do Salobro</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + {Prep+ Asing} + Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Bluteau (1712, v.5, p.355) e Morais (1813, v.2, p.275) <i>mata</i> é um “bosque de árvores silvestres, onde se criam feras, ou caça grossa”. Ferreira (2004) define <i>mata</i> como “terreno onde medram árvores silvestres; floresta,</p>	

charneca, selva, bosque, mato”.

Em Morais (1813, p.660), *salobro* é aquilo “que tem gosto de sal, que toca de salgada; v.g. água salobra. Poços salobros [...]”. Ferreira (2004) diz que salobra é a água que tem um pouco de sal: “diz-se da água de salinidade inferior à das águas oceânicas e que contém em dissolução alguns sais ou substâncias que a fazem desagradável”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Ah, lá tinha *Mata do Salobo*, ah..., *Mata do Salobo...*, *Varge do (Pos) Peixe*, *Varge do Jacaré*, *o oto era Pasto de Baxo*. E isso tem vários nome de pasto.” (Entrevista 7, p.25, L. 88-89)

➤ **Documento escrito**

*Mata do Salobro* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presid. da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**65. TOPÔNIMO:** Mato Grosso

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Tanto Bluteau (1712, v. 5, p.366) quanto Morais (1813, v.2, p.277) descrevem *mato* como “multidão de plantas agrestes”. Machado (1984, p.962) afirma que este é um topônimo muito frequentes em Portugal e na Galiza. E para Ferreira (2004) *mato* é “terreno inculto onde medram plantas agrestes”. Machado (1984, p.962) também registra o topônimo Mato Grosso como um estado do interior do Brasil.

Para Bluteau (1712, v. 4, p.136) *grosso* é o que designa uma coisa de maior volume, mais corpulenta. O adjetivo *grosso* é registrado em Morais (1813, v.2, p.102) como *aquilo que é oposto a delgado e fino*. Em Ferreira (2004) é algo de *grande diâmetro, denso, compacto, espesso*.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Tem vários *Mato Grosso*. Tem/ tem o meu, tem o do/ é parte que era do Mato Grosso de meu avô, era da fazenda dele. Mai’ tem a do Júlio do Banim cá em baxo também é Mato Grosso né?” (Entrevista 7, p.27, L. 186-188)

➤ **Documento escrito**

“...gado no *Mato grosso* por hir a Comarca de Piracatu tomar Conta dos Bens da 3.<sup>a</sup> pedio ao S. Mor João Corder.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> o fazer e Logo que xegou do Sertam mando pello Seu Gennro Joaq.<sup>m</sup> Corder.<sup>o</sup> offender hua em trega.” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.60 – Fól. 6 A – s/d) (Cf. Anexo VI, P.103)

<b>66. TOPÔNIMO:</b> Melgaço	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Machado (1984, p.974) apresenta <i>Melgaço</i> como um topônimo português; vila do distrito de Viana do Castelo. A mesma palavra também aparece como um antropônimo, alcunha.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Não, é lá chamava <u>Fazenda do Melgaço</u>, e ela tem vários popietários, me parece que o primero mo/ popietário divia de <u>chamá Melgaço</u>, né? Mas num tenho certeza não. Então vamos lá, nós começamo <u>Mandaçaia</u>, <u>Melgaço</u>, depois <u>Riacho</u>, também é fazenda. <u>Pontinha</u>.”</i> (Entrevista 21, p.71, L. 82-85)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Melgaço</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>	

<b>67. TOPÔNIMO:</b> Meloso	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico e humano/ pasto e fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Em Moraes (1813, v.2, p.286) <i>meloso</i> é aquilo que “tem suco como o mel”. Em Ferreira (2004), esse termo é registrado com os seguintes significados: semelhante ao mel, doce; brando, maneiroso, melífero; excessivamente sentimental, piegas, bondoso. Martins (2001, p.284), afirma que <i>meloso</i> é o mesmo que jaraguá: “capim muito espalhado pelos pastos do Brasil como uma das principais forragens para o gado bovino”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Tinha na fazenda se eu/ ca/ cada lugar tinha um nome sabe? Tinha o <u>Pasto de Meloso</u>.”</i> (Entrevista 21, p.70, L. 39-40)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Meloso</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).</p>	

<b>68. TOPÔNIMO:</b> Monjolo	<b>TAXIONOMIA:</b> Sociotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> físico / córrego	
<b>ORIGEM:</b> africana	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> conforme Castro (2001, p.289), <i>monjolo</i> é uma palavra banto que significa “engenho tosco movido por água, empregado para pilar milho e descascar café”, podendo ter outras acepções como: “antigo povo banto no Brasil, da etnia onjolo, van-&gt;munjolo, indivíduo do grupo de línguas cuianama do sudoeste de Angola”; “nação-de-candomblé”; “pedra cilíndrica de cor marrom”; além de ser um topônimo “cf. Monjolinho”. Machado (1984, p.1015) registra <i>Monjolos</i> como topônimo no Brasil: Minas Gerais. “Do s.m. monjolo, em que sentido? máquina agrícola? árvore, o m.q. monjoleiro? Novilho, bezerro? No pl., negros brasileiros de Minas empregados como escravos na agricultura colonial?”.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p>“<i>Aí vai só desceno, à direita/ esquerda Pompéu, direita Papagaio, até Paropeba. Lá Paropeba acima até o <u>Corgo do Monjóló</u>, do Corgo do Monjóló acima até um lugar por nome/ uma fazenda por nome de Chácara.</i>” (Entrevista 10, p.34, L. 60-62)</p>	
<p>➤ <b>Documento escrito</b></p> <p><i>Monjolo</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>	

<b>69. TOPÔNIMO:</b> Morro de Pedra	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCm [Ssing + Prep + Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.5, p.587) afirma que “os que vazem valados chamam Morro, à terra, a que topam dura, a modo de piçarra ou rocha”. Morais (1813, v.2, p.320) registra morro como “terra dura, a modo de piçarra. Monte não muito alto”. Para Ferreira (2004) <i>morro</i> é “monte pouco elevado; colina, outeiro”; e pedra pode significar “montanha de pedra, rocha, rochedo”, e “matéria mineral dura e sólida, da natureza das rochas”. Machado (1984, p.1025) aponta <i>Morro</i> como topônimo da “Ilha das Flores, de S. Jorge; no Brasil: São Paulo (Morro Agudo), Baía (Morro do Chapéu, Morro de São Paulo), Santa Catarina (Morro da Fumaça), Minas Gerais (Morro da Graça, Morro do Pilar). Do s.m. morro”.</p>	
<p>Pedra é, segundo Bluteau (1712, v. 6, p.349), um corpo sólido e duro que se cria na terra. Morais (1813, v. 2, p.418) registra pedra como um “corpo sólido e duro que resulta de partículas térreas agregadas.” E para Ferreira (2004) <i>pedra</i> é “Matéria mineral dura e</p>	

sólida, da natureza das rochas.”

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Do Alto do Canavial à Grota Vermeia, da Grota Vermeia ao Morro de Pedra, do Morro de Pedra, o Corgo das/ da Lajinha, que é o corgo das criola, falava antigamente.” (Entrevista 10, p.34, L. 63-65)

➤ **Documento escrito:** n/e

**70. TOPÔNIMO:** Murrim

**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Murrim < Morrinho < Morro

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.5, p.587) afirma que “os que vazem valados chamam Morro, à terra, a que topam dura, a modo de piçarra ou rocha”. Morais (1813, v.2, p.320) registra morro como “terra dura, a modo de piçarra. Monte não muito alto. Para Ferreira (2004), morrinho é “monte pouco elevado; colina, outeiro”. Machado (1984, p.1025) descreve Morrinhos como topônimo no “Brasil; Ceará. Diminutivo de morro, o que se comprova com a orografia da região”. Machado (1984, p.1025) aponta *Morro* como topônimo da “Ilha das Flores, de S. Jorge; no Brasil: São Paulo (Morro Agudo), Baía (Morro do Chapéu, Morro de São Paulo), Santa Catarina (Morro da Fumaça), Minas Gerais (Morro da Graça, Morro do Pilar). Do s.m. morro”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Em mil novecentos e dezessete, foi partido o Morrinho. Dividiu ta Dotor Onofre de Pitanguí, dividiu o Murrim. E ele/ ele foi comprô 25 alquere de terra no Morrinho e dividiu pá/ deu prá Papagaio. Pá Santo Antônio, que é aquela igreja de Santo Antônio. Aonde existe hoje o cemitério e a igreja, no mais o povo acampô tudo. Tem fazendero nesse/ nesse/ que tem pedaço desse trem, tem muita gente que tem casa, daí então esse Antônio Golçaves teve o seguinte filho: José Gonçalves Ferrera, casô com Amélia Lobato e veio... desses fio dela, da Amélia Lobato são Antônio Gonçalve Ferrera, José Gonçalve Ferrera, vulgo Nêgo do Amorim, An/ vulgo nêgo do Amorim e a Conceição do Tunico da Quita e tem uns'otos que eu não me lembo. O jos/ o José é o Juca do Pires, 6que falaro, que ficô na fazenda do avô.” (Entrevista 10, p.36, L. 180-189).

➤ **Documento escrito:** n/e

**71. TOPÔNIMO:** Nuvilha Brava

**TAXIONOMIA:** Zootopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Nuvilha Brava < Novilha Brava

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + ADJsing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Tanto Bluteau (1712, v.5, p.751) quanto Morais (1813, v.2, p.349), definem *novilha* como uma vaca nova. A bezerra que ainda não pariu. Em Ferreira (2004), *novilha* é uma vaca nova; bezerra

Ferreira (2004) dá como sinônimo para *bravo*: “muito agitado; tumultuoso, tempestuoso; bravo”. Segundo Bluteau (1712, v.2, p.186) *bravo* é o “não doméstico”. Para Morais (1813, v. 1, p.299) *bravo* é aquele que possui gênio ferino, áspero, irado.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É. *Nuvilha Brava*. Esse lugar eu num tô sabendo mais aonde que era. Hein Ana, cé sabe onde que é *Nuvilha Brava*?” (Entrevista 20, p.67, L. 180-181)

➤ **Documento escrito**

*Novilha Brava* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**72. TOPÔNIMO:** Olho D’Água

**TAXIONOMIA:** Hidrotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** Portuguesa

**HISTÓRICO:** olho d’água < olho de água

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + Prep + S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Morais (1813, v.2, p.363) descreve *olho de água*, como um golpe de água que arrebenta de algum buraco, ou abertura da terra. Machado (1984, p.1090) registra o topônimo Olho D’água. Em Ferreira (2004) olho d’água é a “nascente que rebenta do solo; fonte natural perene; lacrimal, olho”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Olho D’Água*, lá havia uma mina. A água brotava. Oi sá! Vamo entrá? Ce tava sentada ali.” (Entrevista 20, p.66, L.130-131)

➤ **Documento escrito**

*Olho D’Água* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presid. da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**73. TOPÔNIMO:** Oro

**TAXIONOMIA:** Litotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** físico/córrego

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Oro < Ouro

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** N<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Em Bluteau (1712, v.6, p.152) *ouro* é “o mais precioso dos metais. Segundo os químicos, o ouro é a mais pura substância do enxofre e do azougue [...]”. Segundo Morais (1813, v.2, p.376) ouro é um “metal muito compacto, pesado e ductil, amarelo, e o mais precioso de todos”. Para Ferreira (2004) ouro é um elemento químico, “metálico, amarelo, dúctil, maleável, denso, pouco reativo, utilizado

em ligas preciosas”, e ainda, “qualquer moeda ou artefato desse metal”. Em Machado (1984, p.1108) é registrado o topônimo *ouro* que, segundo o autor, pode ocorrer em formas simples e compostas.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É. E aqui desce agora de Cipó de Chumbo vai direto ao Capão do Parmital, cabicera do Corgo do Oro, e cabicera do Buriti do Cordovil. Buriti do Cordovil vai ao [...] do Buriti do Cordovil até o Brejão.” (Entrevista 10, p.34, L. 57-59)

➤ **Documento escrito**

“...desta em rumo direito à cabeceira do Buriti do Cordovil, que nasce à esquerda da fazenda do córrego do Ouro; por este Buriti abaixo até o Rio Pardo; por este abaixo até o rio Paraopeba, e por este acima até a barra do córrego das Lages, onde teve princípio esta demarcação.” (Anexo da Lei 556 de 30 de agosto de 1911 – Dispõe sobre a Divisão Administrativa do Estado e contém outras disposições). (Cf Anexo VII, p.111).

**74. TOPÔNIMO:** Oto lado do corgo

**TAXIONOMIA:** Dirrematopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico/pasto

**ORIGEM:** Portuguesa

**HISTÓRICO:** Oto lado do corgo < Outro lado do córrego

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [Pr<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme Bluteau (1712, v.6, p.156) *outro* é apresentado como “outra pessoa” ou “outra coisa”. Em Morais (1813, v.2, p.377) *outro* tem o significado de “não o mesmo, não idêntico, diverso mudado”.

Machado (1984, p.454) registra a variação *Córrego* que é “topônimo em Felgueiras, Guimarães, V.N. de Famalicão; na Galiza: Orense; freqüente no Brasil, onde ocorre *Córregos* em Minas Gerais e Santa Catarina.” O mesmo autor registra as variações *corgo* e *corgos*. Ferreira (2004) apresenta uma lista extensa de acepções para *córrego*: “regueiro ou sulco aberto pelas águas correntes”; “caminho estreito, ou atalho, entre montes ou muros”; “ribeiro de pequeno caudal, riacho”; e “na região média do São Francisco, qualquer dos afluentes desse rio”.

Em Morais (1712, p.199), lado é “banda, uma das superfícies de qualquer corpo, que tem mais de uma”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Num tem não. Al/ os meus por exemplo eu ponho nome nês é... competente ao lugar tem... um pasto chama Sirva, ota chama Capuera, o oto chama do Oto Lado do Corgo ((risos)).” (Entrevista 9, p.31, L. 40-42)

➤ **Documento escrito:** n/e

<b>75. TOPÔNIMO:</b> Ovelha	<b>TAXIONOMIA:</b> Zootopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Tanto Bluteau (1712, v.6, p.140) quanto Morais (1813, v.2, p.378) definem <i>ovelha</i> como a fêmea do carneiro; animal brando, símbolo da docilidade e mansidão. Em Ferreira (2004), <i>ovelha</i> também é encontrada como “fêmea do carneiro”. Machado (1984, p.1110) registra o topônimo <i>Ovelha</i>.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Ah agora... eu não sei dessa história também sabe? Lado de cá do corgo, que era do meu pai, era denominado Fazenda Cercado, agora lado de lá era <u>Pasto das Ovelha</u>’. Um poquinho de história de Dona Joaquina nessa parte aí cê me pegô. Que eu num sei de nada. Mas esse nome <u>Pasto das Ovelha</u>’, a origem dele é porque era o pasto das ovelhas de Dona Joaquina. Inclusive ele era cercado por água de valo. Valo construído pelos escravos.”</i> (entrevista 2, p.10, L. 56-61)</p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>	
<b>76. TOPÔNIMO:</b> Pacheco	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ povoado</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing] (apelido de família)</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Mansur Guérios (1973, p.173) define Pacheco como um sobrenome português e espanhol. “Em Port. há o top.Pacheca [...]. Na Esp.: Pachea, La Pacheca e Torrepacheco, [...]”. Pacheco é um antropotopônimo português que Machado (1984, p.1113) explica ser topônimo em Alcochete (Alto do Pacheco), “referência a pessoas dessas localidades com o apelido Pacheco”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Inf.: Não, nunca ouvi. <u>Pacheco</u> só que eu vejo falá.  Pesq.: Tem alguém com o sobrenome de Pacheco por aí?  Inf.: Deve sê né?”</i> (Entrevista 17, p.55, L. 110-112)</p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>	
<b>77. TOPÔNIMO:</b> Pade Serrão	<b>TAXIONOMIA:</b> Axiotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p>	

**ACIDENTE:** humano/ lugar – físico/córrego

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Pade Serrão < Padre Serrão

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [Q<sub>v</sub> + S<sub>sing</sub>] (apelido de família)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme Bluteau (1712, v. 6, p.177) *padre* tem vários significados relacionados à igreja, sendo a designação dos sacerdotes e dos pais espirituais. Para Morais (1813, v.2, p.381), *padre* é o “sacerdote secular, ou regular”. Machado (1984, p.1115) registra a forma toponímica *Padre*. Em Ferreira (2004) *padre* é “aquele que já recebeu ordenação sacerdotal”.

Mansur Guérios (1973, p.300) diz que *Serrão* é “sobrenome português: 1. Primitiva alcunha de profissão: *Serrano*. Forma popular. Em documento de 1220; Martius *Serrão*. É apelido antigo e já se acha em tempo de el-rei D. Afonso III”. *Serrão* é em Ferreira (2004) o mesmo que *serrano*.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Ah esse era um sujei/ um pade lá de/ pimero ele morava no municipo de Papagaio. Ali perto de Mandaçaia tem um lugar que chama....ês pusero lá nome de Pade Serrão. Por orige a esse Pade sabe? Que morô lá E depois acho que ele ficô amigo (por)que Dona Joaquina/ o dia que Dona Joaquina morreu ele foi prá lá, cerebrá missa... Gil contava nós essas história tudo.” (Entrevista 5, p 17, L.49-53)

➤ **Documento escrito**

“... por este acima até a sua cabeceira; desta em rumo direito ao Capão Grande; deste em rumo direito à cabeceira do Buriti do Padre Serrão; desta em rumo direito à cabeceira do Buriti do Cordovil, que nasce à esquerda da fazenda do córrego do Ouro; por este Buriti abaixo até o Rio Pardo; por este abaixo até o rio Paraopeba, e por este acima até a barra do córrego das Lages, onde teve princípio esta demarcação.” (Anexo da Lei 556 de 30/08/1911 – Dispõe sobre a Div. Adm. do Est. e outras disposições) (Cf. Anexo VII, p.111)

**78. TOPÔNIMO:** Paiol Vei

**TAXIONOMIA:** Sociotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pitangui

**ACIDENTE:** humano/ fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Paiol Vei < Paiol Velho

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Em Bluteau (1712, v.6, p.187) *paiol* é o lugar mais baixo do navio, lugar separado, onde se guarda a pólvora em barris. Morais (1813, v.2, p.383) afirma que *paiol* nos navios é como “caixão, ou divisão, onde vem mantimentos, carga de pimenta a pólvora”. Em Ferreira (2004), *paiol* é “qualquer compartimento destinado à guarda ou ao armazenamento de materiais ou gêneros de qualquer espécie”. *Paiol* é, segundo Machado (1984, p.1117), topônimo encontrado em Portugal nos seguintes lugares: “Alenquer, Castelo de Vide, Lisboa (pátio, beco, largo), Meda, Porto (rua)” e, também, encontrado na ilha da Madeira. É considerado um apelido antigo. Está relacionado com o antropônimo masculino ‘Palaiol’ é os topônimos ‘Palagiolo’ e

‘Palayol’.

Bluteau (1712, v.8, p.387) afirma que *velho* é o contrário de novo, de moderno, o que é antigo. Para Morais (1813, v.2, p.837) *velho* é o não novo, aquilo que já não é novidade. O termo é registrado por Ferreira (2004) como aquilo “que tem muito tempo de existência”. Machado (1984, p.1464) aponta *Velho* como topônimo em: Belmonte, Chaves, Lagoa, Lagos, Monforte e Óbidos.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Num sei a orige. Dali prá lá tem Paiol Vei.”* (Entrevista 19, P.62, L. 105)

➤ **Documento escrito**

*Paiol Velho* (Plano Rodoviário do Município de Pitangui. ESTADO DE MINAS GERAIS – MUNICÍPIO DE PITANGUI - Esc. 1:75.000; 1977)

**79. TOPÔNIMO:** Papagaio

**TAXIONOMIA:** Zootopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/município

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Papagaio ~ Papagaios < Vereda dos Papagaios ~ Várzea dos Papagaios

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.6, p.236) registra “papagayo” como uma ave conhecida que remeda a voz do homem e a voz dos animais. Em Morais (1813, v.2, p.392) *papagaio* é uma “ave vulgar de bico revoltado; verde, ou cinzenta; arremeda a fala humana”. Em Ferreira (2004) *papagaio* é uma “designação comum a várias espécies de psitaciformes, psitacídeos, esp.do gênero *Amazona*, com 11 espécies brasileiras, as quais, por via de regra, imitam bem a voz humana”. Barbosa (1995, p.235) registra Papagaios como município do Alto São Francisco criado em doze de dezembro de 1953, “com território desmembrado do de Pitangui”. O 1º Censo *Cultural* de Minas Gerais (1995, p.260) afirma que há duas versões para o nome do povoado de *Papagaios*. A primeira diz respeito da existência de um papagaio falador na região, e a segunda, de uma várzea conhecida como Várzea dos Papagaios. “O distrito surgiu em 1911, constituído de território desmembrado do também distrito de Maravilhas, e, em 1953, tornou-se município”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*A terra de Dona Joaquina era o municipo de Pompéu. A divisa dela era o Papagaio.”* (Entrevista 10, p.35, L 104-105)

“*É. E aqui esse livro falava nas histórias dos crime bárbaro que acontecia na vereda dos Papagaios, tanto que eu falo com ês, as placa de carro que tive o S é certo, a que num tive num é. Que é Vereda dos Papagaios. É porque tinha dois buritizal, um vinha da Estribera, que é esse corgo dessa., e o oto vinha da Plantinha, e encontrava ali e formava um pântano mesmo ali. Então isso era o puro coquero, e os papagaio chocava no coquero. Então o povo do Pequi, o povo de mui/ de toda banda da região: vamo lá nos Papagaios? Tirá os fiote de papagaios, então num tirava um papagaio não, num vamo num papagaio, vamo nos Papagaios? Então aqui tem esse nome, toda vida teve esse nome. Esse nome é mais antigo porque em setecentos e vinte já era.”* (Entrevista 10, p, 34, L. 89-97)

➤ **Documento escrito**  
 “Nº 113 - *MUNICÍPIO DE PAPAGAIO*  
 a) *Limites municipais*  
 I - *Com o município de Pompéu: Começa no ribeirão Areias, na foz do córrego do Amorim; sobe por este até a foz do córrego do Buriti Comprido; sobe por este até sua cabeceira; daí, pelo divisor entre os rios Pará e Paraopeba, até a cabeceira do córrego Buriti do Cordovil, pelo qual desce até sua foz, no rio Pardo; desce por este até o rio Paraopeba.*” (Anexo da Lei 1039 de 12/12/1953– Quadro da Divisão Territorial, Admin. Judiciária do Estado para o quinquênio 1954-1958) (Cf. Anexo VIII, p.112).

<b>80. TOPÔNIMO:</b> Pará	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu/Pitangui	
<b>ACIDENTE:</b> físico/rio	
<b>ORIGEM:</b> indígena	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Silveira Bueno (1998, p.263), Pará tem origem tupi-guarani e significa “o mar” e também “rio grande, de grande volume de água”. Bluteau (1712, v.6, p.248) já registrava esse termo: “primeira Capitania da América Portuguesa. Chama-se assim do rio a que os naturais chamam Paraguassum, que soa em nossa língua, Largo Mar [...]”. Em Machado (1984, p.1129): “Pará, top.Rio e estado do Brasil. Do tupi pa’ra, ‘mar’; segundo Nasc,-II, s.v., ‘é o nome que se dá ao braço direito do Amazonas, engrossado com as águas do Tocantins. Tão vasto que não parece um rio [...]’. Já ocorre no P.Antônio Vieira [...]”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b> <i>“Às vezes até uma filha, justamente. Tinha... a fazenda dela dividia com o Ri’ do Peixe né? Ri Pará, o Ri’ do Peixe, é o Paraopeba e o São Francisco. Era a divisa da fazenda dela era os rio.”</i> (Entrevista 14, p.48, L. 99-101)	
➤ <b>Documento escrito</b> <i>“...entre os rios de Paraopeba, e Pará que houvera por título de rematação que em praça pública fizera na d.ª V.ª do Pitangui na execução que os órfãos de José Carvalho de Andrade fazião ao [...]Dada em Vila Rica a vinte de Mayo ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sette centos e quarenta e sette. O Secret.º do governo, Antônio de Souza Machado a fez escrever. // Gomes Frº de Andr.ª.”</i> (Carta de Sesmaria de Pompéu, c.f Anexo V, p.83)	

<b>81. TOPÔNIMO:</b> Pardo	<b>TAXIONOMIA:</b> Cromotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu/ Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> físico/ rio	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [ADJsing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.265) afirma que <i>pardo</i> é a “cor	

entre branco e preto, própria do pardal”, que parece ser a origem do nome. Morais (1813, v.2, p.398) também registra *pardo* como a cor entre o branco e o preto, “como a do pardal”. Em Ferreira (2004), *pardo* é um adjetivo que pode ter os seguintes significados: “de cor entre o branco e o preto, quase escuro”; “de um branco sujo, duvidoso”; e “de cor pouco brilhante, entre o amarelo e o castanho”. Machado (1984, p.1133) registra *Pardo* como topônimo em Portugal e no Brasil: em “Mato Grosso há um rio assim chamado por causa da cor das suas águas”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Do Brejão desce o Rio Pardo, do Rio Pardo aí desceno a direita é Papagaio, à esquerda é Pompéu. Aí vai só desceno, à direita/ esquerda Pompéu, direita Papagaio, até Paroepa.” (Entrevista 10, p.34, L. 59-61)

➤ **Documento escrito**

“...por este acima até a barra do córrego do Buriti Comprido; por este acima até a sua cabeceira; desta em rumo direito ao Capão Grande; deste em rumo direito à cabeceira do Buriti do Padre Serrão; desta em rumo direito à cabeceira do Buriti do Cordovil, que nasce à esquerda da fazenda do córrego do Ouro; por este Buriti abaixo até o Rio Pardo; por este abaixo até o rio Paroepa, e por este acima até a barra do córrego das Lages, onde teve princípio esta demarcação”. (Anexo da Lei 556 de 30/11/1911 – Dispõe sobre a Divisão Administrativa do Estado e contém outras disposições) (C.f Anexo VII, p.111)

**82. TOPÔNIMO:** Pari

**TAXIONOMIA:** Ergotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico/córrego

**ORIGEM:** indígena

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Segundo Silveira Bueno (1998, p.265), o vocábulo tupi *pari* significa “pesqueiro, lugar cercado para apanha; peixe, curral”. Machado (1984, p.1134) registra *Pari* como: “topônimo, Rio do Mato Grosso, Brasil [...]”

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Tem Corgo da Porteira, tem Corgo do Cercado, que é o que passa lá no tal Buritizim. E... qué vê, e Corgo Pari. Que es fala Corgo Pari, porque dava muito pexe, sabe?” (Entrevista 12, p.43, L. 69-70)

➤ **Documento escrito**

*Pari* (Carta de Pompéu, MG; Secr. de Planejamento da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

<b>83. TOPÔNIMO:</b> Parmital	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ fazenda – físico/córrego</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Parmital &lt; Palmital</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.210) diz que <i>palmito</i> é uma “palma pequena, mas propriamente é o olho da palmeira, e a parte interior, ou miolo do seu tronco [...]”. Em Morais (1813, v.2, p.388) <i>palmital</i> é registrado como “palmar que dá palmitos” e em Ferreira (2004), <i>palmital</i> é a “palmeira que produz palmitos”. Machado (1984, p.1123) registra <i>Palmital</i> como um topônimo no Brasil, mais precisamente em São Paulo.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Não. Essa pode tê essas fazenda nova que ês pôs esse nome. (Por)que aqui chama das Fazenda das Portera, ali chama fazenda/ (a)qui em cima, <u>Fazenda do Parmital.</u>” (Entrevista 6, p.18, L. 30-31)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Palmital</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</li> </ul>	
<b>84. TOPÔNIMO:</b> Paroepéba	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu/ Papagaios/ Paraoepéba</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/rio</p> <p><b>ORIGEM:</b> indígena</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Paroepéba &lt; Paraoepéba</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme mostra Silveira Bueno (1998, p.264) o vocábulo tupi <i>paraoepéba</i> é “o rio raso. De pará, rio, e y, água, pega chata, de pouca altura”. Machado (1984, p.1131) descreve <i>Paraoepéba</i> como um topônimo no Brasil: “rio de Minas Gerais.”</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Às vezes até uma filha, justamente. Tinha... a fazenda dela dividia com o Ri’ do Pexe né? Ri Pará, o Ri’ do Pexe, é o <u>Paraoepéba</u> e o São Francisco. Era a divisa da fazenda dela era os rio.” (Entrevista 14, p.48, L. 99-101)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  “...entre os rios de Paraoepéba, e Pará que houvera por título de rematação que em praça pública fizera na d.<sup>a</sup> V.<sup>a</sup> do Pitangui na execução que os órfãos de José Carvalho de Andrade fazião ao [...]Dada em Vila Rica a vinte de Mayo ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sette centos e quarenta e sette. O Secret.<sup>o</sup> do governo, Antônio de Souza Machado a fez escrever. // Gomes Fr<sup>o</sup> de Andr.<sup>a</sup>. ” (Carta de Sesmaria</li> </ul>	

de Pompéu, cf. Anexo V, p.83-84).

<b>85. TOPÔNIMO:</b> Pasto da Capela	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/ lugar	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>m</sub> [S <sub>sing</sub> + {Prep + A <sub>sing</sub> } + S <sub>sing</sub> ]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.311) registra <i>pasto</i> como “o campo onde pasta o gado”. Morais (1813, v.2, p.409-410) também: “o campo, onde o gado pasta; a erva, de que come; e todo o alimento, do homem, aves [...]”. Em Ferreira (2004) <i>pasto</i> é “erva para alimento do gado, pastagem”; e também, “terreno em que há pasto, onde se pastoreiam os animais.”	
Bluteau (1712, v.3, p.121) registra <i>capela</i> como a “parte da igreja, em que há altar”. <i>Capela</i> para Morais (1813, v.1, p.341) é um “altar particular, em igreja privada, ou no corpo de alguma igreja, encerrado entre paredes próprias”. Para Ferreira (2004), <i>capela</i> é uma “pequena igreja de um só altar; santuário, ermida”. Segundo Machado (1984, p.341) <i>Capela</i> é topônimo em Portual e no Brasil: do “s.f. capela, pequena igreja”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Pesq.: <i>E depois o senhor foi morar onde?</i> ”	
Inf.: <i>Pasto da Capela.</i> ” (Entrevista 5, p.16, L.18-19)	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>86. TOPÔNIMO:</b> Paulista	<b>TAXIONOMIA:</b> Etnotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> N <sub>m</sub> [S <sub>sing</sub> ]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.327) registra <i>paulistas</i> como “religiosos de S. Paulo primeiro eremita”. Morais (1813, v.2, p.413) registra <i>paulista</i> como “religioso da ordem de S. Paulo Eremita”. Em Ferreira (2004), <i>paulista</i> significa: “do, ou pertencente ou relativo ao Estado de São Paulo; bandeirante”. Machado (1984, p.1143) informa que Paulista, além de um apelido, é topônimo no Brasil: “na Paraíba, em Pernambuco”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“ <i>Chama-se Paulista. Isso é um fazendão. Lá tem muitas fazenda’. Tem a fazenda de Lourdes que é Paulista também. [...] Hoje num é dela por/ passô po Incra né?</i> ” (Entrevista 9, p.31, L. 31-32)	
➤ <b>Documento escrito</b>	

*Paulista* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

<b>87. TOPÔNIMO:</b> Pedo Nolasco	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui	
<b>ACIDENTE:</b> humano/ fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Pedo Nolasco < Pedro Nolasco	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>m</sub> [S <sub>sing</sub> + S <sub>sing</sub> ] (prenome composto)	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Machado (1984, p. 1148) registra duas entradas para Pedro: 1. “do lat. Petru, este do grego Petros, que significa rochedo em grego e pedra em latim.” 2. “topônimo em Alandroal (Herdade de D. Pedro), Évora (Quinta de D. Pedro)”. Encontra-se, também, em Machado (1984, p.1077) o nome Nolasco: “inicialmente aparecia no conjunto Pedro Nolasco (de que ainda há casos), a comemorar o santo do mesmo nome composto (1182? 1189?-1256) depois passou a ter uso independente”. Mansur Guérios (1973, p.167) afirma que <i>Nolasco</i> é um sobrenome de origem cristã. “Alude-se a S. Pedro (de) Nolasque, membro de uma família da Lauraguais, perto de Carcassone (França)”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Mais antiga mesmo é essa ali, <u>Pedo Nolasco</u> .” (Entrevista 19, p.61, L. 83)	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>88. TOPÔNIMO:</b> Pequi	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pequi	
<b>ACIDENTE:</b> humano/município	
<b>ORIGEM:</b> indígena	
<b>HISTÓRICO:</b> pequi < pyqui	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [S <sub>sing</sub> ]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.274) apresenta o significado do tupi <i>pequi</i> como “nome de uma planta, pyqui, de casca espinhenta e de cujo fruto se faz um afamado licor em Mato Grosso”. Machado (1984, p.1160) registra o topônimo <i>Pequi</i> em Minas Gerais.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Pesq.: O senhor nasceu onde?”	
Inf.: <i>Eu nasci no Pequi</i> .” (Entrevista 8, p.29, L. 5-6)	
➤ <b>Documento escrito</b>	
“Adoção, nome, município, Água Boa, Alagoa, [...] Paraguaçu, Paraopeba, Pequi, Resende Costa, Resplendor [...]” (Anexo da Lei 556 de 30 de agosto de 1911 – Dispõe sobre a Div. Administ. do Estado e contém outras disposições) (Cf. Anexo VII, p.111)	

<b>89. TOPÔNIMO:</b> Peroba	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> indígena</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> peroba &lt; perobas</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Silveira Bueno (1998, p.269) <i>peroba</i> é uma “arvore de lei, a casca amarga. De <i>ipêroba</i>. De <i>ipê</i> e <i>roba</i>, amargo.” Ferreira (2004) diz que <i>peroba</i> é “designação comum a muitas árvores das famílias das apocináceas e das bignoniáceas que têm madeiras de boa qualidade, sobretudo a peroba-de-campos e a peroba-rosa [...]”</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Pá trás era tudo mato virge. Tem as <i>Peroba</i>’ que é de João Manuel, Lagoinha, Água Doce.” (Entrevista 7, P.27, L 194-195)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Perobas</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</li> </ul>	

<b>90. TOPÔNIMO:</b> Pexe	<b>TAXIONOMIA:</b> Zootopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu/Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/rio</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Pexe &lt; Peixe</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.373) registra <i>peixe</i> como um animal que “nasce e vive na água, cuberto de pele ou escamas, com guelras, barbatanas [...]”. Morais (1813, v.2, p.421) apresenta definição semelhante a de Bluteau. Ferreira (2004) define <i>peixe</i> como “animal cordado, gnatostomado, aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias”. De acordo com Machado (1984, p.1150) <i>Peixe</i> é topônimo comum tanto em Portugal quanto no Brasil.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “O/ o...<i>Paropeba</i>, <i>Rio do Pexe</i>, <i>Pará</i> e <i>São Francisco</i>.” (Entrevista 7, p.25, L. 60)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  “...como herdeiros do Cap.<sup>m</sup> Ignacio de Oliveira Campos das fazendas do Barreiro, e do Pompéu, por entre as quaes corre o riaxo denuminado o <i>Rio do Peixe</i> que he...” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.35). (Cf. Anexo IV, P.80)</li> </ul>	

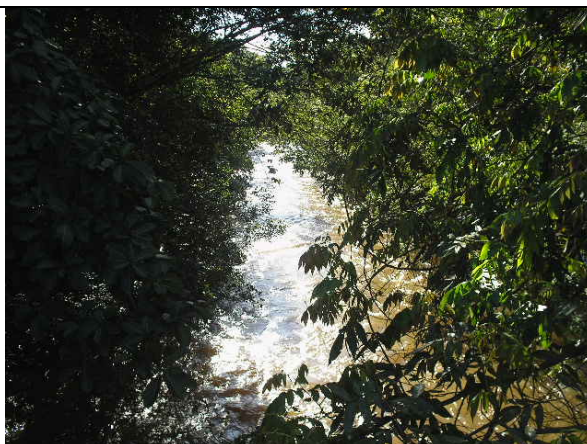


FOTO 12 – Rio do Peixe. Pitangui/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

<b>91. TOPÔNIMO:</b> Pindaíba	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui	
<b>ACIDENTE:</b> humano/povoado	
<b>ORIGEM:</b> indígena	
<b>HISTÓRICO:</b> Pindaíba < Pindayba	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Silveira Bueno (1998, p.272-273) <i>pindayba</i> é “a vara de pescar, nome dado à taquara de que faziam as varas de pescar. De [...] <i>pindá</i> , anzol, e <i>ybá</i> , planta, árvore”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
<i>Inf.: É, vendia o queijo. Igual, na casa de Vovô Ziquinha ele não usava desnatá o leite, fazia o queijo e vendia. Na Pindaíba, desnatava o leite e vendia o creme. Toda semana as companhias que compravam o creme, que tinha duas fábricas de mantêga na região. Tinha a Soares Nogueira que era em Divinópolis e tinha o Gonzaga Lopes que era em Pitangui. Depois, mais tarde, Pompéu também colocô uma fábrica de mantêga. Então, toda semana, assim sempe os fazendêro vendia o creme para quem pagava melhor né? Toda semana ia o cremero recolher o leite, o/o creme. (Entrevista 21, p.74, L. 223-229)</i>	
➤ <b>Documento escrito</b>	
<i>Pindaíba</i> (Plano Rodoviário do Município de Pitangui. ESTADO DE MINAS GERAIS – MUNICÍPIO DE PITANGUI - Esc. 1:75.000; 1977)	

<b>92. TOPÔNIMO:</b> Pindaíbas	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> indígena	
<b>HISTÓRICO:</b> Pindaíbas < Pindayba	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Spl]	

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme Silveira Bueno (1998, p.272-273) *pindayba* é “a vara de pescar, nome dado à taquara de que faziam as varas de pescar. De [...] *pindá*, anzol, e *ybá*, planta, árvore”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Fui embora prá *Fazenda Pindaibas*.” (Entrevista 21, p.70, L. 22)

➤ **Documento escrito:** n/e



FOTO 13 – Fazenda Pindaibas. Pompéu/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

**93. TOPÔNIMO:** Pindorama

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** n/e

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Silveira Bueno (1998, p.273) registra *pindorama* como: 1. “a região, o país das palmeiras, isto é, o Brasil”. Em seguida ele cita Fred. Edelweiss que acredita que o termo não é tupi. Em seguida, o dicionarista informa que a origem do termo é controversa e que “pindorama pode ser mais agradável aos ouvidos do que pindoretama; tupi é que nunca foi”. Machado (1984, p.1177) afirma que *Pindorama* é um topônimo, inventado por Couto de Magalhães “afirmando que tal seria a designação que os Tupis davam ao litoral brasileiro [...]. Como se os Tupis tivessem a noção do território em que viviam, da sua extensão, das zonas litorais e dos interiores”. Em Ferreira (2004) a palavra pindora é registrada como: “região ou país das palmeiras”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Acho que é uma pessoa/ parece que lá, o antigo morador divia se chamá Cordovil. É uma coisa assim. E Casa Nova, o nome mesmo de lá, que seu Antônio pôs era *Pindorama*.” (Entrevista 20, p.67, L. 170-172)

➤ **Documento escrito**

*Pindorama* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cart.; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

*Fazenda do Pindorama* (Município de Papagaios, Estado de MINAS GERAIS; IBGE – Conselho Nacional de Geografia; ESC. 1:200.000; quinquênio 1954/1958)

<b>94. TOPÔNIMO:</b> Piripiri	<b>TAXIONOMIA:</b> Zootopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> indígena</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Silveira Bueno (1998, p.278), <i>piripiri</i> é “junco aquático”. Ferreira (2004) estende o significado do termo, dizendo que pode, também, ser um pássaro: “<i>periquito-urubu</i>”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p><i>Pesq.: E o senhor morô a vida inteira nessa fazenda ou morô em outra?</i></p> <p><i>Inf.: Não, não, morei nôta, muito/muitos anos.</i></p> <p><i>Pesq.: Como é que chamava a outra?</i></p> <p><i>Inf.: Piripiri.</i></p> <p><i>Pesq.: Piripiri por quê?</i></p> <p><i>Inf.: Por causa do passarim que tinha lá né?”</i>(Entrevista 17, P.55, L. 139-145)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b></p> <p><i>Piripiri</i> (Carta de Pará de Minas, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).</p>	

<b>95. TOPÔNIMO:</b> Pitangui	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/município</p> <p><b>ORIGEM:</b> indígena</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Pitangui &lt; Pitainguy</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Barbosa (1995, p.256) afirma que Pitangui foi uma “de nossas primeiras vilas do ouro, teve início mais ou menos semelhante ao dos demais arraiais auríferos, elevados à categoria de vila [...]. Quanto à data do descobrimento das minas de Pitangui, Sílvio Gabriel Diniz admite se tenha verificado em 1710 ou 1711”. O 1º Censo Cultural do Estado de Minas Gerais (1995, p.283) afirma que a cidade de <i>Pitangui</i> teve origem no século XVII, quando uma bandeira chefiada por Bartolomeu Bueno da Siqueira chegou à região em busca de riquezas minerais. “Pitangui significa ‘rio das pitangas’ ou ‘rio das crianças’, nome dado primitivamente ao Rio Pará, onde, em suas margens, os paulistas teriam encontrado um aldeamento de índios com muitas crianças.”</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p><i>Pesq.: O senhor nasceu onde?</i></p> <p><i>Inf.: Pitangui.”</i> (entrevista 9, P.32, L. 49-50)</p>	

➤ **Documento escrito**

“Diz D. Joaquina Bernarda da S.<sup>a</sup> de Abreu Castelbranco moradora no Destricto de Pitainguy...” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.23) (Cf. Anexo II, p.76)

**96. TOPÔNIMO:** Plantinha

**TAXIONOMIA:** Fitotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/lugar

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v. 6, p.543) afirma que pelo nome genérico *planta* “se entende qualquer árvore, arbusto, flor, erva, e corpo vegetante, que da superfície da terra, ou fora dela, [...] brota, cresce e se aumenta, no mesmo lugar em que nasce, por meio das raízes que lança, ou sem raízes.” Em Morais (1813, v. 2, p.458) *planta* é um “corpo organizado, que tem raiz, e talvez semente; de ordinario produz tronco, folha e flores [...]”. Para Ferreira (2004) *planta* é um “ser vivo [...] é qualquer dos organismos vegetais verdes, [...] que contêm clorofila”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É. E aqui esse livro falava nas histórias dos crime bárbaro que acontecia na vereda dos Papagaios, tanto que eu falo com ês, as placa de carro que tivé o S é certo, a que num tive num é. Que é Vereda dos Papagaios. É porque tinha dois buritizal, um vinha da Estribera, que é esse corgo dessa., e o oto vinha da Plantinha, e encontrava ali e formava um pântano mesmo ali.” (Entrevista 10, p, 34, L. 89-93)

➤ **Documento escrito:** n/e

**97. TOPÔNIMO:** Poço

**TAXIONOMIA:** Hidrotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.6, p.560) define *poço* como “terra profundamente cavada em redondo, e guarnecida de pedras, donde a água, ainda que manancial, como a de fonte, não corre, e ainda que parada, como a de cisterna, não mendiga dos retalhos as gotas que caem”. Para Morais (1813, v.2, p.461) *poço* é “cova, onde se ajunta água, que para aí corre d’algum olho [...]”. Para Ferreira (2004) *poço* é “cavidade funda, aberta na terra, a fim de atingir o lençol aquífero mais próximo da superfície”; “grande buraco, geralmente circular e murado, cavado na terra, para acumular água”. Machado (1984, p.1189) informa que *poço* é um topônimo “frequente em formas simples e compostas, em Portugal e na Galiza [...]”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Aqui na divisa fica o Cipó de Chumbo, fica, do lado de cá, fica o Poço. Papagaio, Poço, do lado de lá fica o Cipó de Chumbo. Amurim e Fazenda da Portera e desce até o Tunico da Quita. Tunico da Quita tem um mar(co) que vai Pitanguí, Pompéu e Papagaio.” (Entrevista 10, p.34, L. 46-48)

➤ **Documento escrito**

**Poço** (Carta de Pompéu, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

<b>98. TOPÔNIMO:</b> Poço D’Anta	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>m</sub> [S <sub>sing</sub> + {Prep+ A <sub>sing</sub> }+ S <sub>sing</sub> ]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.560) define <i>poço</i> como “terra profundamente cavada em redondo, e guarnecida de pedras, donde a água, ainda que manancial, como a de fonte, não corre, e ainda que parada, como a de cisterna, não mendiga dos retalhos as gotas que caem”. Para Morais (1813, v.2, p.461) <i>poço</i> é “cova, onde se ajunta água, que para aí corre d’algum olho [...]”. Para Ferreira (2004) <i>poço</i> é “cavidade funda, aberta na terra, a fim de atingir o lençol aquífero mais próximo da superfície”; “grande buraco, geralmente circular e murado, cavado na terra, para acumular água”. Machado (1984, p.1189) informa que <i>poço</i> é um topônimo “frequente em formas simples e compostas, em Portugal e na Galiza [...]”.	
Tanto Bluteau (1712, v. 1, p.395) quanto Morais (1813, v. 1, p.139) afirmam que <i>anta</i> é um “animal quadrúpede do tamanho de um bezerro de seis meses”, que se parece com um porco, mas tem a cabeça maior. Ferreira (2004) define <i>anta</i> como “mamífero perissodáctilo da família dos tapirídeos ( <i>Tapirus terrestris</i> ), distribuído desde a Colômbia até o N. da Argentina [...]. Vive nas matas, nas proximidades de rios ou lagoas, alimentando-se de frutas e folhas”. Para Machado (1984, p.140), <i>anta</i> é topônimo frequente em Portugal e na Galiza. “Com origem do lat. <i>anta</i> , monumento pré-histórico.”	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Inf. 3: Ô João, cê sabe uai! Do lado de cá <u>Poço D’anta</u> .”	
Inf. 1: É pro lado de cá tem <u>Poço D’anta</u> .” (Entrevista 20, p.65, L85-86)	
➤ <b>Documento escrito</b>	
<b>Poço D’Anta</b> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)	

<b>99. TOPÔNIMO:</b> Pompéu	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/ município	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Pompéu < Antônio Pompeu Taques < Buriti da Estrada	

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing] (apelido de família)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Barbosa (1995, p.263) registra que Pompéu teve, em tempos pretéritos o nome de *Buriti da Estrada*. O município da região do Alto São Francisco foi criado em 17 de dezembro de 1938, “com território desmembrado do de Pitangui”. O autor afirma que em geral é mencionado Antônio Pompeu Taques como o fundador do sítio do Pompéu. Franco (1989) informa que Antônio Pompeu Taques “foi sertanista que andou com alguns de seus irmãos nos denominados currais da Bahia , no Rio de São Francisco, onde se casou com Maria das Neves, viúva do sertanista Coronel João Peixoto Viegas. Enviuvando, vendeu as suas fazendas e regressou a São Paulo, indo porém logo para as Minas Gerais, no Distrito de Antônio Pereira, onde obteve em 17 de junho de 1711 uma sesmaria. Passou depois para Pitangui, onde se casou com Escolástica Pais, filha de José Rodrigues Betim. Com os sucessos havidos nessas Minas, em 1720, retornou a São Paulo, de onde partiu depois para Goiás, estabelecendo-se nas Minas do Arraial da Anta, onde faleceu já bastante idoso, deixando geração.” Machado (1984, p.1195) registra o topônimo *Pompéu* encontrado no Brasil, no Estado de Minas Gerais.”

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

*“Ah, porque aqui era Pompéu/ cha/ aqui antigamente chama Buritir da Estrada, depois passô a chamá Pompéu. Então lá ficô sendo Pompéu Vei(o) porque foi onde Dona Joaquina morô. (Por)que lá chamava Pompéu, ma’ como pusero o nome na cidade de Pompéu lá passô a chamá Pompéu Veio.”* (Entrevista 3, p.11, L. 30-33)

➤ **Documento escrito**

*“...pedindo me que em atenção ao referido lhe mandasse passar Carta de Cesmaria de hum dos citios chamado o Pompeo fazendo pião no meyo dele, com todas as terras que lhe pertences [...] Dada em Vila Rica a vinte de Mayo ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sette centos e quarenta e sette. O Secret.º do governo, Antônio de Souza Machado a fez escrever. // Gomes Frº de Andr.ª.”* (Carta de Sesmaria de Pompéu, cf. Anexo V, p.83-84)

**100. TOPÔNIMO:** Pompéu Veio

**TAXIONOMIA:** Antropotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/fazenda e lugar

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Pompéu Veio < Pompéu Velho

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCm [Ssing + ADJsing] (apelido de família + adjetivo)

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Barbosa (1995, p.263) registra que Pompéu teve, em tempos pretéritos o nome de *Buriti da Estrada*. O município da região do Alto São Francisco foi criado em 17 de dezembro de 1938, “com território desmembrado do de Pitangui”. O autor afirma que em geral é mencionado Antônio Pompeu Taques como o fundador do sítio do Pompéu. Franco (1989) informa que Antônio Pompeu Taques “foi sertanista que andou com alguns de seus irmãos nos denominados currais da Bahia , no Rio de São Francisco, onde se casou com Maria das Neves, viúva do sertanista Coronel João Peixoto Viegas. Enviuvando, vendeu as suas fazendas e regressou a São Paulo, indo porém logo para as Minas Gerais, no Distrito de Antônio Pereira, onde obteve em 17 de junho de 1711 uma sesmaria. Passou depois para Pitangui, onde se casou com

Escolástica Pais, filha de José Rodrigues Betim. Com os sucessos havidos nessas Minas, em 1720, retornou a São Paulo, de onde partiu depois para Goiás, estabelecendo-se nas Minas do Arraial da Anta, onde faleceu já bastante idoso, deixando geração.” Machado (1984, p.1195) registra o topônimo *Pompéu* encontrado no Brasil, no Estado de Minas Gerais.”

Bluteau (1712, v.8, p.387) afirma que *velho* é o contrário de novo, de moderno, o que é antigo. Para Morais (1813, v.2, p.837), *velho* é o não novo, aquilo que já não é novidade. O termo é registrado por Ferreira (2004) como aquilo “que tem muito tempo de existência”. Machado (1984, p.1464) aponta *Velho* como topônimo em: Belmonte, Chaves, Lagoa, Lagos, Monforte e Óbidos.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Aqui, fazenda aqui, chama...Buriti do Atolero, chama ...*Pompéu Veio*, Marruás. É... *Pompéu Veio* né? É.....[...].” (Entrevista 8, p.29, L. 25-26)

➤ **Documento escrito**

*Pompéu Velho* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**101. TOPÔNIMO:** Ponte

**TAXIONOMIA:** Hodotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/ fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.6, p.596) registra *ponte* como “obra de arquitetura ou carpintaria que atravessa rios, ou fossos, ou águas encharcadas para a passagem da gente.” Em Morais (1813, v.2, p.468), *ponte* é “obra de arquitetura; é espécie de corredor com parapeitos, ou passadiço, sobre arcos, que atravessa um rio e dá passagem para a outra banda dele [...]” Em Ferreira (2004), *ponte* é “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer.” Machado (1984, p.1196) registra *Ponte* como topônimo “freqüente em formas simples e compostas, de Portugal, da Galiza e do Brasil”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“O Junco é a fazenda da/ de Ju Diogo. Fica/ fica prá lá da Troncha. Bem pá lá da Troncha. Fica/ fica as teis fazenda, Fazenda de Junco, *Fazenda da Ponte e Capão*. Tudo perto uma da ota. Distância de me/ meia légua uma da ota.” (Entrevista 20, p.69, L.262-264 )

➤ **Documento escrito**

*Ponte* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

<b>102. TOPÔNIMO:</b> Ponte Correio	<b>TAXIONOMIA:</b> Hodotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/ lugar</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.596) registra <i>ponte</i> como “obra de arquitetura ou carpintaria que atravessa rios, ou fossos, ou águas encharcadas para a passagem da gente.” Em Morais (1813, v.2, p.468), <i>ponte</i> é “obra de arquitetura; é espécie de corredor com parapeitos, ou passadiço, sobre arcos, que atravessa um rio e dá passagem para a outra banda dele [...]” Em Ferreira (2004), <i>ponte</i> é “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer.” Machado (1984, p.1196) registra <i>Ponte</i> como topônimo “freqüente em formas simples e compostas, de Portugal, da Galiza e do Brasil”.</p> <p>Bluteau (1712, v.3, p.566) afirma que <i>correio</i> é aquele “que leva cartas”, ou, “que leva ou traz novas”. Para Morais (1813, v.1, p.477) <i>correio</i> é o homem que se despede à pressa. Segundo o autor, o “Correio Mor; tinha à sua conta as postas do reino, e condução das cartas, que faz trazer, e levar por pessoas postas de sua mão”. Ferreira (2004) define <i>correio</i> como 1. “pessoa encarregada de levar ou trazer despachos e correspondência, ou notícias; mensageiro”; 2. “conjunto de cartas que um indivíduo recebe ou expede; correspondência”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p><i>“Aqui tem o/ tem ali do/do/do, foi de... Zé Pinto. Lá é... era também Pedo Nolasco, mas aqui teve um/ um nome de <u>Ponte Correio</u>, naquele tempo que o correio corria daqui pá Pitangui/ daqui prá Pompéu, era carroça, então tava dando muita enchente aí, num tava dano po/po Correio passá. Então ês fizeram uma pontezinha po correio passá. Só a continha do cavalo”.</i> (Entrevista 17, p.54, L. 68-72)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b></p> <p><i>Ponte Correia</i> (Plano Rodoviário do Município de Pitangui. ESTADO DE MINAS GERAIS – MUNICÍPIO DE PITANGUI - Esc. 1:75.000; 1977)</p>	

<b>103. TOPÔNIMO:</b> Ponte do Choro	<b>TAXIONOMIA:</b> Hodotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCm [Ssing + {Prep + Asing } + Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.596) registra <i>ponte</i> como “obra de arquitetura ou carpintaria que atravessa rios, ou fossos, ou águas encharcadas para a passagem da gente.” Em Morais (1813, v.2, p.468), <i>ponte</i> é “obra de arquitetura; é espécie de corredor com parapeitos, ou passadiço, sobre arcos, que atravessa um rio e dá</p>	

passagem para a outra banda dele [...].” Em Ferreira (2004), *ponte* é “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer.” Machado (1984, p.1196) registra *Ponte* como topônimo “frequente em formas simples e compostas, de Portugal, da Galiza e do Brasil”.

Para Bluteau (1712, v.3, p.299) *choro* é o mesmo que “pranto”. Em Morais (1813, v. 2, p.391) *choro* é o “derramamento de lágrimas”, o mesmo que “pranto”. Entre as várias acepções que Ferreira (2004) registra para *choro*, destacamos: 1. “ato ou efeito de chorar”; 2. “pequena fonte que surge no sopé ou encosta de uma chapada residual”. Machado (1984, p.409) afirma que *choro* é topônimo no Brasil: “Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Espírito Santo, Piauí. Em quase todos os casos são cursos d’água.”

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Dos pasto? Tinha o pasto da/ da/ da Ponte do Choro né? Qué vê, Ponte do Choro, que vê, a Varge do Cercado, lá em cima, a Varge do Cercado. Que da janela do sobrado via lá as campinas. Disse que os cavaleiro que vinha, as tropa parecia lá naquele alto da Varge do Cercado e ela ficava da janela olhano. Que vinha umas tropa, ela num sabia quem ia chegá no sobrado. {Vinha gente}*”. (Entrevista 14, p.47, L. 80-84)

➤ **Documento escrito: n/e**

**104. TOPÔNIMO:** Ponte Velha

**TAXIONOMIA:** Hodotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + ADJsing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.6, p.596) registra *ponte* como “obra de arquitetura ou carpintaria que atravessa rios, ou fossos, ou águas encharcadas para a passagem da gente.” Em Morais (1813, v.2, p.468), *ponte* é “obra de arquitetura; é espécie de corredor com parapeitos, ou passadiço, sobre arcos, que atravessa um rio e dá passagem para a outra banda dele [...].” Em Ferreira (2004), *ponte* é “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer.” Machado (1984, p.1196) registra *Ponte* como topônimo “frequente em formas simples e compostas, de Portugal, da Galiza e do Brasil”.

Bluteau (1712, v.8, p.387) afirma que *velho* é o contrário de novo, de moderno, o que é antigo. Para Morais (1813, v.2, p.837), *velho* é o não novo, aquilo que já não é novidade. O termo é registrado por Ferreira (2004) como aquilo “que tem muito tempo de existência”. Machado (1984, p.1464) aponta *Velho* como topônimo em: Belmonte, Chaves, Lagoa, Lagos, Monforte e Óbidos.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Tem, {tem Fazenda Ponte Velha}, Olho D’Água*”. (Entrevista 21, P.66, L. 128)

➤ **Documento escrito**

*Ponte Velha* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

<b>105. TOPÔNIMO:</b> Portera	<b>TAXIONOMIA:</b> Ergotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Portera < Porteira	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf[Ssing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> <i>Porteira</i> é registrada tanto por Bluteau (1712, v.6, p.633) quanto por Moraes (1813, v.2, p.474) como feminino de porteiro. Já Ferreira (2004) registra: “portão de entrada em propriedades rurais”; e também, “cancela”. Machado (1984, p.1200) aponta <i>Porteira</i> como topônimo em Celorico da Beira, Portugal e Porteiras, no Brasil, Ceará.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Porque ali do odo lado tinha um/ eu inda alcancei, tinha uma portera que fazia divisa da Fazenda das Portera com a Fazenda do Cercado.” (Entrevista 1, p.4, L. 22-23)	
➤ <b>Documento escrito</b>	
<i>Porteira</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)	

<b>106. TOPÔNIMO:</b> Porto Mesquita	<b>TAXIONOMIA:</b> Sociotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/lugar	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>m</sub> [Ssing + Ssing] (substantivo + apelido de família)	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.634) informa que <i>porto</i> , nos rios, “é o lugar onde se costuma saltar em terra”. Em Moraes (1813, v.2, p.475) <i>porto</i> é o “lugar que dá passada, entrada por terra”. Ferreira (2004) diz que <i>porto</i> é o “lugar da costa ou em um rio, lagoa, etc., que, por oferecer às embarcações certo abrigo, lhes permite fundear ou amarrar e estabelecer contatos ou comunicações com a terra.” Machado (1984, p.1201) registra o topônimo <i>Porto</i> como “cidade do Douro Litoral, freqüente em Portugal e na Galiza; no Brasil: Piauí. [...] Aparece ainda em numerosos topônimos compostos (antigos e modernos)”.	
Mansur Guérios (1973, p.157) registra <i>Mesquita</i> como sobrenome português e um topônimo, do árabe “maçghed”: “lugar onde a gente se prosterna”; “templo dos maometanos”. Machado (1984, p.985) registra <i>Mesquita</i> como topônimo em Alcobaça, Évora, Lisboa, na Galiza e no Brasil.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Também em Papagaios. Esses aí são os, depois vem qué vê nessa direção aqui tem Bom Jardim, também é um povoado bem grande. Já está na direção de... <u>Porto Mesquita</u> . No inicim daqui, a gente ino prá pega essa strada aí a 040. Lá depois de <u>Porto Mesquita</u> , a gente passa em Bom Jardim. (Entrevista 21, p.72, L. 145-148)	

➤ **Documento escrito**  
*Porto Mesquita* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

<b>107. TOPÔNIMO:</b> Poso Alegre	<b>TAXIONOMIA:</b> Sociotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Poso Alegre < Pouso Alegre	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>m</sub> [S <sub>sing</sub> + ADJ <sub>sing</sub> ]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.665) registra <i>pouso</i> como “ávore ou lugar, onde se vem pôr o pássaro, e onde pousa”. Em Moraes (1813, v.2, p.481) <i>pouso</i> é “lugar, onde alguma coisa pousa, descansa, pára, e está como de assento”. Para Ferreira (2004), <i>pouso</i> é “lugar onde alguém ou algo pousa, se coloca, costuma estar ou descansar.” Machado (1984, p.1208) registra Pouso Alegre como topônimo no Brasil, mais precisamente, em Minas Gerais. O autor cita Nascentes e afirma que <i>Pouso Alegre</i> é “lugar aprazível de pouso das tropas que demandavam o sertão”.	
Bluteau (1712, v. 1, p.231), assim como Moraes (1813, v.1, p.87) registra <i>alegre</i> como aquele “que tem alegria”. Ferreira (2004) define <i>alegre</i> como: “que sente e/ou manifesta contentamento, satisfação, prazer de viver; contente, satisfeito”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b> “Chama...dex’o vê, chama <i>Puntinha</i> , qué vê o nome da otra é/é, <i>Poso Alegre</i> que é onde/fazenda onde [...] meu Ti Miro morava. <i>Poso Alegre</i> . ((conversa no fundo)). E mais é... e mais é <i>Pompéu Velho</i> .” (Entrevista 15, p.49, L. 36-38)	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>108. TOPÔNIMO:</b> Provisório	<b>TAXIONOMIA:</b> Cronotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> físico/pasto	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [S <sub>sing</sub> ]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Ferreira (2004) registra <i>provisório</i> como: 1. “feito por provisão; provisional”; 2. “interino, passageiro, temporário, provisional”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b> “Isso ficava à direita da gen/ da fazenda. O <i>Pasto de Capim Meloso</i> . Tinha o <i>Pasto de Provisório</i> que ficava à esquerda da gente.” (Entrevista 21, p.70, L 44-45)	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>109. TOPÔNIMO:</b> Puntinha	<b>TAXIONOMIA:</b> Hodotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu e Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Puntinha < Pontinha < Ponte	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.6, p.596) registra <i>ponte</i> como “obra de arquitetura ou carpintaria que atravessa rios, ou fossos, ou águas encharcadas para a passagem da gente [...]”. Em Moraes (1813, v.2, p.468) <i>ponte</i> é “obra de arquitetura; é espécie de corredor com parapeitos, ou passadiço, sobre arcos, que atravessa um rio e dá passagem para a outra banda dele [...]”. Ferreira (2004) define <i>ponte</i> como “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer”. Machado (1984, p.1196) aponta <i>Ponte</i> como topônimo “frequente em formas simples e compostas, de Portugal, da Galiza e do Brasil”.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p>“Pesq.: Como é que chamam as fazendas que ficam em volta do Salgado, lá onde o senhor mora?”</p> <p>Inf.: Saco Barrero, <i>Puntinha</i>.” (Entrevista 5, p.17, L. 54- 56)</p> <p>“Lá em Papa/em na/na <i>Puntinha</i>. Por/ perto de Papagaio.” (Entrevista 12, p.42, L. 31)</p>	
<p>➤ <b>Documento escrito</b></p> <p><i>Pontinha</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>	

<b>110. TOPÔNIMO:</b> Rancharia	<b>TAXIONOMIA:</b> Ecotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/povoado	
<b>ORIGEM:</b> Portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Bluteau (1712, v.7, p.103) <i>rancho</i> é “a companhia que uns camaradas, soldados ou marinheiros fazem entre si em algum lugar particular do Real, ou do navio. [...] União de algumas pessoas que tratam familiarmente uns com os outros [...]”. Moraes (1813, v.2, p.550) registra <i>rancho</i> como: “a divisão em que se ajuntão, dormem e comem os da mesma camarada [...]. Casa ou tenda móvel , que se faz pelos caminhos”. Para Ferreira (2004), rancharia é o mesmo que “arranchamento”; e “povoado pobre”. Machado (1984, p.1238) aponta <i>Rancharia</i> como topônimo no Brasil, em São Paulo. E nos dá sua origem: “do s.f. rancharia, <i>grupo de ranchos ou casas toscas, aldeia de índios</i>”.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
<p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p>“Não. Aqui toda vida, foi meu pai que fez, pôs o nome de Marruás. É. Essa ota aqui, em cima, era de meu avô, tinha nome de Parmital. Mas prá cima tinha o nome de</p>	

*Rancharia, que era um/ um povoadozim. Que todo mundo tinha um mucadim de terra.”*  
(Entrevista 6, p.19, L. 70-72)

➤ **Documento escrito**

**Rancharia** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presid. da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**111. TOPÔNIMO:** Rancho Alegre

**TAXIONOMIA:** Ecotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme Bluteau (1712, v.7, p.103) *rancho* é “a companhia que uns camaradas, soldados ou marinheiros fazem entre si em algum lugar particular do Real, ou do navio. [...] União de algumas pessoas que tratam familiarmente uns com os outros [...].” Morais (1813, v.2, p.550) registra *rancho* como: “a divisão em que se ajuntão, dormem e comem os da mesma camarada [...]. Casa ou tenda móvel, que se faz pelos caminhos”. Para Ferreira (2004) *rancho* pode ser tanto “casa ou cabana no campo, nas roças, em canteiro de obras, etc., para abrigo provisório ou descanso dos trabalhadores”; como “casa pobre, da roça; choça, ranchinho”. Segundo Machado (1984, p.1238) *Rancho* é topônimo na “Ilha da Madeira (Aldeia do Rancho). No Brasil há Rancho Alegre (Paraná), Rancho Queimado (Santa Catarina), etc.”.

Bluteau (1712, v. 1, p.231), assim como Morais (1813, v.1, p.87) registra *alegre* como aquele “que tem alegria”. Machado (1984, p.87) registra *Alegre* como topônimo em Lisboa e afirma que é “frequente na composição Monte Alegre, de significação evidente.” Ferreira (2004) define *alegre* como: “que sente e/ou manifesta contentamento, satisfação, prazer de viver; contente, satisfeito”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

*Inf.: Eu nunca me interessei por isso. Depois, passando pela Estribêra, contornano a cidade, tem a Fazenda Rancho Alegre, que hoje em dia esse terreno foi quase todo, loteado, tá virando é bairro da cidade.* (Entrevista 21, p.71, L. 91-93)

➤ **Documento escrito:**

**Rancho Alegre** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**112. TOPÔNIMO:** Riacho

**TAXIONOMIA:** Hidrotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/povoado

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** N<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Tanto Bluteau (1712, v.7, p.327) quanto Morais (1813, v.2, p.631) definem *ricaho* como *rio pequeno*. Ferreira (2004) estende-se um pouco mais e define *riacho* como “um rio pequeno, mais volumoso que o regato e menos que a ribeira.” Machado (1984, p.1260) aponta *Riacho* como topônimo em Alenquer e afirma que “no Brasil há várias localidades de nome composto em que entra o vocábulo riacho”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Aqui próxima? Ah, aqui tem muitas fazenda, mas eu num tô a par, que alí tem os *Costa*, tem os *Costa* que era um povoado né? Tem/ tem *Riacho*, um povoado também, no caminho de Pitangui, e/e Varge Grande, todo mundo conhece né? Agora fazenda tem diversa mas eu nem sei nome.” (Entrevista 20, p.65, L. 79-82)

➤ **Documento escrito**

*Riacho* (Carta de Pompéu, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**113. TOPÔNIMO:** Riacho de Areia

**TAXIONOMIA:** Hidrotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/povoado e fisico/riacho

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Riacho de Areia < Ribeirão das Áreas

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + Prep + S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Tanto Bluteau (1712, v.7, p.327) quanto Morais (1813, v.2, p.631) definem *ricaho* como *rio pequeno*. Ferreira (2004) estende-se um pouco mais e define *riacho* como “um rio pequeno, mais volumoso que o regato e menos que a ribeira.” Machado (1984, p.1260) aponta *Riacho* como topônimo em Alenquer e afirma que “no Brasil há várias localidades de nome composto em que entra o vocábulo riacho”.

Bluteau (1712, v.1, p.484) registra areia como “grãozinhos de terra muito miúdos, sem humor algum nativo” que podem ser encontrado nas praias, no fundo do mar e nos rios. Areia é para Morais (1813, v. 1, p.175) a “terra luzidia” que há nas praias. Segundo Machado (1984, p.157) *Areia* é um topônimo “devido certamente ao fato de no local haver areia”, sendo freqüente em Portugal e nome de duas cidades no Brasil. Ferreira (2004) define *areia* como resultado de formação de “partículas de rochas em desagregação que se apresentam em grãos mais ou menos finos, nas praias, leito de rios, desertos, etc.”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Fica na/ entre Vargem Grande é Papagaio. Papaga/ depois de *Riacho de Areia* vem Vargem Grande, que é o maior de todos né?” (Entrevista 21, p.72, L. 107-108)

➤ **Documento escrito**

“...Registo do Ribeirão das Arêas nelle incurpurado, fizerão no prezente anno e continuarão nosSeguintes aplantação das Suas rossas em terras da dita Fazenda do Pompeo...” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.35) (Cf. Anexo IV, p.80)

<b>114. TOPÔNIMO:</b> Riacho Fundo	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Tanto Bluteau (1712, v.7, p.327) quanto Morais (1813, v.2, p.631) definem <i>riacho</i> como <i>rio pequeno</i>. Ferreira (2004) estende-se um pouco mais e define <i>riacho</i> como “um rio pequeno, mais volumoso que o regato e menos que a ribeira.” Machado (1984, p.1260) aponta <i>Riacho</i> como topônimo em Alenquer e afirma que “no Brasil há várias localidades de nome composto em que entra o vocábulo riacho”.</p> <p>Bluteau (1712, v. 4, p.232) registra <i>fundo</i> como “a parte inferior e mais baixa dos corpos, que tem as três dimensões”, ou ainda, o mesmo que “profundidade”. Segundo Morais (1813, v. 2, p.68) <i>fundo</i> é “a parte inferior do vaso, onde assenta o líquido: o fundo do rio, ou leito, lastro [...]” Machado (1984, p.678) registra <i>Fundo</i> como topônimo freqüente no norte de Portugal; na Galiza e no Brasil. Ferreira (2004) define fundo como aquilo que tem “fundura ou profundidade”, algo “profundo”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “Não, Vargem Grande não faz divisa com nenhuma outra cidade. Porque o limite de Papagaio com Pitangui é o <i>Riacho Fundo</i>.” (Entrevista 21, P.72, L. 110-111)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  “Com o município de Pitangui: Começa no Riacho Fundo, na foz do córrego que vem do alto do Paiol; desce pelo Riacho Fundo, até sua foz no ribeirão Dareia e por este até a foz do córrego do Amorim.” (Anexo da Lei 1039 de 12/12/1953 – Quadro da Div. Territ., Admin. Judic. do Estado para o quinquênio 1954-1958) (Cf. Anexo VIII, p.113).</li> </ul>	
<b>115. TOPÔNIMO:</b> Rio Preto	<b>TAXIONOMIA:</b> Hidrotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/ rio; humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.7, p.339) registra <i>rio</i> como “corrente caudalosa de muitas águas juntas, que vão desembocar no mar”. Em Morais (1813, v.2, p.634) <i>rio</i> é “água corrente por entre margens, e em grande copia”. Ferreira (2004) afirma que <i>rio</i> é um “curso de água natural, de extensão mais ou menos considerável, que se desloca de um nível mais elevado para outro mais baixo, aumentando progressivamente seu volume até desaguar no mar, num lago, ou noutro rio [...]”. Para Machado (1984, p.1264) <i>Rio</i> é topônimo presente no Brasil, Portugal e Galiza “em formas simples e compostas”.</p> <p>Em Bluteau (1712, v. 6, p.727) <i>preto</i> é o mesmo que “negro” e também o nome “que se</p>	

chama o escravo”. Morais (1813, v. 2, p.500) registra *preto* como “negro”. Segundo Machado (1984, p.1213) *Preto* é topônimo em Barcelos, Moita, Peniche, Porto e ilhéu na Ilha da Madeira. Em Ferreira (2004) *preto* é o que dizem de “diversas coisas que apresentam cor escura, sombria; negro”. Machado (1984, p.1213) informa que *Preto* é topônimo em Barcelos, Moita, Peniche, Porto; ilhéu na Ilha da Madeira.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*E aí desceno fêcha a cidade, com a Fazenda Rio Preto.*” (Entrevista 21, p.71, L.97)

➤ **Documento escrito**

**Rio Preto** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**116. TOPÔNIMO: Ritiro**

**TAXIONOMIA: Sociotopônimo**

**MUNICÍPIO:** Pompéu/Pitangui

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Ritiro < Retiro

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Morais (1813, v.2, p.621), registra *retiro* como “lugar retirado, remoto da freqüência e conversação”. Ferreira (2004) marca *retiro* como um brasileirismo que em Minas Gerais significa local um tanto retirado da sede da fazenda pastoril, onde se solta o gado para engorda. Ou então, um brasileirismo em Minas e Mato Grosso que equivale a residência nos fundos de uma fazenda onde vivem os empregados incumbidos de vigiá-la. Machado (1984, p.1258) mostra *Retiro* como topônimo freqüente na Galiza: Lugo, Orense, Pontevedra.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Da então, pegava mais adiante Fazenda do Ritiro. Fazenda do Ritiro é/ era fazenda antiga. Ela hoje num existe. Dismancharo ela.*” (Entrevista 6, P.19, L. 74-75)

➤ **Documento escrito**

**Retiro** (Carta de Pompéu, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)



FOTO 14 – Fazenda Retiro. Pitangui/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

**117. TOPÔNIMO:** Saco das Poções

**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pitangui

**ACIDENTE:** humano/fazenda

**ORIGEM:** Portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep+ Apl} + Spl]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.7, p.420) apresenta várias acepções para *saco*, mas nenhuma referente ao formato da terra. Morais (1813, v.2, p.653) faz referência ao *saco* da enseada. Ferreira (2004), define *saco* como “grande corte em forma circular ou de meia-lua, nos rebordos escarpados das serras”, e também, “certa área de campo cercada de matas”. Machado (1984, p.1291) registra *Saco* como topônimo em Lisboa.

Para Machado (1984, p.1189) *Poções* é topônimo no Brasil, estado da Bahia. Segundo Ferreira (2004) *poção* é o “lugar, no leito de um igarapé, rego ou lago, onde é maior a profundidade”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Foram morá alí perto da fazenda. No tal Buritizim. Chama até hoje Buritizim. Ê Saco/ Saco das Poções, por aí.” (Entrevista 6, p.21, L. 188-189)

➤ **Documento escrito**

*Saco das Poções* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartogr.; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

<b>118. TOPÔNIMO:</b> Saco do Barrero	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> Portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Saco do Barrero < Saco do Barreiro	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>m</sub> [S <sub>sing</sub> + {Prep+ A <sub>sing</sub> } + S <sub>sing</sub> ]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.7, p.420) apresenta várias acepções para <i>saco</i>, mas nenhuma referente ao formato da terra. Morais (1813, v.2, p.653) faz referência ao <i>saco</i> da enseada. Ferreira (2004), define <i>saco</i> como “grande corte em forma circular ou de meia-lua, nos rebordos escarpados das serras”, e também, “certa área de campo cercada de matas”. Machado (1984, p.1291) registra <i>Saco</i> como topônimo em Lisboa.</p> <p>Bluteau (1712, v.2, p.52), com relação a <i>barreiro</i>, informa que “assim foi chamado um lugar de Roma, em que havia muito barro” e também a “barreira de tirar barro”, mesmo significado apresentado por Morais (1813, v.1, p.266). Machado (1984, p.221) afirma que <i>Barreiro</i> é um topônimo muito freqüente “em Portugal e na Galiza, tal como Barreiros. Do substantivo masculino barreiro, ‘lugar donde se tira barro’”. Segundo Ferreira (2004), <i>barreiro</i> pode ser a “eflorescência salino-salitrosa dos terrenos baixos do vale do rio São Francisco, ou de mata, muito procurada pelo gado e outros animais, que vão lamber a terra por causa do sal”.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“ <i>Saco do Barrero, Bananera, Marruás, Portera e Salobro. São as que fica ali no Pompéu Veio.</i> ”(Entrevista 3, p.11, L. 38-39)	
➤ <b>Documento escrito</b>	
<i>Saco do Barreiro</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presid. da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartogr.; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)	

<b>119. TOPÔNIMO:</b> Sargado	<b>TAXIONOMIA:</b> Animotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Sargado ~ Salgado	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [S <sub>sing</sub> ]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.7, p.446) registra <i>salgado</i> como “coisa que tem sal naturalmente, ou na qual se tem deitado sal”. Em Morais (1813, v.2, p.659) <i>salgado</i> é o que se diz do “gracioso que é salgado”. Para Ferreira (2004), <i>salgado</i> é aquilo que tem sal, que tem excesso de sal. Conforme Machado (1984, p.1297), <i>Salgado</i> é um topônimo freqüente no Brasil e em Portugal, podendo ser “uma alusão a uma alcunha de família ou a características do solo (particularidades dos terrenos).”</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	

“É porque antigamente tinha um alto/ um arto lá perto de casa que és usava dá o sal o gado. Lá ficô com o nome de Salgado por isso”. (Entrevista 15, p.49, L. 16-17)

“Saco Barrero é otra coisa. Lá é Sargado, Saco Barrero é onde mora o a/ o Bola. Onde morô o Bola, Ti Miro e/ e/ e, muita gente fala/ chama lá de/de Saco Barrero lá em casa, ma’ lá a fazenda chama é Salgado.” (Entrevista 15, p.49, L. 24-26)

➤ **Documento escrito**

**Salgado** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

**120. TOPÔNIMO:** Salobo

**TAXIONOMIA:** Hidrotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/fazenda – físico/córrego

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Salobo < Salobro

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.1, p.172) registra água salobra; Morais (1813, v.2, p.660) já registra *salobro*, definindo o termo como aquilo “que tem gosto de sal, que toca de salgada; v.g. água salobra. Poços salobros [...]”. Para Ferreira (2004), *salobra* é a água com salinidade inferior à das águas oceânicas e que contém em dissolução alguns sais ou substâncias que a fazem desagradável.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É lá/ és fala Salobo. Ali perto da Vindinha da Angélica.” (Entrevista 7, p.24, L. 10)

➤ **Documento escrito**

**Salobro** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

**121. TOPÔNIMO:** Salubrinho

**TAXIONOMIA:** Hidrotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/fazenda – físico/córrego

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Salubrinho < Salobrinho < Salobro

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.1, p.172) registra água salobra; Morais (1813, v.2, p.660) já registra *salobro*, definindo o termo como aquilo “que tem gosto de sal, que toca de salgada; v.g. água salobra. Poços salobros [...]”. Para Ferreira (2004), *salobra* é a água com salinidade inferior à das águas oceânicas e que contém em dissolução alguns sais ou substâncias que a fazem desagradável.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Só. E depois tem o Salubrinho aqui embaxo né? Que atravessa o corgo. Que aquele corgo nasce lá.” (Entrevista 7, P.24, L. 30-31)

➤ **Documento escrito**

**Salobrinho** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).

<b>122. TOPÔNIMO:</b> Santa Cruz	<b>TAXIONOMIA:</b> Hagiotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> humano/ fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>f</sub> [ADJ <sub>sing</sub> + S <sub>sing</sub> ]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v. 7, p.477) registra Santa Cruz como uma vila da Coroa de Portugal na Ilha das Flores e também um ilha das Índias Ocidentais ao Sul das Ilhas Virgens. Ferreira (2004) define <i>Santa Cruz</i> como uma “capelinha ou cruz à beira de estrada, erigida, não raro, em memória de alguém que ali foi morto”. Machado (1984, p.1308) afirma que <i>Santa Cruz</i> é um topônimo frequente em Portugal, Açores, Madeira, Cabo Verde, Angola e Brasil. Esse nome tornou-se particularmente célebre por ser o segundo nome dado às terras brasileiras, mais precisamente: Terra de Santa Cruz. O primeiro foi Terra de Vera Cruz.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b> “Justamente. A fazenda que era do meu sogro é Cercado. Hoje... Uma que foi de cumpade Sinésio, que me/que os meus menino, que já num era meu mais, que meus menino comprô, es tem fazenda <u>Santa Cruz</u> .” (Entrevista 12, p.43, L. 58-60)	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>123. TOPÔNIMO:</b> São Francisco	<b>TAXIONOMIA:</b> Hagiotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> físico/rio	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>m</sub> [ADJ <sub>sing</sub> + S <sub>sing</sub> ]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Varazze (2003, p.836) registra <i>São Francisco</i> como santo da Igreja Católica, nascido na cidade de Assis.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b> “O/ o...Paropeba, Rio do Peixe, Pará e <u>São Francisco</u> .” (Entrevista 7, p.25, L. 60)	
➤ <b>Documento escrito</b> <i>São Francisco</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).	

<b>124. TOPÔNIMO:</b> São José	<b>TAXIONOMIA:</b> Hagiotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> De Varazze (2003, p.746) registra <i>São José</i> como santo da Igreja Católica, pai de Jesus.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Ah isso eu num sei. São José é porque a fazenda do avô dela chama-se <u>São José</u>, então ela é parte dela. E eu fui e deixei ela com o nome da fazenda.”</i>(Entrevista 9, P.31, L. 13-14)</p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>	

<b>125. TOPÔNIMO:</b> Silva Campos	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/distrito</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Silva Campos &lt; Buritizal</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>pl</sub>] (apelido de família)</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Barbosa (1995, p.344) registra Silva Campos como distrito de Pompéu. “O povoado primitivo chamava-se Buritizal. Nesse, povoado pela lei Nº 336, de 27 de dezembro de 1948, foi criado o distrito, com a denominação de Silva Campos. Entretanto, no seio da população, o nome Buritizal permanece até hoje”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Inf.: Em <u>Silva Campos</u>, tinha um senhor chamado Bahia, ele era... irmão do Tomaz Lopes, o que colocô a.. Tomaz Campos, Lopes era o de Pitanguí. O Tomaz Campos em Pompéu, o irmão dele Bahia era o comprador, era o agente de compra. Tinha um depósito de creme em <u>Silva Campos</u>, saía os cremero. Com umas mula carregando as lata de creme recolhen o creme das fazenda’.”</i> (Entrevista 21, p.74, L. 229-233)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Silva Campos</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).</p>	

<b>126. TOPÔNIMO:</b> Sirva	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico/pasto</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing] (apelido de família)</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> <i>Silva</i> é, segundo Mansur Guérios (1973, p.199), um sobrenome português de origem latina e nome de várias plantas. Para Machado (1984, p.1347), <i>Silva</i> é um topônimo freqüente em Portugal e na Galiza.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Num tem não. Al/ os meus por exemplo eu ponho nome nês é... competente ao lugar tem... um pasto chama <u>Sirva</u>, ota chama Capuera, o oto chama do Oto Lado do Corgo ((risos)).”</i> (Entrevista 9, p.31, L. 40-42)</p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>	

<b>127. TOPÔNIMO:</b> Tamburilo	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> indígena</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Tamburilo &lt; Tamboril</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.332) descreve <i>Tambory</i> como uma planta leguminosa, cujo caule, se cortado, verte líquido.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Pesq.: As fazendas lá têm muito nome ligado à natureza né? Buriti do Atolero, Saco Barrero, Salobro.  Inf.: <u>Tamburilo</u>.  Pesq.: Tamboril por que?  Inf.: Por que tem um pau de Tamburil, que inclusive é existente até hoje lá.”</i> (Entrevista 11, p.41, L. 110-114)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Tamboril</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>	

<b>128. TOPÔNIMO:</b> Taquara	<b>TAXIONOMIA:</b> Fitotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/povoado</p> <p><b>ORIGEM:</b> indígena</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.337) registra <i>taquara</i> como bambu “a haste furaca, oca”. Machado (1984, p.1384) afirma que <i>Taquara</i> é um topônimo no Brasil, mais precisamente no Rio Grande do Sul.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Pesq.: Por que Capivara é um bicho num é?  Inf.: É um bicho. E depois Taquara.  Pesq.: Taquara/ Taquara é...  Inf.: É perto do Ri’ Paropeba, na direção de Sete Lagoas.”</i> (Entrevista 21, p.72, L. 140-143)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Taquara</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</p>	

<b>129. TOPÔNIMO:</b> Tijuco	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> indígena</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> n/e</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Silveira Bueno (1998, p.353) registra a forma <i>tijuca</i>, que, segundo o autor, é o “mesmo que tijuco, o lameiro, o brejo, lamaçal”. Conforme Machado (1984, p.1409), o topônimo <i>Tijuca</i> ocorre no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro. “Do tupi tu-uka, ‘o brejo, a lama, o charco, o paul’.”</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  <i>“Não. Num sei. Tijuca ou Tijuco. Fala Tijuco mesmo.”</i> (Entrevista 19, P.63, L. 185)</p> <p>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Tijuco</i> (Plano Rodoviário do Município de Pitangui. ESTADO DE MINAS GERAIS – MUNICÍPIO DE PITANGUI - Esc. 1:75.000; 1977)</p>	

<b>130. TOPÔNIMO:</b> Troncha	<b>TAXIONOMIA:</b> Morfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> humano/povoado	
<b>ORIGEM:</b> Portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.8, p.308) traz duas definições para <i>troncho</i> : 1. como substantivo, significando um pedaço cortado de outro maior ou então, sinônimo de talo; 2. como adjetivo, para definir o animal que não tem cauda, ou o que cortaram as orelhas. Para Moraes (1813, v.2, p.814) <i>troncho</i> pode ser o membro ou peça que se cortou do tronco. Ferreira (2004) define <i>troncho</i> como algo ou alguém que está “privado de algum membro ou ramo; mutilado, tronco, truncado”; podendo significar, ainda, “curvado para um dos lados; torto”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“ <i>Troncha, Troncha, um troncha, uma troncha. Parece que essa troncha aí dá assim uma idéia de pessoa pôco inteligente, parece que era empregado assim no sentido de pessoa boba, de uma pessoa assim mei/mei disintindida. Chamava ês de troncha.</i> ” (Entrevista 21, p.72, L. 137-139)	
➤ <b>Documento escrito</b>	
<i>Troncha</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976).	

<b>131. TOPÔNIMO:</b> Tunico da Quita	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu/Papagaios/Pitangui	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NC <sub>m</sub> [Ssing + {Prep+ Asing} + Ssing] (prenome + hipocorístico)	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Mansur Guérios (1973, p.55) registra a forma Antônio, de “étimo controverso”, mas “que deve a Santo Antônio de Lisboa (Pádua) a ampla difusão que tem”. <i>Quita</i> é para o autor (1973, p.184) a abreviatura de “Mariquita”.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“ <i>Aqui na divisa fica o Cipó de Chumbo, fica, do lado de cá, fica o Poço. Papagaio, Poço, do lado de lá fica o Cipó de Chumbo. Amurim e Fazenda da Portera e desce até o Tunico da Quita. Tunico da Quita tem um mar(co) que vai Pitangui, Pompéu e Papagaio.</i> ” (Entrevista 10, p.34, L. 46-48)	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>132. TOPÔNIMO:</b> Varge da Bagage	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios	
<b>ACIDENTE:</b> humano/ lugar	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Varge da Bagage < Vargem da Bagagem	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + {Prep+ Asing} + Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Para Bluteau (1712, v.8, p.368) “várzea, ou varzia, ou vargem, se chama um espaço de terra cultivada em campo, ou qualquer outra parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto [...]”. Em Morais (1813, v.2, p.833), <i>vargem</i> é o mesmo que “campo, planície cultivada, semeada [...]”. Para Ferreira (2004), <i>vargem</i> é: “planície fértil e cultivada, em um vale”. Machado (1984, p.1459) registra <i>Vargem</i> como topônimo “freqüente no Centro, no Sul e na Ilha da Madeira. Do substantivo feminino vargem, o mesmo que várzea [...]”.</p> <p>Bluteau (1712, v.2, p.12) afirma que <i>bagagem</i> ou <i>bagagem</i> deriva-se do francês <i>bagage</i> e “segundo Ducange, no seu glossário, <i>Bagage</i> se deriva da palavra latina Bárbara, <i>Baga</i>, que valia o mesmo que <i>Arca</i>, e de <i>Baga</i>, ou <i>Bacca</i>, que em latim é <i>Pérola</i>”. Para Morais (1813, v.1, p.251) <i>bagagem</i> tem origem na palavra inglesa <i>bag</i> e é o mesmo que “os sacos, carga, que vão em azemalas, ou carruagem, seguindo quem viaja, ou exército em marcha.” Machado (1984, p.202) registra <i>Bagagem</i> como topônimo em Algezur. Segundo Ferreira (2004), <i>bagagem</i> é um “conjunto de objetos de uso pessoal que os viajantes conduzem em malas, etc.; equipagem”.</p>	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“Pesq.: <i>E ali a vargem qual que é o nome dela que o senhor disse....</i>	
<i>Inf.: Bagage.</i> ” (Entrevista 10, p.33, L. 27-28)	
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e	

<b>133. TOPÔNIMO:</b> Varge do Cercado	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu	
<b>ACIDENTE:</b> físico/pasto	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> Varge do Cercado < Vargem do Cercado	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + {Prep + Asing} + Ssing]	
<p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Bluteau (1712, v.8, p.368) “várzea, ou varzia, ou vargem, se chama um espaço de terra cultivada em campo, ou qualquer outra parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto [...]”. Em Morais (1813, v.2, p.833), <i>vargem</i> é o mesmo que “campo, planície cultivada, semeada [...]”. Para Ferreira (2004), <i>vargem</i> é: “planície fértil e cultivada, em um vale”. Machado (1984, p.1459) registra <i>Vargem</i> como topônimo “freqüente no Centro, no Sul e na Ilha da Madeira. Do substantivo feminino vargem, o mesmo que várzea [...]”.</p> <p>Bluteau (1712, v.2, p.346) apresenta <i>cercado</i> como sendo de “um muro, de um fosso.” Morais (1813, v.1, p.374) registra: “lugar cercado como coro, liça, teia, liçada de justar [...]”. Para Machado (1984, p.391), <i>Cercado</i> é um topônimo de “Alcoutim, Castro Daire,</p>	

Faro, Loulé, Mourão, Portimão; no Brasil, freqüente. Do s.m cercado”. Segundo Ferreira (2004) *cercado* é um “terreno rodeado de muro, sebe, estacaria, etc.”, e “area delimitada por cerca, para prender animais”, e ainda, “lugar de pastagem abundante, limitado por tapumes naturais, onde os viajantes guardam à noite seus animais”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Dos pasto? Tinha o pasto da/ da/ da Ponte do Choro né? Qué vê, Ponte do Choro, que vê, a Varge do Cercado, lá em cima, a Varge do Cercado. Que da janela do sobrado via lá as campinas. Disse que os cavaleiro que vinha, as tropa parecia lá naquele alto da Varge do Cercado e ela ficava da janela olhano. Que vinha umas tropa, ela num sabia quem ia chegá no sobrado. {Vinha gente}.*” (Entrevista 14, p.47, L. 80-84)

➤ **Documento escrito: n/e**

**134. TOPÔNIMO:** Varge do Jacaré

**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** humano/lugar

**ORIGEM:** híbrida (portuguesa + indígena)

**HISTÓRICO:** Varge do Jacaré < Vargem do Jacaré

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + {Prep+ Asing} + Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme Bluteau (1712, v.8, p.368) “várzea, ou varzia, ou vargem, se chama um espaço de terra cultivada em campo, ou qualquer outra parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto [...]”. Em Morais (1813, v.2, p.833), *vargem* é o mesmo que “campo, planície cultivada, semeada [...]”. Para Ferreira (2004), *vargem* é: “planície fértil e cultivada, em um vale”. Machado (1984, p.1459) registra *Vargem* como topônimo “freqüente no Centro, no Sul e na Ilha da Madeira. Do substantivo feminino vargem, o mesmo que várzea [...]”.

Siveira Bueno (1998, p.180) registra que *jacaré* tem sua origem no tupi “ya-caré. Aquele que olha de lado, aquele que é torto. *Crocodilus sclerops*”. Segundo Machado (1984, p.817) *Jacaré* é topônimo em Moimenta da Beira e no Brasil.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Pesq.: Setenta e oito? O senhor nasceu onde?*

*Inf.: Lá nos/ na Varge do Jacaré.*” (Entrevista 7, p 24, L.7-8)

➤ **Documento escrito: n/e**

**135. TOPÔNIMO:** Varge do Peixe

**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico/ pasto

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Varge do Peixe < Vargem do Peixe

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + {Prep+ Asing} + Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme Bluteau (1712, v.8, p.368) “várzea, ou varzia, ou vargem, se chama um espaço de terra cultivada em campo, ou qualquer outra

parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto [...]”. Em Morais (1813, v.2, p.833), *vargem* é o mesmo que “campo, planície cultivada, semeada [...]”. Para Ferreira (2004), *vargem* é: “planície fértil e cultivada, em um vale”. Machado (1984, p.1459) registra *Vargem* como topônimo “frequente no Centro, no Sul e na Ilha da Madeira. Do substantivo feminino *vargem*, o mesmo que *várzea* [...]”.

Bluteau (1712, v.6, p.373) registra *peixe* como um animal que “nasce e vive na água, cuberto de pele ou escamas, com guelras, barbatanas [...]”. Morais (1813, v.2, p.421) apresenta definição semelhante a de Bluteau. Ferreira (2004) define *peixe* como “animal cordado, gnatostomado, aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias”. De acordo com Machado (1984, p.1150) *Peixe* é topônimo comum tanto em Portugal quanto no Brasil.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Ah, lá tinha Mata do Salobo, ah..., Mata do Salobo..., *Varge do Pos/Pexe*, *Varge do Jacaré*, o ota era *Pasto de Baxo*. E isso tem vários nome de *pasto*.” (Entrevista 7, p.25, L.88-89)

➤ **Documento escrito: n/e**

**136. TOPÔNIMO:** Varge Grande

**TAXIONOMIA:** Geomorfotopônimo

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** humano/povoado

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** Varge Grande < Vargem Grande

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** NCf [Ssing + ADJsing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme Bluteau (1712, v.8, p.368) “*várzea*, ou *varzia*, ou *vargem*, se chama um espaço de terra cultivada em campo, ou qualquer outra parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto [...]”. Em Morais (1813, v.2, p.833), *vargem* é o mesmo que “campo, planície cultivada, semeada [...]”. Para Ferreira (2004), *vargem* é: “planície fértil e cultivada, em um vale”. Machado (1984, p.1459) registra *Vargem* como topônimo “frequente no Centro, no Sul e na Ilha da Madeira. Do substantivo feminino *vargem*, o mesmo que *várzea* [...]”.

Para Bluteau (1712, v. 4, p.118) *grande* é um termo comparativo: “o que tem maior extensão em qualquer das dimensões.” Segundo Morais (1813, v. 2, p.97) *grande* é “oposto a pequeno” em quantidade, intensão, ou qualquer qualidade. Em Ferreira (2004) *grande* é o que tem “tamanho, volume, intensidade, valor, etc., acima do normal.” Machado (1984), p.740) registra *Grande* como topônimo nas Ilhas da Madeira e das Flores e também no Brasil. [...] entra em topônimos compostos nacionais e estrangeiros”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É, Zezé de Antonico ali. Vai *Varge Grande*, vai esse trecho tudo.” (Entrevista 13, p.45, L.34)

➤ **Documento escrito**

*Vargem Grande* (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geod. e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

<b>137. TOPÔNIMO:</b> Veloso	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui	
<b>ACIDENTE:</b> humano/povoado e fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing] (apelido de família)	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.8, p.391) registra <i>Veloso</i> como uma Vila de Portugal e também como algo felpudo. Conforme Mansur Guérios (1973, p.213), <i>Veloso</i> é um sobrenome português derivado do adjetivo arcaico <i>veloso</i> “cheio de velos, lanudo, peludo”. Machado (1984, p.1464) registra <i>Veloso</i> como topônimo em Coimbra; Ponte da Barca, Portalegre, Porto, Vila Franca de Xira; na Galiza, Beloso.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“ <i>Maria Joaquina de Pompéu Veio. Aqui já era Veloso, segundo o povo fala, que eu nem num era nascido não.</i> ” (Entrevista 13, p.45, L. 26-27)	
➤ <b>Documento escrito</b>	
<i>Veloso</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)	

<b>138. TOPÔNIMO:</b> Vereda	<b>TAXIONOMIA:</b> Geomorfotopônimo
<b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu/ Pitangui	
<b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda	
<b>ORIGEM:</b> portuguesa	
<b>HISTÓRICO:</b> n/e	
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf [Ssing]	
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Bluteau (1712, v.8, p.438), <i>vereda</i> é um caminho estreito, aberto no meio de um campo. Morais (1813, v.2, p.844-845) também registra <i>vereda</i> como caminho estreito. Ferreira (2004) define <i>vereda</i> como “região mais abundante em água na zona da caatinga, entre as montanhas e os vales dos rios, e onde a vegetação é um misto de agreste e caatinga”. Machado (1984, p.1468) afirma que <i>Vereda</i> é um topônimo em Mértola; Ilha da Madeira; Galiza; Corunha; Lugo.	
<b>CONTEXTO:</b>	
➤ <b>Oral contemporâneo</b>	
“ <i>Na fazenda da Vereda. Bêra Rio de Pexe.</i> ” (Entrevista 4, p.14, L. 73)	
➤ <b>Documento escrito</b>	
<i>Vereda</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)	

<b>139. TOPÔNIMO:</b> Vindinha da Angélica	<b>TAXIONOMIA:</b> Sociotopônimo
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/lugar</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Vindinha da Angélica &lt; Vendinha da Angélica &lt; Vendinha</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCf [Ssing + {Prep+ Asing} + Ssing] (substantivo + prenome)</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.8, p.394) apresenta <i>venda</i> como “taverna de estrada” e, também, “estalagem do campo”. Morais (1813, v.2, p.839) não dá a definição do substantivo <i>venda</i>. Conforme Machado (1984, p.1465), <i>Venda</i> é um topônimo freqüente em formas simples e compostas. O substantivo <i>vendinha</i>, diminutivo de <i>venda</i>, tem o significado de “pequena mercearia” em Ferreira (2004).</p> <p>Mansur Guérios (1973, p.54) afirma que <i>Angélica</i> é proveniente do latim <i>angélica</i>: “de anjo, pura, celestial”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “É lá/ês fala Salobo. Ali perto da <i>Vindinha da Angélica</i>.” (Entrevista 7, p.24, L.10)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  <i>Vendinha</i> (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planej. da Presidência da República; IBGE - Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)</li> </ul>	

<b>140. TOPÔNIMO:</b> Zezé de Antunico	<b>TAXIONOMIA:</b> Antropotopônimo.
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pitangui</p> <p><b>ACIDENTE:</b> humano/fazenda</p> <p><b>ORIGEM:</b> Portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Zezé de Antunico &lt; Antonico</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> NCm [Ssing + Prep + Ssing] (prenome + hipocorístico)</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Segundo Mansur Guérios (1973, p.135) <i>José</i> é um nome hebraico que significa: “Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente”. Já a forma <i>Antônio</i> foi difundida por causa de Santo Antônio de Lisboa (Pádua). Machado (1984, p.144) afirma que <i>Antonico</i> é diminutivo de Antônio. <i>José</i> é registrado por Machado (1984, 832) como nome hebraico referente à personalidade bíblica de São José.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Oral contemporâneo</b>  “É, <i>Zezé de Antunico</i> ali. Vai Varge Grande, vai esse trecho tudo.” (Entrevista 13, P.45, L. 34)</li> <li>➤ <b>Documento escrito</b>  “...da Fazenda da Barra e o <i>Antonico</i> vaquero pratico da quela Fazenda por cujo motivo e tirada dez potica do Reo perdesse duas Malhadas de gado da varje...” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.60 – Fól. 8A) (Cf. Anexo VI, P.107)</li> </ul>	

## 4.2 Referentes Geográficos

### 4.2.1 FÍSICOS

<p><b><i>Bêra</i></b></p>
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Pompéu</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> bêra &lt; beira</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf[Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.2, p.87), apresenta <i>Beira</i> como uma “província portuguesa entre o Mondego e o Douro”. Em Morais (1813, v.1, p.274) <i>beira</i> é descrita como “borda, ribanceira, do mar, do rio: margem [...]”. Segundo Machado (1984, p.232) <i>Beira</i> é um topônimo em “Três províncias de Portugal; cidade de Moçambique; localidade do Maranhão (Brasil). A noção da unidade regional que se entende genericamente por Beira talvez tenha aparecido em fins do século XII, após a fundação dos castelos e concelhos da Guarda, Covilhã e limítrofes”. Ferreira (2004) define <i>beira</i> como: “borda, margem, orla”.</p> <p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>➤ <b>Oral contemporâneo</b></p> <p>“<i>Tem/ tem a Vereda. (Por)que Vereda é perto daqui. É/ indo daqui prá lá, Parmital ta na bêra desse corgo e Vereda tá na bêra desse corgo mesmo, porque esse córrego nasce na no municipo de Pom/ de Papagaio. E/ e ele nasce atrás dessa serra vai até no Parmital, no Parmital ele vira prá...</i>” (Entrevista 6, p.20, L. 138-141).</p> <p>➤ <b>Documento escrito:</b> n/e</p>
<p><b><i>Cabicera</i></b></p>
<p><b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios</p> <p><b>ACIDENTE:</b> físico</p> <p><b>ORIGEM:</b> portuguesa</p> <p><b>HISTÓRICO:</b> Cabicera &lt; Cabeceira</p> <p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nf[Ssing]</p> <p><b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Em Bluteau (1712, v.2, p.11) encontramos <i>cabeceira</i> com várias acepções (cabeceira da mesa e da cama, por exemplo), mas não como cabeceira do rio. Morais (1813, v.1, p.311) afirma que <i>cabeceira</i> é “o lugar que corresponde à cabeça”. Não há exemplos para cabeceira de rio. Já Ferreira (2004), em uma das acepções apresentadas, mostra: “lugar onde nasce um rio ou riacho; nascente”, e também, “lugar coberto de buritis, em que há uma nascente”. Em Machado (1984, p.298) Cabeceira é um topônimo que pode aparecer no plural e também em formações compostas, cujo significado é “a parte mais alta”.</p> <p>Souza (2004, p.59) registra cabeceiras como nascente de rio ou de riacho, “o mesmo que fonte, mina, vertente, lacrimal, minadouro, nascente [...]”. Guerra (1954, P.39) define</p>

cabeceira como: “área onde surgem os olhos d’água que dão origem a um curso fluvial, é o oposto à foz. Não se deve pensar que a cabeceira é um lugar bem definido. Por vezes elas constituem uma verdadeira área, e neste caso surge uma série de problemas não menos difíceis, qual seja o da escolha de um critério para a determinação do rio principal. Como exemplo desta dificuldade temos as cabeceiras do rio Amazonas. As *cabeceiras* são também denominadas de: *nascente*, *fonte*, miradouro, *mina*, lacrimal, pantanal, manacial. Os termos mais comuns, porém, são os que aparecem em itálico”. Coluccio (1947, p.20) assim define *cabecera de un rio*: “es el lugar donde se origina um río”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“É. E aqui desce agora de Cipó de Chumbo vai direto ao Capão do Parmital, *cabicera* do Corgo do Oro, e *cabicera* do Buriti do Cordovil. Buriti do Cordovil vai ao [...] do Buriti do Cordovil até o Brejão. Do Brejão desce o Rio Pardo, do Rio Pardo aí desceno a direita é Papagaio, à esquerda é Pompéu. (Entrevista 10, p.34, L. 57-60)

➤ **Documento escrito**

“Partindo do rio Paraopeba pelo córrego das Lages acima, à *cabeceira* do córrego denominado “Piedade”, apanhando a serra do João Simão, pelo cume, até morrer no córrego do “Retiro”, por este acima até a sua *cabeceira*, na estrada que vai de Maravilhas para a fazenda da Varginha [...]”. (Anexo da Lei 556 de 30 de agosto de 1911 – Dispõe sobre a Divisão Administrativa do Estado e contém outras disposições). (Cf. Anexo VII, p.111).

**Capão**

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico

**ORIGEM:** indígena

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [S<sub>sing</sub>]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Silveira Bueno (1998, p.92) define *capão* como “a ilha do mato, capão de mato é ainda hoje uma porção de árvores isolada no meio do terreno”. Machado (1984, p.341) apresenta capão como topônimo freqüente no Brasil. Segundo Ferreira (2004), *capão* é “porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato”.

Em Cunha (1924, p.94) *capão* é “um pequeno bosque insulado num descampado”. O autor apresenta o termo como sendo registrado pela primeira vez em um documento de 1624.. Amadeu Amaral (1976, p.109) descreve *capão* como “mato pequeno e isolado”, de origem tupi. E segundo Souza (2004, p.82) o vocábulo indígena *capão* é uma ilha de mata; paisagem que surge entre os campos quebrando sua monotonia. Uma vegetação vistosa, “que semelha a verdadeiros oásis no meio dos campos e nos encontros de outeiros, onde há sempre umidade”

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“Antigamente tinha um *capão* lá, até antigamente se chamava Capão da Onça, que tinha muita onça, depois ((risos)), depois passo a Ca/ então porque lá chama Capão da Suçarana. Porque tinha muita onça/ uma onça/ uma onça amarela que chama suçarana.

*Antigamente tinha muita suçuarana lá.*” (Entrevista 15, p.50, L. 54-57)

➤ **Documento escrito:** n/e

### *Capuera*

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico/ pasto

**ORIGEM:** indígena

**HISTÓRICO:** capuera < capueira

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** De acordo com Silveira Bueno (1998, p.93), *capoeira* é a “roça abandonada, roça que foi roça”. O mesmo afirma Ferreira (2004): “terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim”. Segundo Machado (1984, p.343) *Capoeira* é um topônimo freqüente no Brasil e significa “mato renovado, menos basto, em local onde se derrubou ou queimou maga virgem.”

Cunha (1924, p.98) registra as seguintes variações: *capoeira, capuera, quapoeira, copuera*. De Ko’puera < ‘ko ‘roça’ + ‘puera ‘que já foi’, é “o mato que já foi roça”. O autor apresenta o termo como sendo registrado pela primeira vez em um documento de 1577. Amaral (1976, p 110) afirma que “*capuera*” é o mato que nasceu em lugar de outro derrubado ou queimado. E em Souza (2004, p.86) *capoeira* é o lugar da mata que deixou de existir após desflorestamentos. Sua “constituição arbórea é diferente da mata primitiva e vale como transição entre esta mata e os cerradões”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“numa *capuera* que eu fiz pasto nela, ficô com o nome de *Capuera*.” (Entrevista 9, p.32, L. 48)

➤ **Documento escrito**

*Capueira* (Carta de Pompéu, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. De Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

### *Corgo ~ córrego ~corguinho*

**MUNICÍPIO:** Pompéu/ Papagaios

**ACIDENTE:** físico

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** corgo ~ córrego

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** conforme Bluteau (1712, v.2, p.563) *córrego* é “água que corre a modo de um rigueiro”. Morais (1813, v.1, p.476) define *córrego* como “regueiro d’água que sai de tanque. [...] Caminho estreito entre montes. [...] às vezes os *córregos* d’água são de enxurrada, e nas Minas tira-se nele ouro”. Ferreira (2004) apresenta uma lista extensa de acepções para *córrego*: “regueiro ou sulco aberto pelas águas correntes”; “caminho estreito, ou atalho, entre montes ou muros”; “ribeiro de pequeno caudal, riacho”; e “na região média do São Francisco, qualquer dos afluentes desse rio”. Machado (1984, p.454) apresenta a variação *Córrego* que é topônimo em Felgueiras,

Guimarães, V.N. de Famalicão; na Galiza: Orense; freqüente no Brasil, onde ocorre *Córregos* em Minas Gerais e Santa Catarina. O mesmo autor registra as variações *corgo* e *corgos*.

Em Amaral (1976, p.119), *corgo* é o mesmo que “riacho”. Souza (2004, p 117) define *corgo* como riacho, córrego, regueiro e regueira, no nordeste do Brasil e em Minas Gerais. Mas designa também “represa das águas do rio cheio em estreitos vales marginais”.

#### CONTEXTO:

##### ➤ **Oral contemporâneo**

“Lá ele tem o/ tem o no(me)/ os corgo tem o nome da/ das fazenda. É tem o Corgo do/ da Vereda, da então passa po nome do Corgo do/ do Parmital, e da então passa/ ele toma o nome do Corgo Marruás. Aqui/ passa pra baxo aqui ele toma o nome do Corgo da/ da Portera. É de acordo com as fazenda. Ele num tem um nome do nascedô até cai no Pará não.” (Entrevista 6, P.20, L. 143-146)

“Tem/ tem a Vereda. (Por)que Vereda é perto daqui. É/ indo daqui prá lá, Parmital ta na bêra desse corgo e Vereda tá na bêra desse corgo mesmo, porque esse córrego nasce na/ no municipio de Pom/ de Papagaio. E/ e ele nasce atrás dessa serra vai até no Parmital, no Parmital ele vira prá...” (Entrevista 6, p.20, L. 138-141)

“Então, o tataravô da minha mãe foi fazê o sobrado pra ela. Chegô lá, o tataravô da minha mãe/ um dia chegô um moço aqui do Papagaio, de Martinho Campo’, chamava Abadia naquele tempo, chegô e fa/ ali onde ta o cemitério do Pompéu Veio, que cê pode repará que tem um corquinho ali do lado de cá. Ele que/ num queria judiá o cavalo não e esse nêgo tava mexendo numa horta ali, o Zezim. Ela foi e chamô ele e pediu ele, ele falô com ele: ô nêgo, travessa meu cavalo prá mim aí. Ele falô assim: eu num cumpro orde mai’ não.” (Entrevista 10, p.37, L. 230-235)

##### ➤ **Documento escrito**

**Córrego** (Carta de Pompéu, MG; Secret. de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diret. de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1:100.000; 1976)

#### **Grota**

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** físico

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Para Ferreira (2004) *grota* é a “abertura produzida pelas enchentes na ribanceira ou na margem de um rio”; “vale profundo”; “depressão de terreno úmida e sombria”. Machado (1984, p.745) apresenta *Grota* como topônimo freqüente nos Açores; Pampilhosa; freqüente no Brasil. “Do s.f. *grota*, abertura feita pelas enchentes na ribanceira ou margem de rio; vale profundo”.

*Grota* é para Souza (2004, p.164) um “vale pequeno e fundo”. O autor afirma que este é um termo muito comum em todo o Brasil e também designa “terreno em plano inclinado na interseção de duas montanhas”. Para Guerra (1954, p.124), *Grota* é um “termo regional usado para as depressões do solo que aparecem em encostas alcantiladas. Nas bordas dos chapadões são freqüentes essas depressões cavadas pela erosão, que quando muito grandes são denominadas *grotões*”.

**CONTEXTO:**➤ **Oral contemporâneo**

“*Aí vai só desceno, à direita/ esquerda Pompéu, direita Papagaio, até Paropeba. Lá Paropeba acima até o Corgo do Monjolo, do Corgo do Monjolo acima até um lugar por nome/ uma fazenda por nome de Chácara. Da Chácara, à Barra, da Barra, Buriti Furtuoso, Furtuoso ao... Furtuoso ao/ ao ...Alto do/ Alto do Canavial. Do Alto do Canavial à Grotá Vermeia, da Grotá Vermeia ao Morro de Pedra, do Morro de Pedra, o Corgo das/ da Lajinha, que é o corgo das criola, falava antigamente.*” (Entrevista 10, P.34, L. 60-65)

➤ **Documento escrito:** n/e**Murrim****MUNICÍPIO:** Papagaios**ACIDENTE:** humano/fazenda**ORIGEM:** portuguesa**HISTÓRICO:** Murrim < Morrinho < Morro**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Para Ferreira (2004), morrinho é “monte pouco elevado; colina, outeiro”. Machado (1984, p.1025) descreve Morrinhos como topônimo no “Brasil; Ceará. Diminutivo de morro, o que se comprova com a orografia da região”. Conforme Guerra (1954, p.159), morro é “monte pouco elevado, cuja altura é aproximadamente de 100 a 200 metros. Termo descritivo para o geomorfólogo, e muito usado pelos topógrafos”. De acordo com Coluccio (1947, p.83), Morro “em quíchua, mojón, morroyura, morón Blanco. Guijarro pequeño e redondo. Monte o peñasco escarpado que sirve de marca a los navegantes em La costa. (Em el Perú designan com el nombre de *morros* a los cerros aislados que presentan los caracteres mencionados, muy frecuentes em La Cordillera de La Costa)”.

**CONTEXTO:**➤ **Oral contemporâneo**

“*Em mil novecentos e dezessete, foi partido o Morrinho. Dividiu ta Dotor Onofre de Pitanguí, dividiu o Murrim. E ele/ ele foi comprô 25 alquere de terra no Morrinho e dividiu pá/ deu prá Papagaio. Pá Santo Antônio, que é aquela igreja de Santo Antônio. Aonde existe hoje o cemitério e a igrejinha, no mais o povo acampô tudo. Tem fazendero nesse/ nesse/ que tem pedaço desse trem, tem muita gente que tem casa, daí então esse Antônio Golçaves teve o seguinte filho: José Gonçalves Ferrera, casô com Amélia Lobato e veio... desses fio dela, da Amélia Lobato são Antônio Gonçalve Ferrera, José Gonçalve Ferrera, vulgo Nêgo do Amorim, An/ vulgo nêgo do Amorim e a Conceição do Tunico da Quita e tem uns 'otos que eu não me lembo. O jos/ o José é o Juca do Pires, 6que falaro, que ficô na fazenda do avô.*” (Entrevista 10, p.36, L. 180-189).

➤ **Documento escrito:** n/e

**Valo ~valozim**

**MUNICÍPIO:** Pompéu

**ACIDENTE:** físico

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Bluteau (1712, v.8, p.356) define *valo* como “uma trincheira, terra levantada ao redor de um campo ou de outra coisa, para não entrar nele gente nem gado”. Morais (1813, v.2, p.819) descreve *valo* como “muro de pedra, ou terra para cercar, defender a entrada”. Esse termo aparece em Ferreira (2004) como parapeito que protege um campo.

Guerra (1954, p.235) apresenta “vallons” como “paisagem física relativamente plana e cortada, ou melhor, levemente dissecada por uma série de vales pequenos. É um termo francês que traduz um tipo de paisagem ondulada com subidas e descidas à semelhança da *montanha russa*, constituindo o que podemos denominar de relevo valonado”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

*“É Ah agora... eu não sei dessa história também sabe? Lado de cá do corgo, que era do meu pai, era denominado Fazenda Cercado, agora lado de lá era Pasto das Ovelha. Um poquinho de história de Dona Joaquina nessa parte aí cê me pegô. Que eu num sei de nada. Mas esse nome Pasto das Ovelha’, a orige dele é porque era o pasto das ovelhas de Dona Joaquina. Inclusive ele era cercado por água de valo. Valo construído pelos escravos.”* (Entrevista 2, p.10, L. 57-61 )

*“É, é isso. Ela tinha uma pequena parte separada por oto valozim, que era onde ela prendia as ovelha(s), numa área pequena, quando elas tava próxima de dá cria sabe? Ai ela tinha esse pastim fechado.”* (Entrevista 2, p.10, L. 74-76 )

➤ **Documento escrito:** n/e

**Varge**

**MUNICÍPIO:** Papagaios

**ACIDENTE:** físico

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** varge < vargem

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** Conforme Bluteau (1712, v.8, p.368) “várzea, ou varzia, ou vargem, se chama um espaço de terra cultivada em campo, ou qualquer outra parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto [...]”. Em Morais (1813, v.2, p.833), *vargem* é o mesmo que “campo, planície cultivada, semeada [...]”. Para Ferreira (2004), *vargem* é: “planície fértil e cultivada, em um vale”. Machado (1984, p.1459) registra *Vargem* como topônimo “frequente no Centro, no Sul e na Ilha da Madeira. Do substantivo feminino vargem, o mesmo que várzea [...]”.

Souza (2004, p.335) registra várzea e acrescenta suas variantes: *vargem*, *varge* (mais comuns) e *várgea* e *varja*. Segundo o autor são palavras portuguesas que designam “terra chã, planície, campina cultivada”, e há uma aplicação peculiar no Brasil quando designa os terrenos baixos e planos que marginam os rios e ribeirões, em geral solo aluvial fértil.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*Porque ês mataro um jacaré lá nessa varge.*” (Entrevista 7, P.24, L. 14)

➤ **Documento escrito**

“*...da Fazenda da Barra e o Antonico vaquero pratico da quela Fazenda por cujo motivo e tirada dez potica do Reo perdesse duas Malhadas de gado da varje...*” (APM – FJBP 1 – Cx 01 – Doc.60 – Fól. 8A) (Cf. Anexo VI, P.107)

**Vereda**

**MUNICÍPIO:** Pitangui

**ACIDENTE:** físico

**ORIGEM:** portuguesa

**HISTÓRICO:** n/e

**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]

**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:** conforme Bluteau (1712, v.8, p.438), vereda é um caminho estreito, aberto no meio de um campo. Morais (1813, v.2, p.844-845) também registra vereda como caminho estreito. Machado (1984, p.1468) afirma que Vereda é um topônimo em Mértola; Ilha da Madeira; Galiza; Corunha; Lugo. E em Ferreira (2004), Vereda é “região mais abundante em água na zona da caatinga, entre as montanhas e os vales dos rios, e onde a vegetação é um misto de agreste e caatinga”.

Amaral (1976, 192) registra a expressão “de vereda” que é sem interrupção, de uma vez. Para Souza (2004, p.338) o termo vereda é empregado nas regiões centrais do Brasil para designar “agrupamento de matas cercadas de campo, com pindaibas e buritis, em tiras pelos cerrados”. Ele ainda acrescenta: “as veredas estão localizadas num solo arenoso, aluvial, com relva dura, e gramináceas em touços: gozam de geral estima entre os sertanejos como pasto precioso para o gado”.

**CONTEXTO:**

➤ **Oral contemporâneo**

“*É. E aqui esse livro falava nas histórias dos crime bárbaro que acontecia na vereda dos Papagaios, tanto que eu falo com ês, as placa de carro que tive o S é certo, a que num tive num é. Que é vereda dos Papagaios. É porque tinha dois buritizal, um vinha da Estribera, que é esse corgo dessa., e o oto vinha da Plantinha, e encontrava ali e formava um pântano mesmo ali.*” (Entrevista 10, p.34, L. 89-93)

➤ **Documento escrito:** n/e

#### 4.2.2 ANTROPOCULTURAIS

<b><i>Arraialzim</i></b>
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios
<b>ACIDENTE:</b> humano
<b>ORIGEM:</b> portuguesa
<b>HISTÓRICO:</b> arraialzim < arraialzinho < arraial
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Bluteau (1712, v.1, p.544) e Morais (1823, v.1, p.183) definem <i>arraial</i> , ou <i>arrayal</i> , como: “alojamento do exército em campanha”. Machado (1984, p.169) <i>arraial</i> como topônimo, encontrado em Portugal – Alenquer, Feira, Portalegre, Valença; Ilha de São Miguel – e no Brasil – Arraial do Cabo, vila do Estado do Rio de Janeiro”. Em Ferreira (2004) encontram-se várias acepções para <i>arraial</i> , dentre elas: “Povoação de caráter temporário, geralmente formada em função de certas atividades extrativas, como a lavra de minérios, ou de metais raros”; e “aldeola, lugarejo.” Souza (2004, p.16) afirma que <i>arraial</i> no Brasil denomina a pequena povoação, “não raro temporária”, e que o termo é sinônimo de “povoado, comércio, rua no Brasil; e lugarejo e aldeia em Portugal”.
<b>CONTEXTO:</b>
➤ <b>Oral contemporâneo</b> “ <i>Ele pa/ é povoado. Um arraialzim. Ele passa dentro da fazenda. Até o certo é isso.</i> ” (Entrevista 4, p.15, L. 108-109)
➤ <b>Documento escrito:</b> n/e

<b><i>Povoado ~povoadozim</i></b>
<b>MUNICÍPIO:</b> Papagaios
<b>ACIDENTE:</b> humano/povoado
<b>ORIGEM:</b> portuguesa
<b>HISTÓRICO:</b> n/e
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Nm [Ssing]
<b>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</b> Conforme Bluteau (1712, v.6, p.662) <i>povoado</i> é o lugar que é “habitado de muita gente. Cidade povoada”. Morais (1813, v.2, p.481) registra <i>povoado</i> como particípio passado de povoar. Para Ferreira (2004) povoado é uma “pequena aglomeração urbana; lugarejo, vila, aldeia, povoação, povo, povoa”. Machado (1984, p.1208) registra povoação, povoada e povoador, mas não apresenta povoado ou povoadozinho.
<b>CONTEXTO:</b>
➤ <b>Oral contemporâneo</b> “ <i>Aqui próxima? Ah, aqui tem muitas fazenda, mas eu num tô a par, que ali tem os <u>Costa</u>, tem os <u>Costa</u> que era um povoado né? Tem/ tem Riacho, um <u>povoado</u> também, no caminho de Pitangui, e/e Varge Grande, todo mundo conhece né? Agora fazenda tem diversa mas eu nem sei nome.</i> ” (Entrevista 20, P.65, L. 79-82)

*“Não. Aqui toda vida, foi meu pai que fez, pôs o nome de Marruás. É. Essa ota aqui, em cima, era de meu avô, tinha nome de Parmital. Mas prá cima tinha o nome de Rancharia, que era um/ um povoadozim. Que todo mundo tinha um mucadim de terra.”*  
(Entrevista 6, P.19, L. 70-72)

➤ **Documento escrito:** n/e



FOTO 15 – Boi Tafaréu/ Fazenda Salgado. Pompéu/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

## Capítulo 5 – Análise quantitativa e discussão dos resultados

Após as entrevistas, o levantamento de dados enciclopédicos, o estudo lingüístico e a classificação toponímica, passemos à análise quantitativa e à discussão dos resultados.

Como foi visto no capítulo 4, durante a realização do trabalho, identificamos 140 *nomes geográficos* e 12 *referentes geográficos* que serão analisados quantitativamente sob a forma de tabelas e gráficos neste capítulo.

### 5.1. Nomes geográficos

#### 5.1.1. QUANTO À TAXIONOMIA

As análises dos dados levantados pelas entrevistas orais na região pesquisada permitem que sejam feitas as seguintes afirmações:

##### 5.1.1.1. QUANTO À NATUREZA DOS TOPÔNIMOS

A natureza dos *nomes geográficos* ou *topônimos*, como se viu no capítulo 3, divide-se em antropocultural e física. Na análise realizada, predomina o segundo grupo: de um total de 140 topônimos, 93 são de natureza física, ou seja, 66,43% do total dos nomes. Tomando-se como referência a natureza antropocultural, o léxico-toponímico da região que foi domínio de Dona Joaquina do Pompéu soma 47 topônimos, totalizando 33,57% dos dados, conforme se pode visualizar no gráfico apresentado a seguir.

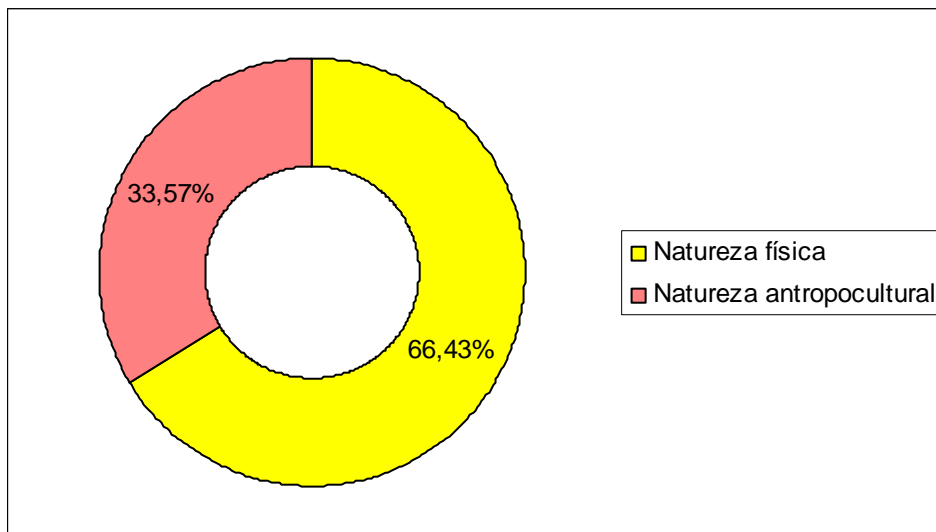


GRÁFICO 01 – Identificação percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais

### 5.1.1.2. QUANTO ÀS TAXIONOMIAS REGISTRADAS NA REGIÃO

#### 5.1.1.2.1. TOPONÍMIA FÍSICA

Como foi exposto na seção anterior, os topônimos de natureza física são maioria, somando 66,43%. Em 3.3.3.1.1, consta a relação das 11 taxes de natureza física sugeridas por Dick (1990b); no entanto, nesta pesquisa identificaram-se apenas 8 delas: cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos. Não ocorreram, entre os dados desta pesquisa, topônimos que pertençam às classes dos astrotopônimos, cardinotopônimos e meteorotopônimos.

A fitotoponímia fornece o maior número de topônimos da região estudada, somando 34 ocorrências, totalizando 24,29% dos dados gerais, conforme mostram os gráficos 2 e 3. Se as observarmos em relação à natureza, essas 34 ocorrências correspondem a 36,56% dos dados de natureza física.

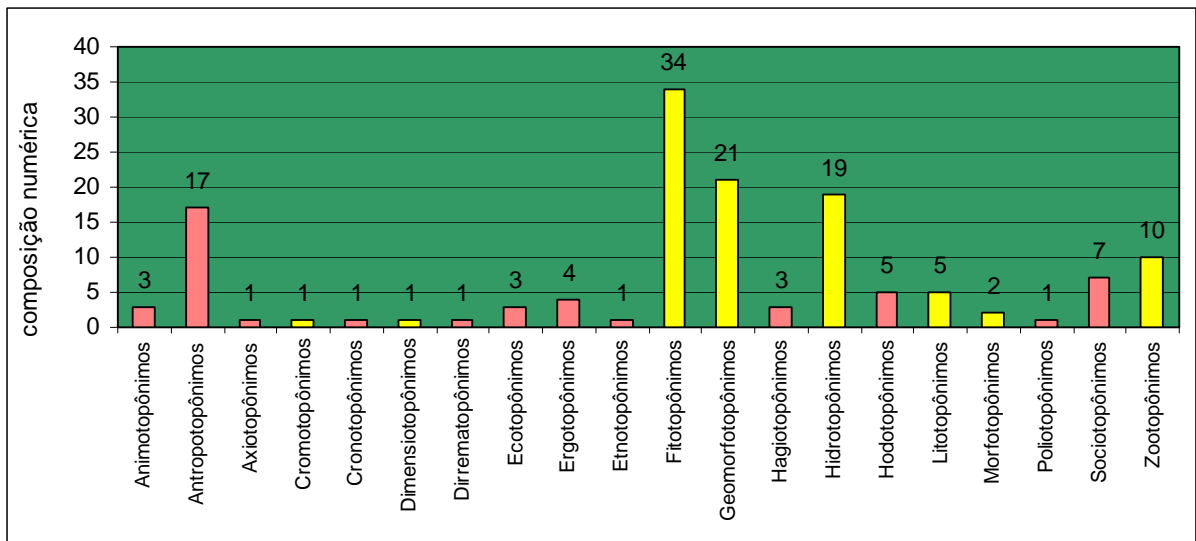


GRÁFICO 02 – Identificação numérica dos topônimos em relação a sua taxionomia<sup>38</sup>

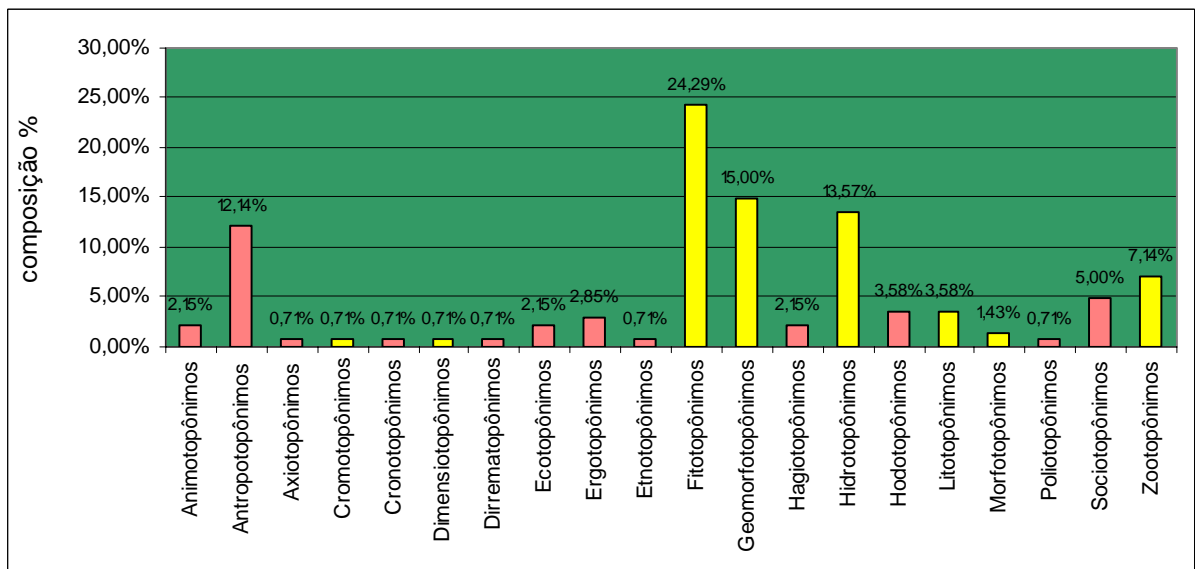


GRÁFICO 03 – Identificação percentual dos topônimos em relação a sua taxionomia<sup>39</sup>

Os 21 geomorfotopônimos encontrados aparecem em segundo lugar, totalizando 15% de ocorrências, contribuindo com 22,58% na toponímia de natureza física da região. A terceira taxa com maior número de ocorrências, tendo em vista a natureza física dos nomes, é a dos hidrotopônimos com 20,43%. Na classificação taxionômica, os hidrotopônimos somam 13,57%, aparecendo na terceira posição no que se refere ao número de ocorrências.

<sup>38</sup> As barras em amarelo representam as taxas de natureza física; as barras em rosa representam as taxas de natureza antropocultural.

<sup>39</sup> As barras em amarelo representam as taxas de natureza física; as barras em rosa representam as taxas de natureza antropocultural.

O quarto lugar entre as taxas de natureza física é ocupado pelos zootopônimos, que somam 10,75% dessas ocorrências e 7,14% na classificação geral. Os litotopônimos aparecem na quinta posição com 5,37%. O sexto lugar entre os topônimos de natureza física é ocupado pelos morfotopônimos, e a sétima posição é dividida entre cromotopônimos e dimensiotopônimos, cada um com 1,08% – considerando apenas a natureza física.

A predominância da fitotoponímia revela características da vegetação regional. O mesmo ocorre com os geomorfotopônimos e hidrotopônimos, que aparecem, respectivamente, em segundo e terceiro lugar entre as taxas com maior número de ocorrências. Revela-se, também, importante a relação entre a natureza física e a criação de gado.

#### **5.1.1.2.1.1. A importância do gado na toponímia local**

A natureza física da região que compreende os municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios se mostrou bastante propícia para a criação de gado desde os primeiros séculos do desbravamento de Minas, como foi visto em 2.2. No início, a pecuária era tratada como uma atividade complementar à exploração do ouro, mas, com o tempo, se tornou a principal fonte de renda da região e, por isso, serviu de referência para a nomeação de fazendas, pastos e povoados.

Entre os zootopônimos, podemos citar as fazendas *Marruás* e *Novilha Brava*, o povoado *Boi Pintado*, e o pasto das *Ovelhas*. Na fitotoponímia, destacam-se os pastos *Provisório* e *Meloso*, nomes esses que remetem a dois tipos de capins que servem para o trato do gado; a *Capoeira* – mato renovado no qual se queimou a mata virgem para a formação de pastos naturais –, e o *buriti*, representado por fazendas como *Buriti do Cordovil* e *Buriti do Atoleiro*. Esse último elemento da paisagem – o *buriti* – tem uma grande importância para o boiadeiro, como afirmam Martins, Iglesias e Mazzoni (1992).

Segundo esses autores, enquanto o boi fornecia o alimento, as vestes, o chapéu, a capanga para carregar mantimentos, a sela e os arreios, o chicote e o coldre para carregar a pistola, o *buriti*, onipresente no sertão, cedia suas folhas para cobrir as casas, o fruto e o tronco para fazer doces e licores, e sua imagem que assinalava os caminhos dos boiadeiros.

Por último, vale destacar que a criação de gado também deixou marcas nos topônimos de natureza antropocultural, principalmente entre os sociotopônimos e ecotopônimos. Um exemplo é a fazenda *Contagem*, que, segundo um informante, era o lugar onde Dona Joaquina vendia e comprava bois. Outro exemplo é *Retiro*, definido por Ferreira (2004) como local um tanto retirado da sede da fazenda pastoril, onde se solta o gado para engorda.

#### **5.1.1.2.2. TOPONÍMIA ANTROPOCULTURAL**

Quanto aos topônimos de natureza antropocultural, registramos 33,57% pertencentes às seguintes taxionomias: animotopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, cronotopônimos, dirrematopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, hagiopônimos, hodotopônimos, poliotopônimos e sociotopônimos. Não foram identificados corotopônimos, historiotopônimos, numerotopônimos e sociotopônimos, citados em 3.3.3.1.2.

Logo após fitotopônimos, geomorfotopônimos e hidrotopônimos – todos de natureza física –, os antropotopônimos foram os que mais ocorreram entre nossos dados. Ocupam, pois, o quarto lugar geral com 12,14% das ocorrências. Com relação às outras taxas de natureza antropocultural, os sociotopônimos somam 5% das ocorrências totais, os hodotopônimos, 3,58%, e os ergotopônimos, 2,85%, como pode ser verificado no gráfico 03. Em número menor, registram-se os hagiopônimos, os ecotopônimos e os animotopônimos com 2,15% das ocorrências totais cada um. Por último, aparecem os axiotopônimos, etnotopônimos, cronotopônimos, dirrematopônimos e poliotopônimos com 0,71% de ocorrências cada um.

##### **5.1.1.2.2.1. A Antropotoponímia**

Sobre os antropotopônimos, observamos durante as entrevistas que os informantes não sabiam nos dizer quase nada sobre eles, ao contrário dos topônimos de natureza física, que apresentavam sempre motivação mais transparente.

Ao realizarmos pesquisa documental, detectamos que vários *apelidos de família* que nomeiam povoados e fazendas da região como *Veloso*, *Silva Campos*, *Melgaço*, *Amorim* e o município de *Pompéu* existiam há mais de dois séculos, desde Antônio Pompeu Taques – sertanista que andara pela região de Pitangui no século XVIII. Já o topônimo *Ana Maria* – único nome

feminino identificado – não tem registro documental, nem consta na memória dos entrevistados.

Apesar de não termos conseguido encontrar documentos que comprovassem que *Ana Maria* é um topônimo antigo na região, o fato de os informantes, homens e mulheres, preferencialmente com idade acima de 70 anos, terem sempre conhecido esse nome geográfico, sem, contudo, se lembrarem de sua motivação, indica que o mesmo deve estar, há bastante tempo, presente na história de Pompéu. O mesmo acontece com a fazenda *Pedro Nolasco* e com o povoado *Manoel de Souza*, ambos em Pitangui.

Nossa observação sobre a antropotoponímia local comprova o que diz Seabra (2004, p.315). Para essa pesquisadora, quando o antropotopônimo está relacionado à História, o vínculo referente-sentido se mantém e o seu sentido é mais comumente identificado. Nos outros casos, como de “antigos sesmeiros, sertanistas pouco conhecidos ou pessoas que não permaneceram na região, a noção do ‘sentido’ torna-se apagada.”

### **5.1.2. QUANTO À ORIGEM DOS NOMES**

No que se refere à origem dos nomes de lugares, conforme se pode observar nos gráficos 4 e 5 (dados numéricos e percentuais), a região estudada apresenta 102 ocorrências, ou 72,86% de nomes, cujas origens são portuguesas. Em um número bem menor, encontram-se os topônimos indígenas, com 15 ocorrências, correspondendo a 10,71% do total. Os nomes de origem africana somam 2 ocorrências, ou seja, 1,43% dos dados. Há, ainda, 17 topônimos de formação híbrida – compostos indígena-português – que representam 12,14% dos dados, e 3 topônimos de formação híbrida – compostos africano-português – que correspondem a 2,15%.

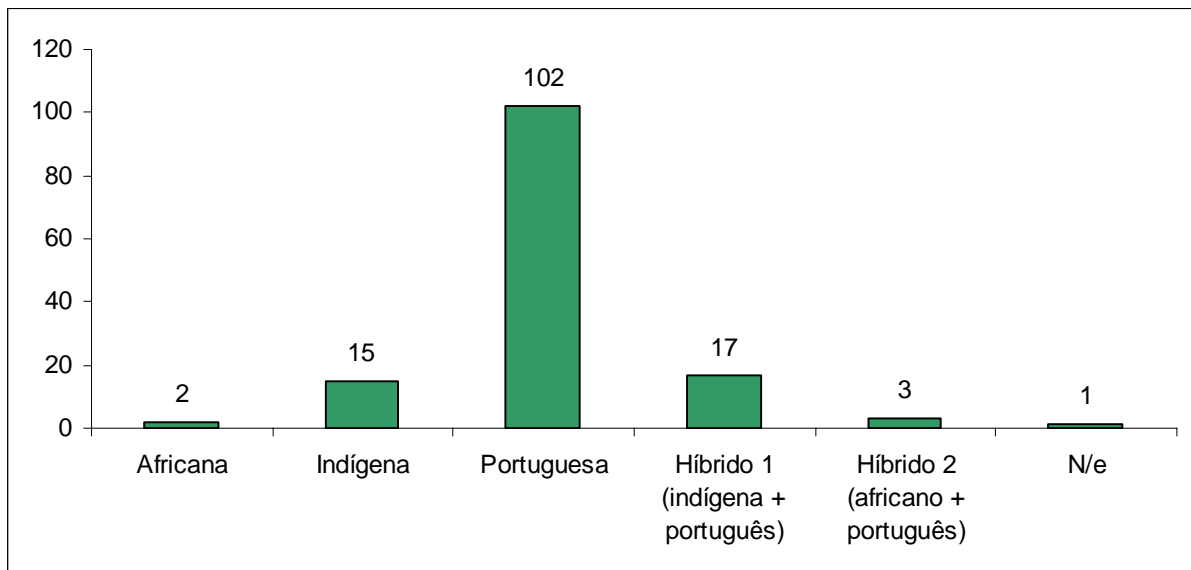


GRÁFICO 04 – Identificação numérica dos topônimos em relação à origem

Por se tratar de origem duvidosa, não classificamos o topônimo *Pindorama* (cf. ficha 93), que representa 0,71% dos dados.

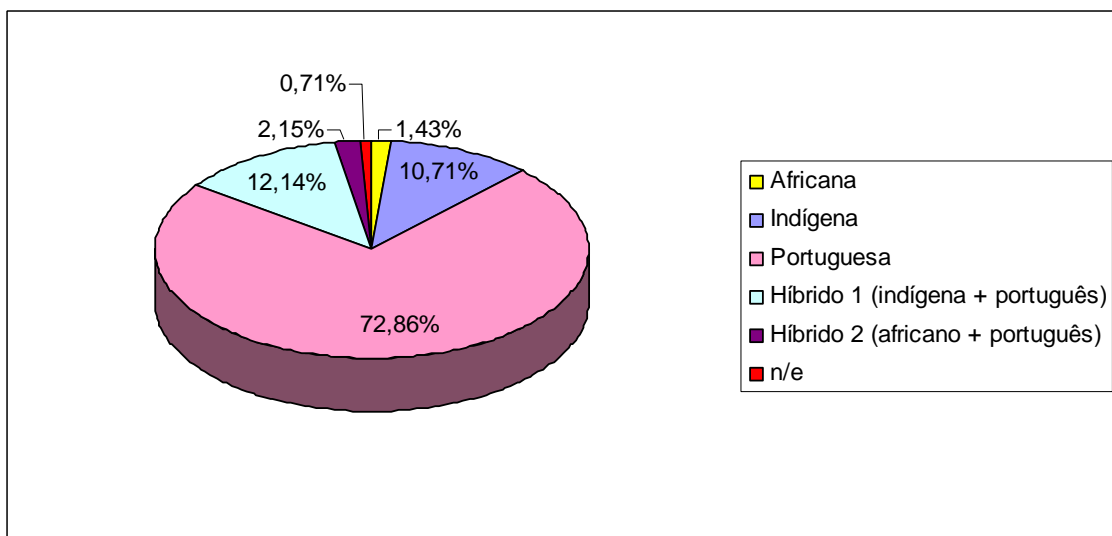


GRÁFICO 05 – Identificação percentual dos topônimos em relação à origem

### 5.1.2.1. SOBRE OS NOMES AFRICANOS E INDÍGENAS

Apesar do grande número de negros que contribuíram com o trabalho nas minas de Pitangui e da quantidade de escravos que Dona Joaquina possuía em suas fazendas, a influência de línguas africanas nos municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios apresenta-se pouco significativa, já que, em nossa pesquisa, registramos, apenas, dois nomes africanos – *Macaco*

e *Monjolo* – nomeando córregos; e três híbridos (português + africano) – *Bananeira* (fazenda), *Lagoa do Quilombo* (pasto e córrego), *Córrego Menjolo* (povoado), que juntos somam 3,58% dos dados.

Seabra (2004) registrou um número semelhante de topônimos africanos em estudo sobre a Região do Carmo, em Minas Gerais, cerca de 2,4% de ocorrências. Em trabalho posterior, Seabra (2008, p.158), quando apresenta resultados parciais do Projeto ATEMIG, afirma que as bases léxicas *banana* e *macaco* são as mais recorrentes em território mineiro quando se trata de topônimos de origem africana. Essa pesquisadora registra, ainda, dentre outras bases, a presença dos nomes *Quilombo* e *Monjolo*.

Os nomes indígenas (15 ocorrências) somados aos híbridos (português + indígena) são um pouco mais expressivos que os nomes africanos em nosso *corpus*, pois juntos somam 32 ocorrências, ou seja, totalizam 22,85% dos dados. Entre essas ocorrências, predominam os nomes de natureza física, principalmente os fitotopônimos como *Buriti do Campos*, *Capão da Madeira* e *Taquara*, o que vem corroborar a afirmativa de Dick (1990b, p.41) quando diz que “a vinculação toponímica aos traços ambientais” aparece como uma constante na nomenclatura indígena.

### **5.1.3 QUANTO À FORMA E AO GÊNERO**

Nos 140 topônimos analisados, o gênero masculino predomina com 88 ocorrências, correspondendo a 62,86% dos dados que, por sua vez, são distribuídos em nomes masculinos simples, 47 ocorrências, e nomes masculinos compostos, 41 ocorrências. O gênero feminino está presente em 37,14% dos dados, somando 52 ocorrências. Desses, 30 topônimos são nomes femininos simples e 22 são nomes femininos compostos.

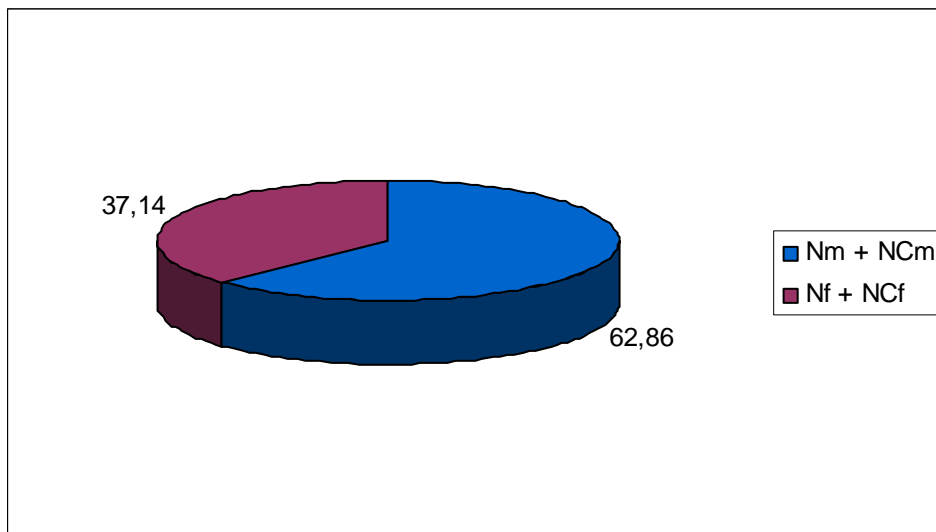


GRÁFICO 06 – Identificação dos topônimos em relação ao gênero

Entre os nomes femininos simples, há 28 ocorrências na forma [S<sub>sing</sub>] e 2 ocorrências na forma [S<sub>pl</sub>]. Já os nomes masculinos apresentam 45 ocorrências na forma [S<sub>sing</sub>] e duas ocorrências na forma [ADJ<sub>sing</sub>]. Os nomes simples somados, 30 femininos e 47 masculinos, equivalem a 55% do total dos topônimos pesquisados, enquanto os topônimos compostos, 22 femininos e 41 masculinos, somam 63 ocorrências, ou seja, 45% dos dados.

Os 41 nomes compostos masculinos são constituídos das seguintes estruturas morfológicas:

- NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = 2 ocorrências
- NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] = 3 ocorrências
- NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>pl</sub>] = 1 ocorrência
- NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = 12 ocorrências
- NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + Prep + S<sub>sing</sub>] = 5 ocorrências
- NC<sub>m</sub> [Pr<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = 1 ocorrência
- NC<sub>m</sub> [Qv + S<sub>sing</sub>] = 1 ocorrência
- NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>] = 10 ocorrências
- NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] = 3 ocorrências
- NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>pl</sub>} + S<sub>pl</sub>] = 1 ocorrência
- NC<sub>m</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>pl</sub>] = 2 ocorrências

Em um número menor, os 22 nomes compostos femininos distribuem-se nas estruturas:

- NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>] = 7 ocorrências
- NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] = 2 ocorrências
- NC<sub>f</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>] = 1 ocorrência
- NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = 1 ocorrência
- NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + {Prep + A<sub>sing</sub>} + S<sub>sing</sub>] = 11 ocorrências

### 5.1.3.1. QUANTO AOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOS TOPÔNIMOS

Há, pelo menos, cinco processos principais de formação das palavras portuguesas: derivação, composição, onomatopéia, abreviação e hibridismo. Nesta pesquisa, identificamos três destes processos: derivação, composição e hibridismo.

#### 5.1.3.1.1. DERIVAÇÃO

Um dos processos mais conhecidos de formação de novas palavras, principalmente de adjetivos e substantivos, é o acréscimo de sufixos ou derivação sufixal. Em nosso trabalho, destacamos os substantivos terminados em *-eiro(a)*, como é o caso de *Cascalheira*, *Estribeira*, *Barreiro* e *Atoleiro*. No entanto, como nossos dados partem da oralidade, na maioria dos casos, o ditongo foi suprimido da fala dos informantes e, portanto, *Barreiro* se tornou *Barrero*, *Estribeira* foi reduzido para *Estribera*. Há registros, ainda, de formação de palavras por meio do sufixo *-al*, como em *Palmital*, *Canavial* e *Buritizal*.

##### 5.1.3.1.1.1. O sufixo *-inho*

Com o sufixo *-inho(a)*, *-im*, listamos 6 ocorrências dentre os nomes geográficos: *Buritizim*, *Salubrinho*, *Lagoinha*, *Lajinha*, *Puntinha*, *Plantinha*. Mais que um simples processo de derivação sufixal, o diminutivo remete ao grau, categoria que serve para indicar proporção menor em relação a um ponto de referência.

Salgado (2006), ao analisar o diminutivo na toponímia de Extremadura, na Espanha, chama atenção para o fato de o sufixo *-inho* não ser utilizado na escrita da mesma forma como é utilizado na oralidade. Para esse autor, na fala há uma maior demonstração da afetividade – quando o diminutivo é registrado na escrita, indica uma real diminuição de tamanho, já quando aparece apenas na forma oral, indica o sentimento do falante em relação ao local. Ou seja, para o autor, o uso do sufixo *-inho* tem valores distintos se usado na escrita ou de forma oral.

Detectamos na Carta de Pompéu<sup>40</sup>, os topônimos *Buritizinho*, *Salobrinho*, *Pontinha*, *Lagoinha* e *Lajinha*, o que nos faz considerar que a proposta de Salgado de relacionar o nome escrito no diminutivo à questão do tamanho é pertinente. Durante as entrevistas orais e na pesquisa aos mapas, encontramos pares de topônimos, um no diminutivo e o outro não, como ocorre em: *Laje* / *Lajinha*, *Salobro* / *Salobrinho*, *Ponte* / *Pontinha*, além dos vários topônimos formados a partir das palavras *buriti* / *Buritizinho*, *lagoa* / *Lagoinha*.

#### 5.1.3.1.1.2. O sufixo -ão

Além do grau diminutivo, os topônimos admitem o grau aumentativo, acrescentando-se à forma normal o sufixo *-ão*. Em nossos dados, há dois casos de topônimos formados pela derivação sufixal *-ão*: *Buracão* e *Brejão*. No primeiro caso, o aumentativo utilizado pelo nomeador parece ter o objetivo de reforçar que é um povoado localizado em um grande buraco (cf. Ficha 16). No segundo caso, assim como ocorreu com alguns diminutivos, o uso do sufixo *-ão* parece ter sido usado para diferenciar a dimensão de um lugar em relação a outro, já que encontramos o par de topônimos: *Brejo* / *Brejão*.

#### 5.1.3.1.2. COMPOSIÇÃO

O processo de formação de palavras por meio de composição também é bastante comum em língua portuguesa. A união de dois substantivos, um substantivo e um adjetivo, ou de substantivos e preposições revelam um alto grau de observação e expressividade do nomeador. Em relação ao seu aspecto formal, distingue-se neste estudo:

- a) Substantivo + de + substantivo: a composição faz-se pela coordenação de dois substantivos ligados pela preposição. Esse processo se mostrou bastante produtivo na toponímia da região estudada, predominando os nomes de natureza física, como pode-se ver a seguir: *Buriti do Atoleiro*, *Buriti do Campos*, *Buriti do Cordovil*, *Buritir da Estrada*, *Cipó de Chumbo*, *Capão da Suçarana*, *Capão da Madera*, *Capão da Vereda*, *Capão do Parmital*, *Capuera da Serra*, *Lagoa da Cruz*, *Lagoa do Quilombo*, *Manuel de Souza*, *Mata da Jacuba*, *Mata do Salobo*, *Morro de Pedra*, *Olho D'Água*, *Pasto da Capela*, *Poço D'Anta*, *Ponte do Choro*, *Riacho de Area*, *Saco das Poções*, *Saco do*

---

<sup>40</sup> SE – 23 – Z – C – I. Carta do Brasil – Escala 1:100.000. 1 ed. 1976/ IBGE.

*Barrero, Tunico da Quita, Varge da Bagage, Varge do Cercado, Varge do Jacaré, Varge de Peixe, Vindinha da Angélica, Zezé de Antunico.*

- b) Substantivo + adjetivo: a composição fez-se por coordenação de um adjetivo a um substantivo. Os topônimos de natureza física também predominam nessa forma de composição com 3 geomorfotopônimos, 3 hidrotopônimos e 3 fitotopônimos, seguidos de 2 zootopônimos, 2 ecotopônimos, 2 sociotopônimos, 1 antropotopônimo e 1 hodotopônimo, como pode ser visto a seguir: *Água Doce, Boi Pintado, Buriti Furtuoso, Casa Nova, Grota Escura, Grota Vermeia, Mato Grosso, Novilha Brava, Paiol Velho, Pompéu Velho, Buriti Cumprido, Ponte Velha, Pouso Alegre, Rancho Alegre, Riacho Fundo, Rio Preto, Vargem Grande.*
- c) Adjetivo + substantivo: nesta ordem o número de ocorrências é menor do que no item anterior. Registram-se 4 composições, todas de natureza antropocultural: *Bom Jardim, Santa Cruz, São Francisco e São José.*
- d) Substantivo + substantivo: também foram encontradas ocorrências de composição formadas por dois substantivos, em que o segundo está subordinado ao primeiro sem a presença da preposição de, como ocorre em “a”: *Ana Maria, Córrego Menjolo, Martinho Campos, Pade Serrão, Ponte Correio, Porto Mesquita e Silva Campos.* Nesse caso, também predominaram os topônimos de natureza antropocultural.

#### **5.1.3.1.3. HIBRIDISMO**

Na seção que trata da origem dos topônimos mostramos que há 20 híbridos formados a partir de palavras portuguesas + indígenas (17) e portuguesas + africanas (3), o que demonstra que a formação de palavras com elementos de línguas distintas também é comum. Destacamos aqui o termo indígena *buriti* que forma 7 híbridos: *Buriti do Atoleiro, Buritir da Estrada, Buriti Cumprido, Buriti Furtuoso, Buriti do Campos, Buritizinho e Buritizal.*

Em relação aos 3 híbridos formados de um termo da língua portuguesa mais um termo africano, predominam os hidrotopônimos: *Córrego Menjolo* (variação de *Córrego Monjolo*) e *Lagoa do Quilombo*. O terceiro híbrido é um fitotopônimo formado a partir da palavra africana *banana* mais o sufixo português *-eira*, reduzido para *-era*: *Bananera.*

## 5.2. Referentes geográficos

### 5.2.1. NATUREZA

Os 12 referentes geográficos que compõem nossos dados dividem-se em físicos e antropoculturais, de acordo com sua natureza (cf. 3.3.3.1).

Referentes geográficos de natureza física	Referentes geográficos de natureza antropocultural
Bera	Arraial
Cabicera	Povoado~povoadozim
Capão	
Capuera	
Corgo~córrego~corguinho	
Grota	
Murrim	
Valo~valozim	

TABELA 01 – Apresentação dos referentes geográficos

A tabela acima, como podemos observar, mostra a predominância dos referentes geográficos de natureza física. São 10 referentes geográficos de natureza física e 2 referentes geográficos de natureza antropocultural. Predominância essa que corresponde, em termos percentuais, a 83,33%, conforme aponta o gráfico a seguir:

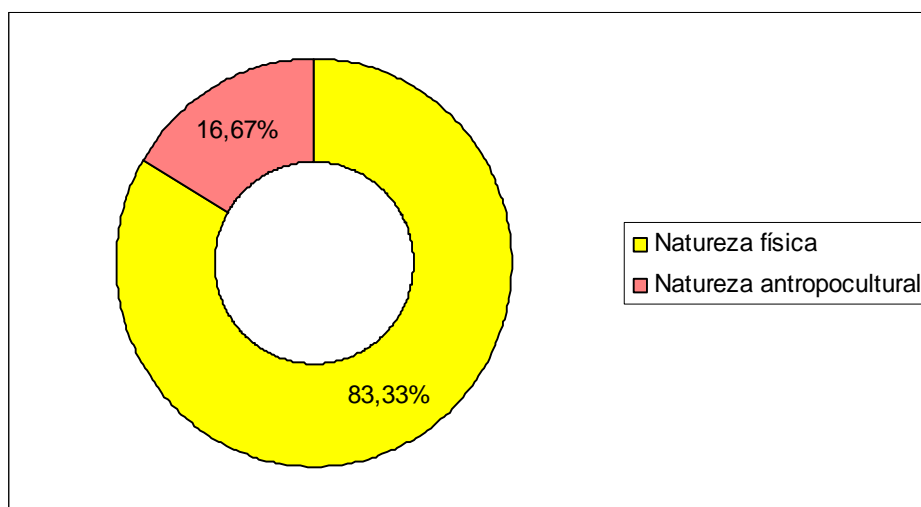


GRÁFICO 07 – Natureza dos referentes geográficos

Conforme demonstramos, dentre os 12 nomes classificados como acidentes geográficos, 10, ou seja 83,33% refletem características naturais do solo, hidrografia e vegetação, e 2 – 16,67% – dizem respeito à organização social e política dos indivíduos.

### 5.2.2. ORIGEM

Considerando a origem dos referentes geográficos, identificamos a predominância da origem portuguesa: são 10 nomes portugueses, o que corresponde a 83,33%. Foram registradas duas ocorrências de origem indígena, que representam 16,67% dos dados, e nenhuma ocorrência de referentes que mostrassem origem híbrida ou origem africana.

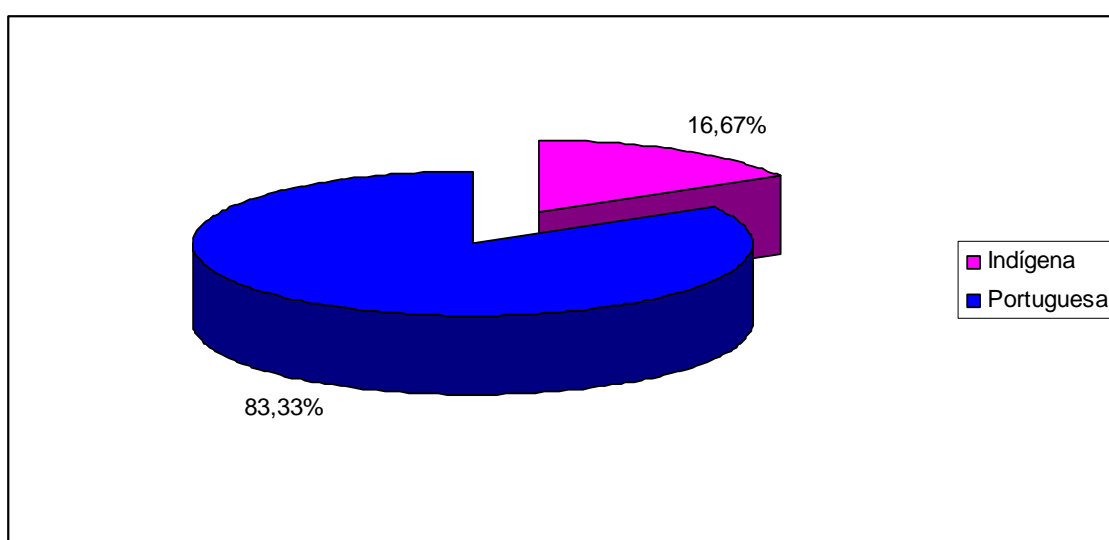


GRÁFICO 08 – Origem dos referentes geográficos

### 5.2.3. FORMA E GÊNERO

Nos 12 referentes geográficos analisados, o gênero masculino predomina: são 8 ocorrências, correspondendo a 66,67% dos dados. Já os nomes femininos somam 4 ocorrências, ou seja, correspondem a 33,33% dos dados. Todos os nomes, masculinos e femininos, têm formas simples.

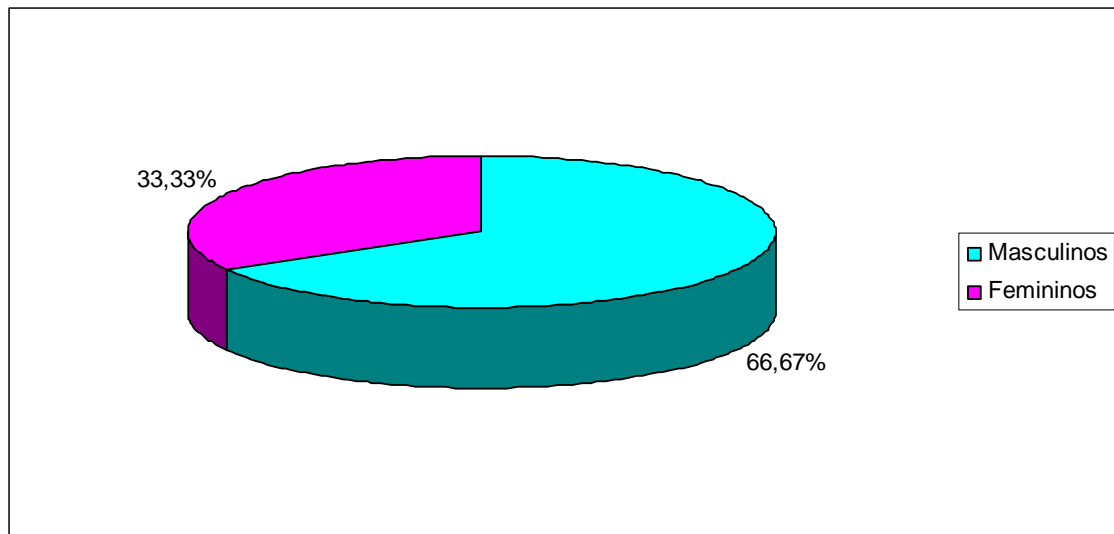


GRÁFICO 09 – Gênero dos referentes geográficos

### 5.2.3.1. A FORMA DIMINUTIVA

Dentre os *referentes geográficos*, registramos 04 que apresentam, em suas formas, o sufixo *-inho* e a variante *-im*: *corguinho*, *murrim*, *valozim*, *povoadozim*. Todos ocorreram nas entrevistas, mas não encontraram correspondentes nem nas cartas geográficas, nem nos mapas, sendo registrados, portanto, só na modalidade oral.

### 5.3. Variação e mudança toponímica

Como todo signo lingüístico, os nomes de lugares estão sujeitos a manutenção, variação e mudança ao longo do tempo, já que uma sociedade encontra-se sempre em construção. Em decorrência desse fato, muitas vezes, o sistema de referência extralingüístico pode ou não se perder. É o que nos diz Seabra (2008a, p.1957):

No universo onomástico de uma determinada região, há nomes de lugares que são referencialmente identificáveis por pessoas que fazem parte de redes sociais afins. Isso ocorre porque tais nomes podem ser facilmente reconhecíveis pela cultura local, permanecendo registrados na memória dos membros daquela comunidade – são os chamados arquivos permanentes. Outras vezes, percebe-se, na mesma comunidade uma impermeabilidade em muitos de seus topônimos – tratam-se dos arquivos opacos.

Nos casos de variação e mudança é comum a impermeabilidade, já que a memória das pessoas não alcança todas as alterações pelas quais um signo toponímico pode ser submetido. Recorrer à memória de uma comunidade e a registros escritos é uma boa forma de tentar recuperar o significado perdido. Segundo Seabra (2008a) quando conseguimos recuperar o

significado dos nomes, contribuimos para dar uma maior visibilidade à leitura sociocultural de uma região.

A tabela a seguir resume os dados toponímicos coletados. Na coluna da esquerda, são apresentados os topônimos coletados nas entrevistas orais; na coluna da direita, estão os topônimos correspondentes ou aqueles usados anteriormente em cada um dos lugares citados por nossos entrevistados em sua forma escrita.

<b>Topônimo atual (língua oral contemporânea)</b>	<b>Topônimo registrado na língua escrita</b>
1. Água Doce	Fazenda da Água Doce (Partilha dos Bens de Dona Joaquina – séc. XIX)
2. Alto do Canavial	n/e
3. Amurim	Córrego do Amorim (1911) Amorim (1976)
4. Ana Maria	Ana Maria (1976)
5. Arto do Paiol	Alto do Paiol (1953)
6. Bananera	Bananeira (1976)
7. Barra	Fazenda da Barra (Partilha dos Bens de Dona Joaquina – séc. XIX) Barra de Cima (1976) Barra de Baixo (1976)
8. Barrero	Barreiro (1807) Barreiro (1976)
9. Baxo	n/e
10. Bera do Corgo do Pari	n/e
11. Bucaina	Bocaina (1976)
12. Boi Pintado	n/e
13. Bom Jardim	Bom Jardim (1976)
14. Brejo	Brejo (1976)
15. Brejão	Brejão (1976)
16. Buracão	Buracão (1977)
17. Buriti Comprido	Buriti Comprido (1911) Buriti Comprido (1976)
18. Buriti do Atolero	Buriti do Atoleiro (1976)
19. Buriti do Campos	n/e
20. Buriti do Cordovil	Buriti do Cordovil (1911) Buriti do Cordovil (1976)
21. Buriti Furtuoso	Buriti do Frutuoso (1953) C. Buriti do Frutuoso (1954-1958)
22. Buritir da Estrada	Buriti da Estrada>Pompéu (Barbosa: 1995, p.263)
23. Buritizim	Buritizinho (1976)
24. Buritizal	Buritizal (1939)
25. Capão da Madeira	n/e
26. Capão da Suçarana	n/e

27. Capão da Vereda	n/e
28. Capão do Parmital	n/e
29. Capinero	Campineiro (1976)
30. Capivara	Capivara (1976)
31. Capuera	Capoeira (1976)
32. Capuera da Serra	Capoeira da Serra (1976)
33. Carrapicho	Carrapicho (1976)
34. Casa Nova	n/e
35. Cascalhera	n/e
36. Catita	Catita (1976)
37. Cercado	n/e
38. Chácara	Chácara (1976)
39. Cipó de Chumbo	Cipó de Chumbo (1976)
40. Contage	Contagem (1807)
41. Córrego Menjólo	Monjolo (1977)
42. Costa	córrego dos Costas (1953) Costas (1976)
43. Curduvil	Cordovil (1976)
44. Divisa	n/e
45. Estribera	Estribeira (1954-1958)
46. Frazão	Frazão (1870)
47. Furado	Furado (1976)
48. Furquilha	Forquilha (1976)
49. Grota Escura	n/e
50. Grota Vermelha	Córrego da Grota Vermelha (1953)
51. Junco	Junco (1976)
52. Lagoa da Cruz	n/e
53. Lagoa do Quilombo	Lagoa do Quilombo (1976)
54. Lagoinha	Lagoinha (1976)
55. Laje	Córrego das Lages (1911) Laje (1976)
56. Lajinha	Lajinha (1976)
57. Macaco	Ribeirão dos Macacos (1953)
58. Mandaçaia	Mandaçaia (1976)
59. Manuel de Souza	Manoel de Souza (1977)
60. Maravilhas	Maravilhas (1870) Maravilhas (1911) Maravilhas (1977) São Joanico> Santo Antônio das Maravilhas > Maravilhas (1º Senso Cultural do Estado de Minas Gerais: 1995, p.213)
61. Marruás	Marruás (1976)
62. Martinho Campos ~ Martinho Campo'	Martinho Campos (1976) Abadia> Abadia de Pitangui> Martinho Campos (Barbosa: 1995, p.198)
63. Mata da Jacuba	n/e
64. Mata do Salobo	Mata do Salobro (1976)
65. Mato Grosso	Mato grosso (Partilha dos Bens de Dona Joaquina – séc. XIX)

	Mato Grosso (1911) Mato Grosso (1976)
66. Melgaço	Melgaço (1976)
67. Meloso	Meloso (1976)
68. Monjolo	Monjolo (1976)
69. Morro de Pedra	n/e
70. Murrim	n/e
71. Nuvilha Brava	Novilha Brava (1976)
72. Olho D'Água	Olho D'Água (1976)
73. Oro	Córrego do Ouro (1911) Ouro (1976)
74. Oto Lado do Corgo	n/e
75. Ovelha	n/e
76. Pacheco	n/e
77. Pade Serrão	Buriti do Padre Serrão (1911) Padre Serrane (1976)
78. Paiol Vei	Paiol Velho (1977)
79. Papagaio ~ Papagaios	Papagaio (1953) Papagaios (1976) Papagaios (1º Censo <i>Cultural</i> de Minas Gerais: 1995, p.260)
80. Pará	Pará (1747) Pará (1976)
81. Paropeba	Paraopeba (1747) Paraopeba (1976)
82. Pardo	Pardo (1911) Pardo (1954-1958)
83. Pari	Pari (1976)
84. Parmital	Palmital (1976)
85. Pasto da Capela	n/e
86. Paulista	Paulista (1976)
87. Plantinha	n/e
88. Pedo Nolasco	n/e
89. Pequi	Pequi (1911)
90. Peroba'	Perobas (1976)
91. Peixe	Rio do Peixe (1807) rio do Peixe (1911) Rio do Peixe (1977)
92. Pindaíba	Pindaíba (1977)
93. Pindaíbas	Pindaíba (1976)
94. Pindorama	Fazenda do Pindorama (1954-1958) Pindorama (1976)
95. Piripiri	Piripiri (1976)
96. Pitanguí	V.ª do Pitanguí (1747) Pitainguy (1799) Pitanguí (1977) Pitanguí (Barbosa: 1995, p.256)
97. Poço	Poço (1976)
98. Poço D'Anta	Poço D'Anta (1976)

99. Pompéu	Pompeo (1747) Conceição do Pompeu (1841) Pompéu (1953) Pompéu (1976) Pompéu (1977) Buriti da Estrada> Pompéu (Barbosa: 1995, p.263)
100. Pompéu Veio	Pompéu Velho (1976)
101. Ponte	Ponte (1976)
102. Ponte Correio	Ponte Correia (1977)
103. Ponte do Choro	n/e
104. Ponte Velha	Ponte Velha (1976)
105. Portera	Porteira (1976)
106. Porto Mesquita	Porto Mesquita (1976)
107. Poso Alegre	n/e
108. Provisório	n/e
109. Puntinha	Pontinha (1976)
110. Rancharia	Rancharia (1976)
111. Rancho Alegre	Rancho Alegre (1976)
112. Riacho	Riacho (1976)
113. Riacho de Areia	Ribeirão das Areas (1807) Ribeirão da Areia (1841) Riacho d'Areia (1911) ribeirão Dareia (1953) Riacho da Areia (1976) Ribeirão das Areias (1977)
114. Riacho Fundo	Riacho Fundo (1953) Riacho Fundo (1976)
115. Ri' Preto	Rio Preto (1976)
116. Ritiro	Retiro (1976)
117. Saco das Poções	Saco das Poções (1976)
118. Saco do Barrero	Saco do Barreiro (1976)
119. Sargado	Salgado (1976)
120. Salobo	Salobro (1976)
121. Salubrinho	Salobrinho (1976)
122. Santa Cruz	n/e
123. São Francisco	Rio de São Francisco (1841) São Francisco (1976)
124. São José	n/e
125. Silva Campos	Silva Campos (1976)
126. Sirva	n/e
127. Tamburilo	Tamboril (1976)
128. Taquara	Taquara (1976)
129. Tijuco	Tijuco (1977)
130. Troncha	Troncha (1976)
131. Tunico da Quita	n/e
132. Varge da Bagage	n/e
133. Varge do Cercado	n/e
134. Varge do Jacaré	n/e
135. Varge do Peixe	n/e

136. Varge Grande	Vargem Grande (1976)
137. Veloso	Veloso (1976)
138. Vereda	Vereda (1976)
139. Vindinha da Angélica	Vendinha (1976)
140. Zezé de Antunico	Antonico (Partilha dos Bens de Dona Joaquina – séc. XIX)

TABELA 02 – Quadro comparativo de topônimos

Nos dados analisados, observamos que 52 topônimos, ou seja, 37,14% dos dados, foram mantidos sem alterações. Outros 47 topônimos, correspondentes a 33,57% dos dados, apresentaram variação, e em 7 topônimos, que representam 5% dos nomes, verificamos mudança. Por falta de documentos escritos, não pudemos analisar se 34 topônimos, ou seja, 24,29% dos dados coletados nas entrevistas, foram submetidos à variação e à mudança ou se se mantiveram.

Os dados quantitativos acima podem ser visualizados nos gráficos seguintes.

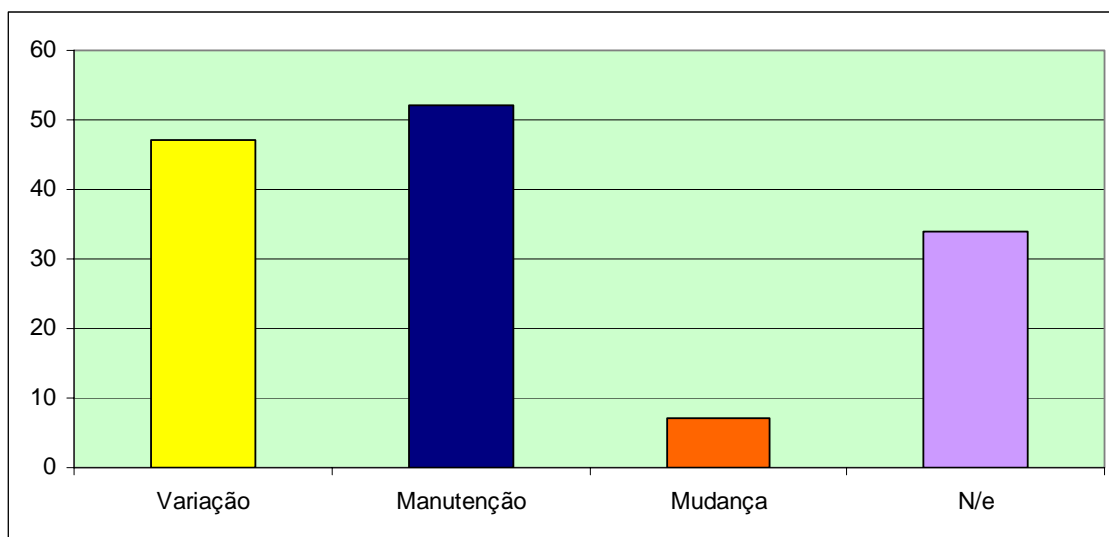


GRÁFICO 10 – Identificação numérica dos topônimos em relação a variação, manutenção e mudança

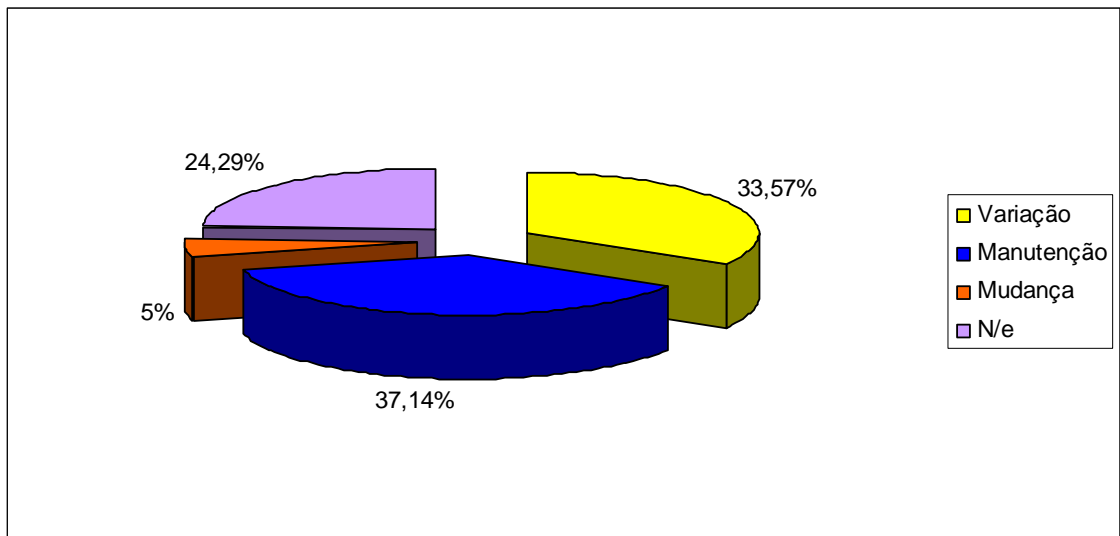


GRÁFICO 11 – Identificação percentual dos topônimos relação a variação, manutenção e mudança

### 5.3.1. SOBRE A VARIAÇÃO DOS NOMES GEOGRÁFICOS

Dentre as variações detectadas, podemos arrolar as de ordem fonética, morfossintática, lexical e elíptica.

#### I. Fonética

a) Os metaplasmos de subtração, que ocorrem quando um ou mais fonemas desaparecem no vocábulo, foram verificados em alguns dados. Identificamos casos de síncope como em *Salobo* < *Salobro*, redução de ditongos: *Capuera* < *Capoeira*. Também foi identificado um caso de metaplasmo em que há adição de fonema, ou paragoge: *Tamburilo* < *Tamburil*.

b) Iotização: *Grota Vermeia* < *Grota Vermelha*.

c) Rotatização: *Parmital* < *Palmital*.

#### II. Morfossintática

a) Ausência da marca de plural, ou a presença do plural onde não existia: *Peroba* < *Perobas*; *Pindaibas* < *Pindaíba*.

b) Alteração do gênero de um dos elementos do topônimo: *Ponte Correio* < *Ponte Correia*.

#### III. Lexical

a) Oscilação no emprego de um ou outro topônimo como em *Riacho de Areia* < *Ribeirão das Areias*.

#### IV. Redução ou elipse

a) A redução do nome ou elipse ocorre quando o falante julga suficiente adotar somente parte dos elementos da composição: *Pade Serrão* < *Buriti do Padre Serrão*; *Macaco* < *Ribeirão dos Macacos*.

Dentre os 47 casos de variação, identificamos 38 nomes em que há variação fonética, 6 nomes em que há variação morfossintática, dois casos de redução ou elipse e um caso de oscilação léxica, como pode ser visto no gráfico a seguir.

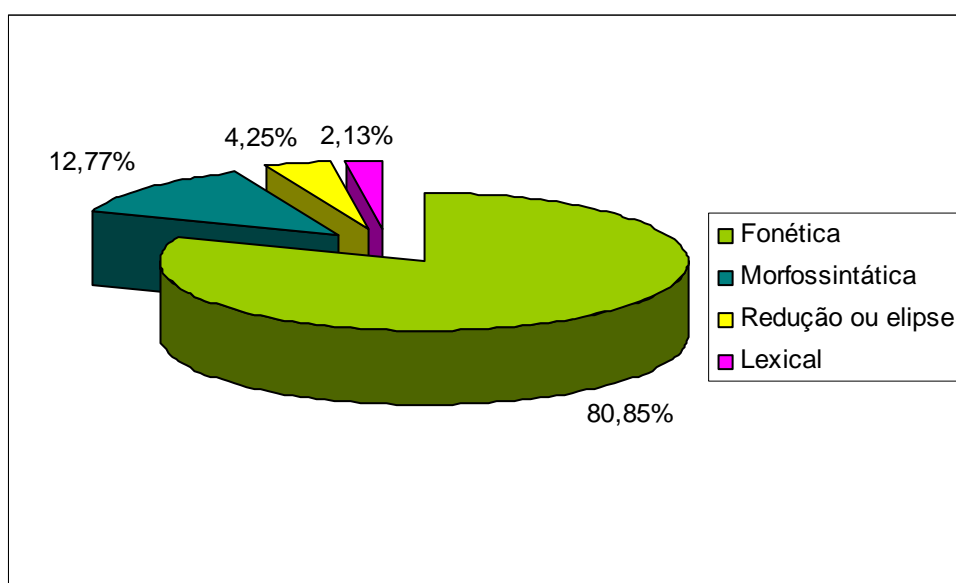


GRÁFICO 12 – Identificação percentual dos tipos de variações

#### 5.3.2 SOBRE A MUDANÇA DOS NOMES GEOGRÁFICOS

O grande número de topônimos que variaram ou se mantiveram inalterados demonstra que a toponímia dos municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios é bastante conservadora. Juntas, variação e manutenção correspondem a pouco mais de 70% dos dados, enquanto a mudança está presente em apenas 5%.

Nestes 5%, correspondentes a 7 nomes geográficos, em que foi verificada a mudança toponímica, identificamos casos em que houve a mudança sistemática e casos em que a mudança foi espontânea. Segundo Dauzat (*apud* SEABRA, 2004, p.347), “mudança espontânea é aquela que ocorre na língua após invasões ou conquistas de um território”, enquanto a “mudança sistemática independe de conquistas e, geralmente, é imposta com o

objetivo de homenagear autoridades de uma determinada região.” A mudança sistemática ocorreu em dois topônimos:

- *Pompéu < Conceição do Pompeu < Buriti da Estrada;*
- *Martinho Campos < Abadia de Pitangui < Abadia.*

Em outros casos, a mudança se deu espontaneamente:

- *Barra de Cima e Barra de Baixo < Fazenda da Barra;*
- *Maravilhas < Santo Antônio das Maravilhas < São Joanico.*
- *Pitangui < Vila do Pitangui;*
- *Vendinha < Vindinha da Angélica;*
- *Antonico < Zezé de Antunico.*

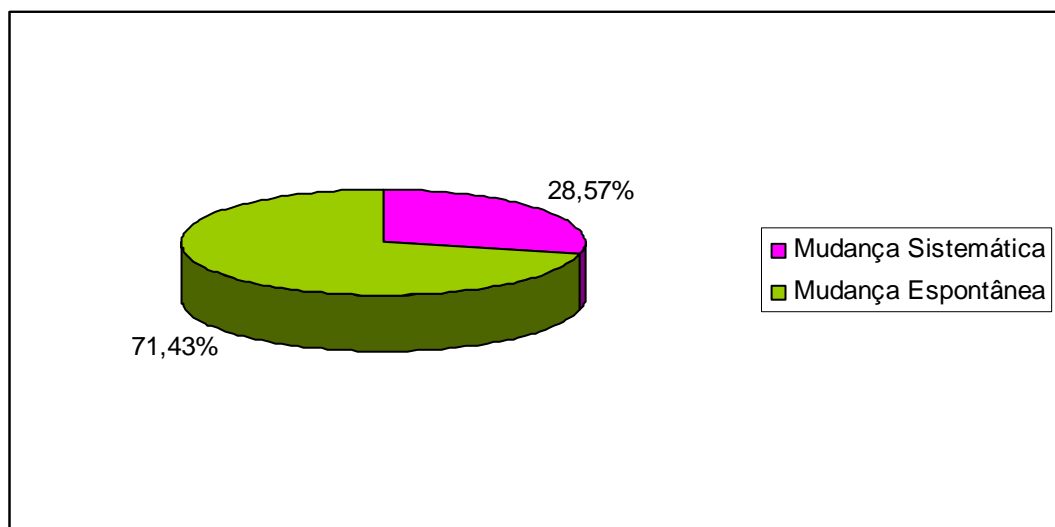


GRÁFICO 13 – Identificação percentual dos tipos de mudanças

Após a análise minuciosa de nossos dados toponímicos, encerramos este capítulo e passamos, a seguir, às considerações finais.

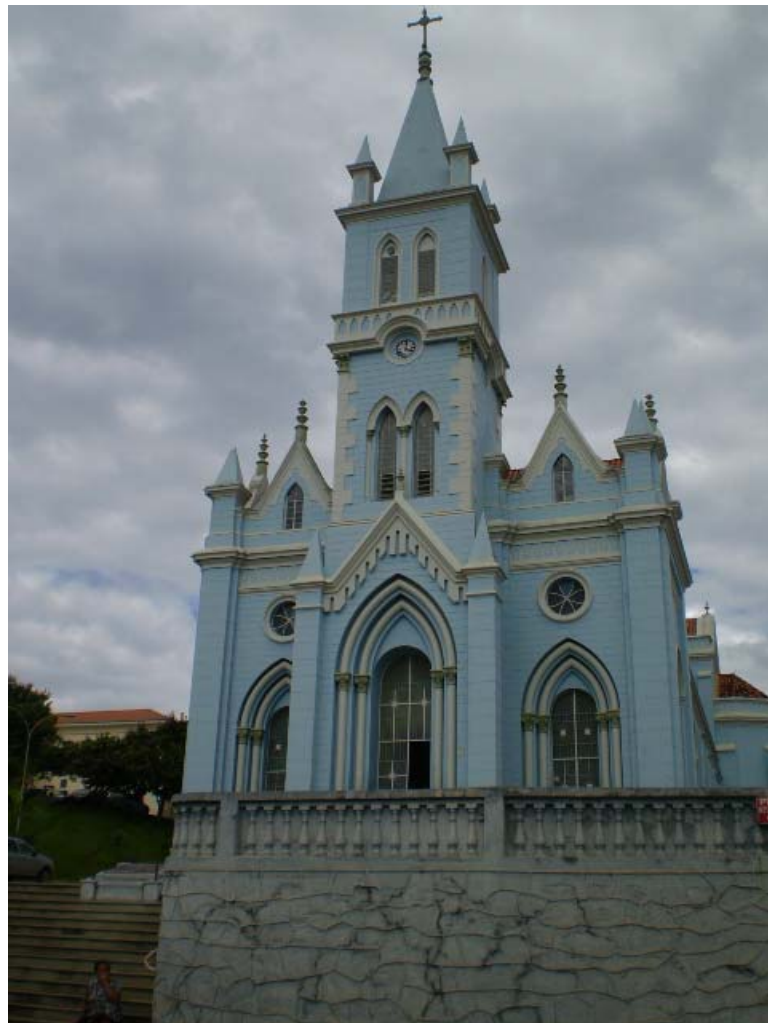


FOTO 16 – Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Pitangui/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

## Capítulo 6 – Considerações finais

Como já assinalamos, tivemos como objetivo, neste trabalho, investigar a toponímia da região que, outrora, havia sido o domínio de Dona Joaquina de Pompéu. Incrustada no Alto São Francisco, na região central de Minas, em meio à vegetação do cerrado, dá-se início, no século XVIII, à agropecuária mineira e à expansão das minas de ouro para o Centro-Oeste, em direção ao estado de Goiás.

Acreditando que os nomes de lugares evidenciam características físicas e sociais de uma região, conduzindo o pesquisador à confirmação da influência do ambiente e da cultura na língua, desenvolvemos nossa pesquisa investigando o homem, o ambiente, a cultura regional e a Toponímia local.

Na **Introdução**, procuramos mostrar que, mais do que interesse lingüístico pelo tema deste trabalho, nosso interesse era cultural, era familiar, já que como descendente de *Joaquina de Pompéu*, incluía-me, de certa maneira, em seu mundo, em sua *rede social*.

Com o título **Língua, Nomeação e Cultura**, o Capítulo 1 abordou pressupostos teóricos que embasam um estudo léxico-toponímico: mostramos a importância da *palavra*, sua estrutura no universo lingüístico e sua *carga cultural*. Em seguida, integramos a Toponímia à Onomástica e essa ao universo lexical. Esse capítulo fez, ainda, uma revisão dos estudos toponímicos em nossa contemporaneidade. Como nossa proposta foi a de realizar um estudo nos moldes labovianos, relacionamos a teoria toponímica à sociedade e à cultura. Como referencial teórico, adotamos modelos toponímicos de Dauzat (1926) e Dick (1990b), conceitos de ambiente e cultura segundo Diégues Junior (1960), Sapir (1969) e Lyons (1981).

O Capítulo 2, **Contextualização Histórico-Geográfica**, procurou relacionar o povoamento da região em estudo a fatos como o episódio da Guerra dos Emboabas, as minas de ouro e o desenvolvimento da pecuária no vale do rio São Francisco. Procurou-se, também, abordar questões socioculturais dos três municípios – Pitangui, Pompéu, Papagaios – na zona de domínio de Dona Joaquina.

Os **Procedimentos Metodológicos**, expostos no Capítulo 3, destacaram a comunidade pesquisada, os objetivos e as hipóteses. Sob a luz da Sociolinguística, segundo modelo laboviano, partimos, em nossa pesquisa, do presente para o passado e voltamos ao presente, valendo-nos de entrevistas orais, documentos antigos e cartas geográficas de períodos antigos e atuais. Com isso pretendíamos observar casos de variação, mudança e retenção linguísticas e identificar taxionomias, origens e formas toponímicas, objetivando resgatar fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, da vida de uma sociedade rural do século XVIII.

No Capítulo 4, **Apresentação e Análise dos Dados**, os 140 topônimos e os 12 acidentes geográficos identificados nas entrevistas orais foram sistematizados em fichas toponímicas, conforme modelo sugerido por Dick (2004) e apresentados em ordem alfabética. Para cada nome, construímos uma ficha, que constituiu uma análise detalhada do topônimo, com informações que o integraram à sociedade e à cultura.

No Capítulo 5, apresentamos a **Análise Quantitativa e Discussão dos Resultados**, levando em consideração a análise das fichas toponímicas e a teoria apresentada no Capítulo 1. Os dados foram agrupados e quantificados de acordo com itens como: natureza dos topônimos; origem dos nomes; classificação taxionômica; formação dos topônimos; manutenção, variação e mudança linguísticas.

Os dados coletados e analisados nos capítulos 4 e 5, juntamente com a leitura sócio-histórico-cultural local exposta no Capítulo 2, permitem que façamos as seguintes considerações:

- ✓ Separados pela *Serra do Espinhaço*, distantes das regiões onde aconteceram as lutas dos paulistas com os reinóis, dá-se início ao povoamento da região Centro-Oeste do estado, tendo como figura pioneira, nesse assentamento, *Dona Joaquina de Pompéu*.
- ✓ Caracterizado como *cerrado*, esse outro lado da *Serra do Espinhaço*, conhecido como *Alto São Francisco*, constitui uma região propícia para o desenvolvimento agropastoril mineiro.
- ✓ Nesse ambiente, ampliam-se as Minas do século XVIII, dando-se início às atividades de campo, às Gerais.

- ✓ Com o ambiente físico predominando, o homem do *cerrado* nomeia seu entorno vivencial, motivado, principalmente, por nomes de plantas, pela geografia local e pela abundância das águas que compõem a bacia do *Rio São Francisco*.
- ✓ Destaca-se, ainda, nesse ambiente físico o mundo da pecuária – comumente retratado na toponímia da região, seja motivado por nomes de animais ou pela lida rural.
- ✓ Oriundos da *Região do Carmo* e do estado de São Paulo, a sociedade que se inicia nessa parte de Minas faz uso, ainda que em menor número, dos antrotopônimos para nomear seus domínios. Longe das zonas de conflitos do ouro, principalmente da *Região do Carmo*, o homem se sente mais livre e, por isso, no ato de nomeação, dá preferência à natureza física local.
- ✓ Os nomes portugueses predominam, mesclados por uma pequena porcentagem de tupi (destacam-se aqui os nomes de plantas) e, menor ainda, de africanos.
- ✓ É, principalmente, por meio dos topônimos de natureza física, que o mundo rural do século XVIII e a figura *lendária* de Dona Joaquina vêm sendo lembrados. Com o desmembramento das terras dessa matriarca mineira, novas fazendas foram sendo formadas, guardando sempre, total ou parcialmente, um vínculo com o topônimo originário, com a palavra.

**AVE, PALAVRA!**



FOTO 17 – Placa localizada no Cemitério de Pompéu Velho/MG  
Fonte: Acervo pessoal.

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Sociedade Capistrano de Abreu, 1930.

ALBINO, Washington. *Minas de Ouro e do Barroco. As Raízes Históricas da Cultura Mineira*. Belo Horizonte: Barlavento, 2000.

ALMG - LEI 1039 1953 de 12/12/1953. Disponível em: <http://hera.almg.gov.br/netahtml/njmg.html>. Acesso em 20 out. 2008.

ALMG - LEI 1635 1870 de 15/09/1870. Disponível em: <http://hera.almg.gov.br/netahtml/njmg.html>. Acesso em 16 nov. 2008.

ALMG - LEI 198 1841 de 27/03/1841. Disponível em: <http://hera.almg.gov.br/netahtml/njmg.html>. Acesso em 16 nov. 2008.

ALMG - LEI 556 1911 de 30/08/1911. Disponível em: <http://hera.almg.gov.br/netahtml/njmg.html>. Acesso em 20 out. 2008.

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo: HUCITEC – Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Partilha dos bens de Joaquina Bernarda*. [s.d.] FJBP. Caixa 01. Série 1: Família Joaquina Bernarda do Pompeu. Documento 60.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Petição dos herdeiros do Capitão Inácio de Oliveira Campos sobre licença para construção de ponte no Rio do Peixe*. 1807/04/11. FJBP. Caixa 01. Série 1: Família Joaquina Bernarda do Pompeu. Documento 35.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Recibo de Joaquina Bernarda para Manoel Cordeiro referente a compra de escravo*. 1798/10/03. FJBP. Caixa 01. Série 1: Família Joaquina Bernarda do Pompeu. Documento 21.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Requerimento de porte de arma de fogo para Joaquina Bernarda*. 1799/03/19. FJBP. Caixa 01. Série 1: Família Joaquina Bernarda do Pompeu. Documento 23.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.XXIII, 1929.

BALBACHAS, Afonsas. *As plantas curam*. São Paulo: Editora Missionária “A verdade presente”, 1956.

BARBOSA, Maria Claret Carneiro. *A participação da mulher na história de Minas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Coleção Reconquista do Brasil, 1995.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. *Episódios da Guerra dos Emboabas e sua Geografia*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: EDUSP, 1976. v.1.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: EDUSP, 1981. p.131-145.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, M.T.C. Dimensões da Palavra. In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo, UNESP, n.2, p.81-118, 1998.

BIDERMAN, M.T.C. Fundamentos da Lexicologia. In: \_\_\_\_\_. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.99-155.

BLUTEAU, Raphel. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Cellegio das Artes da Companhia de Jesu. 1712-1728. 10v.

BYNON, Theodora. Can there Ever be a Prehistorical Linguistics? *Cambridge Archaeological Journal*, London, v.5, n.2, p.261-265, 1995.

CAMPOS, Deusdedit P. Ribeiro de. *Dona Joaquina do Pompéu: sua história e sua gente*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2003.

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasílica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.

COLUCCIO, Félix. *Diccionario Geológico – Minero*. Buenos Aires: Librería y Editorial “El Ateneu”, 1947.

CUNHA, A.G. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DAUZAT, A. 1926. *Les noms de Lieux. Origene et évolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Dinâmica dos Nomes na Toponímia da Cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Investigação Lingüística na Onomástica Brasileira. *Estudos de Gramática Portuguesa III*, Frankfurt am Main, v. III, p.217-239, 2000.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxenômicos*. 1980. 198 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*, Recife, UFPE, v.9, p.119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, lexicografia, terminologia. v.II. Campo Grande: UFMS, 2004. p.121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1990b.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

ESTADO DE MINAS GERAIS. *Plano Rodoviário do Município de Pitangui*. Lei Municipal 707 de 23/08/1977. Escala 1:75.000. 1977.

FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A. C. de S. Transcrição de Inquéritos: problemas e sugestões. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000. p.171-194.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*, versão 5.0. São Paulo: Nova Fronteira, 2004. 1 CD-ROM.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.

GUÉRIOS, Rosario Farani Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sob renomes*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Ave Maria, 1973.

GUERRA, Antônio Teixeira. *Dicionário Geológico-Geomorfológico*. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História, 1954.

IBGE – Enciclopédia dos Municípios Brasileiros IX volume. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/monografias/visualiza\\_colecao\\_digital.php](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/monografias/visualiza_colecao_digital.php). Acesso em 25 out. 2008.

IBGE – Enciclopédia dos Municípios Brasileiros XXVI volume. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/monografias/visualiza\\_colecao\\_digital.php](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/monografias/visualiza_colecao_digital.php). Acesso em 22 out. 2008.

IBGE – Município de Pompéu: banco de dados. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em 22 out. 2008.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta topográfica Pará de Minas*. Aerofotografias, 1965. Apoio suplementar e reambulação, 1974. Primeira edição, 1976. Escala 1:100.000. Folha SE-23-Z-C-IV.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta topográfica Pompéu*. Aerofotografias, 1965. Apoio suplementar e reambulação, 1975. Primeira edição, 1976. Escala 1:100.000. Folha SE-23-Z-C-I.

IBGE. *Atlas Geográfico Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

IBGE. Carta de Abaeté. Carta do Brasil. 1975. 1.ed. Escala: 1:100.000. Folha SE-23-Y-D-III.

IBGE. Carta de Pompéu. Carta do Brasil. 1976. 1.ed. Escala: 1:100.000. Folha SE-23-Z-C-I.

IBGE. Carta de Três Marias. Carta do Brasil. 1979. 1.ed. Escala: 1:250.000. Folha SE-23-Y-B.

ISQUERDO, A. N. A toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteiras – revista de História*, Campo Grande, UFMS, v.1, p.27-46, 1997.

LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania, 1972.

LARA, L. F. *El concepto de norma en lingüística*. México: El Colegio de México, 1976.

LYONS, J. *Linguagem e Lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: L.T.C. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

MACHADO, Jose Pedro. *Dicionario onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluencia, 1984.

MARTINS, Sebastião; IGLESIAS, Francisco; MAZZONI, Saulo. *Caminhos de Minas*. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações, 1992.

MATORÉ, G. *La méthode em lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953.

MEILLET, Antoine. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 5.ed. Paris: Hachette, 1948.

MILROY, James. *Linguistic variation and change. On the historical sociolinguistics of English*. GB: Brasil Blackwell, 1992.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. London; Baltimore: Basil Blackwell; University Park Press. xii, 1980. 218 p.

MINAS GERAIS. 1º Censo Cultural de Minas Gerais: guia da Região Central. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. 404p.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. 1999. 349f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, Araraquara, 1999.

PRADO MENDES, S. T. *A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* 2000. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAPAGAIO. *Histórico do Município de Papagaio*. Papagaio: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, [s.d.].

RIBEIRO, Coriolano Pinto; GUIMARÃES, Jacinto. *Dona Joaquina do Pompeu*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.

RIBEIRO, José P.C. *Atlas Geográfico – Minas Gerais e Belo Horizonte*. Belo Horizonte: [s.n.], 1999.

ROSTAING, C. *Les noms de Lieux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Publicaciones de la Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.

SALGADO, José Antonio González. *La sufijación diminutiva en la toponímia extremeña*. Extremadura: Real Academia de Extremadura de Las Letras y Las Artes, 2006. Artigo disponível em <http://www.congrestudex.org.es>. Acesso em 11 dez. 2008.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 4.ed. Salvador: Cia. Ed. Nacional, 1955.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Seleção e tradução de J.M Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SEABRA, Maria Cândida T. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org). *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008a. p.1953-1960.

SEABRA, Maria Cândida T. C. Toponímia Africana em Minas Gerais: região do Rio Doce. In: ISQUERDO, A. N; FINATTO, M.J.B. (Org). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v.IV. Campo Grande/MS: UFMS/UFRGS, 2008b. p.145-160.

SEABRA, Maria Cândida T.C. *A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2v.

SILVEIRA BUENO, F. *Vocabulário tupi-guarani português*. São Paulo: Brasillivros, 1998.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolingüística*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

VASCONCELOS, Agripa de. *Sinhá Braba*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Média das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil – populações rurais do Centro-Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. v.1.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WIKIPÉDIA: Minas Gerais. MesoMicroMunicípios. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:MinasGerais\\_MesoMicroMunicip.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:MinasGerais_MesoMicroMunicip.svg). Acesso em 20 dez. 2008.

ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990.

